

Conrado Moreira Mendes

**A EXPRESSÃO E O CONTEÚDO
DA FALA DO *JORNAL NACIONAL***

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

Conrado Moreira Mendes

A EXPRESSÃO E O CONTEÚDO DA FALA DO *JORNAL NACIONAL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Fricke Matte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

M538e

Mendes, Conrado Moreira.

A expressão e o conteúdo da fala do Jornal Nacional [manuscrito] /
Conrado Moreira Mendes. – 2009.

223 f., enc. : il., p&b, graf., tab. + 1 CD-ROM

Orientadora: Ana Cristina Fricke Matte.

Área de concentração: Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

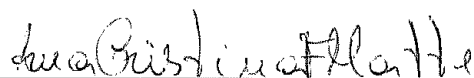
Bibliografia : f. 186-193.

Anexos : f. 194-207.

1. Jornal Nacional (Programa de televisão) – Teses. 2. Semiótica –
Teses. 3. Análise do discurso – Teses. 4. Semântica – Teses. 5. Análise
prosódica (Lingüística) – Teses. 6. Telejornalismo – Linguagem – Teses.
7. Análise de conteúdo (Comunicação) – Teses. 8. Expressão – Teses.
9. Televisão – Programas – Enredos, temas, etc. 10. Fonética acústica
– Teses. I. Matte, Ana Cristina Fricke. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. III. Título.

CDD : 414

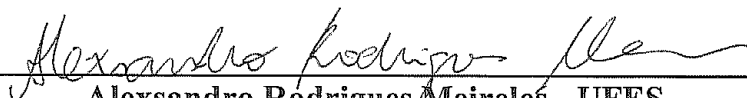
Dissertação defendida por CONRADO MOREIRA MENDES em 27/01/2009 e
aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



Ana Cristina Fricke Matte - UFMG
Orientadora



Waldir Beividas - USP



Alexsandro Rodrigues Meireles - UFES

Dedicatória

Aos meus pais Rachel e Guaraci, pelo apoio.

Agradecimentos

Agradeço à minha querida orientadora Ana Cristina Fricke Matte, pela extrema generosidade e doação; pelas inúmeras contribuições, sem as quais este trabalho não teria sido possível. Obrigado.

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, cuja bolsa de mestrado fomentou o último ano desta pesquisa.

Ao Poslin e, em especial ao coordenador, Luiz Francisco Dias, pela concessão de auxílios financeiros com os quais pude participar de eventos imprescindíveis à minha formação como linguista.

Ao grupo de pesquisa SEMIOFON, Semiose e Fonoestilística, que acolheu meu projeto, assim como aos integrantes do grupo, pelas muitas ajudas diretas e indiretas.

Aos membros da banca, professores Waldir Bevidas e Alexsandro Meireles, seguramente os leitores mais atentos que este trabalho terá.

À Mirian Chrystus, que me deu todo suporte no que se refere ao telejornalismo nesta pesquisa e que, de orientadora na monografia de conclusão do curso de Comunicação, tornou-se grande e querida amiga.

À Gláucia Muniz Proença Lara, por ter me ensinado os primeiros passos na semiótica.

Ao Bruno Alberto, pela preciosa contribuição na extração do *corpus* da pesquisa.

À amiga Daniervelin pela amizade fiel e por tantas ajudas, dentre as quais, a revisão deste trabalho.

Àqueles cuja colaboração, apesar de indireta, não foi menos importante: Thaís Elena, Carol Macedo, Wellington Braga, Gerlane Roberto, Carolina Salomé, Priscilla Portela, Joyce Lemos, Cláudia Caetano, Roberto Almeida, Sílvia Amélia, Maria Antônia Chaves, Marina Renault.

Aos amigos feitos nas repúblicas por que passei: Gu, Kleyson e Dimitri; Dudu, Vinny e Marquini, e também ao núcleo anexo: Mitiko, Aiko, Alice e Cecília.

À minha família, principalmente a Mariana e Guaraciara Mendes Cornélio, Cintia Moreira Kallás e aos meus avós.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para com a realização deste trabalho.

Resumo

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que pretendeu analisar como se constroem os sentidos da fala, em sua acepção saussuriana, do principal telejornal brasileiro: o *Jornal Nacional*. Por fala, entende-se a realização da língua, o que implica semioticamente a existência de dois planos: conteúdo e expressão. Ao se trabalhar com os dois planos da função semiótica, no que concerne à fala, requisitou-se, de um lado, a fonética acústica, disciplina que analisa as características físicas dos sons da fala, ou seja, as ondas acústicas mecanicamente produzidas. Por outro lado, ancorou-se no escopo teórico-metodológico da semiótica do discurso, disciplina que se interessa pelos mecanismos intra-textuais de produção de sentido do texto, *lato sensu*. Partindo da análise da fonética acústica, destaca-se o resultado segundo o qual existe uma correlação muito baixa, de 17%, entre a variação segmental (derivada de F0 interna de VV) e a variação prosódica para o F0 (pitch do GA). Além disso, a correlação entre F0 do VV e pitch do GA também é baixa (22%). Isso indicaria uma primeira relação entre conteúdo e expressão, já que se pode considerar o GA uma unidade de sentido, enquanto o VV não. A análise fonética respondeu ainda à seguinte pergunta: existe uma uniformização na fala de repórteres e apresentadores do JN com relação à produção dos arquifonemas /R/ e /S/? A partir de dados fonéticos trabalhados estatisticamente, pôde-se comprovar baixa variabilidade na realização de tais arquifonemas. Quanto ao sentido do conteúdo, ao se fazer uma análise semiótica das matérias do *Jornal Nacional*, puderam ser apreendidas algumas estruturas invariantes sobre as quais se constrói o discurso desse noticiário. As matérias foram analisadas principalmente no que tange o nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido. Da semântica discursiva, observou-se como se constroem sentidos por meio da análise de temas e figuras. Além disso, do nível discursivo, analisou-se a aspectualização do tempo, ou seja, o andamento do texto. Quanto ao andamento, os textos analisados se estruturam de duas maneiras: a primeira delas é um andamento acelerado inicial que decresce no decorrer do texto. A segunda forma de estruturação textual, no que se refere ao andamento, é uma oscilação entre aceleração e desaceleração. Com relação às análises dos temas e figuras, pode-se dizer que o discurso do *Jornal Nacional* é muito mais temático que figurativo. Isso quer dizer que o JN muito mais explica e organiza a realidade, por meio de temas, do que a recria discursivamente, por figuras. Buscou-se, ademais, perceber os traços sêmicos subjacentes e chegou-se a uma relação entre, de um lado, o querer e, de outro, o dever. Essa tensão entre o querer e o dever mostra que, na maioria das vezes, este é valorizado euforicamente, ao passo que aquele tem um valor negativo construído no e pelo texto. Poder-se-ia afirmar que a noticiabilidade de uma matéria jornalística, nasce do conflito especificamente entre o dever-não-fazer e o querer-fazer, em que há uma quebra de um contrato fiduciário estabelecido. Por fim, relacionou-se o conteúdo e a expressão da fala do *Jornal Nacional* para perceber de que maneira se dá o comportamento mútuo desses funtivos. Partindo da proposta de Matte (2008), que mostrou a inadequação do nível narrativo para o estudo interdisciplinar entre conteúdo e expressão da fala, cruzaram-se dados semióticos provenientes de análise temático-figurativa e aspectual do texto, ou seja, a partir do nível discursivo. Os dados semióticos foram representados pelas etiquetas valor (positivo/negativo), disposição (do sujeito em questão, dever/querer) e andamento (acelerado/desacelerado). Dados da pesquisa apontam para um quadro em que alguns elementos do plano do conteúdo afetam, na fala do *Jornal Nacional*, elementos do plano da expressão, em análises estatisticamente significantes e que, portanto, não devem ser descartadas. Estabelecer-se-ia, portanto, uma relação simbólica, ou seja, que alguns elementos do conteúdo – que não chegam a compor categorias – afetam alguns elementos da expressão, que tampouco formam categorias, sugerindo uma relação culturalmente estabelecida.

Resumen

Esta disertación es producto de una investigación que tuvo el objetivo analizar cómo son contruidos los sentidos del habla, un su acepción saussuriana, del principal noticiero de la televisión brasileña: *Jornal Nacional* (JN). Por habla se entiende la realización de la lengua, lo que implica semióticamente la existencia de dos planes: contenido y expresión. Por eso se demandó, por un lado, el soporte la semiótica del discurso, asignatura que se interesa por los mecanismos intratextuales de producción de sentido del texto *lato sensu*. Por otro lado, se ancoró en el escopo teórico y metodológico de la fonética acústica, que analiza las características físicas de los sonidos del habla, o sea, las ondas acústicas mecánicamente producidas. Partiéndose del análisis fonético, se destaca el resultado, segundo el cual existe una correlación muy baja, el 17%, entre la variación segmental y la variación prosódica para F0. Además, la correlación entre F0 del segmento VV (vocal-vocal) y el pitch (tono) del grupo acentual (GA) también es baja, el 22%. Eso podría indicar una primera relación entre contenido y expresión, ya que se puede considerar el GA una unidad de sentido, mientras el VV no. Además de eso, el análisis fonético contestó a la siguiente pregunta: ¿existe una uniformización en el habla de reporteros y presentadores de *Jornal Nacional*, con relación a la producción de los arquifonemas /R/ y /S/? A través de datos fonéticos trabajados estadísticamente, se pudo comprobar baja variabilidad en la realización de tales arquifonemas. Cuanto al contenido, se hizo un análisis semiótico de las materias y se pudo deprender algunas estructuras invariantes sobre las cuales se construye el discurso de ese noticiero. Las materias fueron analizadas principalmente en relación al nivel discursivo. De la semántica discursiva, se observó cómo se construyen sentido a través de temas y de figuras. También del nivel discursivo, se analizó la aspectualización de tiempo, o sea, su andamiento. Así, los textos analizados se estructuran de dos maneras: la primera es un andamiento acelerado inicial que decrece durante el texto. La segunda manera de estructuración del andamiento es una oscilación entre acelerado y desacelerado. Acerca de los análisis de temas y de figuras, se puede decir que el discurso del JN es mucho más temático que figurativo. Eso significa que ese noticiero mucho más explica y organiza la realidad, a través de temas, que la reconstruye discursivamente, por medio de figuras. Se intentó, además, percibir los rasgos sémicos subyacentes a los temas y se llegó a una relación entre el querer y el deber. Esa tensión muestra que en la mayoría de las veces, este es valorado eufóricamente, mientras aquel tiene valor negativo. Se podría afirmar que la noticiabilidad del texto periodístico del JN nace del conflicto entre ele deber-no-hacer y el querer-hacer, conllevando a un rompimiento de un contrato fiduciario. Por fin, se relacionó el contenido y la expresión del habla de JN para comprender cómo ocurre la relación recíproca entre esos dos funtivos. Partiéndose de la propuesta de Matte (2008), que enseñó la inadecuación del nivel narrativo para el estudio interdisciplinar entre contenido y expresión del habla, se cruzaron estadísticamente datos fonéticos y semióticos, estos del nivel discursivo. Datos de la investigación apuntan para un cuadro en que algunos elementos del plan del contenido afectan, en el habla de JN, elementos del plan de la expresión, sugiriendo una relación simbólica y por lo tanto culturalmente establecida.

Índice de tabelas:

Tabela 1: diferenças entre língua e fala.....	09
Tabela 2: lexemas e semas.....	18
Tabela 3: subdimensões e foremas.....	30
Tabela 4: título e cabeça das matérias analisadas.....	71
Tabela 5: média e DP de Z suavizado de segmentos compostos de vogal + /R/.....	93
Tabela 6: segmento /aR/.....	95
Tabela 7: segmento /AR/.....	95
Tabela 8: segmento /ehR/.....	96
Tabela 9: segmento /eR/.....	96
Tabela 10: segmento /iR/.....	97
Tabela 11: segmento /ohR/.....	97
Tabela 12: segmento /oR/.....	98
Tabela 13: segmento /uR/.....	98
Tabela 14: média e DP de Z suavizado de segmentos compostos de vogal + /S/.....	99
Tabela 15: segmento /aS/.....	100
Tabela 16: segmento /AS/.....	100
Tabela 17: segmento /ES/.....	101
Tabela 18: segmento /OS/.....	101
Tabela 19: segmento /as/.....	103
Tabela 20: segmento /Es/.....	104
Tabela 21: temas e figuras da corrupção.....	111
Tabela 22: percursos temático e figurativo da destruição.....	115
Tabela 23: figuras da prisão/encarceramento.....	124
Tabela 25: temas e figuras (ciclone extratropical).....	139
Tabela 26: valores de querer <i>versus</i> dever.....	146

Índice de figuras:

Figura 1: signo linguístico saussuriano.....	10
Figura 2: função semiótica hjelmsleviana.....	14
Figura 3: signo linguístico hjelmsleviano.....	15
Figura 4: relações no quadrado semiótico.....	23
Figura 5: gradiente da extensão no eixo x e gradiente da intensidade no eixo y.....	29
Figura 6: subdivisões da intensidade <i>versus</i> subdivisões da extensidade.....	30
Figura 7: curva de onda de /u/.....	35
Figura 8: espectrograma de /u/.....	36
Figura 9: curva de onda de nasal /m/.....	36
Figura 10: espectrograma de nasal /m/.....	37
Figura 11: curva de onda de oclusiva /p/.....	37
Figura 12: espectrograma de oclusiva /p/.....	38
Figura 13: curva de onda e espectrograma de fricativa.....	38
Figura 14: curva de onda de oclusiva	39
Figura 15: curva de onda de fricativa.....	39
Figura 16: curva de onda de nasal	40
Figura 17: espectrograma de oclusiva.....	40
Figura 18: espectrograma de fricativa	41
Figura 19: espectrograma de nasal	41
Figura 20: curva de onda de africada.....	42
Figura 21: espectrograma de africada.....	42
Figura 22: curva de onda e espectrograma de sentença.....	76
Figura 23: quadrado semiótico de figuras da corrupção.....	110
Figura 24: temas e figuras da corrupção.....	113
Figura 25: quadrado da veridicção.....	128
Figura 26: linha do tempo e temas.....	134
Figura 27: quadrado entre querer <i>versus</i> dever.....	146
Figura 28: percurso euforizante da presença/ausência.....	142
Figura 29: quadrado semiótico querer <i>versus</i> dever.....	144

Índice de gráficos:

Gráfico 1: tempo no eixo x e pressão no eixo y.....	32
Gráfico 2: média de F0 no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	78
Gráfico 3: média de F1 no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	79
Gráfico 4: média de F2 no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	80
Gráfico 5: média de F3 no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	80
Gráfico 6: média de F4 no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	81
Gráfico 7: intensidade média no eixo x e nº de segmentos no eixo y.....	82
Gráfico 8: média de pitch no eixo x e nº de GAs no eixo y.....	83
Gráfico 9: segmentos por GA.....	83
Gráfico 10: duração do GA.....	84
Gráfico 11: TE do GA.....	85
Gráfico 12: categoria no eixo x e TE no eixo y.....	86
Gráfico 13: tipo da curva no eixo x e duração absoluta do segmento no eixo y.....	87
Gráfico 14: tipo da curva no eixo x e Z suavizado no eixo y.....	88
Gráfico 15: posição da curva no eixo x e duração absoluta do segmento no eixo y.....	88
Gráfico 16: tipo da curva no eixo x e média de F0 no eixo y.....	89
Gráfico 17: tipo da curva no eixo x e desvio-padrão de F0 no eixo y.....	89
Gráfico 18: posição da curva no eixo x e desvio-padrão de F0 no eixo y.....	90
Gráfico 19: posição da curva no eixo x e média de F0 no eixo y.....	91
Gráfico 20: tipo da curva no eixo x e desvio-padrão de pitch no eixo y.....	91
Gráfico 21: tipo da curva no eixo x e média de pitch no eixo y.....	92
Gráfico 22: segmentos no eixo x e Z suavizado no eixo y.....	94
Gráfico 23: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (oscilante).....	116
Gráfico 24: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (decrecente).....	132
Gráfico 25: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (final não-desacelerado).....	133
Gráfico 26: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (uma oscilação).....	135
Gráfico 27: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (final não-desacelerado).....	140
Gráfico 28: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (decrecente).....	143
Gráfico 29: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (oscilante).....	143
Gráfico 30: distribuição das etiquetas do valor.....	150
Gráfico 31: médias com valor semiótico no eixo x e média de F1 no eixo y.....	151
Gráfico 32: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y.....	151
Gráfico 33: médias com valor semiótico no eixo x e média de F2 no eixo y.....	152
Gráfico 34: médias com valor semiótico no eixo x e média de desvio-padrão de F2 no eixo y.....	153
Gráfico 35: médias com valor semiótico no eixo x e média de F3 no eixo y.....	153
Gráfico 36: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y.....	154
Gráfico 37: médias com valor semiótico no eixo x e média de F4 no eixo y.....	155
Gráfico 38: médias com valor semiótico no eixo x e duração absoluta do segmento VV fonético no eixo y.....	156
Gráfico 39: médias com valor semiótico no eixo x e taxa de elocução no eixo y.....	157
Gráfico 40: médias com valor semiótico no eixo x e média de F0 no eixo y.....	157
Gráfico 41: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão no eixo y.....	158
Gráfico 42: médias com valor semiótico no eixo x e média de pitch no eixo y.....	159
Gráfico 43: médias com valor semiótico no eixo x desvio-padrão do pitch no eixo y.....	159
Gráfico 44: distribuição das etiquetas da disposição.....	161
Gráfico 45: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y.....	162
Gráfico 46: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F2 no eixo y.....	162
Gráfico 47: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F2 no eixo y.....	163
Gráfico 48: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F3 no eixo y.....	164
Gráfico 49: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y.....	164
Gráfico 50: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F4 no eixo y.....	165
Gráfico 51: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio padrão de F4 no eixo y.....	165
Gráfico 52: segmentos e disposição no eixo x e Z suavizado no eixo y.....	167
Gráfico 53: segmentos e disposição no eixo x e média de F1 no eixo y.....	168
Gráfico 54: segmentos e disposição no eixo x e média de F2 no eixo y.....	168
Gráfico 55: segmentos e disposição no eixo x e média de F3 no eixo y.....	171
Gráfico 56: segmentos e disposição no eixo x e média de F4 no eixo y.....	169
Gráfico 57: distribuição das etiquetas do andamento.....	170
Gráfico 58: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F1 no eixo y.....	171

Gráfico 59: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y.....	171
Gráfico 60: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F2 no eixo y.....	172
Gráfico 61: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F2 no eixo y.....	173
Gráfico 62: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F3 no eixo y.....	173
Gráfico 63: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y.....	174
Gráfico 64: de médias com andamento semiótico no eixo x e média de F4 no eixo y.....	174
Gráfico 65: médias com andamento semiótico no eixo x desvio-padrão de F4 no eixo y.....	175
Gráfico 66: médias com andamento semiótico no eixo x e taxa de elocução no eixo y.....	176
Gráfico 67: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F0 no eixo y.....	176
Gráfico 68: médias com andamento semiótico no eixo x e média do pitch no eixo y.....	177
Gráfico 69: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio padrão do pitch no eixo y.....	178

Lista de abreviaturas

ANOVA: análise de variância
Acel: acelerado
Desac: desacelerado
DP: desvio-padrão
FO: frequência fundamental
F1: primeiro formante
F2: segundo formante
F3: terceiro formante
F4: quarto formante
F0média: média de F0
F1média: média de F1
F2média: média de F2
F3média: média de F3
F4média: média de F4
GA: grupo acentual
Hz: Hertz
Int: categoria internacional
Loc: categoria local
MS: milissegundos
Nac: categoria nacional
Não-acel: não-acelerado
Não-desac: não-desacelerado
Não-neg: não-negativo
Não-pos: não-positivo
Neg: negativo
Neu: neutro
Pos: positivo
S: segundos
TE: taxa de elocução
VV: unidade VV (vogal-a-vogal)

Sumário

Introdução.....	01
1 – Das bases teóricas.....	04
1.1.1 – O <i>CLG</i> e um breve panorama da história da linguística.....	05
1.1.2 – A linguística por Saussure.....	07
1.1.3 – A perspectiva de Hjelmslev.....	12
1.2.1 – A semiótica do discurso: da semântica à semiótica.....	16
1.2.2 – Semiótica e sentido.....	19
1.2.3 – Semióticas.....	20
1.2.4 – O percurso gerativo de sentido.....	22
1.2.5 – Críticas à teoria.....	26
1.2.6 – Semiótica e tensividade.....	27
1.3 – A fonética acústica: um breve panorama.....	31
1.4 – A semiótica do discurso e a fonética acústica: possíveis convergências.....	43
2 – O <i>Jornal Nacional</i>.....	46
2.1.1 – Uma breve apresentação da televisão.....	47
2.1.2 – TV ao vivo.....	49
2.1.3 – Telejornalismo, um gênero televisual.....	52
2.2.1 – O <i>Jornal Nacional</i>	56
2.2.2 – Histórico do <i>JN</i>	57
2.2.3 – <i>JN</i> , telejornal referência.....	59
2.2.4 – Padronização das pronúncias.....	64
2.2.5 – O peso da palavra.....	66
2.3.1 – A semana analisada: objetivação metodológica.....	67
2.3.2 – Descrição da semana.....	68
3 – A expressão da fala do <i>JN</i>.....	73
3.1 – Dos métodos.....	75
3.2 – Análises acústicas de todo o <i>corpus</i>	77
3.2.1 – Média de F0.....	77
3.2.2 – Média de F1.....	78

3.2.3 – Média de F2.....	79
3.2.4 – Média de F3.....	80
3.2.5 – Média de F4.....	81
3.2.6 – Intensidade média.....	81
3.2.7 – Média do pitch do grupo acentual.....	82
3.2.8 – Número de segmentos por grupo acentual.....	83
3.2.9 – Duração do grupo acentual.....	84
3.2.10 – Taxa de elocução.....	85
3.2.11 – Posição e tipo da curva de F0.....	86
 3.3 – Análise do arquifonema /R/.....	 93
 3.4 – Análise do arquifonema /S/.....	 99
 3.5 – Considerações sobre padronização da fala do JN.....	 105
 4 – O conteúdo da fala do JN.....	 106
4.1 – Segunda-feira, 05 de maio.....	107
4.1.1 – Matéria nacional.....	107
4.1.2 – Matéria local.....	113
4.1.3 – Matéria internacional.....	116
 4.2 – Terça-feira, 06 de maio.....	 117
4.2.1 – Matéria nacional.....	117
4.2.2 – Matéria local.....	119
4.2.3 – Matéria internacional.....	120
 4.3 – Quarta-feira, 07 de maio.....	 121
4.3.1 – Matéria nacional.....	121
4.3.2 – Matéria local.....	123
4.3.3 – Matéria internacional.....	125
 4.4 – Quinta-feira, 08 de maio.....	 126
4.4.1 – Matéria nacional.....	126
4.4.2 – Matéria internacional.....	128
 4.5 – Sexta-feira, 09 de maio.....	 130
4.5.1 – Matéria nacional.....	130
4.5.2 – Matéria local.....	132
4.5.3 – Matéria internacional.....	133
 4.6 – Sábado, 10 de maio.....	 135
4.6.1 – Matéria nacional.....	135
4.6.2 – Matéria local.....	138
4.6.3 – Matéria internacional.....	140
4.7 – Considerações sobre o andamento nos textos analisados.....	142

4.8 – Considerações sobre os temas e figuras nos textos analisados.....	143
 5 – Relações entre conteúdo e expressão.....	147
5.1 – Relações entre o valor e dados fonéticos.....	149
5.2 – Relações entre o querer/dever e dados fonéticos.....	160
5.3 – Relações entre o andamento e dados fonéticos.....	170
5.4 – Considerações sobre a relação do conteúdo com a expressão.....	178
 Conclusão.....	182
 Referências bibliográficas.....	186
 Anexo.....	194

Introdução

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que pretendeu perceber como se constroem os sentidos da fala, em sua acepção saussuriana, do principal telejornal brasileiro: o *Jornal Nacional*. Para este trabalho, evitam-se visões redutoras e ideologizantes desse noticiário, cuja audiência de 30 milhões de brasileiros todas as noites, comprova sua importância nos lares brasileiros. Para Bucci (*apud* TRAVANCAS: 2007), ou se assume que o *JN* é bom e bem feito, “ou se abandonam condições de criticá-lo com maturidade e honestidade intelectual” (2007:11). O objetivo aqui, apesar de tangenciar a prática jornalística, não é problematizá-la, como fazem autores das teorias da comunicação. Ressalta-se, entretanto, que, ao se trabalhar com um objeto tão presente no cotidiano, esse trabalho, em última instância, discute a mídia, que se imbrica na sociedade e vice-versa. Para Silverstone (2002), não podemos escapar a ela: a mídia se presentifica continuamente no dia-a-dia das pessoas. Essa simples presença já é uma razão para se estudá-la e, em específico, estudar o *JN*, programa jornalístico de maior audiência no País.

Assim, a presente investigação buscou perceber como são engendrados os sentidos da fala no *JN*. Por fala, entende-se a realização da língua, o que implica semioticamente a existência de dois planos: conteúdo e expressão. Estes termos advêm de um dos principais continuadores de Saussure, Louis Hjelmslev, que tem papel fundamental na organização e desenvolvimento das ideias do linguista genebrino. Hjelmslev, por sua vez, influenciou sobremaneira A. J. Greimas, que foi quem estabeleceu as bases de uma disciplina, inicialmente concebida como uma *semântica estrutural*, a qual, entretanto, ultrapassou os domínios da palavra e da frase e acabou interessando-se pelos mecanismos intra-textuais de produção de sentido do texto, num sentido *lato*. A disciplina, não mais semântica, passou a ser designada semiótica, cujo objeto é a produção de sentido, resultado da semiose do plano de conteúdo e do plano da expressão. De certa forma, Greimas acaba possibilitando a criação da disciplina que Saussure havia vislumbrado, isto é, uma ciência que “estude a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006:24), embora para a semiótica de Greimas a noção de significação seja mais importante que a de signo.

Ao se trabalhar com os dois planos da função semiótica, no que concerne à fala, requisitou-se, além da semiótica, o escopo teórico-metodológico da fonética acústica, que analisa

as características físicas dos sons da fala, ou seja, as ondas acústicas mecanicamente produzidas. Ao se apoiar nessas duas disciplinas, baseou-se na premissa semiótica, segundo a qual é possível trabalhar separadamente conteúdo e expressão. Sabe-se, no entanto, que o sentido só se dá com a reunião desses dois planos. Assim, no primeiro capítulo, apresentar-se-ão as bases deste trabalho, cuja gênese remonta a Saussure e seu *Curso de Lingüística Geral*, passando por seu continuador Hjelmslev, chegando finalmente à semiótica do discurso¹, abordando a teoria *standard*, assim como alguns de seus desdobramentos atuais. Nesse mesmo capítulo, apresenta-se um breve panorama da fonética acústica, para depois relacioná-la à teoria semiótica, um esforço teórico que remonta ao trabalho interdisciplinar de Matte (2002).

O segundo capítulo trata de apresentar o objeto desta pesquisa, não sem antes oferecer uma visão geral sobre televisão e telejornalismo, apoiando-se em autores, para quem a TV não é boa nem má *a priori*. Além disso, semioticamente, como aponta Fachine (2008) ela é uma forma de presença que, em si, já é algo da ordem daquilo que significa. O telejornalismo é apresentado como um gênero televisual, na leitura de Machado (2002) dos gêneros de discurso de Bakhtin (2003). A seguir, o capítulo versa sobre o *Jornal Nacional* e suas especificidades, que, segundo Gomes (2005), é um telejornal referência. Esse capítulo também aborda a padronização das pronúncias de repórteres e apresentadores desse noticiário, que se inclui num projeto maior, a implementação do padrão Globo de Telejornalismo. Finaliza-se com a descrição das matérias analisadas.

No terceiro capítulo, realiza-se um estudo fonoestilístico da fala do *JN* buscando dados fonéticos que descrevam a variabilidade dos arquifonemas /S/ e /R/, cujo trabalho de padronização de fala por fonoaudiólogos, mencionado no capítulo 2, pretendeu amenizar. Além disso, apresentar-se-ão outras observações fonéticas igualmente importantes referentes a todo *corpus* estudado.

No quarto capítulo, analisa-se semioticamente como se dá a construção dos sentidos dos textos das matérias do *JN*. As matérias são avaliadas principalmente no que tange ao nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido, especificamente a semântica discursiva, pela análise de temas e figuras. Também, do nível discursivo, analisa-se a aspectualização, principalmente em relação ao tempo, ou seja, o andamento do texto, o que confere às análises

¹ Também conhecida como semiótica greimasiana ou Escola de Paris.

uma perspectiva por vezes tensiva. Buscaram-se, assim, padrões, estruturas invariantes sobre as quais se constrói o discurso jornalístico.

Finalmente, no quinto capítulo, relacionam-se dados fonéticos e dados semióticos, objetivando compreender como se dá o engendramento do sentido por meio da relação entre conteúdo e expressão. O intuito é perceber se existe uma relação direta entre expressão e conteúdo e de que maneira um seria afetado pelo outro. Com isso, para além de uma análise semiótica do discurso, o objetivo desta pesquisa é conjugar também uma análise fonética da fala. Se para a teoria semiótica, o discurso emerge pelo texto, a representação da expressão da fala pode dar pistas para se compreender a natureza do texto, levando em consideração seus dois funtivos: expressão e conteúdo, e a relação entre eles.

Capítulo 1

Das bases teóricas

“O mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (GREIMAS, 1976:11)

O título desta dissertação evoca dois conceitos hjelmslevianos: plano do conteúdo e plano da expressão. Antes de se adentrar a obra do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, optou-se por um caminho um pouco mais extenso, porém, de bases mais sólidas. Esse trajeto, muitas vezes esquecido por estudos cada vez mais compartimentados no campo da linguística, é imprescindível para a demarcação do campo de atuação, a definição do objeto e a reafirmação constante da natureza do signo linguístico, que é a combinação de duas grandezas: de um lado a imagem acústica; de outro, o conceito. Esse pressuposto é fundamental para a concepção deste trabalho, ou seja, só a partir desse todo, formado por essas duas grandezas, que se pode pensar a linguística. Como apontou Saussure em sua mais famosa obra, o *Curso de Linguística Geral*, essa ciência trabalha numa zona limítrofe, que não tem a imagem conceitual como objeto, nem a imagem acústica, mas a união dessas duas grandezas.

Para Zilberberg (2006), conhecer o pensamento de Hjelmslev depende “da elucidação da relação entre o pensamento *fundador* de Saussure e o pensamento *ordenador* de Hjelmslev” (2006:19). O objetivo deste capítulo é, portanto, refazer o trajeto teórico iniciado por Saussure e por Hjelmslev, considerado o principal continuador de sua obra, para se chegar à semiótica do discurso e à fonética acústica, que são as duas disciplinas que vão procurar analisar o objeto desta pesquisa.

1.1.1 – O CLG e um breve panorama da história da linguística

Começa-se pelo fundador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure. Sua obra seminal, o *Curso de Linguística Geral (CLG)*, tem sua primeira edição em 1916, por Bally e Séchehay, e é uma obra póstuma, já que Saussure falecera em 1913. O livro é uma compilação das anotações de alunos de Saussure das aulas ministradas na Universidade de Genebra dos anos de 1907 a 1911.

Logo na introdução do *CLG*, Saussure oferece um panorama da história da linguística indicando suas três fases. A primeira se referia ao estudo da gramática, realizado inicialmente pelos gregos e depois pelos franceses. Esse estudo, segundo Saussure, nada tem de científico e não tem interesse pela própria língua: “[a gramática] visa unicamente a formular regras para

distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (SAUSSURE, 2006:07).

É curioso, pois passado um século da publicação do *Curso*, ainda faz-se necessário ao linguista sempre ter que diferenciar a linguística do estudo da gramática, de certa forma o ofício de linguista parece ainda remanescer na ignorância da maioria. Nesse sentido, Possenti (2008) afirma: “Quando alguém informa que é linguista causa espanto” (POSSENTI, 2008:46). Trata-se de um ofício cujas funções são pouco conhecidas. No artigo *Como água e óleo*, o autor mostra de forma simples e clara a diferença entre linguistas e gramáticos. Para Possenti,

(...) o linguista não caracteriza fatos linguísticos em termos de certo ou errado, nem a partir da autoridade de escritores ou da tradição. Classifica fatos como populares, regionais, cultos, literários etc. (...), [ele] observa fatos e tenta descrevê-los e explicá-los (...). E como disse Saussure, para ele tudo é ‘matéria’, o que significa que leva em consideração qualquer manifestação linguística (de analfabetos, crianças; antigas, atuais), e não só as dos falantes cultos de um período vagamente definido. Para ele, a correção ‘linguística’ é um valor social, que leva em conta, mas como questão social e submetida a regras de um tipo especial, similares às que governam a etiqueta (POSSENTI, 2008:46-47).

Um gramático, por sua vez, “também observa e organiza fatos (...) mas ele os coleta em textos definidos como ‘bons’” (*idem*). Embora se saiba que uma explicação dessa natureza seja supérflua para um trabalho como este, optou-se por inseri-la, pela demarcação da epistemologia da disciplina linguística.

A segunda fase dos estudos da linguagem, denominada filologia, tem sua origem na Alexandria, mas esse termo se vincula principalmente ao movimento criado por Friedrich August Wolf, a partir de 1777, e segue existindo até a atualidade. A filologia visa a fixar, interpretar e comentar textos, por meio de seu método, a crítica. Para Saussure, a filologia falha ao apegar-se “muito servilmente” à língua escrita, esquecendo a falada. O terceiro período é chamado de filologia comparativa ou de gramática comparada e tem seu nome ligado, sobretudo à obra de Franz Bopp, que descobriu que o Sânscrito tem parentesco com línguas indo-européias. A crítica que Saussure faz à gramática comparada se baseia no fato de que esses estudos nunca se perguntaram a que levavam as comparações que faziam, ou seja, unicamente pela comparação, não se pode concluir nada. Para o autor do *CLG*, a linguística propriamente dita inicia-se por Diez, em sua *Gramática das Línguas Românicas* (1836-1838). Em seguida, com os neogramáticos, representados principalmente por Whitney, percebeu-se que a língua não é um organismo que se desenvolve por si, mas um fruto de uma coletividade linguística.

No entanto, para Paveau (2006), é Saussure quem inaugura a chamada linguística moderna, já que o *CLG* constitui o que a autora chama de “corte epistemológico”, ou seja, “uma maneira radicalmente diferente de se considerar os fatos da linguagem” (2006:63). O trabalho do linguista suíço rompe com a perspectiva comparatista e propõe uma abordagem não histórica e sim descritiva e sistemática, o que mais tarde será chamado estruturalismo.

1.1.2 – A linguística por Saussure

Para Saussure, a matéria da linguística concerne a todas as manifestações da língua humana, independentemente de se tratar de “povos selvagens ou nações civilizadas”. A tarefa da linguística é, por sua vez,

“(a) fazer a descrição histórica de todas as línguas que puder abranger (...); (b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares à história; (c) delimitar-se e definir-se a si própria” (SAUSSURE, 2006:13).

Saussure aponta a utilidade da linguística para a cultura geral. Para ele, a linguagem constitui um fator importante na vida dos indivíduos e dos grupos sociais, e essa é uma razão para que a linguística não seja um estudo limitado apenas a poucos especialistas. Além disso, ele afirma ser a linguagem o lugar no qual se reproduzem ideias absurdas, preconceitos etc; caberia então à linguística desmistificá-los.

Com o intuito de fundar uma disciplina, o linguista genebrino teve que definir seu objeto. Diferentemente de outros domínios científicos, cujo objeto precede o ponto de vista, na linguística é o contrário, ou seja, o ponto de vista precede o objeto. Para Saussure (2006:25), o fato linguístico é imperceptível e indeterminável sem a adoção prévia de um ponto de vista linguístico. Isso porque, como aponta Paveau (2006), “os fatos da linguagem não são exteriores à experiência humana, mas fazem parte dela” (2006:66). A adoção desse ponto de vista decorre da natureza da linguagem, que reside na dualidade do fenômeno vocal como tal e do fenômeno vocal como signo (SAUSSURE, 2006:20-21).

O objeto da linguística não é a linguagem, mas a língua. A primeira é uma faculdade humana, muito mais vasta e menos específica que a segunda. A linguagem engloba produção e

recepção, pensamento e sua expressão fônica, dimensão individual e social, dimensão estática e histórica. A língua é, por sua vez, “o produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem” (SAUSSURE, 2006:66). Em outra definição, Saussure afirma: “a língua é um todo por si e um princípio de classificação” (2006:17). Esse “todo” se refere ao sistema de signos, “onde de essencial só existe a união do sentido à imagem acústica, e onde suas duas partes do signo são igualmente psíquicas” (2006:23). A língua é então um sistema de signos que exprime ideias e, para o linguista suíço, ela é comparável a outros sistemas de signos, tais como o alfabeto dos surdos-mudos, ritos simbólicos etc. No entanto, a língua é o principal desses sistemas. Assim, Saussure vislumbra a criação de uma disciplina que se ocuparia dos signos em geral, a semiologia: “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (2006:24). À linguística caberiam os sistemas de signos linguísticos, enquanto à semiologia caberiam todos os sistemas de signos. Dessa forma, a linguística faz parte dessa ciência geral, que é a semiologia.

Para Saussure, a linguística comporta duas partes: a língua e a fala. A língua é social e independente do indivíduo, a fala, por sua vez, é individual. Para ele, a fala, como objeto da linguística, é secundária. Língua e fala estão, apesar disso, estreitamente ligadas, já que a língua é necessária para que a fala seja inteligível e a fala é necessária para que a língua se estabeleça. A língua é, ao mesmo tempo, instrumento e produto da fala, “Tudo isso, porém, não impede que sejam coisas absolutamente distintas” (SAUSSURE, 2006:27). Veja-se a definição mais completa de *língua* proposta por Saussure:

A língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários. (SAUSSURE, 1996:27).

Em relação à fala, Saussure afirma se tratar de combinações individuais, dependente da vontade dos que falam; atos de fonação igualmente voluntários. Para ele, nada existe de coletivo na fala. A língua é marcada por aquilo que é essencial, ou seja, o que é permanente, ela é adquirida de maneira passiva, e é coletiva no conjunto de falantes. No plano cognitivo, ela é detida mentalmente sob a forma de marcas, de natureza psíquica, enquanto as produções de fala são marcadas pela dimensão física da fonação. Gadet (1996:77) *apud* Paveau (2006:68) propõe uma tabela que resume as diferenças entre língua e fala:

Língua	Fala
Social	Individual
Essencial	Acessório mais ou menos acidental
Registrada passivamente	Ato de vontade e de inteligência psicofísica
Psíquica	Soma do que as pessoas dizem
Soma de marcas em cada cérebro	Não coletivo
Modelo Coletivo	

Tabela 1: diferenças entre língua e fala

Para o autor de *CLG*, poder-se-ia pensar numa linguística da fala, no entanto, a linguística cuidará unicamente da língua que, não menos que a fala, é um objeto concreto. Sendo assim, ele estabelece uma hierarquia entre língua e fala. Paveau (2006) afirma, apesar disso, que as evoluções futuras das ciências da linguagem vão reclamar para si o lugar da linguística da fala, tais como a estilística, a pragmática, a análise do discurso etc. O presente trabalho enquadrar-se-ia nos domínios da linguística da fala. Salienta-se que as duas são colocadas como possíveis por Saussure e, embora ele demonstre preferência pela língua, a separação entre linguística da língua e linguística da fala “não tem caráter de verdade exclusiva”, afirma Paveau (2006:69).

Outro ponto importante da obra saussuriana são as relações sintagmáticas e associativas (paradigmáticas). Na esfera sintagmática, ocorre o desencadeamento linear das unidades da língua, devido à impossibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Na esfera associativa, formam-se mentalmente associações entre palavras, relações que repousam na analogia dos significados, por exemplo: aprender, aprendizagem, desaprendendo etc.

Outra dicotomia apresentada por Saussure é a sincronia e a diacronia. A linguística sincrônica ocupa-se das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela coletividade. A linguística diacrônica estuda, por sua vez, as relações que não se percebem numa mesma coletividade, mas são relações entre estados de língua e estados de tempo. Resumidamente, da linguagem, vêm a língua e a fala. A língua pode ser estudada sob duas óticas: a sincronia e a diacronia.

Para este trabalho, a dicotomia saussuriana elementar se refere à natureza do signo linguístico, cujos termos, ambos psíquicos, estão unidos no cérebro. Trata-se da dicotomia significado/significante, formadores do signo linguístico. O autor do *CLG* salienta que a relação não é de palavra e coisa, mas entre grandezas linguísticas:

O signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos (SAUSSURE, 2006:80).

O esquema a seguir representa o signo linguístico proposto por Saussure:

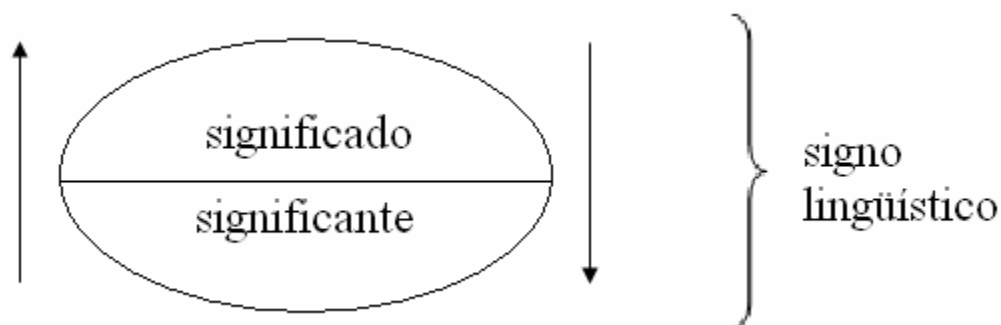


Figura 1: signo linguístico saussuriano

Assim, Saussure chama a imagem acústica de significante e o conceito de significado, elementos que, unidos, dão origem ao signo linguístico. Salienta-se que um significante não representa um significado, nem vice-versa: o signo linguístico é resultado da associação dessas duas grandezas. O primeiro princípio do signo é a arbitrariedade, já que não existe nenhum laço natural que una um significante a um significado. O linguista suíço dá o exemplo da palavra *mar* cuja ideia não tem nenhuma relação com a sequência de sons m-a-r. Diferentemente do signo, o símbolo já possui algum rudimento de laço natural entre o significante e o significado. A balança é o símbolo da justiça e não poderia, por exemplo, ser substituída por um carro, afirma Saussure. O autor chama atenção à palavra *arbitrário*, que não deve ser entendida no sentido livre, mas como sinônimo de *imotivado*. O segundo princípio do signo é a linearidade, ou seja, o significante, dado sua natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, sob forma de uma extensão que só se desenvolve numa única dimensão, como se fosse uma linha. Diferentemente de significantes visuais, que podem ter até três dimensões, o significante acústico só possui uma. Dessa forma a palavra *cadeira* é a sequência dos sons c-a-d-e-i-r-a, necessariamente nessa ordem.

Para Saussure, o significante possui uma cadeia sonora diferente em cada língua. Esse significante que vai diferir de língua para língua se combinará com um conceito que também é próprio de cada cultura, cada língua. Os conceitos de *soeur*, em francês, e *sister*, em inglês, possuem entre si uma relação de semelhança conceitual, mas não se trata, pois, de um conceito

pré-existente a cada língua. Apesar disso, a relação que a cadeia sonora *s-o-e-u-r* tem com o conceito *soeur* é uma relação fixa dentro da língua francesa. Essa fixidez tem a ver com o caráter imutável do signo a que se refere Saussure. Paralelamente, o signo linguístico também tem um caráter mutável, isto é, tanto significados, quanto significantes se alteram ao longo do tempo. Saussure cita a palavra latina *necare* (matar) que deu em francês *noyer* (afogar). Esses dois postulados indicam que a língua desenvolver-se-ia, no tempo, tencionada, de um lado pela imutabilidade e, de outro, pela mutabilidade.

Saussure afirma que sem os signos seria impossível distinguir ideias de forma clara e constante. O pensamento, para ele, seria uma nebulosa, onde nada está delimitado: não existem ideias pré-estabelecidas antes do aparecimento da língua. O autor do *CLG* afirma que essa indefinição também se aplica aos sons, já que esses tampouco são unidades circunscritas de antemão. A língua seria comparável a uma folha de papel, de modo que o pensamento é anverso e o som, verso. Abstraindo-se tais elementos separadamente, chegar-se-ia à fonologia e à psicologia puras, segundo Saussure. A linguística então trabalha numa zona limítrofe, de combinação de elementos de duas ordens, conceptual e acústica: “Essa combinação produz uma forma, não uma substância.” (SAUSSURE, 2006:131).

Assim, tanto a parte conceitual, quanto a parte sonora teriam um valor, que é o que a distingue, o que constitui relações de diferença. O que importa, portanto, não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir sons de outros sons. Um sistema linguístico seria então uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias. E essa confrontação de diferenças constrói um sistema de valores. Em *Écrits de linguistique générale*, manuscritos de um livro escrito de próprio punho pelo linguista suíço encontrado somente em 1996, Saussure (2002) aborda a questão do valor linguístico e, segundo o autor, uma forma linguística não significa, mas vale, o que implica consequentemente a existência de outros valores tanto materiais, de ordem acústica “(...) *Il n’y a pas la moindre limite définissable entre ce que les formes **valent** en vertu de leur différence réciproque et matérielle*”, quanto valores de natureza conceitual: “*ou ce qu’elles **valent** en vertu du sens que nous attachons à ces différences*” (SAUSSURE, 2002:28, grifo do autor). É uma disputa de palavras, finaliza o mestre genebrino. Mais adiante, na mesma obra, o autor, de certa forma, resume tanto a questão do signo e da significação, quanto a do valor, que lhe é inerente. Para ele, o signo só existe em função de sua significação, da mesma forma que a significação só existe em função do signo. E tanto signo

como significação só existem em função da diferença entre os signos, ou seja, seus respectivos valores.

1.1.3 – A perspectiva de Hjelmslev

Louis Hjelmslev (1899-1965), linguista dinamarquês, é criador da glossemática, perspectiva a partir da qual a língua é concebida como uma combinatória. Sua obra de maior importância são os *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de 1943, cuja tradução brasileira veio em 1975. *Prolegômenos* significa princípios ou noções básicas para um estudo de qualquer natureza.

Segundo Fiorin (2003), Hjelmslev opõe-se ao discurso do humanismo, uma vez que pretende apreender com premissas puramente formais a estrutura específica da linguagem. “Isso não quer dizer que ele não reconheça as flutuações e as mudanças da fala, mas significa que não atribui a elas um papel preponderante em sua teoria” (FIORIN, 2003:02). Para Zilberberg (2006), a obra do linguista dinamarquês, apesar de possuir um esforço teórico incomparável, ainda possui uma difusão restrita. Traçar-se-á um pequeno panorama da obra desse linguista para pensá-la como devedora em parte da obra de Saussure e como influenciadora da obra de Greimas.

Logo no início do primeiro capítulo dos *Prolegômenos*, Hjelmslev ressalta de maneira poética a importância da linguagem humana: “A linguagem humana é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seu sentimento, suas emoções (...), instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana” (2006:01). Essa linguagem, não obstante sua importância, quer ser *ignorada*: “(...) é seu destino natural ser um meio e não um fim” (2006:03), afirma o linguista dinamarquês; apenas de forma artificial pode haver a pesquisa de um objeto que é naturalmente um meio. A linguística como ciência deve procurar apreender a linguagem como um todo formado de aspectos físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos e sociológicos. Esse conglomerado basta-se a si mesmo, e apenas dessa maneira pode-se pensar a língua como objeto da linguística.

O modelo dinamarquês concebe o signo como uma unidade em configuração, ou seja, o signo não é da ordem do dado, do fixo, mas algo que está em constante construção, combinação, relacionado fortemente a aspectos contextuais:

Toda grandeza e, por conseguinte todo signo, se define de modo relativo e absoluto, isto é, unicamente no lugar que ocupa no contexto. (...) Considerados isoladamente, signo algum tem

significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito. (HJELMSLEV, 2006:50).

Para Hjelmslev, é insustentável do ponto de vista linguístico a visão de que o signo seja signo de alguma coisa, ou seja, o signo seria a expressão de um conteúdo. Nesse aspecto, esse autor entra em confluência com a perspectiva saussuriana. Hjelmslev utiliza o termo *função semiótica* para designar a relação entre duas grandezas: *conteúdo* e *expressão*. Tanto o plano do conteúdo quanto o plano da expressão subdividem-se em forma e substância. A substância refere-se ao *continuum*, tanto o do plano do conteúdo, que é o *continuum* do pensamento, quanto da expressão, *continuum* de sons da língua. A forma, por sua vez, tem a ver com o modo como cada cultura recorta seu pensamento em conceitos (conteúdo), e em fonemas (expressão).

A substância, tanto do plano de expressão, quanto do plano de conteúdo, constitui-se um elemento dessemantizado que só passa a ter sentido, uma vez recortada por cada cultura, tornando-se, assim, forma. Portanto, todos os sons passíveis de ser produzidos pelo trato vocal humano só passam a ter sentido após a identificação com elementos que nada mais são que recortes culturais do *continuum* sonoro e colocados em sequência; sequência essa pertinente à língua em questão. A perspectiva de Câmara Jr. (2002) assemelha-se à hjelmsleviana em relação à cadeia fônica como se observa a seguir:

A divisão mínima na segunda articulação da língua é a dos sons vocais elementares, que podem ser vogais ou consoantes. A divisão resulta de um processo psíquico da parte de quem fala e quem ouve. Na realidade física, a emissão vocal é um contínuo, como assinalam quer os aparelhos acústicos, quer os aparelhos de registro articulatório. Já se trata, pois, de uma primeira abstração intuitiva do espírito humano em face da realidade física (CÂMARA JR., 2002:33).

A abstração a que se refere Câmara Jr. (2002) tem a ver com um pequeno número de propriedades acústicas articulatórias chamadas de traços², quer dizer, para a comunicação humana, de acordo com a perspectiva de Câmara Jr. (2002), o que realmente interessa são esses traços distintivos e não a emissão contínua do som, que, em si mesma, não significa nada.

Hjelmslev mostra que o sentido assume diferentes cadeias linguísticas em cada língua. A sentença *Eu não sei*, em português, veicula um sentido comum – mas não o mesmo sentido – para a sentença *Jeg véd det ikke*, em dinamarquês, ou *I do not know*, em inglês. Para esse linguista,

² O fonema, dessa forma, é o conjunto desses traços distintivos e opõe entre si formas da língua, por exemplo, *mala* e *cala*. O autor atenta para o fato de que o fonema, fenômeno da língua oral, não se confunde com letra, da língua escrita, de modo que um mesmo fonema pode ser representado por várias letras.

cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras de maneira distinta no *continuum* do pensamento. Quanto à expressão, culturas diferentes estabelecem fronteiras diferentes entre o *continuum* de cores. De acordo com Pietroforte e Lopes (2003), por exemplo, o arco-íris do mundo anglo-saxão teria uma cor a menos que no mundo que fala português, já que a cor *purple* teria as variações *roxo* e *anilado* (PIETROFORTE & LOPES, 2003:116).

Segundo o dinamarquês, o que une a expressão ao conteúdo é a função semiótica. Essa função é solidária e pressupõe necessariamente um ao outro: “Uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (HJELMSLEV, 2006:54). Na função semiótica, necessariamente haverá solidariedade entre seus funtivos conteúdo e expressão. Não há, portanto, função semiótica sem a presença simultânea desses elementos. De modo esquemático, apresenta a função semiótica proposta por Hjelmslev:

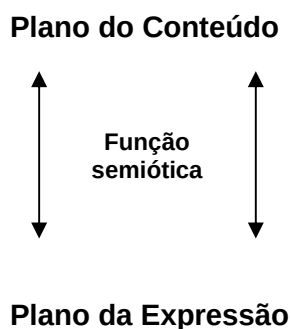


Figura 2: função semiótica hjelmsleviana

Hjelmslev, apesar de creditar a Saussure o título de criador da linguística moderna e de ter se baseado em alguns de seus fundamentos, afasta-se um pouco do modelo do linguista suíço. Para este, a língua é um sistema de signos, enquanto para Hjelmslev, a língua é um sistema de figuras que, combinadas, dão origem aos signos. Tanto a forma do conteúdo, como a forma da expressão são formadas por partes menores, os pleremas, no caso do conteúdo, e os ceremas, no caso da expressão. A glossemática ocupa-se então da relação entre essas unidades.

Para Hjelmslev a substância, ou seja, a cadeia do pensamento e a cadeia fônica, não precede a língua, como defendia Saussure. Para o autor dinamarquês, a substância depende

exclusivamente da forma, e não se admite a existência da substância independente da forma. O signo linguístico então seria o todo constituído pela forma do plano do conteúdo e pela forma do plano da expressão da expressão, estabelecido pela função semiótica: “(...) parece mais adequado utilizar a palavra signo para designar a unidade constituída pela forma do conteúdo e pela forma da expressão” (HJELMSLEV, 2006:62). O esquema a seguir representa o signo linguístico para Hjelmslev:

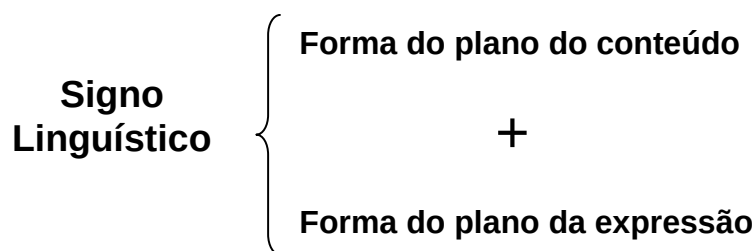


Figura 3: signo linguístico hjelmsleviano

Para Zilberberg (2006), as proposições hjelmslevianas em relação ao par forma/substância levantam algumas questões, pois levam a uma clareza na análise da forma em detrimento de um obscurecimento da análise da substância: “(...) o ajuste entre forma e substância não deixa de trazer problemas. Como decorrência de alguma justiça imanente, a substância está longe de ser uma massa dócil, amorfa e indiferente à forma que a modela” (ZILBERBERG, 2006:61-62). Para esse autor, a obra de Hjelmslev ainda está por ser conhecida; a maior parte das apresentações elaboradas sobre sua obra “restringe, deturpa ou falseia o pensamento do grande linguista” (2006:61). O progresso nesse conhecimento tende a levantar outras inquietações, tais como a continuidade entre Saussure e Hjelmslev: “(...) será que Hjelmslev é o continuador de Saussure? Será que é o único? Será que acreditando ser o continuador de Saussure, acabou fazendo outra coisa? Essas questões permanecerão” (Zilberberg, 2006:61).

O pensamento de Hjelmslev é decisivo para o estabelecimento das bases da semiótica greimasiana, já que essa toma para si, de um lado o par expressão/conteúdo e, de outro, o par forma/substância. O primeiro permite introduzir a função semiótica, ou seja, a maneira como se combinam o plano da expressão e o plano do conteúdo de forma incessante e mútua. O segundo par, forma/substância, permite testar e avaliar o que foi encontrado: é a partir da identidade entre

forma do conteúdo e forma da expressão que se contribui para a objetivação da teoria. Outro ponto importante na obra de Hjelmslev caro à teoria semiótica é a exclusão em parte do signo. Para Zilberberg (2006), isso se deve mais a uma abordagem do que a uma escolha. Situa-se a reflexão não no nível do signo (constituído), mas nas partes do signo (constituintes). Ou seja, ao se analisar o plano da expressão e o plano de conteúdo de forma independente, a semiótica abriu para si o campo do discurso. Além disso, ao se substituir significado por plano do conteúdo e significante por plano da expressão, lançam-se bases para o estudo de textos num sentido amplo, ou seja, tudo o que produz sentido. A perspectiva hjelmsleviana permite a análise independente entre conteúdo e expressão. No entanto, esse descolamento se dá unicamente como ferramenta analítica, pois o sentido se constitui a partir da função semiótica. Apesar disso, a possibilidade de análises em separado constitui um caminho teórico-metodológico que leva ao todo da significação.

Após terem sido recuperadas as contribuições imprescindíveis dos linguistas Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, o objetivo do capítulo até aqui foi de traçar as bases das disciplinas que vão dar sustentação teórica às análises realizadas neste trabalho: a semiótica do discurso e a fonética acústica. Em relação à primeira, esses autores a influenciaram sobremaneira, assim como aponta Tatit:

Na realidade, apenas uma das diversas teorias que hoje se dedicam à abordagem do discurso e do texto pode ser considerada inteiramente comprometida com os princípios do pensamento saussuriano, trata-se da semiótica, que (...) jamais deixou de reconhecer sua dívida principal com o projeto científico globalizado de L. Hjelmslev, erigido, por sua vez, sob a metodologia linguística de Saussure (1997:73).

Dessa forma, apresentam-se, a seguir, alguns elementos da semiótica do discurso, até mesmo pela continuidade natural entre as obras de Saussure/Hjelmslev e Greimas. Em seguida, abordar-se-á a perspectiva da fonética acústica. Fiorin (1995) reafirma a possibilidade de o conteúdo ser analisado separadamente da expressão, de modo que se propõe uma abordagem dupla pelas disciplinas em questão, que, como poderá ser visto, convergem em alguns aspectos.

1.2.1 – A semiótica do discurso: da semântica à semiótica

Foi a partir da obra *Semântica estrutural*, publicada originalmente em 1966, que Algirdas Julien Greimas (1917-1992), linguista lituano radicado na França, lança as bases do que será conhecido posteriormente como semiótica greimasiana, Escola de Paris ou semiótica narrativa ou do discurso. Para Greimas (1976), “(...) o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (GREIMAS, 1976:11). O autor acrescenta que é pela pesquisa das significações que as ciências humanas podem encontrar um denominador comum. Assim, a semiótica, ou o estudo do sentido, seria o que estaria na base das ciências humanas em geral. Em *Semântica Estrutural*, obra seminal da semiótica estabelecida por Greimas, o autor vai reclamar à semântica um lugar de maior destaque, junto aos outros ramos da linguística, como, por exemplo, a fonologia. O fato apontado pelo autor de a semântica ser a “parente pobre”, deriva da dificuldade em determinar métodos próprios a essa disciplina. E é justamente essa a contribuição de *Semântica Estrutural* às teorias da significação e, mais especificamente, à semiótica.

A primeira escolha metodológica feita por Greimas é tomar a percepção do sentido como “o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1976:15), ou seja, as significações se encontram no nível da percepção. Disso decorre que, como poderá ser visto, a semiótica se preocupa não com o sentido ontológico, mas como o seu parecer. Outra definição metodológica greimasiana é a classificação dos significantes, segundo a ordem sensorial, como visuais, auditivos, táteis etc. Isso implica a noção de texto como tudo o que produz sentido, podendo ser considerados textos objetos tão diversos como uma fotografia, uma canção ou uma partida de futebol.

A concepção de estrutura para Greimas se relaciona com a afirmação saussuriana de que a língua é feita de oposições. Graças à possibilidade de perceber as diferenças, o mundo toma forma. No plano linguístico, perceber as diferenças significa captar dois termos-objetos como simultaneamente presentes, e disso decorrem duas consequências: (1) um único termo-objeto não comporta significação, (2) já que esta se dá pela relação entre seus termos. E as estruturas de significação se manifestam na comunicação, pois é aí que o significado encontra o significante. E, pela comunicação, juntam-se as unidades mínimas do discurso: o fonema e o lexema. Nota-se que não existe isomorfia entre os planos de expressão e conteúdo, pois, um fonema não corresponde a um lexema, mas à combinação de fonemas. A análise entre os dois planos deve ser feita em separado e deverá perceber os semas presentes em cada lexema.

Assim, para Greimas, é possível e necessário utilizar o significado para o estudo do significante e vice-versa. A relação entre semas e lexemas pode ser expressa no quadro a seguir proposto por Greimas (1976:48). Lexemas, *grosso modo*, seriam as entradas de dicionário, ao passo que os semas, seriam os traços distintivos do conteúdo entre elementos de mesma base semântica. A cada lexema deve corresponder ao menos um semema, ou seja, uma acepção possível, estabelecida culturalmente.

Transcreve-se aqui parte do quadro para a exemplificação entre a relação desses termos. No quadro se encontram os lexemas *alto*, *baixo*, *longo*, *curto*, *largo* e *estreito* e os semas espacialidade, dimensionalidade, verticalidade, horizontalidade, perspectividade e lateralidade.

Lexemas ↓	Semas →	espacialidade	dimensionalidade	verticalidade	horizontalidade	perspectividade	lateralidade
alto		+	+	+	-	-	-
baixo		+	+	+	-	-	-
longo		+	+	-	+	+	-
curto		+	+	-	+	+	-
largo		+	+	-	+	-	+
estreito		+	+	-	+	-	+

Tabela 2: lexemas e semas

A semântica estrutural, proposta por Greimas, pretende agir analogamente à fonologia, cujos fonemas são formados por femas, isto é, traços distintivos do plano da expressão. Exemplificando, o /b/ é um fonema que possui os traços de bilabialidade e vozeamento, ao passo que o /p/ possui bilabialidade, mas não possui vozeamento. Fiorin (2003), no entanto, aponta que fazer uma análise exaustiva do plano de conteúdo, tal como propôs Greimas, resultou numa impossibilidade. A ideia de decompor signos em figuras foi abandonada, por não terem sido obtidos resultados satisfatórios, a não ser com palavras do mesmo campo semântico, como *cadeira*, *banco*, *pufe* etc. A ideia de utilizar a mesma abordagem da fonologia para a semântica foi então deixada de lado. O próprio Greimas o reconhece no ensaio *Sobre o Sentido* dizendo:

Assim deixamos cada vez mais de considerá-lo [o sentido] como um encadeamento linear e uniplano das significações nos textos e nos discursos. Começamos a compreender o que há de

ilusório no projeto de uma semântica sistemática que articularia, como uma fonologia, o plano do significado de uma língua determinada (GREIMAS, 1975:17).

No entanto, Greimas, ao dotar a semântica de métodos próprios de análise, por "(...) refletir acerca das condições pelas quais seja possível um estudo científico da significação" (GREIMAS, 1976:14), acaba estabelecendo as bases para a semiótica. O salto da semântica para a semiótica realizou-se quando se percebeu que o texto tem uma estruturação própria e não é uma mera somatória das frases ou de palavras. Para o autor, "Só uma semiótica de formas como esta poderá surgir, num futuro previsível, como a linguagem que permite falar do sentido" (GREIMAS, 1975:17). Dessa forma, a então semântica estrutural deixa de se interessar pela totalidade da descrição do plano do conteúdo das línguas naturais e a semiótica, termo cunhado em seguida, põe em seu escopo a descrição e explicação dos mecanismos que engendram o sentido. Assim, extrapolam-se os domínios da semântica (a palavra e a frase) e se passa a apreender como se constrói o sentido do texto como um todo. Faz-se necessário agora definir o domínio da semiótica.

1.2.2 – Semiótica e sentido

De acordo com Bertrand, "O objeto da semiótica é o sentido" (2003:11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é "o parecer do sentido" (BERTRAND, 2003:11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens.

Já que o objeto da semiótica é o sentido, é conveniente falar um pouco mais sobre esse ele. Para Greimas, é "extremamente difícil falar do sentido e dizer alguma coisa significativa" (1975:07), segundo o autor, só se poderia falar do sentido de forma conveniente se se criasse uma metalinguagem para isso, ou seja, construir uma linguagem que não significasse nada. Sabe-se, entretanto, que essa linguagem desprovida de sentido é inconcebível. Para complicar, vive-se num mundo significante e o sentido se coloca como um "‘sentimento de compreensão’ absolutamente natural" (1975:12). Paradoxalmente, a língua natural nunca é denotativa, mas

possui diversos planos de leitura. Para Greimas, viver sob a constante ameaça da metáfora é um estado normal da condição humana. Assim, questionar a construção de sentidos num mundo em que as coisas parecem naturalmente significar, é uma tarefa metalinguística difícil. A descrição semiótica da significação seria, portanto, a construção de uma linguagem artificial adequada para falar da construção do sentido, “porque a forma semiótica é exatamente o sentido do sentido” (1975:17).

Para Greimas, “O sentido enquanto forma do sentido, pode ser definido então como a possibilidade de transformação do sentido” (1975:15), em outras palavras, produzir sentido é transformar um sentido dado. O sentido não é apenas o que dizem as palavras, mas ele é, antes de mais nada, uma direção. Para Fontanille (2007), essa direção equivale a tender a algo: “(...) o sentido designa um efeito de direção e de tensão mais ou menos conhecível produzido por um objeto, uma prática ou uma situação qualquer” (FONTANILLE, 2007:31). A significação, por sua vez, segundo esse autor, é o produto organizado pela análise. A significação diz respeito a uma unidade, “e repousa na relação entre um elemento da expressão e um elemento do conteúdo” (2007:32). Contrariamente ao sentido, a significação é sempre articulada. Ela só é reconhecível após segmentação e comutação e só se pode apreender a significação por meio das relações que uma unidade estabelece com as outras. O termo *significância*, por sua vez, diz respeito à globalidade de efeitos de sentido de um conjunto estruturado e não corresponde ao das significações. Segundo Fontanille (2007), hoje em dia, *significância* quase já não é utilizada; no seu lugar, usa-se o termo *significação*, já que não se acredita que o local (a parte) determina o global (o todo). Utiliza-se então *significação* numa acepção genérica que substitui *significância*.

1.2.3 – Semióticas

Além da semiótica estabelecida por Greimas, reconhece-se a existência de outras correntes³, tais como a americana, que é calcada na obra do filósofo e pensador Charles Sanders

³ Além das correntes americana e francesa, destaca-se ainda a semiótica russa ou semiótica da cultura, segundo a qual, “a cultura é entendida como texto e a comunicação, como processo semiótico” (citado de <http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/semicult.htm> acesso em 05/05/2007) e tem como maior expoente Iuri Lotman. Mais recentemente, a partir da década de 1980, desenvolve-se, na Austrália, a semiótica social ou sociossemiótica, “ciência que analisa e estuda os signos na sociedade” (Pimenta, 2007:153), a partir dos trabalhos de Michael Halliday.

Peirce (1839-1914) e se atém fundamentalmente ao modo de produção do signo e sua relação com a realidade referencial. Trata-se de uma semiótica lógica, filosófica, desvinculada de qualquer ancoragem nas formas languageiras (BERTRAND, 2003:14).

A semiótica de linha francesa tem filiação saussuriana e hjelmsleviana, por isso, é ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais e na concepção de que a língua é uma instituição social. A diferença fundamental entre as duas correntes semióticas aqui apontadas é que a primeira é fundamentalmente lógica e de filiação filosófica, ao passo que, a francesa, ou Escola de Paris, é fundamentada nas teorias da linguagem e do discurso. Ambas, muitas vezes tomadas como sinônimas, têm em comum o fato de atravessarem a fronteira da palavra ou da frase: diferentemente da semântica, elas se preocupam com o texto.

A semiótica francesa, para se constituir, foi influenciada por três áreas do conhecimento: a linguística, a antropologia e a filosofia. Para escrever a obra fundadora da semiótica da qual já se falou, *Semântica Estrutural* (1966), Greimas teve como alicerce os trabalhos de Saussure e Hjelmslev, que são também base para este trabalho. A antropologia cultural, pelos trabalhos de Lévi-Strauss e Marcel Mauss, também influenciaram a semiótica. A conexão entre as duas disciplinas está no estudo daquilo que rege e permeia o discurso: a cultura, ou seja, como ela dá forma ao imaginário humano. A última influência é um ramo da filosofia chamado fenomenologia. Esta se preocupa com o parecer de um objeto empírico, ontológico, enquanto, para a semiótica, o parecer é construído no e pelo discurso, quer dizer, não existe a preocupação com uma correspondência entre mundo real e signo linguístico.

Por fim, aponta-se para uma concorrência entre os termos semiótica e semiologia. Para Bertrand, “a distinção teórica e metodológica entre semiótica e semiologia (...) está mais ligada às transformações históricas de sua formação recente no campo das ciências da linguagem” (2003:12). Semiologia, portanto, estaria mais ligada à obra de R. Barthes, enquanto a semiótica – do discurso – remeter-se-ia a A. J. Greimas. No entanto, além dessa diferença, enquanto a semiologia se preocupa com a “vida dos signos no seio da vida social” (idem), a semiótica se preocupa com o sentido suscitado pelo signo. Esta, portanto, se interessa pela significação. Do signo empírico ela não diz quase nada; seu projeto não é o signo, mas as relações subjacentes que produzem a significação. Para J. C. Coquet, “O objeto da semiótica é explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (apud Bertrand, 2003:115). Trata-se de uma ciência que procura explicitar as condições de produção e apreensão do sentido.

1.2.4 – O percurso gerativo de sentido

Segundo Fiorin (1999), o projeto greimasiano foi de criar uma teoria gerativa, sintagmática e geral. Sintagmática porque se preocupa não apenas com o conteúdo, mas com o texto (expressão + conteúdo); é geral porque se interessa por qualquer tipo de texto (veiculado em qualquer materialidade); e é gerativa porque concebe o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: “Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo” (FIORIN, 1999). Tal percurso leva em conta o trabalho do russo Vladimir Propp, que reuniu um inventário das variantes do *Conto Maravilhoso Russo*, que somavam 31 funções.

Para a semiótica, um texto pode ser fatiado em camadas, pelas quais se dá o percurso gerativo de sentido, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Tem-se, assim, nesta ordem, o nível fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias; a sintaxe seria o mecanismo que ordena os conteúdos, e estes estariam no domínio da semântica.

No nível fundamental, mais especificamente na semântica fundamental, a significação se apresenta por uma oposição, por meio de estruturas fundamentais que se opõem. Para Barros (2003), os termos dessa oposição são determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos, que podem ter um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Tais termos são negados e afirmados por meio de operações de sintaxe elementar e podem ser representados por meio de um modelo lógico de relações, chamado quadrado semiótico. A sintaxe fundamental se ocuparia de tais relações, que podem ser de contrariedade, contraditoriedade e implicação. No quadrado semiótico mostrado a seguir, os termos a vs b mantêm entre si uma relação de contrariedade, assim como ocorre com os termos $não-a$ vs $não-b$. Entre a e $não-a$ e b e $não-b$ existe uma relação de contradição ou contraditoriedade. Além disso, $não-a$ mantém com b , assim como $não-b$ com a , uma relação de implicação ou complementaridade:

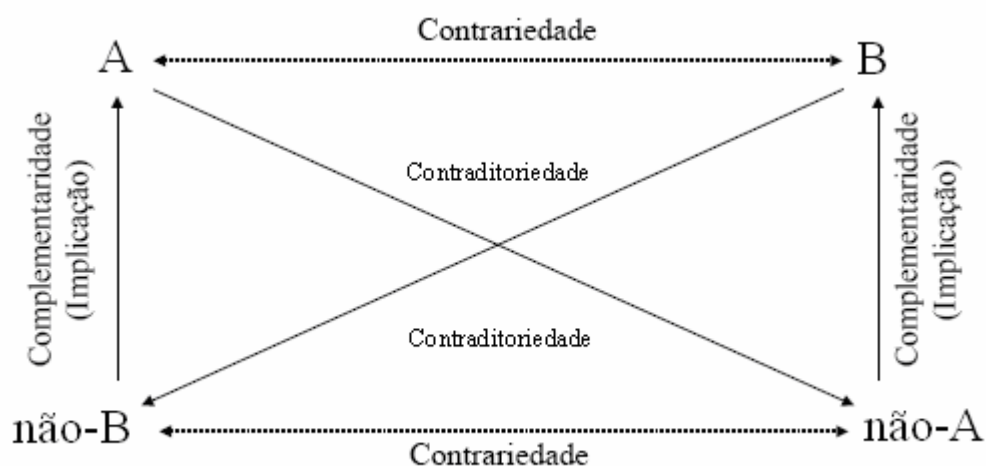


Figura 4: relações no quadrado semiótico

Esses termos hipotéticos a e b podem ser representados por categorias semânticas fundamentais em oposição tais como vida *versus* morte, liberdade *versus* dominação etc. Salienta-se que a disforia ou euforia de uma categoria semântica não se dá de antemão, mas se constrói no e pelo texto. Assim, *morte* não é necessariamente uma categoria disfórica, nem *vida*, uma categoria eufórica *a priori*. Um suicida, para quem viver é insuportável, tem a morte como categoria semântica eufórica, por exemplo. Isso, porque, de acordo com Tatit,

(...) o ser vivo não se relaciona com (...) categorias semânticas sem nelas imprimir sua marca sensível. (...) de acordo com o contexto de exame, todo microuniverso semântico contém um índice *axiológico* (...), portador de valores considerados atraentes ou repulsivos (TATIT, 2006:199).

No quadrado semiótico, um estado A não se converte a um estado B, sem antes passar pela negação do próprio estado A. Euforia e disforia são, de acordo com esse autor (2006), articulações da categoria *foria*, que significa “força que leva adiante”. A categoria eufórica encontra-se em estado de relaxamento, ao passo que a disfórica em estado de tensão. Do mesmo modo, a categoria não-disfórica encontra-se num estado de distensão, enquanto a não-eufórica, em estado de retensão.

Os conteúdos do nível fundamental são concretizados em objetos, quando passam para o nível narrativo. Assim, neste nível, o sujeito se encontra em conjunção ou disjunção com tais objetos. Se no nível fundamental houvesse a oposição vida *versus* morte, no nível narrativo, dir-se-ia que um sujeito está em disjunção ou em conjunção com o objeto vida. Uma narrativa

compreende uma mudança de estado, que pode se realizar tanto de forma implícita ou explícita. Em outras palavras, uma narrativa para essa teoria é a mudança de estado de um sujeito em relação a um objeto.

No nível narrativo, especificamente na sintaxe narrativa, essas transformações obedecem a uma sequência canônica, chamada de programa narrativo. Essa sequência é composta então de quatro fases, sendo que a fase seguinte sempre pressupõe a(s) anterior(es). Dessa forma, tem-se a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção. A manipulação é quando um sujeito transmite a outro um querer ou um dever fazer. Para a semiótica, existem quatro tipos de manipulação: por tentação, por sedução, por provocação e por intimidação. No primeiro caso, um sujeito oferece um objeto de valor positivo a outro sujeito, caso esse aceite ser manipulado; no segundo, o sujeito cria uma imagem positiva do outro sujeito, e para que essa imagem seja mantida, ele aceita a manipulação. No terceiro tipo, um sujeito faz uma imagem negativa do outro sujeito, com o intuito de que este faça o que se pede para reverter tal imagem e, por fim, pela intimidação, oferece-se um objeto de valor negativo, caso não seja feito o que se pede. Na fase da competência, um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer a outro. Na terceira fase, a *performance*, ocorre a transformação principal da narrativa e, na última, a sanção, tem-se o reconhecimento de que a *performance* de fato ocorreu. Note-se ainda que há dois tipos de sanção: a pragmática e a cognitiva. No primeiro caso o sujeito é sancionado pragmaticamente, ou seja, recebe algum tipo de punição ou prêmio e, no segundo, existe o reconhecimento da *performance*, mas não há prêmios ou castigos de fato. Como aponta Fiorin (1999), “A sequência canônica não é uma fôrma onde se faz caber a narrativa”, ou seja, os textos ao serem analisados podem não conter uma transformação explícita, uma vez que o programa narrativo pode ser realizado até a fase da manipulação ou da competência, sem chegar à *performance* ou à sanção. No nível narrativo, há dois tipos de objetos buscados pelo sujeito: os objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e os objetos de valor. Salienta-se que os objetos modais são necessários para a obtenção dos objetos de valor.

Para Barros (2002), a semântica narrativa, por sua vez, é o lugar onde se realizam as atualizações dos valores. As categorias semânticas de base do nível fundamental, ao passarem ao nível narrativo, são convertidas em valores, mediante inscrição em um ou mais objetos em junção com o sujeito. Assim, tais categorias passam a ser valores narrativos e valores modais (saber, poder, querer, dever). As categorias modais ou modalidades determinam as relações que ligam o

sujeito ao objeto. As paixões, na semântica narrativa, são entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Segundo Greimas e Fontanille (1993:21), as paixões aparecem no discurso criando efeitos de sentido muito particulares. Esses autores comparam tais efeitos a um cheiro que não se identifica facilmente. Para a semiótica, essa peculiaridade tem a ver com a organização discursiva das estruturas modais, principalmente no que se refere à modalização do estado do sujeito, ou seja, se quer, pode, deve ou sabe. Dessa forma, objeto desejado faz do sujeito um sujeito desejoso: “a modalização do estado incide sobre o objeto ou, mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute na existência modal do sujeito”. (FIORIN, 2007:04). Para a semiótica das paixões, há paixões simples, resultantes de uma única modalização do sujeito, e paixões complexas, que encadeiam vários percursos modais. Fiorin (2007) exemplifica a paixão da cobiça como uma paixão simples, que se define por um querer-ser, enquanto para Greimas (1983), a paixão da cólera teria um percurso complexo, pois pressuporia um estado de frustração, que seria seguido por um estado de descontentamento e que desembocaria num estado de agressividade. No último nível, o discursivo, é onde as estruturas se tornam mais concretas e complexas. Segundo Fiorin (1999:s/n),

O percurso gerativo é composto de níveis de invariância crescente, porque um patamar pode ser concretizado pelo patamar imediatamente superior de diferentes maneiras, isto é, o patamar superior é uma variável em relação ao imediatamente inferior, que é uma invariante.

Dessa maneira, aquele sujeito do nível narrativo, em disjunção com o objeto vida, poderia ser representado por *Estudante universitário foi morto por três tiros a queima-roupa na madrugada de ontem*. Nas estruturas discursivas, a concretização pode ocorrer tanto por tematização, por termos abstratos, ou por figuração, por termos concretos. Assim, encontram-se textos que são mais figurativos, como na literatura, e textos que são mais temáticos, como os científicos. Na semântica discursiva, o texto é composto por uma recorrência de traços que a semiótica chama de isotopia, ou seja, aquilo que possibilita um ou mais planos de leitura para o texto.

A sintaxe discursiva se organiza em torno das projeções da enunciação no enunciado para persuadir e manipular o enunciatário. Essas projeções abarcam a temporalização, a espacialização e a actorialização, isto é, pessoa, espaço e tempo em que se ancora o texto. Dessa forma o uso de uma pessoa no lugar de outra, de um tempo no lugar de outro ou de um espaço no lugar de outro

são estratégias que criam efeitos de sentido que visam à manipulação do enunciatário, como mostra Fiorin (2002):

Todos esses mecanismos produzem efeitos de sentido no discurso. Não é indiferente um narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento de enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ele*, *etc* (FIORIN, 2002:54).

1.2.5 – Críticas à teoria

Segundo Lara e Matte (2007a), a teoria semiótica é muitas vezes acusada de ser como uma “camisa de força”, que tenta encaixar o texto a todo custo num modelo canônico. Para as autoras, ao invés disso, a semiótica se presta a “verificar os usos que o texto faz de uma dada estrutura para construir seu sentido específico” (LARA & MATTE, 2007a:01). Os modelos canônicos estabelecidos pela teoria semiótica, numa análise, “são convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso” (idem). É cada análise que vai, então, desconstruir o texto para perceber como são engendrados os sentidos ali presentes, o que significa dizer que cada análise será uma análise e não um modelo dentro do qual devem caber todos os elementos do texto:

Diferentemente de engessar uma análise, a narrativa tem o poder de explicitar relações lógicas que o discurso manipula a fim de produzir efeitos de sentido. Em outras palavras: se a semiótica oferece modelos (enunciativos, narrativos, figurativos e passionais) para a análise, esses modelos não são dados de uma vez por todas, mas convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso (LARA & MATTE, 2007b:01).

Outra crítica recorrente à teoria estabelecida por Greimas é o fato de a semiótica ser “(...) uma teoria que desconsidera o contexto, que deixa de lado a história, que se mostra, enfim, imperdoavelmente estruturalista” (LARA & MATTE, 2007b:01). Na semiótica prioriza-se, sim, o texto, ou seja, os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido. No entanto, a teoria não ignora que os contextos histórico ou social sejam também textos, que podem estar em diálogo com o texto em análise. A semiótica, portanto, ao privilegiar o texto, não exclui o contexto, “Apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção” (LARA & MATTE, 2007b:01). Essa direção à qual se referem as autoras tem a ver com a base estruturalista, estabelecida por Saussure e Hjelmslev.

No entanto, ser estruturalista passou a ser quase um “crime” e diz-se que a semiótica estaria passando por uma fase pós-estruturalista. Há que se salientar, entretanto, que foram justamente as bases estruturalistas que permitiram à semiótica adentrar os campos da enunciação, das paixões, da expressão e da continuidade. Ao beneficiar-se dos estudos no campo da enunciação, a semiótica não abandona o enunciado, mas o associa à sua produção em ato.

1.2.6 – Semiótica e tensividade

Para Fontanille (2007), são quatro as estruturas elementares da significação: a binária, o quadrado semiótico, a estrutura ternária e a estrutura tensiva. As primeiras são oposições, muitas vezes privativas, entre contrários. Por exemplo, os termos *masculino* e *feminino* se opõem sob o mesmo eixo, o da sexualidade, obedecendo ao princípio da contrariedade. A segunda estrutura elementar de significação, o quadrado semiótico, apresenta dois tipos de oposições binárias em um sistema que administra a presença simultânea dos traços contrários, assim como a presença e a ausência desses dois traços. Assim, como se exemplificou no item 1.2.4 deste capítulo, no quadrado semiótico, um elemento como vida é contrário à morte; ao mesmo tempo, contraditório à não-vida e complementar à não-morte.

A estrutura ternária foi desenvolvida pela obra do pensador C. S. Peirce e não se trata de estrutura de significação em termos de categoria, como as duas anteriores, mas dos níveis de apreensão dessa categoria, ou ainda, três modos de apreensão da significação. Para Peirce, há três níveis dessa apreensão: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. No primeiro nível, apreendem-se as qualidades sensíveis/emotivas do mundo, ou seja, a qualidade em si, por exemplo, a sensação de molhado. O segundo nível comporta dois elementos, a qualidade relaciona-se com outra coisa que não ela mesma, a sensação de molhado, neste nível, relacionar-se-ia com a chuva que cai, por exemplo. No terceiro nível, que comporta três elementos, apresenta-se como uma lei ou uma convenção, como exemplo, pode-se ter “está molhado”. Segundo Fontanille (2007), a tríade peirciana se refere, quando se pensa na elaboração de uma linguagem e do funcionamento que a concretiza, às etapas de um processo de produção de sentido ou de interpretação. Essas etapas, por sua vez, dizem respeito às modalidades da elaboração das significações. As propriedades modais caracterizam os níveis de articulação da

significação, que o autor chama de modos de existência. Os modos de existência são quatro: virtualizado, atualizado, realizado e potencializado.

A estrutura tensiva, um desdobramento recente da semiótica chamada *standard*, estabelecida principalmente pela obra de Fontanille e Zilberberg, *Tensão e Significação* (2001), surge como uma possível resposta aos modelos anteriormente propostos, devido às limitações que cada um apresenta. Se o quadrado semiótico apresenta cada categoria como um todo acabado, mas deixa perceber as nuances, as complexidades e as imbricações ocorridas no discurso, o modelo peirciano, apesar de mostrar a relação sensível/inteligível, nada fala sobre os sistemas de valores, em relação aos quais o quadrado semiótico é explícito. Assim, impõem-se exigências ao modelo tensivo, tais como perceber a ligação entre o sensível e o inteligível, resultar na formação de um sistema de valores, levar em conta os estilos de categorização, e respeitar as coisas, assim como elas se apresentam no discurso.

Dessa forma, a principal característica da semiótica tensiva é introduzir o contínuo à teoria. Assim, se a significação é apreensível pela discretização, esta opera sobre um *continuum*, que, segundo Fiorin (2008), já constitui uma potencialidade de sentido. Levando em conta a continuidade, torna-se possível compreender determinados fenômenos linguísticos e textos, nos quais o contínuo e o gradual são tematizados. Na fase que se costuma chamar estruturalista da linguística e da semiótica, o sentido, que é um objeto dinâmico, transformava-se num modelo estático, como se viu com o quadrado semiótico. Esse modelo eliminaria de seu campo de estudo o caráter gradual do sentido. Assim, a semiótica tensiva procura analisar as figuras da ordem da instabilidade, do devir, da gradiência *etc*, objetos que não estavam no escopo da semiótica *standard*.

Pode-se dizer que a semiótica tensiva não se apegava à ideia de estruturalismo, mas à noção de estrutura, que segundo Hjelmslev, é uma “entidade autônoma de dependências internas” *apud* Fiorin (2008:01), o que significa que se mantém a ideia de que a significação nasce das relações, mas não há um compromisso com as oposições privativas. Além disso, assume-se que o contínuo e o descontínuo são modos pelos quais o sentido se apresenta e, finalmente, atribui-se um lugar ao andamento e à velocidade, que levam em conta o devir. Assim, para Zilberberg (2006), a estrutura formula, o devir orienta e o andamento dirige a duração do devir.

Segundo Fontanille, antes de qualquer categorização, uma grandeza para o sujeito do discurso se expressa em uma “presença sensível” (2007:75). Essa presença se efetua em termos

de intensidade, da ordem do sensível, e de extensão (ou extensidade), da ordem do inteligível. Por exemplo, em relação aos elementos naturais, antes de se reconhecer a água, por exemplo, reconhece-se o fluido. Cada efeito de presença, para ser qualificado de fato como uma presença, associa, de um lado uma extensidade (posições e quantidades) e, de outro uma intensidade (forças). Para a semiótica tensiva, a articulação entre intensidade e extensidade é chamada de correlação: “A correlação será estabelecida a partir de uma certa qualidade e de uma certa quantidade da presença sensível antes mesmo que uma figura seja conhecida” (FONTANILLE, 2007:76). Tensividade é então o eixo semântico em que se articulam intensidade e extensidade. Tanto a intensidade como a extensão são eixos graduais, e no espaço compreendido entre eles se realiza a correlação. O eixo vertical é o da intensidade, ao passo que o horizontal, o da extensidade, como se vê a seguir:

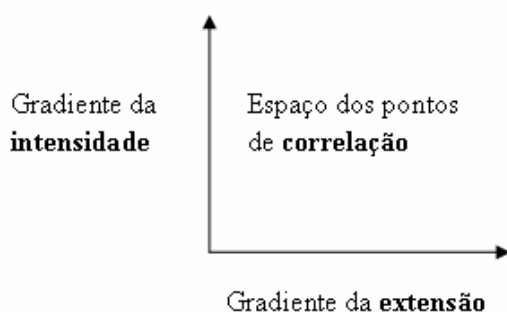


Figura 5: gradiente da extensão no eixo x e gradiente da intensidade no eixo y

O eixo da intensidade caracteriza o domínio interno, que vai ser o plano de conteúdo; o eixo da extensidade caracteriza o domínio externo e se relaciona ao plano de expressão. A correlação resulta no efeito da presença do sensível. Considerando o espaço interno entre os dois eixos, todas as combinações entre intensidade e extensidade são possíveis. Existem dois tipos de correlação: a direta e a inversa. No caso da primeira, quanto maior a intensidade, maior será a extensidade e, no caso da inversa, quanto menor a intensidade, maior será a extensidade. Valores são, dessa forma, posições relativas dessas correlações, ou ainda, diferenças entre essas posições. As valências, por sua vez, são os dois eixos do espaço externo.

A intensidade possui duas subdimensões: andamento e tonicidade. A extensidade, por sua vez, possui as subdimensões da temporalidade e da espacialidade. Salienta-se ainda que a intensidade regula a extensidade, de modo que o tempo e o espaço são controlados pela

intensidade. O andamento rege a temporalidade (duração) e a tonicidade governa a espacialidade (profundidade), como se observa no esquema:

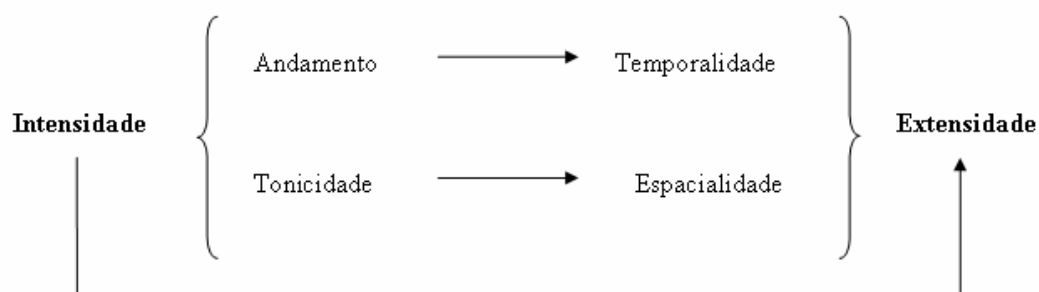


Figura 6: subdivisões da intensidade *versus* subdivisões da extensidade

Assim, quanto maior a tonicidade, mais forte o andamento e quanto menor a tonicidade, mais lento o andamento. Da mesma forma, quanto maior a espacialidade, maior a temporalidade e quanto menor a espacialidade, menor será a temporalidade. O produto da tonicidade e do andamento é o impacto, ou valores do absoluto; o resultado da maior extensão temporal e espacial é a universalidade, ou valores do universo. A intensidade é então a dimensão que rege a extensidade, se dividem em andamento e tonicidade e espacialidade e temporalidade. Cada uma dessas subdivisões é dotada dos foremas posição, dimensão e elã. O cruzamento de três foremas com quatro subdimensões produz doze pares de valências como se vê no quadro proposto por Zilberberg (2006):

dimensões	intensidade regente		extensidade regida	
subdimensões	andamento	tonicidade	temporalidade	espacialidade
foremas				
direção	aceleração vs desaceleração	tonificação vs atonização	foco vs apreensão	abertura vs fechamento
posição	adiantamento vs retardamento	superioridade vs inferioridade	anterioridade vs posterioridade	exterioridade vs interioridade
elã	rapidez vs lentidão	tonicidade vs atonia	brevidade vs longevidade	deslocamento vs repouso

Tabela 3: subdimensões e foremas

Para Fontanille (2007), a estrutura tensiva resulta de quatro etapas: a identificação das dimensões da presença sensível; a correlação entre as dimensões; a orientação dessas dimensões e a emergência de quatro zonas típicas, assim como no exemplo dos elementos naturais. De acordo com esse autor, o modelo tensivo obedece às exigências impostas pelas limitações dos modelos anteriores, além do fato de que as regras de constituição de uma linguagem são respeitadas, “(...) já que a correlação e a orientação das duas dimensões resultam da tomada de posição de um corpo perceptivo, que esquematiza a presença sensível e a divide entre um domínio interno (a intensidade) e um domínio externo (a extensão)” (2007:82). Dessa forma, pode-se afirmar que a semiótica tensiva busca uma teorização sobre a natureza do sensível além de perceber o sentido como um contínuo. Se o estruturalismo negligenciou a “elasticidade” (ZILBERBERG, 2006) do discurso, a semiótica tensiva busca conjugar as relações da estrutura, levando em conta os diferentes graus de intensidade e extensidade. Pode-se dizer que a fonética acústica procede analogamente ao estudar o contínuo sonoro. Apresentam-se, a seguir, alguns fundamentos da outra disciplina que aqui se propõe articular com a semiótica do discurso.

1.3 – A fonética acústica: um breve panorama

O som é o resultado final da fala e para entender a fonética acústica, começar-se-á a falar sobre como se percebe esse elemento acústico. Para Ladefoged (1996), umas das dificuldades de se estudar a fala é o fato de o som ser de natureza fugaz, fugidia e transitória. Não há ainda nenhuma ligação visível entre quem fala e quem ouve. O que existe entre interlocutores é ar, e normalmente não é possível perceber as mudanças na condição do ar, ao conduzir o som. Devido a essas condições, o autor julga pertinente, antes de se falar de som, examinar o funcionamento do ouvido humano, por ser algo mais tangível. O ouvido possui uma membrana, o tímpano, que se move com a passagem do ar. Conectado a essa membrana está a cadeia de ossos (bigorna, martelo e estribo), cuja função é transmitir os movimentos da membrana ao líquido que está no ouvido interno. Juntamente desse líquido estão os nervos que conduzem esses estímulos à área de sensação auditiva do cérebro. Assim, movimentos desse líquido estimulam esses nervos, de modo que se experimenta a sensação de ouvir.

O som, por sua vez, seria um distúrbio no ar que ao chegar aos ouvidos teria esse percurso. O som é uma fonte de energia que se desloca no ar causando movimentos em suas partículas, de modo que uma partícula afeta a partícula seguinte. Como se uma bola de bilhar batesse em outra, que, por sua vez batesse em outra e assim sucessivamente. Esse processo se dá por compressões e rarefações sucessivas, e esse fenômeno é conhecido por ondas sonoras:

It is in this way that vibratory motion is transmitted through the air. The individual particles move backward and forward, while the waves of compression move steadily outward. Consequently a listening ear will experience moment of higher pressure followed by moments of lower pressure (LADEFOGED, 1996:08).

Nem todas as variações na pressão do ar são perceptíveis como sons, no entanto, pode-se afirmar que qualquer variação apropriada é uma fonte de som. No caso da voz humana, diferentes flutuações da pressão do ar são causadas principalmente pela abertura e fechamento das cordas vocais. Tais variações na pressão do ar afetam o ar na garganta e na boca, em cada maneira como os sons são produzidos.

Até agora, descreveu-se o som como o movimento das partículas de ar, devido à variação da pressão. No entanto, há uma forma mais apropriada de se representar o som. O microfone que produz essa variação numa voltagem elétrica que é exatamente proporcional às mudanças da pressão do ar pela passagem do som. Com a ajuda de um microfone, pode-se produzir um gráfico da variação da pressão do ar que ocorre durante a emissão de um som qualquer. Assim, a altura de qualquer ponto na curva sobre o centro da linha representa o aumento da pressão do ar. Pontos abaixo da linha indicam a pressão do ar abaixo do nível normal do ar circundante, como se vê a seguir:

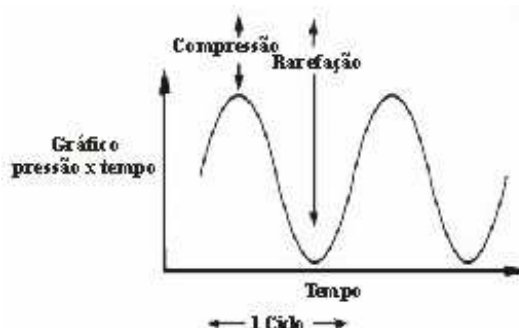


Gráfico 1: tempo no eixo x e pressão no eixo y

As variações na pressão do ar estão diretamente relacionadas aos movimentos das partículas do ar. Picos de pressão ocorrem quando elas se aproximam, e momentos de menor pressão quando elas se afastam. A soma de um pico e um vale resulta numa onda sonora.

Segundo Ladefoged (1996), existem três fatores que podem ser usados para diferenciar os sons: altura, pitch e qualidade. Em relação à altura, um grande movimento da força do som produz um som alto, e um movimento pequeno resulta num som suave. Se se considerar sob o ponto de vista da vibração do ar, um movimento grande da força do som provoca um movimento grande das partículas de ar, o que quer dizer uma grande alteração da pressão dele. Sob o ponto de vista do ouvinte, essa alteração na pressão do ar vai provocar de forma correspondente um grande movimento do tímpano, o que é interpretado como um som alto. A extensão da variação máxima na pressão do ar, a partir da duração normal do som, é chamada amplitude; se a amplitude do som diminui, então o som será percebido mais baixo.

O pitch seria, por sua vez, o índice de variação da vibração por segundo do som. Para Delgado Martins (1988), o pitch (ou tom, na tradução da autora), é a frequência fundamental da voz que se percebe. Quanto maior o pitch, maior o número de vibrações por segundo. Variações na pressão do ar em qualquer som formarão um padrão que se repetirá em intervalos regulares de tempo. Uma variação completa na pressão do ar é chamada de ciclo. O índice em que os ciclos ocorrem é chamado de frequência e medido em hertz. Dessa forma, o pitch depende da frequência ou índice de repetições das variações na pressão do ar. Assim, sons com baixo pitch têm baixa frequência.

Salienta-se que a maioria dos sons não é constituída por ondas simples, como aquelas produzidas por um diapasão. No caso das ondas complexas, as partículas de ar se movimentam de forma irregular. As vogais, por exemplo, causam alterações na pressão do ar de forma complexa. As formas das ondas estão relacionadas à qualidade do som, ou seja, a diferença entre a qualidade do som de um diapasão, piano ou de uma vogal reside na diferença da complexidade da forma da onda sonora. Diferenças em termos de qualidade podem ser descritas numericamente, uma vez que cada som terá uma frequência correspondente. Ladefoged (1996) exemplifica que um [u] teria em torno de 300 Hz, enquanto um [i] teria, por sua vez, 250 Hz.

Segundo Matte⁴, a onda periódica simples tem uma única frequência, de modo que toda sua energia está concentrada num dado nível de energia. Ao contrário, as ondas complexas, formadas por duas ondas simples, terão dois picos em que a energia se concentra; esses picos de energia são chamados de formantes. O espectro da onda mostra o ponto em que há essa concentração de energia. Ondas periódicas raramente acontecem; as mais frequentes são as aperiódicas (ruídos) ou as quase-periódicas. O que caracteriza as vogais são esses picos, formados de muitos harmônicos, mas com uma concentração de energia numa determinada região da frequência. O que distingue um /a/ de um /u/ é a distância entre seus três primeiros formantes, contando do mais grave ao mais agudo.

Relacionando então som, representação e fala, pode-se dizer, por exemplo, que para se produzir a vogal /i/, ocorre um fechamento da região frontal da boca e a criação de uma cavidade pequena, que produz formantes altos. Quando se produz um /u/, ocorre o contrário, ou seja, cria-se uma cavidade na região frontal da boca. Em relação ao /a/, não existe nenhum tipo de fechamento. Segundo Matte (2008), a posição da língua será o principal fator responsável pela configuração formântica. Os formantes produzidos no trato vocal são os três primeiros: F1, F2 e F3. Esses são os formantes principais para se distinguir os sons da fala. O quarto e quinto formantes são responsáveis por criar efeitos de emoção e intenção na fala. O F0 ou frequência fundamental é o único formante que é produzido pela vibração das pregas vocais. O espectro é a representação dos picos de energia, como se fosse uma foto. O espectrograma, por sua vez, é a representação dinâmica dessas fotos, como se fosse um filme que vai mostrando os picos de energia de forma temporal.

Em relação aos sons da fala do português do Brasil (PB), podemos dividi-los em vogais, oclusivas, fricativas, nasais, laterais e vibrantes. Nas vogais, o fluxo de ar é livre e geralmente há vozeamento, isto é, vibração das cordas vocais. Uma vogal se diferencia da outra pela configuração do tubo do trato vocal (maior ou menor abertura) e pelo levantamento da língua. Nas oclusivas, ocorre a interrupção do fluxo do ar justamente pela oclusão e em seguida ocorre uma explosão, pelo aumento da pressão na boca. O que diferencia uma oclusiva de outra é o ponto de oclusão ou o fato de ser sonora ou surda. Nas fricativas, ocorre uma diminuição do espaço por onde passa o ar, a ponto de se criar um ruído pela simples passagem desse ar. Essas

⁴ No curso on-line sobre fonética acústica, ofertado pela Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Fricke Matte, disponibilizado em <http://transtextual.semiofon.org/moodle/course/view.php?id=7>, acesso em 17/06/2008.

também se diferenciam por serem surdas ou sonoras. Em relação às nasais, há um fechamento do trato bucal e uma abertura do nasal. Segundo Matte⁵, “A oclusão na boca produz o retorno das ondas que ali ressoam, provocando apagamento de alguns formantes”. Quanto às laterais, a língua provoca o fechamento parcial da boca. Dessa forma, o som sai pelas laterais e há também apagamento das ondas que ressoam na parte fechada pela língua. Por fim, configuram as vibrantes, cuja simples é conhecida como *tap*, uma oclusão rápida e, muitas vezes, é relaxada a ponto de não concluir a oclusão, ficando parecida, no espectro, com uma lateral. O fonema /r/, para Matte, pode ter muitas variantes, por exemplo, o /r/ carioca, gaúcho, mineiro, nordestino, entre vogais, em final de frase etc.

Matte arrola alguns exemplos de como se comportam acusticamente alguns dos sons da fala do PB. O /u/ geralmente não mostra o terceiro formante, porque possui pouca energia, como se vê a seguir, no espectrograma e na curva de onda de um /u/. Salienta-se, entretanto, que na grande maioria dos casos de fala, a transição faz com que essas linhas horizontais e paralelas sejam modificadas na passagem de um som a outro, geralmente afetando boa parte de cada sinal de fala. As figuras apresentadas a seguir foram produzidas no *Praat* e são tanto do *corpus* da pesquisa, como de gravações feitas com o intuito de gerar ilustrações.

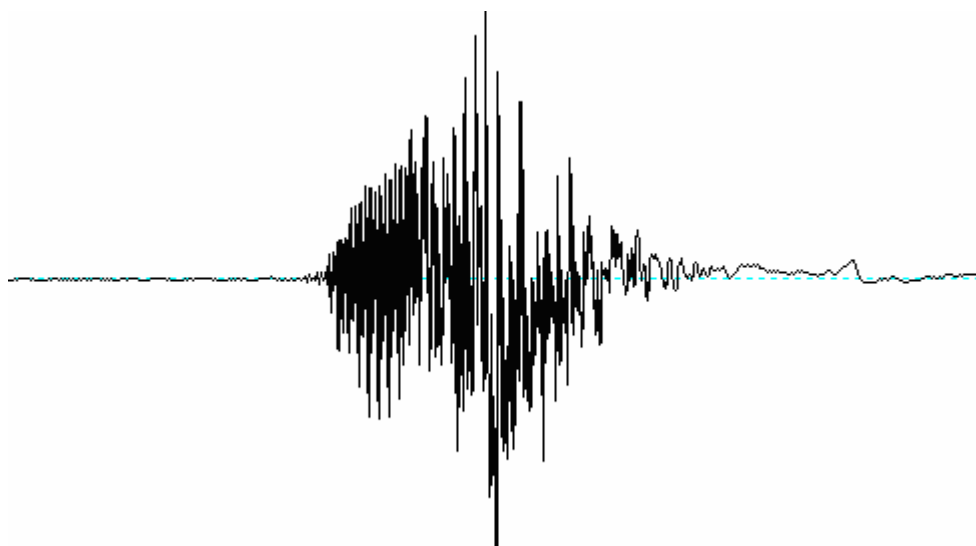


Figura 7: curva de onda de /u/

⁵

Idem.

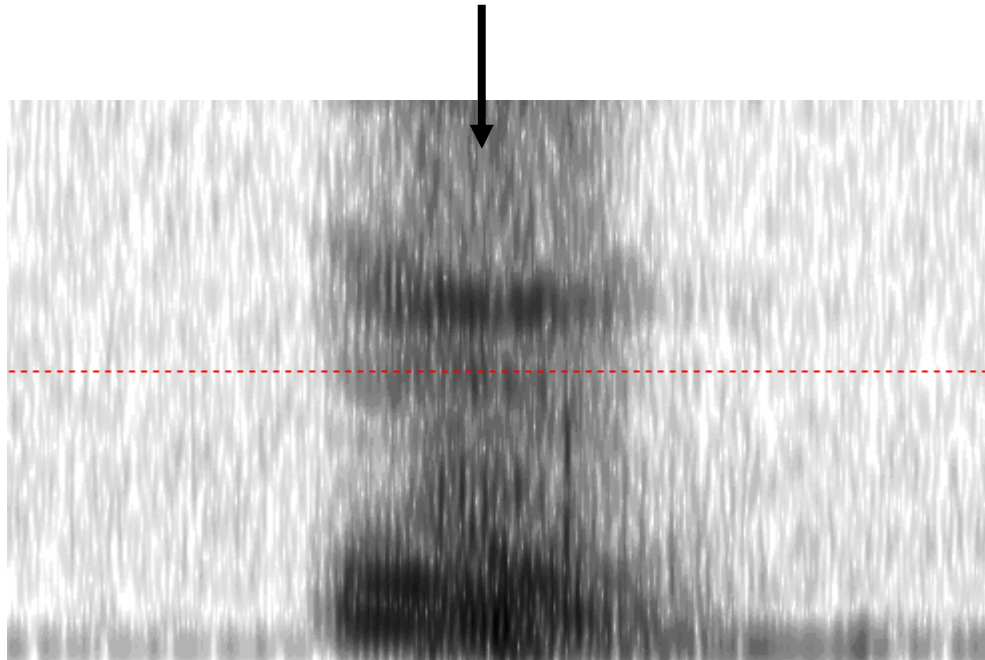


Figura 8: espectrograma de /u/

O caso da nasal /m/, ocorre apagamento de ondas como principal características. O som que vem da laringe entra na boca e no nariz (pois o caminho para a narina, geralmente fechado, está aberto). “A boca, geralmente aberta, está fechada nos lábios. O som entra na cavidade bucal e, ao bater no obstáculo lábios retorna, apagando todas as ondas iguais que encontrar pelo caminho. Esse apagar é gradual: ondas semelhantes têm sua amplitude diminuída também, embora não sejam totalmente apagadas” (Matte, 2008). Mostra-se a seguir um exemplo de curva de onda e de espectrograma da nasal /m/:

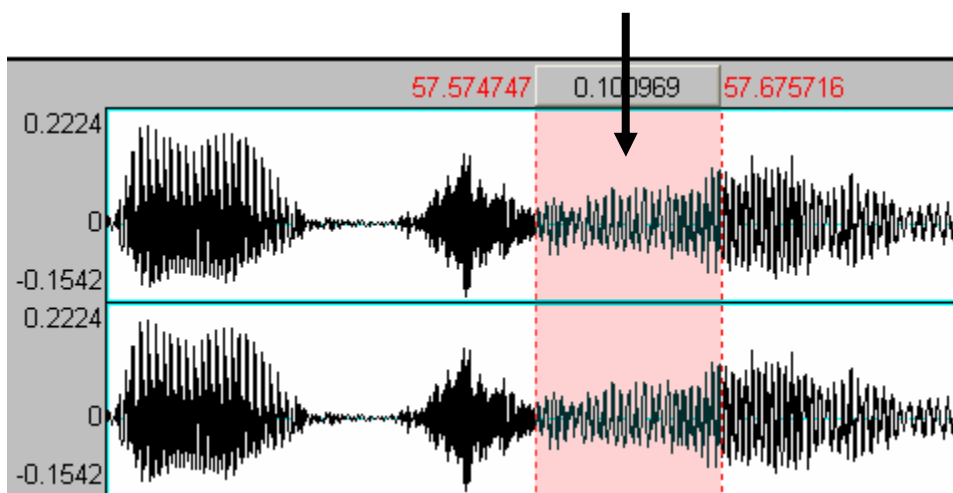


Figura 9: curva de onda de nasal /m/

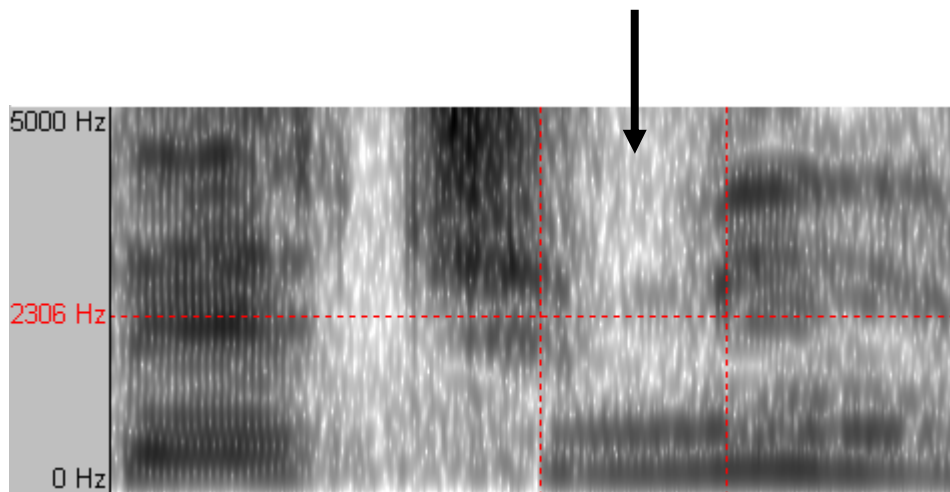


Figura 10: espectrograma de nasal /m/

Em relação à oclusiva /p/, ocorre um fechamento total seguido de explosão, ou seja, uma abertura abrupta devido ao aumento de pressão intra-bucal. Essa explosão aparece na curva de onda como uma "sujeirinha", como se vê a seguir:

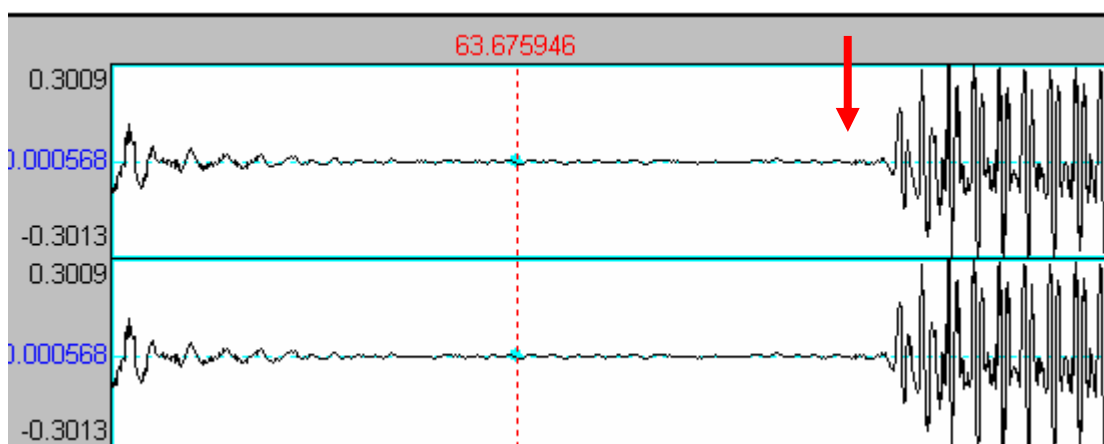


Figura 11: curva de onda de oclusiva /p/

O espectrograma pode variar conforme o local de fechamento (/p/ fecha nos lábios, por exemplo). A explosão do /p/ no espectrograma está marcada com um círculo. Nota-se o espectro do momento da explosão do /p/, mostrando concentração de energia maior nas frequências mais baixas. Note que não há formantes, o som da explosão é um ruído.

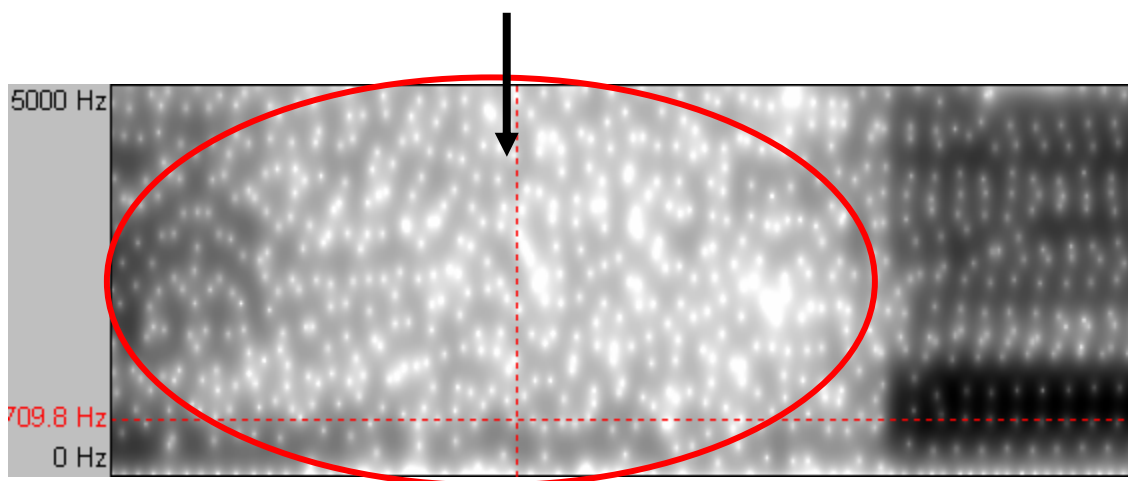


Figura 12: espectrograma de oclusiva /p/

A fricativa seria como uma explosão que dura no tempo: nota-se que as vogais antes e depois da fricativa facilmente indicam ondas quase periódicas, enquanto na fricativa se vê um borrão. A seguir, mostra-se o exemplo de uma fricativa tanto na curva de onda, como no espectrograma:

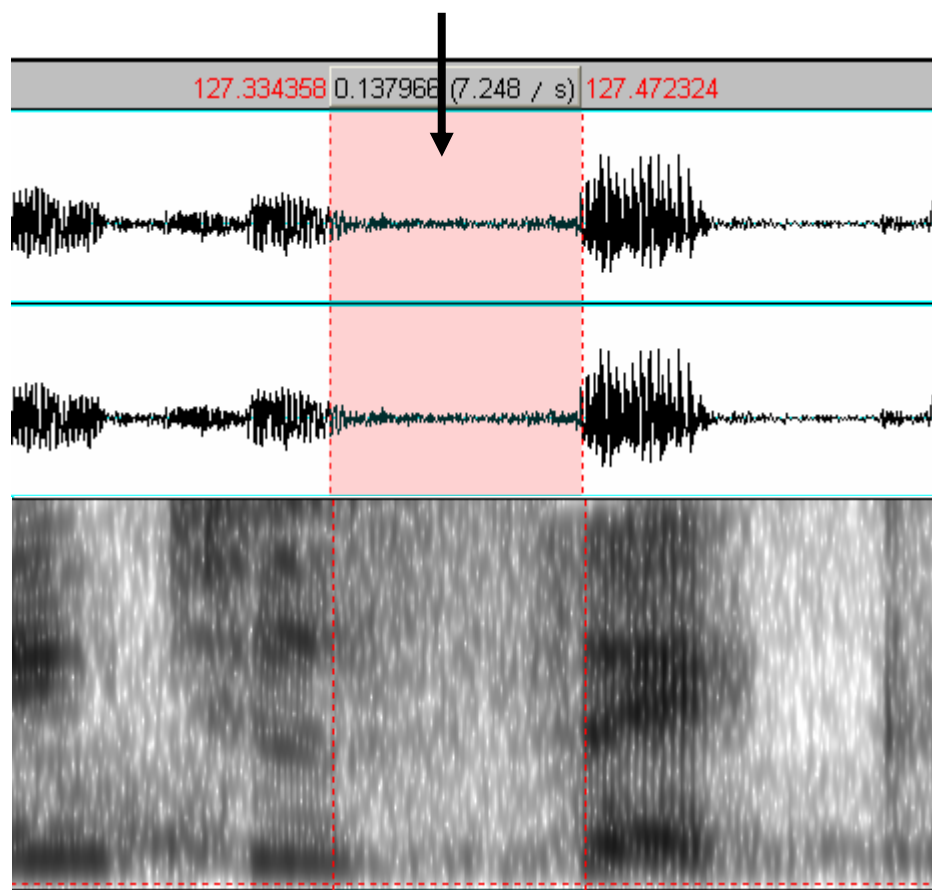


Figura 13: curva de onda e espectrograma de fricativa

Apresentam-se agora três exemplos de curvas de ondas e em seguida três exemplos de espectrogramas das sequências /apa/ /asha/ e /ma/.

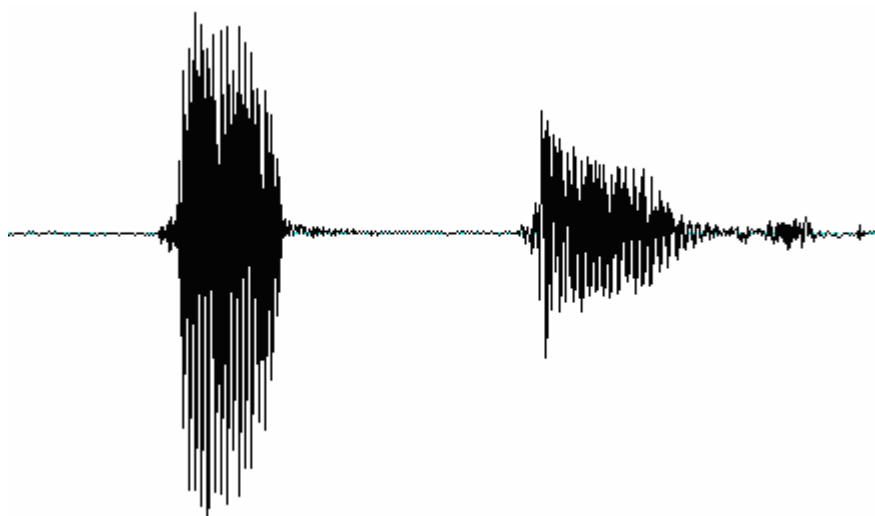


Figura 14: curva de onda de oclusiva

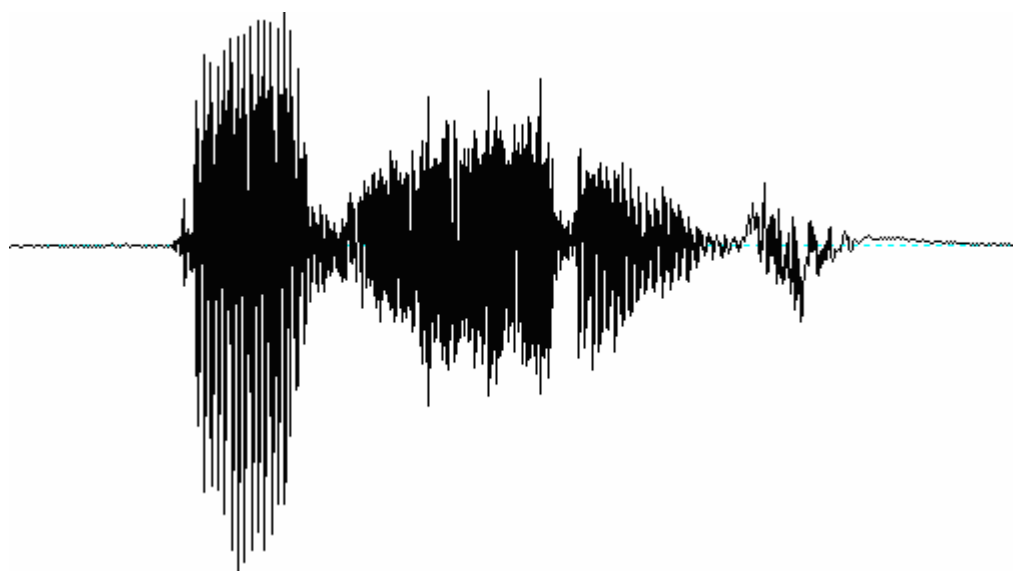


Figura 15: curva de onda de fricativa

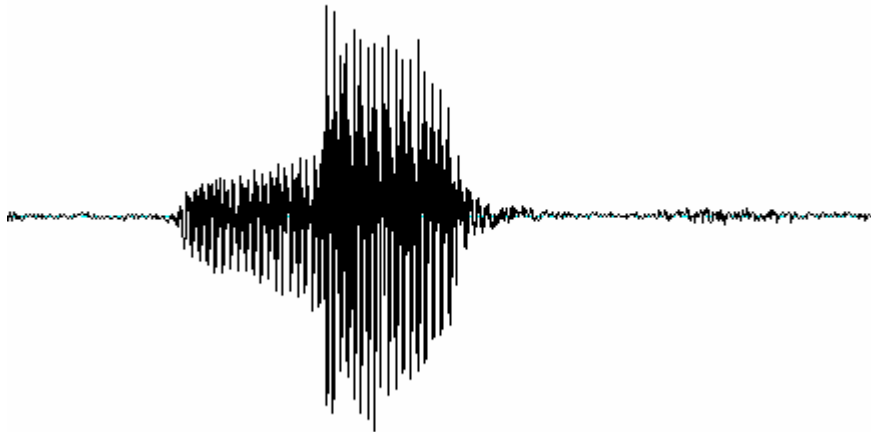


Figura 16: curva de onda de nasal

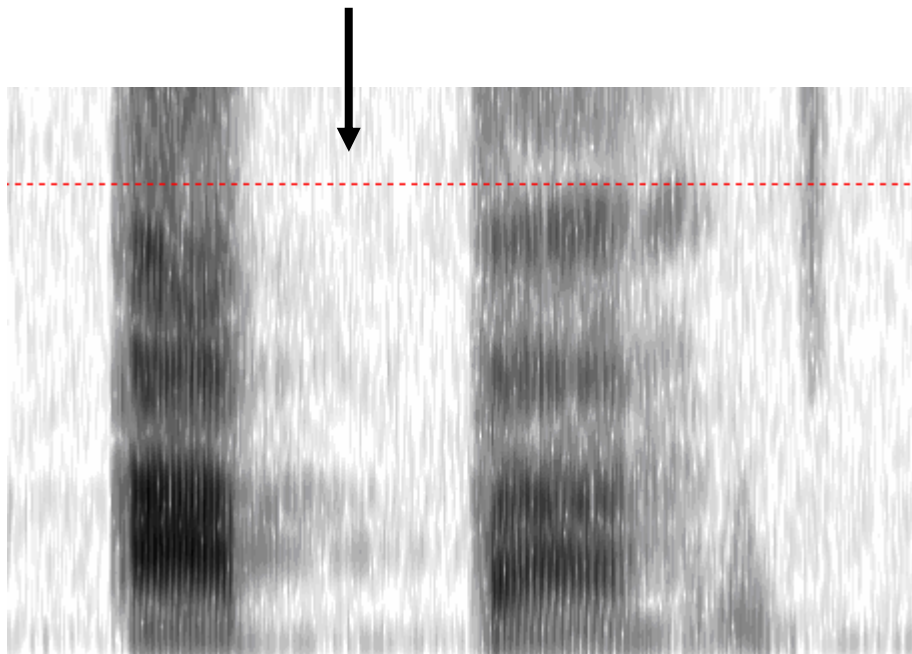


Figura 17: espectrograma de oclusiva

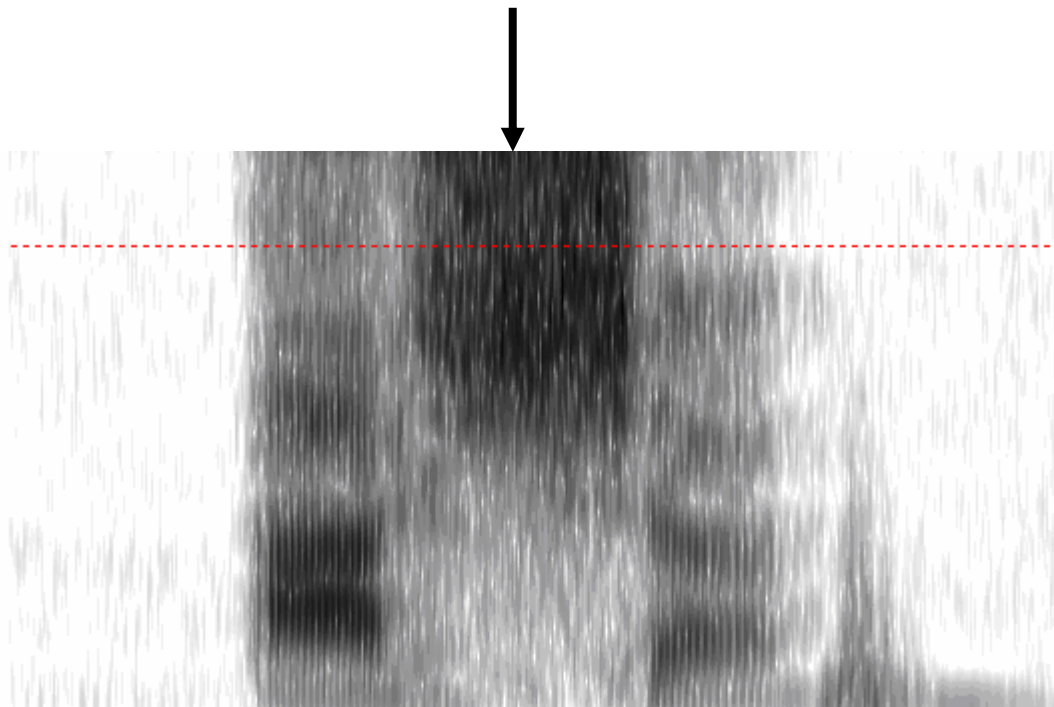


Figura 18: espectrograma de fricativa

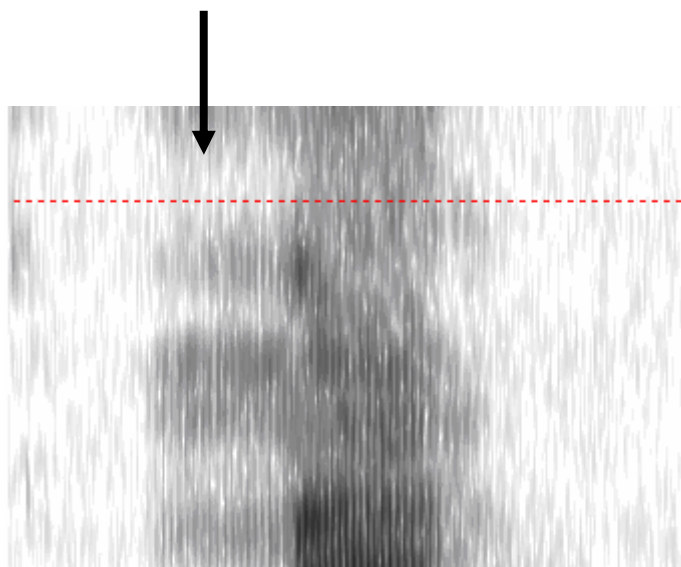


Figura 19: espectrograma de nasal

As africadas são compostas por uma oclusão e uma fricção. É como se a explosão da oclusão fosse mantida por algum tempo. Há dois exemplos do português, como em [dia] ou [tia]. Apresenta-se a seguir a curva de onda e o espectrograma de [tia].

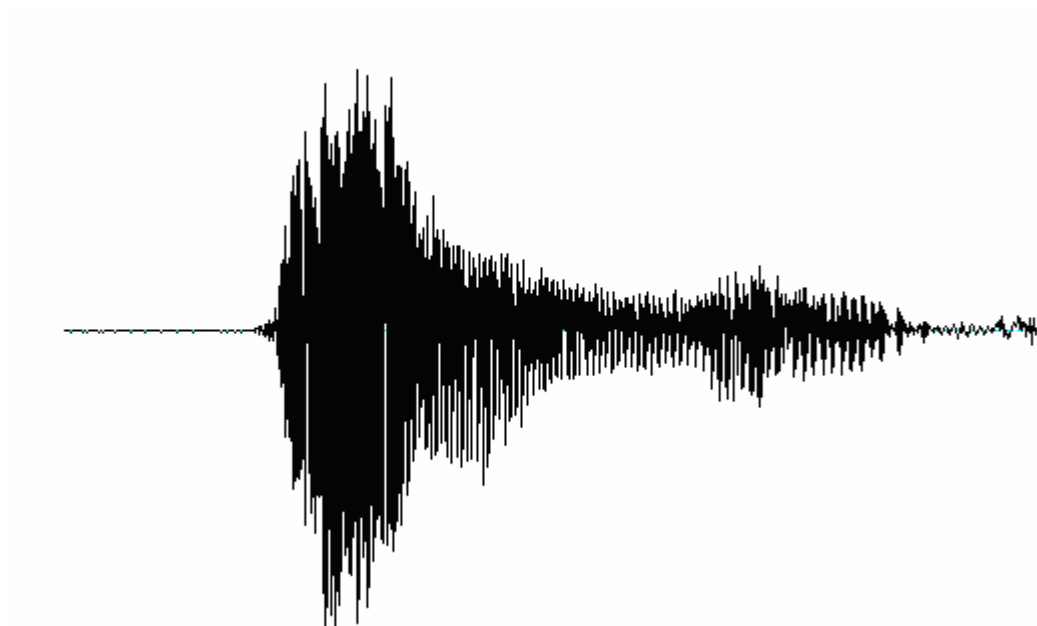


Figura 20: curva de onda de africada

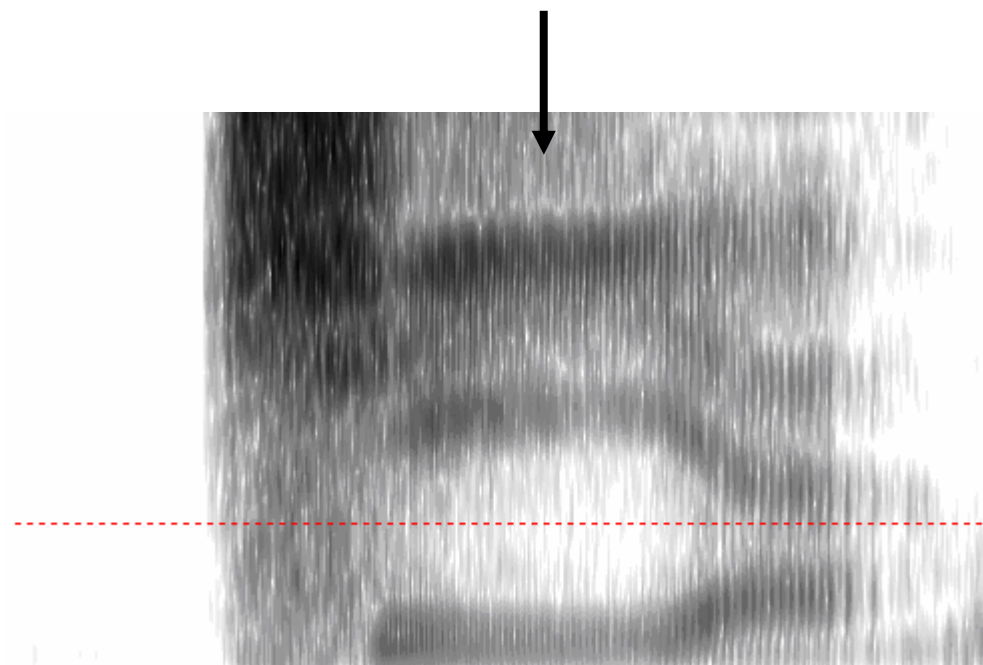


Figura 21: espectrograma de africada

1.4 – A semiótica do discurso e a fonética acústica: possíveis convergências

Ao se retomarem as dicotomias hjelmslevianas conteúdo/expressão e substância/forma, pode-se dizer que a fonética se ocupa da substância da expressão, enquanto a fonologia preocupar-se-ia com a forma desse funitivo. Segundo Matte (2002), à sintaxe caberia a forma do conteúdo, enquanto sua substância não seria objeto da linguística, mas de outras ciências, como a psicologia ou a antropologia. A semiótica, poderia ocupar-se, assim como a sintaxe, da forma do conteúdo. No entanto, adota-se a ótica saussuriana/greimasiana, segundo a qual, a linguística seria um ramo da semiótica, que, por sua vez, debruçar-se-ia sobre todas as formas de signos (linguísticos ou não) e suas relações. Dessa maneira, assume-se que a semiótica se ocupa tanto da forma do plano do conteúdo, como da forma do plano da expressão, se se pensar, por exemplo, no semi-simbolismo, que é a homologação entre plano de conteúdo e plano de expressão.

Diferentemente da fonética tradicional, a acústica não vai se preocupar com a percepção de um som, mas com a sua produção, o que implica uma diferença em relação à fonética tradicional. Matte (2002) aponta que o som produzido não necessariamente será o som percebido devido à percepção de diferentes faixas de frequência, intensidade ou duração de um som. Segundo essa autora, foi recentemente que a fonética acústica passou a perceber o *continuum*, isto é, que entidades abstratas, tais como no Alfabeto Fonético Internacional, não existiam no elemento acústico, como se propôs. Passou-se então a considerar unidades maiores como a sílaba⁶. Assim, a fonética acústica desmistifica a ideia de que as unidades abstratas usadas pelos fonólogos existem na materialidade do som, o que acabaria por talvez promover uma fusão entre a fonética e a fonologia. Para Matte (2002), tal rompimento dever-se-ia ao fato de se tratar da substância e da forma do mesmo lado da folha de papel, ou seja, da expressão. A fonologia trabalha com a ideia de descontínuo, quer dizer, com recortes e abstrações do fluxo sonoro, no entanto, a autora pondera que a própria ideia de forma é descontínua, assim como havia proposto L. Hjelmslev, e indaga: “Teria a Fonologia que se fundir com a Fonética? Teria a forma que se fundir com a substância?” (MATTE, 2002:123).

É possível, no entanto, pensar esse impasse sob outro ângulo. A fonética sempre se ocupou de discretizar o contínuo, ou seja, recortar o *continuum* sonoro em unidades

⁶ Barbosa (2001) *apud* Matte (2002) argumenta que a vogal e a consoante são essenciais para a identificação dos segmentos na fala. Assim, um modelo que separe consoantes de vogal é inadequado.

compreensíveis a partir de cada língua, cada cultura. Graças a isso, a fonologia pôde se beneficiar de uma forma inteiramente discretizada. Dessa maneira, nada impede que a forma tenha outra forma, ou seja, a fronteira que se estabelece no *continuum* sonoro é arbitrária e só faz sentido a partir da língua que a recorta. Para a autora, então, não se trata de fundir a fonética com a fonologia, embora essas disciplinas apresentem convergências. Assim, a fonética continuará se preocupando com a substância, enquanto a fonologia com a forma da expressão.

Segundo Matte (2002), por muito tempo, seccionar o contínuo foi tido como uma atitude verdadeiramente científica. Atualmente, existe uma parcela da comunidade científica que procura trabalhar com o todo, o processual. No caso da fonética-acústico-articulatória, os traços conduziram ao gesto⁷, e na semiótica, um de seus desdobramentos, a semiótica tensiva, prefere trabalhar a significação como um *continuum*. Para Matte, “O corte funda o sentido. O sentido do segmento é um retalhamento do fluxo contínuo” (2002:133). Pode-se pensar, portanto, esse recorte tanto de um espectrograma e de uma curva de onda, objetos que estariam no domínio da fonética acústica, como em relação à frase e o texto, este último, no âmbito da semiótica. Tanto em um caso como em outro, por mais que se segmente, por uma questão analítica, só haverá sentido no *continuum* sonoro ou no texto como um todo. Para Greimas e Fontanille (1993) *apud* Matte (2002), o *continuum* é pré-condição necessária à instalação do sentido pelo corte.

Em relação à sílaba, a semiótica propõe uma interessante relação entre conteúdo e expressão. Para Tatit (1997), durante muito tempo, essa disciplina, ao tomar o discurso (conteúdo) como objeto de análise, retirou de seu escopo a expressão, de modo que se passou por cima das proposições saussuriana (significante/significado) e hjelmsleviana (função semiótica). O resgate, por assim dizer, do plano da expressão, tem a ver com as leis rítmicas de silabação: “A importância da sílaba como categoria abstrata foi introduzida por Saussure, definida e estendida ao plano de conteúdo por Hjelmslev e generalizada por Zilberberg na qualidade de categoria universal para a aplicação de todos os domínios semióticos” (TATIT, 1997:19). A afirmação de Tatit se refere àquilo que se chama de *prosodização* da semiótica. Para o autor, a silabação mostra de que maneira o ritmo influencia o tempo cronológico. Dessa forma, em se tratando da silabação, a abertura sonora aponta para o seu fechamento e vice-versa. Para Saussure, uma

⁷ Para a fonética tradicional, traços, produzidos pelos articuladores do trato vocal, compõem os sons, como oral, nasal, bilabial, sonoro, surdo, etc. Segundo Matte (2002), a fonologia articulatória de Browman & Goldstein questiona o traço como elemento constitutivo da unidade sonora. O argumento é que o traço se trata de um elemento estático, enquanto a unidade acústica é dinâmica. O gesto passa a ser visto como uma tarefa cuja execução é definida por um conjunto de gesto dos articuladores.

soante será sempre delimitada por uma consoante assim como o contrário. Tal ritmo dará origem aos conceitos saussurianos de fronteira silábica (demarcações e limites) e ponto vocálico (segmentações e extensões). Segundo Tatit (1997), quando se amplia a ideia de silabação para o plano do conteúdo, encontra-se o mesmo ritmo que regula as continuidades e descontinuidades. Como se viu no item sobre semiótica tensiva, as continuidades se referem às extensões, aos momentos de desaceleração do discurso, ao passo que, as descontinuidades se referem às rupturas, às tensões, à aceleração do discurso.

Outra convergência entre as duas disciplinas é em relação ao uso do gesto fonatório feito pelo sujeito que fala. Matte (2002), ao ampliar os conceitos de Tatit sobre a canção, afirma haver dois processos na fala: um processo temático e um processo passional. No primeiro caso, faz-se uso da fala com o objetivo único de informar/comunicar algo. No segundo caso, a expressão adquire sentido, “podendo mesmo transformar o sentido da mensagem verbal que carrega consigo” (MATTE, 2002:135). O sujeito que faz uso do gesto fonatório, então é o sujeito de uma escolha: a fala temática ou a fala passional. Segundo a autora, a fala emotiva é uma fala intermediária, que modifica o percurso da expressão na voz e impregna semi-simbolicamente o verbal de conteúdos emocionais.

Essas são algumas possíveis relações entre a semiótica do discurso e a fonética acústica. Espera-se que, ao fim deste trabalho, possa-se, ainda que de forma modesta, contribuir para com essa relação, que se acredita ser extremamente profícua. Assim, como aponta o nome do capítulo, procuraram-se, pois, estabelecer as bases para as análises que serão realizadas nos capítulos seguintes.

Capítulo 2

O Jornal Nacional

*“Pode-se dizer que ele é a instituição jornalística central no Brasil de hoje”
(BUCCI apud TRAVANCAS, 2007:11)*

O presente capítulo apresenta o objeto empírico desta pesquisa: o *Jornal Nacional*. Aborda-se ainda o entorno deste objeto: a televisão e o telejornalismo, para então observarem-se as peculiaridades do noticiário de maior audiência da história da TV brasileira. Em seguida, mostrar-se-ão as matérias a serem analisadas tanto pela fonética acústica (capítulo 3), como pela semiótica do discurso (capítulo 4), para, por fim, observar relações entre o conteúdo e a expressão nas mesmas (capítulo 5).

2.1.1 – Uma breve apresentação da televisão

Inicia-se este capítulo com uma citação de Arlindo Machado talvez um pouco longa, mas seguramente necessária:

Durante muito tempo, os teóricos da comunicação, seguindo (estranhamente) a mesma orientação dos magnatas da mídia, nos acostumaram a encarar a televisão como um meio popularesco, “de massa” no pior sentido da palavra, e dessa maneira nos impediram de prestar atenção a um certo número de experiências poderosas, singulares e fundamentais para definir o estatuto desse meio no panorama da cultura do final de século. Uma pesquisa séria e exaustiva, entretanto, poderia proporcionar uma surpresa a todos aqueles que encaram a televisão como um meio “menor”. A despeito de todos os discursos popularescos e mercadológicos que tentaram e ainda tentam explicá-la, a televisão acumulou, nestes últimos cinquenta anos de sua história, um repertório de obras criativas muito maior do que normalmente se supõe, um repertório suficientemente denso e amplo para que se possa incluí-la sem esforço entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso tempo. (MACHADO, 2000:15).

Ao se propor estudar o *Jornal Nacional*, esbarra-se com outros estudos realizados no campo das ciências da linguagem e da comunicação que abordam a temática da televisão. Como o próprio Arlindo Machado mencionou, o destino desse meio é, para muitos, o esquecimento ou a sua não inclusão no rol dos objetos de pesquisa realmente importantes, já que se convencionou considerar a TV uma coisa menor, comparada a outras formas de expressão, como a literatura ou o cinema. Portanto, há quem diga que seja perda de tempo estudar um meio cuja programação dependa inteiramente de anunciantes e faça parte da engrenagem do mercado. Este trabalho choca-se frontalmente com essa visão redutora da televisão e da mídia como um todo. Como se apontou na introdução deste trabalho, para Roger Silverstone, uma das razões para se estudar a mídia é a sua onipresença: “Não podemos escapar à mídia. Ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana” (2002:09). A mídia é fundamental na vida cotidiana, e essa é uma forte

razão para estudá-la, acredita o autor. Este trabalho está de acordo com a visão de Silverstone e acrescenta o fato de que não se pode subestimar a mídia e juntamente dela, a televisão, o meio de comunicação mais presente na cultura e na sociedade brasileiras. Essa é uma razão, talvez a principal, da escolha de um produto midiático: não subestimá-lo, não julgá-lo desmerecedor de uma pesquisa.

Para Machado, a televisão permanece ainda como o “mais desconhecido dos sistemas de expressão de nosso tempo” (2000:16). Evidentemente, esse desconhecimento se deve à ideia de que a televisão é um serviço, um sistema de difusão ligado às leis de mercado. De acordo com essa concepção, não interessa o que se veicula nesse meio, mas o sistema político, econômico e tecnológico que perpassa a produção e a recepção. Numa linguagem semiótica, essas abordagens se esquecem do texto e debruçam-se apenas sobre os contextos da televisão, ou ainda, usam o texto como pretexto para analisar apenas o contexto. Tais perspectivas, que se furtam em analisar o texto televisivo, filiam-se a principalmente duas escolas: a adorniana e a mcluhiana. Para a primeira⁸, a televisão é necessariamente ruim, enquanto, para a segunda⁹, a televisão é necessariamente boa. Os argumentos são da mesma natureza: sua estrutura tecnológica e mercadológica e seu modelo abstrato e genérico. Para Machado (2002), assim como para este trabalho, a televisão não é boa nem má, *a priori*. Deve-se pensá-la como um conjunto de produções audiovisuais que a constituem e não como um meio, ou seja, não se pode generalizá-la. Os contextos, aos quais fica presa grande parte das análises, têm seu grau de importância, que não é absoluta, mas relativa ao texto audiovisual em análise.

Estruturalmente a programação televisiva se configura por meio de enunciados televisuais que possuem em comum apenas o fato de possuírem som e imagem constituídos eletronicamente e transmitidos também de forma eletrônica. Tais enunciados se articulam em séries sintagmáticas, com singularidade distintiva, em relação a outras séries sintagmáticas. Machado (2000) chama essas séries sintagmáticas de *programas*. Raymond Williams¹⁰, no lugar do conceito de programa propõe o termo *fluxo televisual*, em que os limites entre um programa e outro têm suas fronteiras

⁸ O ideário da Escola de Frankfurt e, mais especificamente, o pensamento de Adorno em relação à televisão, para quem esse meio é necessariamente ruim, parecem ter resistido ao tempo. Como aponta Machado, no ano 2000 ainda existem intelectuais que não assistem à televisão, por considerá-la um meio menor.

⁹ O teórico canadense Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) ficou conhecido, sobretudo, pela frase “o meio é a mensagem”, o que apontaria para uma equivalência entre forma e conteúdo na transmissão da informação.

¹⁰ Williams (1979) *apud* Machado (2000:28).

atenuadas. De qualquer forma, essas duas ideias se prendem a uma maior que é a noção de gênero, que, de acordo com o conceito bakhiniano se refere a:

(...) uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado em uma cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras (MACHADO, 2000:68).

Dessa forma, o gênero é aquilo que orienta a linguagem dentro de um determinado meio, pois é nele que se estabilizam suas tendências expressivas. No entanto, é preciso reconhecer que o gênero se renova com o tempo. Os gêneros existem em grandes quantidades, alguns aparecem e outros desaparecem com o tempo. O gênero televisivo *reality show*, por exemplo, só passou a existir no Brasil há pouco mais de uma década. Machado (2000) divide os gêneros da seguinte forma: formas fundadas no diálogo; narrativas seriadas; telejornal; transmissões ao vivo; poesia televisual; videoclipe e outras formas visuais. Mais adiante, quando tratar-se-á do telejornal como gênero televisual, voltar-se-á à questão do gênero do discurso, para se compreender as especificidades do noticiário.

2.1.2 – TV ao vivo

Para Fecine (2008), a televisão é, sobretudo, uma *forma de presença*, ou seja, o modo como um sujeito somática ou sensorialmente sente. A presença se constitui pela relação abstrata de junção (conjunção ou disjunção) que os actantes (sujeito e objeto) estabelecem entre si. Num nível mais concreto, esses actantes podem ser figurativizados por um sujeito-espectador com um objeto-mundo, um sujeito-televisão em relação ao objeto-mundo, um sujeito-espectador em relação ao objeto-televisão e assim sucessivamente. Assim, manter a televisão ligada e simplesmente fruir aquele fluxo televisual é uma prática que pode ser semiotizada, uma vez que estar em frente à TV implica uma *presença*.

Tecnicamente, a transmissão direta é uma operação que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de forma simultânea. Tal procedimento é conhecido como “ao vivo”. Esse tipo de transmissão é um fato técnico, mas o “ao vivo”, ou seja, o efeito de sentido dessa transmissão, é necessariamente um fato semiótico, aponta Fecine (2008:26). Isso se deve à

possibilidade de se criarem “efeitos de ao vivo”, ainda que o programa seja gravado. Geralmente, à direita no canto superior ou inferior da tela, aparece a marca do “ao vivo”, quando se trata de uma transmissão direta, justamente para distingui-la das demais. O reconhecimento de uma transmissão direta se ancora num acordo fiduciário entre os sujeitos envolvidos, a partir do qual quem transmite quer *fazer-crer* quem assiste que se trata de uma transmissão direta. Quem assiste, por sua vez, deve apresentar um *crer-verdadeiro*, ou seja, acreditar que se trata de uma transmissão direta, de fato. Salienta-se que, além desse acordo, existe uma vigilância recíproca dos meios de comunicação em geral que coíbe qualquer falseamento do “ao vivo” na TV.

A autora realiza uma abordagem semiótica das transmissões ao vivo e o faz mais detidamente em relação ao telejornal. Segundo o ponto de vista de Fechine (2008), a transmissão direta é uma modalidade que envolve tanto a produção, como a recepção, ou seja, o programa em si, como aquele a quem se destina o programa ou, empiricamente, o próprio telespectador, que se intercambia com o sujeito semiótico. Tributária à *semiótica das experiências sensíveis*¹¹, a autora trabalha com um conceito mais ampliado de *texto*¹²: “a própria distinção entre texto e contexto perde a pertinência, porque o que se tenta semiotizar agora são as próprias situações nas quais determinadas formas se definem como significantes” (FECHINE, 2008:17). Para a autora, não é possível delimitar o que está dentro e o que está fora do texto televisivo, já que o sentido do que é transmitido é determinado pelas próprias condições de transmissão. Em outras palavras, estabelece-se à situação comunicativa um estatuto textual, estatuto esse que incorpora produção e recepção e, mais ainda, uma situação: “o próprio sentido que emerge desse tipo de situação se dá como um objeto de interação” (FECHINE, 2008:87). Dessa forma, a transmissão direta pode ser considerada um tipo de enunciado que se organiza *em ato*, que implica necessariamente uma presença. Esse *discurso/texto em situação*, segundo a autora,

(...) descreverá, no estudo da transmissão direta, um discurso-enunciado que incorpora à sua organização interna a própria situação na qual ele está se constituindo como tal; um discurso enunciado que se faz no próprio momento em que as instâncias de produção e recepção, por meio das estruturas semióticas que se manifestam neste ato, interagem (FECHINE, 2008:44).

¹¹ Principalmente, a partir trabalhos de E. Landowski, a semiótica das experiências sensíveis se preocupa com o sentido que emerge “da nossa relação com ‘coisas mesmas’, com o próprio mundo enquanto mundo significante” (FECHINE, 2008:15). A semiótica do sensível se volta ao sentido produzido *em ato*, de modo que a própria enunciação ganha valor de enunciado. Em outras palavras, como se dá a realização de um enunciado torna-se tão importante como o próprio enunciado.

¹² Segundo Fechine (2008), o debate entre semioticistas de inspiração hjelmsleviana e filósofos pragmatistas em torno da supremacia da imanência ou do contexto já está superado. Atualmente, o que se procura é construir uma problemática que integre linguagem em contexto ou, semioticamente, o discurso em situação.

O tempo para a transmissão direta, aponta a autora, “não é apenas o *suporte* por meio do qual se veicula um conteúdo” (FECHINE, 2008:63). Essa duração é significativa na medida em que é através do tempo e no tempo que essa produção produz sentido. Esse tempo em que se dá uma transmissão é concomitante à produção e à recepção, ou seja, esse *texto em ato* é irreproduzível, pois só tem sentido no momento em que se dá a transmissão. Assim, numa transmissão direta, o presente se instaura, perpassando tanto a transmissão, como aquilo que é transmitido: “o tempo do discurso está ancorado no tempo do ‘mundo’; o tempo histórico e crônico (...) ‘o tempo’ real ganha estatuto de elemento significante” (FECHINE, 2008:66). Segundo a autora, a partir da terminologia hjelmsleviana, o tempo seria então o que recortaria o conteúdo, ou seja, sua forma.

Numa transmissão direta, a produção incorpora uma recepção, pois se pressupõe que o espectador assista à TV num momento determinado, ou seja, no momento em que o programa que está ao vivo, sendo realizado concomitantemente à sua transmissão. Para a autora, “o objeto semiótico só existe quando um espectador concreto assiste, naquele momento, e não em outro, a um determinado programa que só pode ser considerado como direto justamente porque sua transmissão se dá naquele momento, e não em outro” (FECHINE, 2008:56). Trata-se, pois, de um enunciado que se organiza como ato no momento de sua enunciação, ou seja, uma *enunciação propriamente dita*¹³.

Para essa autora, a transmissão direta é um recurso eficaz para propor ao espectador uma experiência de sentir-se em frente ao mundo “real”. A transmissão direta marcou o início da televisão, uma vez que não havia possibilidade de gravar (métodos de gravação magnética de audiovisual) e sua marca permaneceu, uma vez que o fluxo televisual se organiza de forma ininterrupta, tal como uma eterna transmissão direta.

¹³ Fechine (2008) mostra que a enunciação, ato de realização de um enunciado, manifesta-se de três maneiras. A primeira delas é a *enunciação enunciada*, um simulacro de enunciação produzido pelas marcas deixadas no enunciado. O segundo regime é o do *enunciado enunciado*, no qual procura-se mascarar as marcas da enunciação, deixando o texto com maior aspecto de objetividade. O terceiro tipo de enunciação é chamada por Greimas de *enunciação verdadeira* ou *enunciação propriamente dita*: “(...) textos que só existem como tal no ato efêmero e irrepetível no qual têm lugar; textos nos quais o que importa é o presente mesmo da sua própria enunciação” (FECHINE, 2008:54).

2.1.3 – Telejornalismo, um gênero televisual

Segundo Machado (2000), o telejornal é uns dos gêneros televisuais mais conhecidos e talvez o mais difícil de abordar. O conceito de gênero a que se refere esse autor é no sentido bakhiniano (BAKHTIN, 2003), de modo que, antes de se abordar o que vem a ser gênero telejornalístico, faz-se necessário voltar ao sentido primeiro de gênero, que ilumina a categorização proposta por Machado (2000).

Para Bakhtin (2003), o uso da linguagem está intrinsecamente relacionado às atividades humanas. Para esse autor, o emprego da língua se dá por meio de enunciados concretos, orais e escritos, que se localizariam no campo da fala (*parole*) saussuriana: “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem (...) mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003:261). Para o autor russo, tais elementos estariam “indissolúvelmente ligados”. Os gêneros do discurso, na concepção bakhiniana, seriam os *tipos relativamente estáveis de enunciados* (BAKHTIN, 2003:262). O autor salienta que a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são inesgotáveis já que também são abundantes as possibilidades da atividade humana. De modo que, uma determinada função, por exemplo, científica, técnica, jornalístico-publicística etc, e determinadas condições de comunicação discursiva geram diferentes gêneros do discurso. Cabe salientar que a definição de gênero do discurso contrapõe-se de certo modo à dicotomia saussuriana língua/fala, pois o enunciado, apesar de estar na esfera da fala, ou seja, a realização da língua por um sujeito, não é puramente individual. As formas de combinações desses enunciados dão origem aos gêneros do discurso e, por isso, são de natureza social. Pode-se afirmar que o telejornal é então um gênero televisual, pois possui uma forma específica de combinação de enunciados, quer dizer, um arranjo indissolúvel entre um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional.

Machado (2000) evita uma análise politizante do telejornal ou do jornalismo enquanto instituição e propõe pensá-lo como um gênero televisual. No entanto, essa abordagem não deixa de trazer problemas, pois, por mais fechado e pretensamente unívoco que seja um telejornal, haverá sempre espaço para novas interpretações. Segundo esse autor, o telejornal é, *a priori*, um efeito de mediação. Ou seja, os repórteres, apresentadores e o telejornal como um todo se propõem a mediar, ser porta-voz de eventos, por meio de versões: “No telejornal (...) só existem

mediações; os próprios enunciados de repórteres e protagonistas aparecem como mediações inevitáveis e como a condição *sine qua non* do relato telejornalístico” (MACHADO, 2000:102). A principal diferença entre um jornal impresso e um telejornal é a presença de vários enunciadorees no segundo gênero. No telejornal, qualquer matéria é apresentada por um apresentador, que, por sua vez, chama o repórter, que entrevistará pelo menos uma pessoa. Além disso, trata-se de um texto oral, passível de ser recoberto de elementos emotivos. Dessa forma, “o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito de eventos” (MACHADO, 2000:104). Assim, enunciadorees são sujeitos implicados pelos eventos em questão, daí a importância de se criar um sistema enunciativo, por meio do qual se instala um *eu*, um *aqui* e um *agora*.

Segundo Fechine (2008), o que define semioticamente o telejornal é o fato de ele se constituir como um enunciado englobante, que resulta da articulação de um conjunto de outros enunciados englobados, os quais, apesar de serem autônomos, apresentam uma interdependência, devido a um nível enunciativo que os engloba. Essas estratégias se definem pela delegação de voz, quando um apresentador delega voz ao repórter e, nesse momento, ocorrem deslocamentos espaço-temporais. No entanto, a pretensão do jornalismo é apagar essas marcas que separam o tempo da cobertura jornalística do tempo do fato coberto, ou seja, criar o efeito de um estiramento do presente, para que o espectador possa ter a sensação de presenciar o evento no momento em que ocorre: “Diante da reconhecida impossibilidade de manter equipes de reportagem em todos os lugares ao mesmo tempo, o primeiro desafio que todo telejornal enfrenta é o de ‘mascarar’ a sua própria ausência onde os fatos se dão” (FECHINE, 2008:186). Dessa forma, não importa que o repórter fale sobre o fato antes ou depois do seu acontecimento. Esse falar no momento em que o telejornal é levado ao ar já é suficiente para que se produza um efeito de envolvimento com o conteúdo reportado. O telejornal desempenharia, por assim dizer, uma ponte espaço-temporal entre TV e mundo “real”.

A manifestação mais importante da organização de seus enunciados é a transmissão ao vivo, ou seja, no momento em que o acontecimento está *se fazendo*, segundo Fechine (2008). Nesse momento, constrói-se uma temporalidade na TV que se descola da temporalidade do mundo, quando o espectador passa a vivenciar a transmissão do fato como sendo o próprio fato. O sentido da transmissão direta nos telejornais reside no seu caráter de inesperado e,

paradoxalmente, na *espera* desse inesperado. O ato de manter jornalistas no local do acontecimento instaura esse sentido de expectativa.

O telejornal é uma representação do que acontece no mundo. Essa representação se refere unicamente aos acontecimentos, no sentido jornalístico, ou seja, o que “emergindo da superfície supostamente lisa da vida, irrompe como singularidade” (CHRYSTUS, 2007: 143). Tais acontecimentos são transformados em relatos jornalísticos, ou seja, são revestidos do que se chama de linguagem jornalística. Machado (2000) aponta que um telejornal pode ser visto como uma desmontagem de discursos a respeito de acontecimentos. Colam-se textos de forma sintagmática, mas essa sequência não chega a constituir uma unidade: ou seja, esses emaranhados de enunciados podem, no máximo, construir uma ideia não acabada desses acontecimentos. Assim, o telejornalismo não se preocupa com “a verdade”, mas com as variadas versões sobre o mesmo fato.

Para Rezende (2000), há cinco formatos praticados no telejornalismo: a nota, a notícia, a reportagem, a entrevista e os indicadores. A primeira se refere a um relato mais sintético e objetivo de um fato, sem ou com imagens – o que a torna uma nota coberta, ou seja, com a sobreposição de uma locução. A notícia, por sua vez, é um relato mais completo que a nota; combina a apresentação ao vivo do repórter e a narração em *off* coberta por imagens. A reportagem é uma matéria jornalística com relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões, relativa aos acontecimentos do dia-a-dia, ou referente a assuntos de interesse permanente. A entrevista corresponde ao diálogo em que o jornalista mantém com o entrevistado pelo sistema de perguntas e respostas, com o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ou aspectos da vida pessoal do entrevistado. Os indicadores são matérias que se baseiam em dados objetivos e que indicam tendências ou resultados de natureza diversa, de utilidade para o telespectador em eventuais tomadas de decisão, com um sentido de jornalismo de serviço.

Para o mesmo autor, integram o gênero opinativo, no telejornalismo, três formatos: editorial (texto lido geralmente pelo apresentador, que expressa a opinião da emissora sobre uma determinada questão); comentário (matéria jornalística em que um jornalista especializado faz uma análise, uma interpretação de fatos do cotidiano); crônica (mesmo remetendo a um assunto da atualidade, desenvolve-se num estilo mais livre, no limite entre a informação jornalística e a produção literária, contando com recursos expressivos além da palavra, como imagens e música).

Machado (2000) classifica os telejornais em polifônicos e centralizados-opinativos. O *Jornal Nacional* enquadrar-se-ia no primeiro modelo, ao passo que, um telejornal com um âncora que emite explicitamente opiniões, como o apresentado por Bóris Casoy estaria relacionado ao segundo tipo. No caso do telejornal polifônico, as opiniões, ou as distintas vozes, estariam diluídas, de modo que o apresentador seria um condutor das notícias. No caso do telejornal opinativo, o objetivo é o contrário: abre-se mão do efeito de objetividade, muitas vezes, em razão de que o efeito de subjetividade também pode ter um valor eufórico no jornalismo. É desnecessário apontar que a questão da neutralidade ou objetividade jornalística não passa de efeitos de sentido construídos no e pelo discurso, coisa que para a semiótica já é ponto pacífico. O que se pode dizer é que essa pluralidade de vozes no discurso jornalístico gera efeito de devir, não se trata, pois, de um sentido acabado.

O maior objetivo do telejornal é atingir um vasto público: milhões de telespectadores dos mais diversos estratos sociais, níveis de escolaridade, repertórios de vida etc.: “Espécie de utopia midiática, o telejornal persegue uma espécie de linguagem ‘branca’, isto é, sem marcas autorais, semelhante ao sonho borgeano de um conto passível de ser lido em qualquer língua, em qualquer tempo” (CHRYSTUS, 2007:143). Para atingir essa meta, o telejornal cultiva o que se chama de *balance*, ou seja, as matérias conhecidas como *hard news* (política, economia) e aquelas que supostamente causariam um efeito de relaxamento em quem assiste. Geralmente essas últimas são veiculadas ao final do telejornal: após o caos, a bonança.

Diniz (2006), no âmbito da semiótica tensiva, cujos fundamentos foram mostrados no capítulo 1, afirma que o fluxo televisual contínuo é interrompido pelo telejornal, que carrega consigo uma promessa de informação. Assim, o telejornal e, por sua vez, cada notícia, instaura uma descontinuidade. Para a autora: “O TJ [telejornal] é sempre um espetáculo intenso, usa e abusa da intensidade, mas sabe dosar a extensidade” (DINIZ, 2006:05). Essa intensidade decorreria do corte temporal realizado pela edição do telejornal, que condensa, em poucos minutos, horas, dias etc. nos quais se desenrolaram os acontecimentos. Dessa maneira, romper-se-ia com a extensidade e se instaurar-se-ia uma descontinuidade pelo telejornal. Outras considerações sobre a semiótica tensiva e a análise das matérias do *Jornal Nacional* ancoradas nessa disciplina poderão ser vistas no capítulo 4 deste trabalho. Pretendeu-se aqui apenas dar um panorama geral do telejornal como um gênero de discurso da TV. Uma vez localizado esse

produto midiático e onde ocorre sua veiculação, a televisão, apresenta-se agora o objeto deste estudo.

2.2.1 – O *Jornal Nacional*

De acordo com Eugênio Bucci, no prefácio de Travancas (2007), é pouco dizer que o *Jornal Nacional* seja o maior e o melhor telejornal já realizado no Brasil. Trata-se do programa jornalístico mais influente do Brasil. O autor destaca que, além da manutenção da audiência de 30 milhões de telespectadores todas as noites, a qualidade do *JN* também mudou para melhor:

Há 20 anos, ou até o início dos anos de 1990, ele era sinônimo de fraude e empulhação. Podia ter mais audiência, mas não tinha esse atributo fundamental do jornalismo, que é a credibilidade. Não era respeitado em termos de fidelidade aos fatos, ao menos junto aos públicos mais informados. (2007:10)

O ano de 2006, para Bucci, marcou o *JN* como o momento em que esse telejornal, após mudanças de ordem “plásticas e estruturais”, passou a desfrutar de uma credibilidade jamais antes obtida. A cobertura das eleições de 2002 foi mais equilibrada que as anteriores e a cobertura do governo Lula, que teve início no ano seguinte apresentou o mesmo tom. Para Bucci, “o noticiário se livrou da subserviência solícita ante o Executivo federal” (2007:10). Segundo esse autor, não se podem ignorar os méritos do *JN*: é bom, bem-feito e não é dado a sensacionalismos: “Ou se admite isso, com todas as letras, ou se abandonam as condições de criticá-lo com maturidade e honestidade intelectual” (2007:11). Para este trabalho, evitam-se quaisquer simplificações no sentido de repetir o discurso da Teoria Crítica, extremamente enraizado no senso comum, segundo a qual a mídia e, por extensão, a Globo ou o *JN* sejam “vilões manipuladores”. Embora não seja o foco aqui, salienta-se que, hoje em dia, a epistemologia da comunicação já abandonou a noção de que os meios de comunicação cumpririam o papel de uma agulha hipodérmica, por meio da qual se injetariam conteúdos em sujeitos passivos. Percebe-se hoje a comunicação como um processo complexo e circular, e várias são as formas de codificação e decodificação, como aponta Stuart Hall (2003). Assim, admite-se que o efeito dos meios de comunicação são bem mais difusos e sutis do que se supunha.

A suma importância do *JN* no Brasil se deve principalmente ao fato de a televisão ter um alcance infinitamente maior que quaisquer práticas de leitura. Segundo Travancas (2007), não existe hábito de leitura na população brasileira e isso contribui para com a maior presença da

televisão. Assim, para essa autora, “quanto mais pobre e com mais baixa alfabetização, maior o peso da televisão” (2007:58). Ressalta-se a importância da TV e do *JN* também em meios de maior letramento¹⁴. Presente há cinco décadas no Brasil, a televisão há muito deixou de ser um veículo elitista, assim como a maioria dos programas veiculados por esse meio. Os telejornais, assim como apontou Chrystus (2007), têm o objetivo de atingir a todos e em todos os cantos do país. Com esse propósito nasce o *JN*, com o diferencial de unir esse país de ponta a ponta.

2.2.2 – O histórico do *JN*

No dia 1º de setembro de 1969, estreou o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil, o programa de maior audiência da história da televisão brasileira: o *Jornal Nacional*. Gerado no Rio de Janeiro, sede da TV Globo, o *JN* era retransmitido para suas emissoras em vários pontos do país, por meio de um sistema no qual a Embratel associava a emissão de micro-ondas e por satélite.

O *Jornal Nacional* foi criado por uma equipe comandada pelo jornalista Armando Nogueira e foi o primeiro a apresentar reportagens em cores e a mostrar imagens via satélite de acontecimentos internacionais, no mesmo momento em que ocorriam. Segundo Paternostro (1999), o estilo de linguagem, a narrativa e a figura de repórter de vídeo vinham dos telejornais norte-americanos. Um dos grandes diferenciais trazidos pelo *JN* foi o fato de trazer matérias testemunhais, com a fala dos entrevistados. De acordo com Armando Nogueira, “O que caracterizava nosso jornal era o som direto. O *Repórter Esso*¹⁵ não tinha som direto porque saía embalado da redação do *Jornal do Brasil*, onde funcionava a [agência de notícias] *United Press*, distribuidora do noticiário” (apud ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:34).

¹⁴ Um exemplo disso foi a “Pesquisa CDN - Credibilidade da Mídia”, realizada entre maio e julho de 2008, que comparou dados de 2003 e 2005 para identificar a importância e a credibilidade atribuídas por executivos (91% deles concluíram a graduação e a pós-graduação) aos diferentes tipos de mídia, o peso de cada um deles na formação de opinião, os hábitos de leitura, o impacto e a repercussão de notícias positivas e negativas, e a avaliação da notícia em relação à publicidade. O estudo percebeu que os jornais impressos e a televisão continuam sendo, em relação a 2005, os meios de comunicação com maior penetração entre o público entrevistado, apesar do crescimento de 30% dos sites de Internet e das revistas nesses três anos. Em relação às emissoras de TV, o estudo mostrou que os programas das Organizações Globo são os preferidos do público pesquisado: o *Jornal Nacional* foi o preferido entre 72% dos entrevistados. Fonte: Portal Imprensa, acesso 18/10/2008.

¹⁵ Telejornal da TV Tupi SP e RJ. Esteve no ar entre os anos de 1953 a 1970. “Nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador, como é o caso desse telejornal” (PATERNOSTRO, 1999:35).

Desde sua criação, o *Jornal Nacional*, pelo fato de ser o primeiro noticiário transmitido em rede nacional, já se apresentava como o “telejornal da nação brasileira”. Segundo as Organizações Globo (2004), um dos indícios de tal afirmação era o *slogan* utilizado pelo JN: “A notícia unindo seis milhões de brasileiros”. Explica-se que esses seis milhões correspondiam às pessoas que tinham acesso e/ou possuíam um televisor que lhes permitisse assistir ao *Jornal Nacional*. O segundo *slogan*, também fazendo a linha do primeiro, era: “Três anos de liderança integrando o Brasil através da notícia”. Percebe-se que esse telejornal, mais que a função de narrar fatos, caracteriza-se como um fator de aglutinação da nação brasileira e, de certo modo, acaba virando um legitimador dessa ideia. Essa vocação nacionalista é reforçada, segundo Chrystus (2007), principalmente por algumas séries de reportagens como *Brasil Bonito* e *Identidade Brasil*. Como aponta a autora: “Através de suas narrativas carregadas de emoção, o JN, hoje, é um dos principais – senão o principal – forjador da representação do que se imagina ser a nação brasileira contemporânea” (CHRYSTUS, 2007:155).

O JN empenhou-se na criação do conceito de uma notícia com dimensão nacional, até mesmo por uma questão do próprio formato da mídia, quer dizer, pelo fato de ser transmitido em rede nacional. “As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:39).

No que se refere ao contexto histórico da época, o *Jornal Nacional* nasceu sob o signo da ditadura militar, implantada no Brasil pelo Golpe de 64. E, com a decretação do Ato Institucional nº5, em 1968, o JN já nasceu marcado pela censura. Na estreia, a notícia de derrame do presidente Costa e Silva teve que ser negociada, já que era objetivo dos militares esconderem esse fato. Apesar da censura, “(...) a Globo atingiu seu objetivo de tornar-se um modelo para o telejornalismo brasileiro – mais que isso, tornou-se o modelo único no país (...) de linguagem completamente diversa” (CHRYSTUS, 2002:75).

É importante também salientar que a criação de um telejornal de caráter nacional era desejável pelos militares então no poder. O desenvolvimento de grandes feitos nacionais, como a criação das estatais ou a rodovia Transamazônica, datam desta época e um jornal que unisse simbolicamente um país, povoado nas regiões Sudeste, Sul e litorânea, mas parcamente habitado nas regiões Norte e Centro-Oeste, era de interesse daqueles que queriam construir a imagem de

um “grande país”. Portanto, se o *Jornal Nacional* nasceu sob a égide da censura, ele não deixa de ser um projeto apoiado pelos militares.

2.2.3 – JN, telejornal referência

O *Jornal Nacional* se confunde, muitas vezes, com o próprio telejornalismo e, ao mesmo tempo, distingue-se dos outros telejornais. Para Gomes (2005), o JN é um telejornal referência. Essa diferenciação em relação aos demais telejornais remonta ao conceito que essa autora chama de *modo de endereçamento*, ou seja, a forma como “o programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um *estilo*, que o identifica e que o diferencia dos demais” (GOMES, 2005:02). É, portanto, sobre a construção do estilo do *Jornal Nacional* da relação que ele estabelece com a audiência que se refere o conceito de Gomes. Segundo essa autora, o JN possui todas as marcas que caracterizam um telejornal: a temática, o formato, o cenário, os apresentadores. “Tudo contribui para a identificação do programa com o gênero [telejornalístico]” (GOMES, 2005:06).

O noticiário tem início com a apresentação do patrocinador e os apresentadores, em seguida, são anunciadas as principais manchetes. Tudo é feito de forma ágil, para chamar a atenção do telespectador. “Eles [os apresentadores] miram a tela de forma fixa e nos convocam: *veja agora, no Jornal Nacional*”. Para a autora, “o texto evidencia uma estratégia de ‘aproximação’ com o leitor” (GOMES, 2005:06). Rezende (2000) afirma que o JN mantém a mesma estrutura desde sua criação. Depois da escalada, o noticiário se desenvolve em blocos, que são separados por passagem de bloco, até os créditos finais, no encerramento. O tempo médio situa-se em torno de 1346 segundos. Segundo Gomes (2005), “a estrutura do JN é impecável: chamada, matéria no clássico formato *off – passagem – sonoras* e nota pé (muito presente no jornal)” (2005:09).

Os dois apresentadores ocupam uma bancada prateada, em um cenário cuja cor predominante é o azul. Eles apresentam o JN acima da redação, o que é emblemático, pois eles estão “acima da produção da notícia”. Ao fundo nota-se um mapa-múndi em um globo azulado. A tecnologia é de ponta e é muito frequente a utilização do efeito *chromakey*, por meio do qual, imagens são projetadas atrás dos apresentadores.

Para Gomes (2005), a notícia do *Jornal Nacional* se constrói de forma imparcial. “Uma das formas mais visíveis da construção da credibilidade no *JN* é através da elaboração, retórica, dos ‘dois lados da notícia’” (GOMES, 2005:07). Chrystus corrobora a posição de Gomes (2005) afirmando: “Fiel ao seu estilo ‘imparcial’, a notícia se constrói mostrando os chamados ‘dois lados’ da situação. Qualquer que seja o tema ou a reportagem, sempre haverá *dois lados*, num evidente dualismo: nem um, nem três, nem cinco – sempre *dois lados da questão*” (2007:182). No *Jornal Nacional* não há emissão explícita de opiniões por parte dos apresentadores, e isso se caracteriza como um fator de construção de imparcialidade. Gomes (2005) ainda ressalta a constante presença de especialistas e da sustentação por números, dados estatísticos e gráficos, o que evidencia um caráter didático do noticiário.

Além disso, esse telejornal valoriza sua cobertura, dando destaque ao trabalho de repórteres espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Isso se relaciona à construção do estilo inconfundível de ser do *JN* que é, para Gomes (2005), a capacidade de “estar lá”, só possível graças ao poderio econômico e tecnológico da Central Globo de Jornalismo. Essa ideia de onipresença do *JN* é construída por meio das entradas ao vivo dos repórteres, que causa o efeito de credibilidade da notícia. Esse efeito de presença, graças ao “ao vivo”, pode ser entendido, de acordo com Fachine (2008), como um *aqui* e um *agora* instaurados por um tipo de enunciado, o *texto em ato*. Esse enunciado específico, devido à sua forma de enunciação produz um efeito de correspondência entre o espaço e o tempo da TV e do “mundo”. Graças às entradas ao vivo de repórteres, cria-se um efeito de que, o *JN* estando onde acontecem, aconteceram ou acontecerão os fatos de relevância jornalística, ao telespectador é proporcionado um contato com o mundo “real”. Assim, para a autora, essa dimensão espaço-temporal criada pelo “ao vivo” não é nem interna (de ordem semântica) nem externa (de ordem pragmática) ao discurso: é vivida no ato de uma prática discursiva.

Segundo Gomes (2005), “o principal pacto estabelecido com a audiência é em relação ao recorte dos fatos mais ‘importantes’ do cotidiano do país (o país privilegiado pelo noticiário)” (2005:08). Ou seja, é estabelecido um contrato fiduciário¹⁶ entre *JN* e audiência baseado na

¹⁶ No âmbito da teoria do jornalismo, Guerra (1998) pontua que é sobre o contrato fiduciário que se baseia o jornalismo, ou seja, jornalistas e público mantêm uma confiança mútua de que a notícia se trata de realidade e não de ficção. De acordo com Matte (2002), na perspectiva da teoria semiótica francesa, o contrato fiduciário é realizado pela relação ser/parecer. Essa relação, desse modo, funda-se da confiança e no crer e se realiza como um sintagma intersubjetivo composto de três fazeres: o fazer veridictório, epistêmico e fiduciário. O primeiro consiste na inscrição de marcas mediante as quais se produz um efeito de verdadeiro/falso/mentiroso/secreto. O segundo

crença de que o recorte que esse noticiário faz equivalha aos fatos mais importantes e o que mais tem relevância para a vida dos brasileiros. Outro fator de fidúcia entre *JN* e audiência é o papel de organizador do mundo, de acordo com Gomes (2005). Esse noticiário se apresenta como um organizador do fluxo caótico de notícias e dá sentido aos fatos. A autora ainda salienta o papel do *JN* de alimentar a “conversação social”: “Um pouco de política, de economia, esportes, internacional, apenas o essencial de cada uma das editorias é suficiente para repor o estoque de informação para a conversa do próximo dia” (GOMES, 2005:08).

O *Jornal Nacional* organiza as notícias sempre do mais forte para o mais leve. Para Gomes (2005), essa tendência é perceptível tanto em relação a todo o noticiário quanto em relação a cada bloco. A ordem de apresentação das notícias mostra-se da seguinte maneira: Segurança/Polícia, Economia, Política Nacional, Internacional, Serviços (previsão do tempo, cotações da bolsa e das moedas), Esporte e Social. Há ainda matérias não fixas sobre Ciência e reportagens especiais, sobre temas diversos, geralmente temas sociais pertencentes às séries de reportagem *Brasil Bonito* e *Identidade Brasil*, o que Chrystus (2002) chama de *matérias edificantes do Jornal Nacional*. Nota-se que, após o telespectador ser bombardeado por notícias pesadas, ele, ao final do noticiário, tem a impressão de um “final feliz”. Esse efeito de sentido é construído pela organização das editorias do *Jornal Nacional*.

Gomes (2005) aponta o caráter fortemente conservador do *JN*: “é bastante conhecida a proximidade do Jornal Nacional e da própria Rede Globo com todos os governos” (Gomes, 2005:09). Os mediadores (apresentadores, repórteres e comentaristas) são a “cara” do telejornal. De acordo com essa autora, o *JN* empresta aos apresentadores “uma identidade forte, porém temporária”. Eles “representam e traduzem todo o sentido de tradição e conservadorismo do telejornal” (GOMES, 2005:10). Por 27 anos, Cid Moreira e Sérgio Chapelin ocuparam a bancada, dando lugar, posteriormente, a William Bonner e a Lilian Witte Fibe, que inauguraram uma mudança de conceito de jornalismo: “(...) os apresentadores, antes meros veículos, passaram a tomar para si o posto de ‘âncoras’ e a responder, também, pela editoria dos jornais” (Gomes, 2005:10). Sai Witte Fibe e entra em seu lugar Fátima Bernardes, formando com o marido Bonner o “casal celebridade do jornalismo brasileiro” (PORTO *apud* GOMES, 2005:10):

consiste no fazer interpretativo do sujeito, a partir de sua cultura, seus valores. O fazer fiduciário, por sua vez, o sujeito confia ou espera mais do que o fazer epistêmico permite, ou seja, ele se deixa conduzir por uma atitude passional, um estado de alma, que toma o parecer como sendo ser.

O exemplo de casal feliz, bonito e bem-sucedido é uma peça fundamental na composição do território limpo, discreto, quase asséptico do programa. Durante todo o jornal, Fátima e Bonner permanecem sentados em suas bancadas, quase não gesticulam e nem falam entre si. O casal não ‘chama a atenção’, porque ali o espaço de protagonista parece ser reservado apenas para a ‘notícia’ (GOMES, 2005:10).

Para Chrystus (2007), pode-se dizer que o *Jornal Nacional* organiza-se em torno de dois eixos principais. O primeiro visa a fidelizar a audiência e atrair cada vez mais público. O segundo eixo se relaciona à valorização da identidade nacional. Não é à toa que esse telejornal carrega em seu nome a palavra *nacional*, adjetivo que corresponde à locução *da nação*. Para Chrystus, “Através de suas narrativas carregadas de emoção, o *JN*, hoje, é um dos principais – se não o principal – forjador da representação do que se imagina ser a nação brasileira contemporânea” (2007:155). A construção da imagem de nação é, segundo ela, um dos compromissos editoriais do *JN*. Essa imagem é sempre estereotipada¹⁷, o que não significa ser falsa, mas certamente redutora. Reproduz-se a imagem de um povo bom, e que a cultura brasileira, apesar de sua diversidade, repousa na unidade (CHRYSTUS, 2007:199).

Fiorin (2005) sustenta que, em relação à cultura brasileira, há exclusão mesmo no seio da mistura. O autor, baseando-se na teoria de I. Lotman, afirma haver duas condutas na semiosfera – o domínio que permite que uma cultura se defina e se situe para poder dialogar com outras culturas. A primeira conduta age pelo princípio de exclusão e a outra pelo da mescla. Segundo Fiorin, a cultura brasileira age sob o princípio da mescla, haja vista a exaltação da miscigenação de raças e culturas no País. No entanto, ele aponta que, mesmo dentro da mescla, existe o processo da exclusão, uma vez que, nem todo e qualquer elemento é desejável dentro de uma composição: “*Obsérvese por qué es necesario establecer una diferencia entre culturas de la mezcla y de la selección. Porque la cultura de la mezcla también establece fronteras y demarcaciones*” (FIORIN, 2005: s/n).

O autor cita como exemplo o mito formador da nação brasileira: a história de Peri e Ceci, personagens que, no romance *O Guarani*, de José de Alencar, povoam a nova nação sob o princípio da miscigenação – o branco e o índio idealizado. Nota-se que essa mescla não se dá pelo princípio da participação total, uma vez que exclui o contingente de pessoas negras

¹⁷ Em relação ao estereótipo, Bhabha *apud* Chrystus afirma que “O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (20:2007).

habitantes do Brasil à época. Para Fiorin (2006), em relação à cultura brasileira, exaltou-se de tal modo a mescla que se passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão. Para Chrystus (2007), o *JN* é um dos principais, senão o maior elemento que reverbera essa ideia de nação. Não se pode esquecer que esse construto de nação, ainda que crie um efeito de diversidade, opera sobre a lógica da exclusão, por meio de imagens estereotipadas. Segundo a autora, no entanto, nenhum estereótipo surtiria efeito, caso não houvesse um pacto discursivo, um acordo fiduciário, entre o telejornal e sua audiência.

Como se disse, a forma como as matérias são dispostas cria um efeito que vai do pesado para o leve, do intenso para o extenso. Ao final de cada edição, o telespectador vai para a cama relaxado. Travancas (2007) aponta que na pesquisa realizada sobre a recepção do *JN*, a maioria dos entrevistados disse perceber esse telejornal como entretenimento. Para Chrystus, esse efeito de agradável do *Jornal Nacional* se deve a um pacto discursivo que remonta ao caráter romântico do pacto discursivo do século 19, de traços folhetinescos: “aventuras amorosas, peripécias, desencontros e reencontros: tudo embalado numa linguagem acessível, coloquial para a época, com traços de brasilidade” (2007:207). Para a autora, imagens da nação romântica de José de Alencar pouco ou nada se diferenciam da imagem de nação construída pelo *JN*. Chrystus (2007) afirma que o *JN* atualiza e rearticula o pacto romântico com o público, principalmente pelo aspecto de folhetim, resultando em uma linguagem confortável e acessível aos mais diversos públicos: “o telejornal se encarrega de organizar essa sensação de vertigem, conferindo uma certa ordem e assegurando certezas de caráter positivo” (CHRYSTUS, 2007:209). Em entrevista a Travancas (2007), William Bonner, apresentador e editor-chefe do *JN*, afirma que o telespectador pode não saber o que vai ver na próxima edição, mas certamente sabe o que não vai ver: sangue. Essa “limpeza” corrobora o efeito tranquilizador, agradável do telejornal.

Afirmou-se que um telejornal preocupa-se com o fato jornalístico, daquilo que se descola de uma linearidade extensa. Esses fatos, no entanto se desenrolam no cotidiano, que, para Blanchot *apud* Chrystus (2007), tem o traço essencial de não se deixar apanhar: “Enfim, o cotidiano escapa. O que não significa abandonar a empreitada de persegui-lo, compreendê-lo” (CHRYSTUS, 2007:228). É nesse cenário que se entrecruzam “os destroços ideia de nação” pela barbárie apresentada diariamente na sessão das *hard news*, com as imagens de um Brasil bonito, de um projeto de nação una. A autora poeticamente conclui sua tese sobre as imagens da nação desde o romantismo até o pacto discursivo telejornalístico da seguinte forma:

Na verdade, todo esse aspecto edificante do “nosso povo maravilhoso” está contornado/corroído pelo mundo dos acontecimentos diários, que aparentemente degradam e provocam a queda daquela origem tão bela, tão pura “como a luz sem sombra da primeira manhã” (Foucault, 2005, p. 18). Um projeto certamente da ordem do impossível – mas projetos impossíveis não são menos perseguidos que outros, ao contrário. Há, então, que se contentar provisoriamente com essa verdade mediana oferecida pelo jornalismo, com esses rastros de verdade? Talvez. (2007:228).

Assim, o telejornalismo e, especificamente o *JN*, na impossibilidade de apreender o cotidiano em sua totalidade, oferece aos seus espectadores rastros de verdade, vestígios do mundo “real”.

2.2.4 – Padronização das pronúncias

Segundo Medeiros, “Há uma tendência generalizada entre os repórteres de emissoras distantes do eixo Rio-São Paulo de modificarem a forma de falar cotidiana, no momento em que pegam o microfone e se posicionam diante de uma câmera de TV” (2006:13). A hipótese da autora é corroborada por um projeto explícito da Rede Globo, que foi o da padronização das pronúncias de repórteres do maior telejornal da TV, iniciado da década de 70/80.

O ano de 1983 marcou a divisão do jornalismo da Rede Globo em dois setores: comunitário e de rede. A separação entre o jornalismo que era produzido localmente e o que era produzido para ser veiculado em cadeia nacional se baseou no fato de que a cobertura local tem pouco a ver com a cobertura nacional. Nessa época, foram criados os telejornais locais *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*, além do *Globo Cidade*. De acordo com as Organizações Globo (2004), com a divisão entre jornalismo local e nacional, a capacitação e o aperfeiçoamento dos jornalistas passaram a ganhar importância. Profissionais de todas as praças passavam por um treinamento na sede da emissora, no Rio de Janeiro. Nessa época, a Central de Afiliadas à Rede Globo criou o *Prodetaf* (Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas), que objetivava “minimizar as distorções entre diferentes regiões do Brasil e criar um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:123).

A fala também entrou no pacote do “padrão Globo”, de modo que, a partir de 1974, a fonoaudióloga Glória Beuttenmüller passou a desenvolver um trabalho de uniformização da fala de repórteres e apresentadores. Beuttenmüller pretendia amenizar os sotaques regionais. Houve a

definição de um padrão nacional, estabelecido de acordo com um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, “no qual ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro, com algumas restrições. Os ‘esses’ não poderiam ser muito sibilantes e os ‘erres’ não poderiam ser muito arranhados, guturais” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:123). Houve então um projeto explícito de padronizar as pronúncias do Brasil em uma que seria a padrão: a do Rio de Janeiro, com as exceções citadas acima. Tal projeto pretendeu dar uma unidade ao falar do telejornalismo da TV Globo. Essa padronização do falar está dentro de um projeto maior, que é a implementação do padrão Globo de Telejornalismo.

Em função de um padrão Global de qualidade e de uma suposta maior compreensibilidade, Beuttenmüller criou o falar-padrão da Rede Globo: um falar que não pertence, de fato, a nenhuma cidade do Brasil. Poder-se-ia denominar o falar do *Jornal Nacional*, o falar da “Via Dutra”, do eixo Rio-São Paulo. Ou seja, um falar cujas características estão compreendidas entre os falares das cidades Rio de Janeiro (padrão estabelecido) e São Paulo (ausência de “esses” sibilantes, chiados, e de “erres” guturais). Em relação à compreensibilidade, Beuttenmüller afirma: “Meu trabalho na Rede Globo (...) criou um padrão, embora muitos critiquem esse trabalho, alegando que todos falam igual na emissora. (...). Não anulei a pronúncia regional. Apenas tentei suavizá-la para haver maior compreensão nacional do noticiário” (apud ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:123). Se houve anulação completa da pronúncia regional, isso caberia a um trabalho no âmbito da fonética, tema do capítulo 3.

Ainda que a pronúncia regional sobreviva ao falar-padrão do *Jornal Nacional*, a imposição desse padrão baseia-se, também, no argumento da compreensibilidade, quer dizer, atingir o maior número de pessoas possível. Porém, por que razão o falar do *JN*, portanto o falar com características da Região Sudeste, seria mais compreensível que o falar de outras regiões? O que faz com que o sotaque da região Sudeste seja compreensível, por essa perspectiva, e, em oposição, que o sotaque de outras regiões do Brasil não o seja? Percebe-se que o argumento da compreensibilidade não se aplica de fato, pois está mais ligado a questões ideológicas que linguísticas, quer dizer, adota-se o falar da região Sudeste¹⁸ pelo fato de ser mais prestigioso¹⁹, já que não se pode partilhar a ideia de sotaques mais ou menos compreensíveis sob o ponto de vista

¹⁸ Deve-se ter claro que a adoção de um falar-padrão não implica ausência de sotaque desse falar. Este falar-padrão possui sotaque, já que sotaque são marcas de procedência do falante. Se se trata de um falar do eixo Rio-São Paulo, não se trata da inexistência de um sotaque, mas, do sotaque do eixo Rio-São Paulo.

¹⁹ Sobre o caráter ideológico do falar do *Jornal Nacional*, veja-se Mendes (2006).

linguístico. Assumir tal postura seria o mesmo que dizer que existem línguas ou variantes linguísticas superiores ou mais corretas que outras.

2.2.5 – O peso da palavra

Para Fechine (2008), na televisão, a voz, é o elemento sonoro hegemônico. De acordo com a autora, pode-se associar à voz uma experiência pessoal fundada no sentimento de contato que a própria voz inspira. Esses sentimentos se relacionam com o próprio caráter pessoal da voz, uma marca de personalidade e até mesmo da corporeidade do repórter ou apresentador de telejornal. A voz, dessa maneira, passa a compor o *ethos* do comunicador, ou seja, a imagem que o enunciatário fará daquele enunciadador. A voz, ainda, aponta essa autora, constitui também uma forma de presença que “‘enche’ o ambiente, influenciando sobre a nossa própria percepção do espaço físico em redor” (FECHINE, 2008:115).

Travancas (2007) aponta para um dado muito interessante sobre a audiência do *JN* em relação ao caráter supostamente indivisível do áudio e do visual:

E fico lembrando as afirmações dos manuais de telejornalismo que garantem que uma imagem vale mais que mil palavras... Quando o que pude perceber é que nem sempre a imagem vem na frente. Há uma recepção da TV idêntica à do rádio. Os telespectadores ouvem a televisão e, em momentos especiais, vão vê-la. Nenhum dos meus entrevistados afirmou fazer o contrário, ver sem o som. Até porque é possível conciliar a escuta com outras tarefas (TRAVANCAS, 2007:70).

Travancas é autora de uma pesquisa de bases antropológicas sobre a recepção do *JN* na juventude. O presente trabalho, como se sabe, não se preocupa com a recepção, mas com o texto. No entanto, a afirmação da autora vem ao encontro a uma opção metodológica crucial: ao se estudar a fala do *Jornal Nacional*, ou seja, seu elemento sonoro, deixa-se de lado o elemento visual, plástico desse produto audiovisual. Não se deixa de reconhecer, entretanto, que o *JN* se enquadre no que Greimas e Courtés chamam de sincretismo²⁰, ou seja, várias linguagens articuladas produzindo sentido. Para este trabalho, no entanto, optou-se por não abordar a questão da imagem. Não se trata de uma *mea culpa*, mas da consciência da necessidade de fazer recortes,

²⁰ Greimas e Courtés definem as semióticas sincréticas como sendo aquelas que “acionam várias linguagens de manifestação” (1983:426).

de discretizar o contínuo para perceber como se constroem efeitos de sentido, ainda que se reconheça a importância da imagem nesse engendramento.

Dessa forma, como aponta o título dessa dissertação, vai-se tratar do elemento sonoro das matérias do *Jornal Nacional*: a fala, tanto o seu conteúdo como a sua expressão. Apresentar-se-á, em seguida, a semana do *JN* que foi analisada para serem realizadas as análises propriamente ditas nos capítulos seguintes.

2.3.1 – A semana analisada: objetivação metodológica

Optou-se por se analisar uma semana do *Jornal Nacional*. O noticiário é exibido de segunda a sábado, ou seja, seis vezes por semana. A semana em questão foi escolhida aleatoriamente, apenas foi condição imprescindível que, nessa semana, os apresentadores oficiais William Bonner e Fátima Bernardes estivessem presentes de segunda a sexta; no sábado, eles são substituídos por outros dois apresentadores. Isso se deve ao fato de que este estudo tem como objeto a fala do *Jornal Nacional* e, por isso, escolheu-se uma semana na qual estivessem presentes os apresentadores oficiais, ou seja, uma semana típica do *JN*. A semana analisada é compreendida pelos dias cinco a dez de maio de 2008, segunda a sábado. Cada edição do *JN* possui diariamente em torno de 13, 14 matérias.

Dessa gama, extraíram-se três matérias por dia, totalizando 17 matérias o *corpus* da pesquisa. Utilizou-se o seguinte critério para a seleção de três matérias diárias: matérias nacionais, internacionais e locais. Explicita-se que esse critério tem caráter principalmente espacial, ou seja, o lugar onde se desenrolam os acontecimentos, que, de certa forma, acaba por definir a editoria em que entram tais matérias. Assim, um evento relacionado à política, provavelmente terá ocorrido em Brasília, ou o repórter falará de Brasília, por mais que o fato não tenha acontecido na capital federal. O mesmo em relação às matérias de economia, que geralmente estará relacionada aos estados de maior poder econômico do País. Desse modo, a categoria “nacional”, escolhida arbitrariamente, relacionar-se-á, principalmente, a temas políticos e econômicos. A categoria “internacional”, por sua vez, tem a ver principalmente com eventos passados fora do Brasil. Sabe-se que a Rede Globo possui correspondentes em todos os continentes do mundo e que as entradas desses profissionais, como se viu, criam a ideia de onipresença desse noticiário. Por fim, a categoria “local” se relaciona a eventos ocorridos fora do

eixo São Paulo-Rio-Brasília. Geralmente, mas nem sempre, são *matérias edificantes* (CHYSTUS, 2002) ou temas cujo olhar é sempre do estrangeiro, como as “pitorescas” festas populares Brasil afora ou qualquer outro evento ocorrido nesses estados. Observa-se que nem sempre as matérias mostradas, ou seja, o *corpus* desta pesquisa, vão obedecer rigorosamente a essa classificação. Ressalta-se que se optou por categorizar as matérias e depois fazer a triagem de três delas por edição do noticiário. Como se sabe, as categorizações são arbitrárias e as fronteiras entre uma categoria e outra podem não ser bem delimitadas. O que se pretendeu fazer foi, ao se optar por três matérias por dia, tentar ser o mais abrangente possível em relação a temas e lugares mostrados pelo JN.

A razão de se analisarem três matérias por dia e não as 13 ou 14, quer dizer, toda a edição desse noticiário, decorre de uma questão metodológica que restringe o estudo da edição completa. A análise acústica, tema do capítulo seguinte, ainda que seja feita por um programa de computador, é um processo lento e praticamente manual. A segmentação de vogais e consoantes de uma semana de edições inteiras do noticiário impossibilitaria a conclusão deste trabalho dentro do tempo estabelecido pelo Programa de Pós-Graduação ao qual se está vinculado e pela agência de pesquisa que fomenta este trabalho.

Para a análise acústica, utilizou-se tão-somente o som das matérias, descartando-se a parte visual, como já foi apontado anteriormente. Esse som foi retirado do site do noticiário (<http://jornalnacional.globo.com/>), no qual as matérias são dispostas individualmente. Procedeu-se então extraindo o vídeo completo, ou seja, com o áudio, por meio de um programa compatível ao navegador *Mozilla*, chamado *Download Helper*. Este programa salva os vídeos em formato de vídeo *.flv* que, em seguida, foram convertidos para o formato de áudio *.wav* por um programa conversor chamado *Total Video Converter*. Todos os softwares utilizados são gratuitos ou livres. Em relação ao texto de cada matéria, o próprio site do noticiário os disponibiliza, de modo que não foi necessária a transcrição de cada matéria para o capítulo 4, quando os textos serão analisados à luz da semiótica do discurso.

2.3.2 – Descrição da semana

A descrição do conteúdo das matérias do *JN* da semana do dia cinco a dez de maio de 2008 pretende apresentar rapidamente os temas de cada uma delas.

Inicia-se pelo dia cinco de maio, segunda-feira. A matéria nacional selecionada é intitulada por “Deputado poderá ser investigado”. Trata-se do processo que cita a participação do deputado federal Paulo Pereira da Silva em um esquema de desvio de dinheiro do BNDES. Na categoria internacional, figura a matéria sobre um austríaco que manteve em cativeiro sua filha por 24 anos. De acordo com a repórter, o “maníaco”, como é chamado o homem acusado pelo *JN*, planejara seus atos e construiu o cativeiro no porão da casa com seis anos de antecedência. Na categoria local, encontra-se uma matéria sobre um ciclone extratropical no Sul do Brasil. Houve destruição de casas e da rede elétrica de muitas cidades no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Na terça-feira, seis de maio, a matéria nacional selecionada tem como tema o caso da menina Isabella, cujo pai e madrasta são acusados de matar a menina, jogando-a da janela do apartamento da família. Na matéria, o promotor Francisco Cembranelli pediu a prisão preventiva Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Para o promotor, há evidências suficientes para levar o casal a júri popular. Na categoria internacional, selecionou-se a matéria que trata da corrida presidencial nos Estados Unidos. A matéria mostra que, enquanto os democratas titubeiam para escolher seu representante, Barack Obama ou Hillary Clinton, o candidato republicano John McCain percorre os EUA em campanha. Na categoria local, foi extraída a matéria que trata da prisão do dono de uma fazenda de arroz em Roraima, cujas seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade.

Quarta-feira, sete de maio de 2008, na categoria nacional, a matéria selecionada trata de um teste político ao qual será submetida a Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. A Ministra foi ouvida por mais de nove horas em uma comissão do Senado e voltou a negar que a Casa Civil tenha montado um dossiê com informações sobre o ex-presidente Fernando Henrique. Esse dossiê conteria informações pessoais do ex-presidente, inclusive extratos bancários. Na categoria internacional, a matéria destacada se refere a uma situação dramática em Mianmar. O país foi assolado por um ciclone que, segundo informações extra-oficiais, deixou 100 mil pessoas mortas. Na categoria local, um agricultor de Pedranópolis, interior de São Paulo, é acusado de manter em cárcere privado a esposa por 20 anos.

No dia oito de maio, quinta-feira, na categoria nacional, figura a matéria sobre o desenrolar do suposto dossiê elaborado pela Casa Civil sobre informações pessoais do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Segundo o laudo técnico ao qual o *JN* teve acesso, as informações sigilosas foram divulgadas por um funcionário da Casa Civil. Na categoria internacional, evidencia-se a matéria sobre a comemoração dos 60 anos do Estado de Israel. Nesse dia oito de maio, não houve nenhuma matéria que se enquadrasse no que se propôs chamar de categoria local e, dessa forma, foram analisadas apenas duas matérias desse dia.

Na sexta-feira, nove de maio de 2008, destaca-se na categoria nacional uma matéria sobre economia. Segundo o texto do repórter, o alimento é considerado o maior causador do aumento da inflação no País. Para categoria internacional, selecionou-se a matéria sobre o poder bélico da Rússia. O governo russo promoveu naquele dia o maior desfile militar desde o fim da União Soviética para lembrar a vitória sobre as tropas nazistas na Segunda Guerra Mundial. A categoria local traz a matéria sobre a invasão da Universidade Federal do Ceará por famílias de sem-teto; 14 mil estudantes perderam aulas devido à ocupação.

No último dia analisado, sábado, dia 10 de maio de 2008, para a categoria nacional, selecionou-se a matéria que discute a questão das cotas raciais. “Reunidos em São Paulo, militantes do Movimento Negro Socialista fizeram um manifesto contra o Estatuto da Igualdade Racial, em debate na Câmara dos Deputados”, afirma o texto da matéria. Na categoria internacional, mostra-se a matéria sobre a desocupação das ruas da capital do Líbano pelos militantes do grupo terrorista Hezbollah. A matéria da categoria local aborda os desdobramentos da matéria que tratou do ciclone extratropical no Sul do País. Após uma semana do acontecimento, famílias voltaram para casa, mas 16 cidades se encontravam em estado de emergência.

Como se pôde perceber na descrição realizada, procurou-se, com instauração das categorias nacional, internacional e local, tratar dos mais diversos temas, lugares, enfim, ser o mais abrangente possível, falando de política, economia, esporte, grandes comoções sociais, casos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Com isso, tenta-se minimizar possíveis perdas em decorrência da decisão de se analisarem três matérias por dia e não a edição completa do noticiário durante uma semana.

A seguir apresenta-se uma tabela que contém os títulos e as cabeças, ou seja, o lide²¹ da matéria; que é lido sempre pelo apresentador, que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter. As matérias são dispostas pelas categorias e pelas datas da semana analisada.

Categoria Data	Nacional	Internacional	Local
05/05/08 - Seg	Título: Deputado poderá ser investigado Cabeça: A Justiça de São Paulo mandou para o Supremo Tribunal Federal o processo que cita a participação do deputado federal Paulo Pereira da Silva em um esquema de desvio de dinheiro do BNDES. O inquérito poderá ou não ser aberto.	Título: Detalhe surpreendente e revoltante Cabeça: O maniaco austríaco Joseph Fritzl começou a preparar o local do cativo em que prendeu e estuprou sua filha por 24 anos com seis anos de antecedência.	Título: Ciclone mata e causa transtornos no Sul Cabeça: No fim de semana, a chuva e os ventos de mais de 100 km/h arrancaram árvores, destruíram casas e a rede elétrica de muitas cidades no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.
06/05/08 - Ter	Título: Isabella: é pedida a prisão do casal Cabeça: O promotor Francisco Cembranelli ofereceu hoje denúncia à justiça - e pediu a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Ele afirma que há evidências suficientes para levar o casal a júri popular, pela morte da menina Isabella.	Título: Os bastidores da campanha de McCain Cabeça: Enquanto os democratas decidem quem será o candidato deles à presidência, o republicano John McCain percorre os Estados Unidos em campanha. Os correspondentes Lília Teles e Sherman Costa acompanharam o senador numa viagem.	Título: Tensão em Roraima Cabeça: A Polícia Federal prendeu, no fim da tarde, em Roraima, o dono da fazenda de arroz onde seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade.
07/05/08 - Qua	Título: Dilma passa por um teste político Cabeça: A ministra voltou a negar que a Casa Civil tenha montado um dossiê com informações sobre o ex-presidente Fernando Henrique. Ela foi ouvida por mais de nove horas em uma comissão do Senado.	Título: Situação dramática em Mianmar Cabeça: Há um milhão de desabrigados e a ajuda humanitária chega lentamente às áreas mais atingidas pelo ciclone. Extraoficialmente, já há quem fale em 100 mil mortos.	Título: Homem é preso por enclausurar esposa Cabeça: No interior de São Paulo, a polícia prendeu um agricultor aposentado acusado de manter a mulher em cárcere privado por 20 anos.
09/05/08 - Sex	Título: Alimentos são vilões da inflação Cabeça: O preço dos alimentos voltou a pressionar a inflação, que fechou o mês de abril em alta. Alguns produtos típicos da mesa dos brasileiros estão entre os que ficaram mais caros.	Título: Rússia mostra seu poder bélico Cabeça: Governo promoveu nesta sexta o maior desfile militar desde o fim da União Soviética para lembrar a vitória sobre as tropas nazistas na Segunda Guerra Mundial.	Título: Universidade invadida fica sem aula Cabeça: A reitoria da Universidade Federal do Ceará suspendeu, a partir desta sexta, todas as atividades. Ficarão sem aulas 14 mil alunos por causa de uma invasão de sem-teto.
10/05/08 - Sáb	Título: Cotas em discussão Cabeça: A política de cotas para negros voltou a ser criticada. Reunidos em São Paulo, militantes do Movimento Negro Socialista fizeram um manifesto contra o Estatuto da Igualdade Racial, em debate na Câmara dos Deputados.	Título: Guerrilheiros deixam Beirute Cabeça: Militantes do grupo terrorista Hezbollah desocuparam hoje as ruas da capital do Líbano. O governo cedeu, e aceitou parte das exigências do grupo.	Título: Situação de emergência Cabeça: Uma semana depois do ciclone extratropical, que atingiu o Rio Grande do Sul, as famílias atingidas começam a voltar para casa. Mas 16 cidades ainda estão em situação de emergência.

²¹

No 'lide', do inglês *lead*, tenta-se responder a seis perguntas: quem, o quê, onde, quando, por quê e como.

Tabela 4: título e cabeça das matérias analisadas

O objetivo deste capítulo foi localizar o *Jornal Nacional* em relação à televisão, o meio de comunicação extremamente enraizado no modo de vida brasileiro. Como apontou Machado (2000), não se deve subestimar a TV, ou nas palavras do autor, deve-se levá-la a sério. Em seguida abordou-se o telejornalismo como um gênero e suas especificidades, para então trazer à tona o *Jornal Nacional* que, para Bucci (2007), é a instituição jornalística central no País atualmente. Pensar esse produto midiático implica reconhecê-lo imbricado ao próprio fazer telejornalístico no Brasil.

Capítulo 3

A expressão da fala do JN

“Uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (HJELMSLEV, 2006:54).

O presente capítulo visa a fazer uma descrição em termos fonéticos da expressão (Hjelmslev, 2006) da fala (Saussure, 2006) do *Jornal Nacional*. Como se apontou no capítulo 1, a fonética se preocupa com a substância da expressão, isto é, com o contínuo sonoro, ao passo que a fonologia, com a forma desse fônico, ou seja, o recorte do *continuum*. A fala, por sua vez, tem a ver com a realização individual da língua, pela concepção saussuriana. Este estudo fonoestilístico objetiva fazer uma descrição dessa fala principalmente por uma razão apresentada no capítulo 2, que é analisar o efeito acústico do trabalho realizado de uniformização da fala de repórteres e apresentadores. Essa fala uniformizada é, para Silveira (2008)²², a unidade padrão que emerge na diversidade das pronúncias do Português Brasileiro (PB).

Como se apontou anteriormente, a fonoaudióloga Glória Beuttenmüller pretendia, com o trabalho de uniformização da fala de repórteres e apresentadores, amenizar os sotaques regionais. Esse trabalho de padronização da fala pautou-se em um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, “no qual ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro, com algumas restrições. Os ‘esses’ não poderiam ser muito sibilantes e os ‘erres’ não poderiam ser muito arranhados, guturais” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:123). Dessa maneira, neste capítulo, dentre outras observações fonéticas igualmente importantes, descrever-se-á como se dá a realização dos arquifonemas²³ /R/ e /S/ visando a perceber se, de fato, existe uma uniformização da fala de repórteres e apresentadores do *JN* ou não. Em outras palavras, pretende-se perceber qual o grau de variabilidade na produção desses sons.

²² A pesquisa realizada por Silveira (2008) toma como base a pronúncia dos apresentadores de telejornal da Rede Globo de Televisão “que, progressivamente, devido ao seu poder de acesso ao público nacional e internacional tem sido agente de estandardização da pronúncia brasileira” (SILVEIRA, 2008:17). Para ela, essa pronúncia é representada por nativos e estrangeiros como padrão de grau ótimo. Essa escolha se deve a uma série de fatores que, segundo a autora, devem ser analisados por diferentes perspectivas tanto lingüística, como cognitiva, social, ideológica e idiomática. Os estudos dessa autora tratam o “globês”, termo cunhado por ela para designar a pronúncia dos profissionais da notícia da Rede Globo, como a pronúncia identitária para o PB, trata-se de uma “arquinorma televisiva irradiada pela TV Globo, resultante do grande alcance geográfico dessa rede de televisão e de sua aceitabilidade por parte dos falantes/ouvintes do português brasileiro, tanto em território nacional quanto internacional, ainda que não a usem, efetivamente” (SILVEIRA, 2008:33). Passa-se, assim, a reconhecer tal arquinorma como a pronúncia mais representativa do Brasil e, graças a razões ideológicas, é largamente aceita. Ao se estudar a padronização da fala do *JN*, esbarra-se na questão colocada por Silveira (2008), que é a escolha de uma pronúncia como a mais aceita e a escolhida para representar a identidade do povo brasileiro.

²³ O arquifonema representa todas as possibilidades de realizações de um mesmo fonema em posição de coda e cada possibilidade é denominada alofone. Para Crystal (2000), o alofone é uma variação perceptível de forma de uma unidade linguística, sem afetar a identidade funcional. A variação formal não é linguisticamente distintiva, quer dizer, não há mudança de sentido.

3.1 – Dos métodos

Para este estudo, utilizou-se o *corpus* resultado de uma semana de gravação do JN, sendo que, de cada edição, são selecionadas três matérias, das categorias local, nacional e internacional. O *corpus* foi analisado no software livre para análise acústica *Praat* (www.fon.hum.uva.nl/praat/) e conjuntamente foi utilizado o script *Beat Extractor* traduzido por Barbosa (2006), que segmenta automaticamente segmentos VV, ou seja, de uma vogal até outra vogal.

A opção de se analisar os segmentos VV e não apenas vogais e consoantes em separado decorre do fato de que o sinal acústico da fala é um sistema dinâmico e não estático. Sistema dinâmico, na concepção de Barbosa (2006), é aquele que muda de estado com a passagem do tempo e essa mudança é considerada pelo autor uma propriedade rítmica fundamental. Para a teoria dos sistemas dinâmicos, o indivíduo e o ambiente se articulam em partes que se relacionam e evoluem no tempo. Esse sistema dinâmico formado por homem/ambiente obedece a um princípio de auto-organização, de acordo com o qual não há dicotomias entre mente/corpo, planejamento/execução, programa/executor. Assim, o nível abstrato (mental) seria um *continuum* do nível físico. No sistema dinâmico do ritmo de fala, o autor argumenta que sua unidade mínima é a VV “a duração abstrata de uma unidade delimitada por dois *onsets* consecutivos como parâmetro de ordem” (BARBOSA, 2006:04). O sistema do ritmo de fala separa os componentes prosódico e segmental. O ritmo é o resultado desses dois componentes “mas a organização temporal propriamente rítmica é dada pelo sistema de osciladores acoplados subjacente” (BARBOSA, 2006:27).

A unidade VV foi depreendida a partir do movimento mandibular, a partir da qual se organizam os gestos consonantais em torno da vogal (RHARDISSE & ABRY *apud* BARBOSA, 2006). De acordo com Barbosa (2006:30), o VV é “cada ciclo do oscilador silábico [que] tem seus limites alinhados com o *onset* de duas vogais consecutivas”. A unidade VV é constituída por uma vogal e todos os segmentos assilábicos que a sucedem, não importando a fronteira silábica, até o *onset* da vogal seguinte, que, por sua vez, determina o início da próxima unidade VV. Para Barbosa (2006), a periodicidade das unidades VV relaciona-se com o fato de que, na cadeia da fala, observam-se vogais que se interrompem pela perturbação de consoantes. Os formantes de uma vogal (ou soante, para a fonética acústica) influenciam os formantes da consoante fricativa

seguinte de forma dinâmica. A seguir apresenta-se uma imagem da sentença *sem a ajuda de pedreiros*, retirada do *corpus* da pesquisa, segmentada no *Praat*:

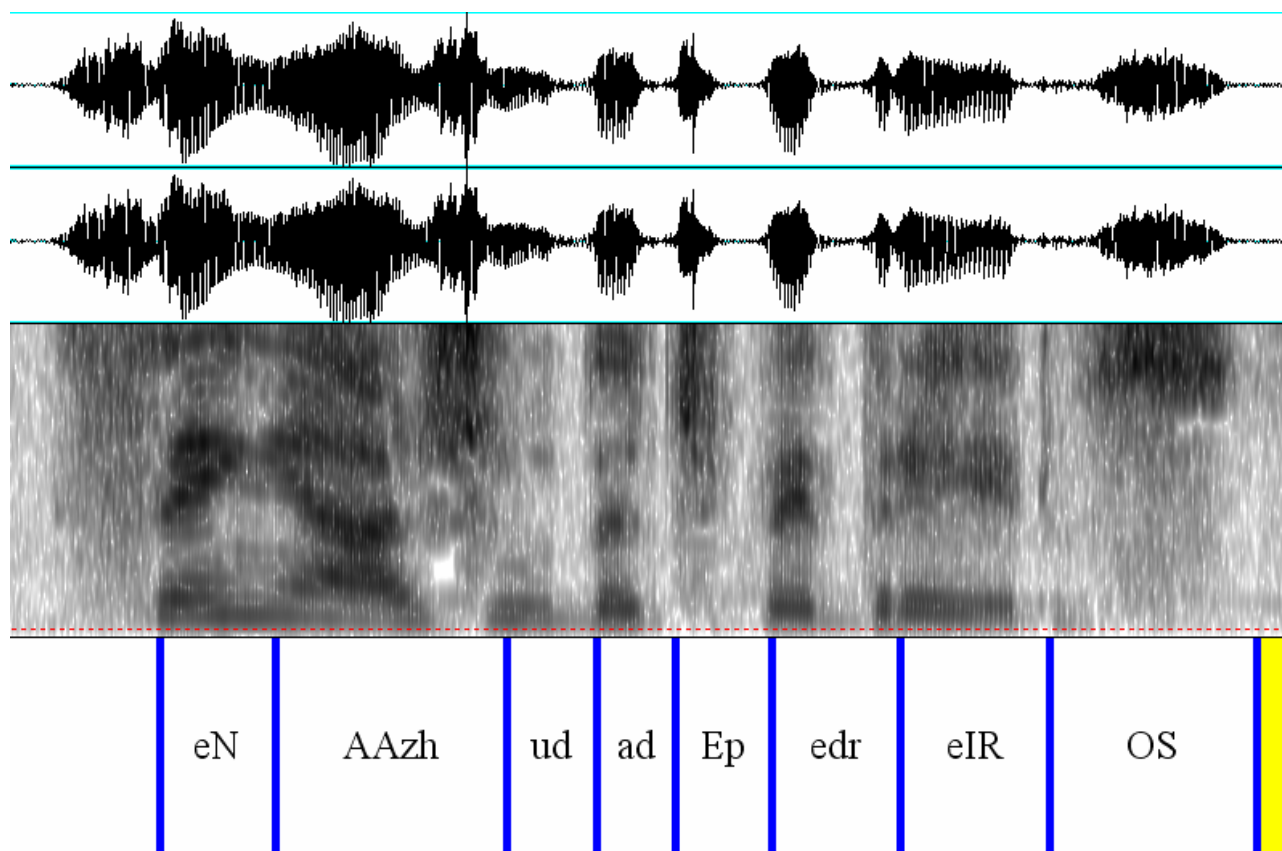


Figura 22: curva de onda e espectrograma de sentença

A unidade VV proposta por Barbosa (2006) é vantajosa, pois concebe a fala como um sistema dinâmico. Em outras palavras, caso se analisem apenas os arquifonemas /R/ ou /S/ em separado, não se obteria um resultado confiável, pois a configuração formântica de um segmento altera os formantes vizinhos, ou seja, a frequência das vogais que precedem as consoantes de uma unidade VV vai influenciar-lhes a frequência. Além disso, Barbosa (2006:56-57) argumenta que a unidade VV é mais estável que a sílaba fonológica, pois existe uma resistência dos *onsets* vocálicos à perturbação consonantal e prosódica. Dessa maneira, a unidade VV, que possui grandeza de sílaba, cumpre de forma dinâmica a manutenção da regularidade e da periodicidade, funcionando como um atrator cíclico. A regularidade do fluxo vocálico é definida pelo autor

como silabicidade, quer dizer, uma produção contínua de unidades que têm o tamanho de uma sílaba.

Após as segmentações, foram feitas transcrições fonológicas, como podem ser vistas na figura 22, gerada pelo programa *Praat*, com base na tabela proposta por Albano & Moreira (1996). Optou-se pela transcrição fonológica, pois a análise pressupõe que a realização acústica dos sons de cada língua não é fixa, embora exista uma intenção fonológica para cada execução que permite a identificação de sons diferentes mesmo quando sua realização sobrepõe parâmetros acústicos. Assim, a etiquetagem é sempre fonológica, descontínua, enquanto os dados para análise são acústicos, numéricos e da ordem do contínuo. Os resultados encontrados no *Praat* foram, por sua vez, analisados no software livre de análise estatística, chamado *R* (www.r-project.org/).

3.2 – Análises acústicas de todo o corpus

A seguir será analisado todo o *corpus da* pesquisa (6455 segmentos de VV) quanto às seguintes categorias: F0, F1, F2, F3, F4, - todos relativos aos segmentos VV - duração do grupo acentual, número de segmentos por grupo acentual, pitch do grupo acentual e taxa de elocução e curva de F0 dentro do segmento VV. Ressalta-se que os parâmetros foram escolhidos para abarcar o maior número possível de variáveis, considerando-se os limites da coleta de dados naturais, que não possuem controle de intensidade ou fonológico.

3.2.1 – Média de F0

A frequência fundamental ou F0 é a frequência mais baixa em uma onda sonora. A frequência se refere ao número de ciclos completos (movimentos de abrir e fechar) da vibração das cordas vocais por segundo. Esse dado é de particular relevância para o estudo da entonação, pois mostra uma correspondência com os movimentos de pitch envolvidos, ou seja, pontos em uma escala de sensação auditiva. Assim, como aponta Ladefoged (1996:99), o pitch de um som depende em muito da frequência fundamental.

No gráfico abaixo (segmentos por frequência), observa-se que grande parte de todos os segmentos da pesquisa se concentra numa faixa de frequência fundamental de 150 a 300 Hz.

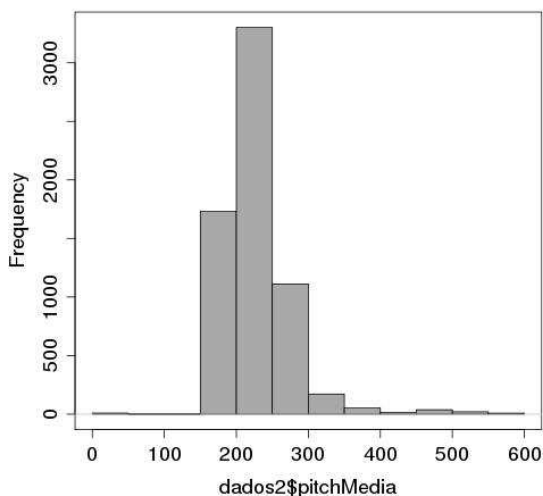


Gráfico 2: média de F0 no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.2 – Média de F1

Para Ladefoged (1996), o pico de energia no espectro de vogais, assim como outros sons, corresponde às frequências básicas de vibrações do ar no trato vocal. Esses modos de vibração são chamados de formantes. Os formantes de um som dependem diretamente da forma do trato vocal. A frequência dos formantes depende de três fatores: a posição do ponto máximo de constrição do trato vocal, que é controlado pela movimentação para frente e para trás da língua; o tamanho do diâmetro máximo de constrição, que é controlado pelo movimento da língua tanto em direção ao palato, quanto em direção à garganta e o terceiro fator é a posição dos lábios. A abertura da cavidade nasal, por sua vez, apagando alguns formantes e reforça outros, como se viu no capítulo 1.

No histograma de F1, nota-se que a maior parte do F1 dos segmentos concentra-se numa faixa de frequência que vai de 250 a 1000 Hz. Em contraposição, na língua inglesa, como aponta Ladefoged (1996:130) esses valores ficam próximos à casa dos 500 Hz. Isso pode significar que o primeiro formante no PB tem frequência superior ao F1 na língua inglesa, por exemplo. Segundo esse autor, quando o diâmetro da constrição máxima do trato vocal aumenta, a

frequência do primeiro formante também cresce (1996:109), ou seja, quanto maior a cavidade oral, maior será o primeiro formante e, quanto maior a cavidade glotal, menor será o F1.

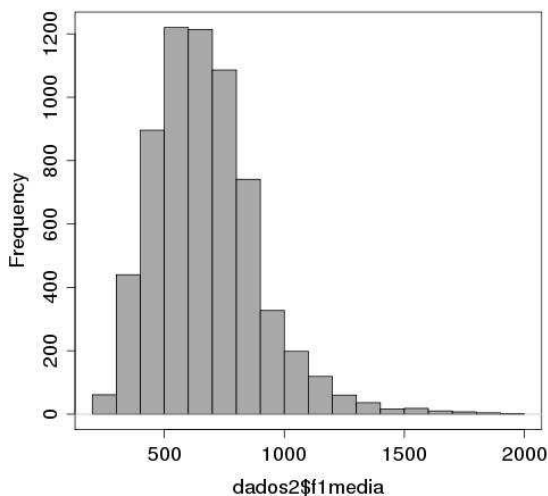


Gráfico 3: média de F1 no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.3 – Média de F2

Segundo Ladefoged (1996), no caso do F2, quanto maior for a constrição do trato vocal, menor a frequência do segundo formante. Variações na frequência do F2 também têm a ver com o arredondamento dos lábios. No histograma abaixo, percebe-se que o F2 dos segmentos concentra-se em uma faixa de frequência que vai de 1500 a 2500 Hz. Ao se buscar um paralelo na literatura de fonética acústica na língua inglesa, encontram-se os mesmos valores em Hz, entre 1500 a 2500, em Ladefoged (1996). Salienta-se que, dessa forma, o PB e o inglês apresentam resultados semelhantes quanto ao segundo formante.

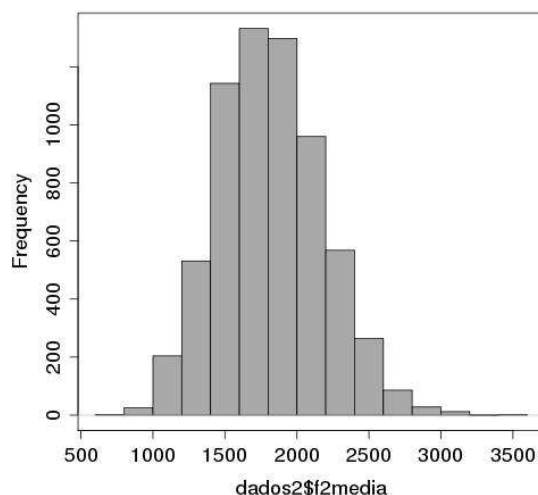


Gráfico 4: média de F2 no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.4 – Média de F3

O terceiro formante relaciona-se com as duas cavidades estabelecidas pela posição da língua, ou seja, à cavidade atrás da constrição da língua e a outra, localizada à frente. No histograma de F3, observa-se que a maior parte dos segmentos concentra o F3 na faixa que vai dos 2500 a 3500 Hz. Em comparação com o inglês, o terceiro formante do *corpus* aqui analisado possui média próxima à língua inglesa, aproximadamente 3000 Hz (LADEFAGED, 1996).

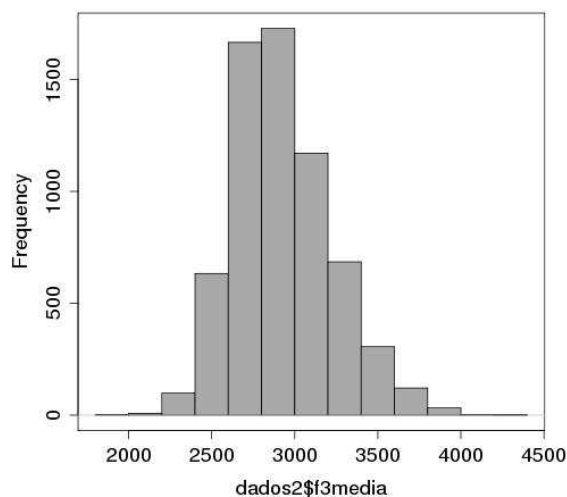


Gráfico 5: média de F3 no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.5 – Média de F4

O quarto formante relaciona-se ao formato da laringe e da faringe na mesma altura. De acordo com Matte (2002), o quarto e quinto formantes são responsáveis por criar efeitos de emoção e intenção na fala. Quanto ao F4, nota-se que a maioria dos segmentos se concentra numa faixa de frequência que vai dos 3500 a 4500 Hz, como se vê a seguir:

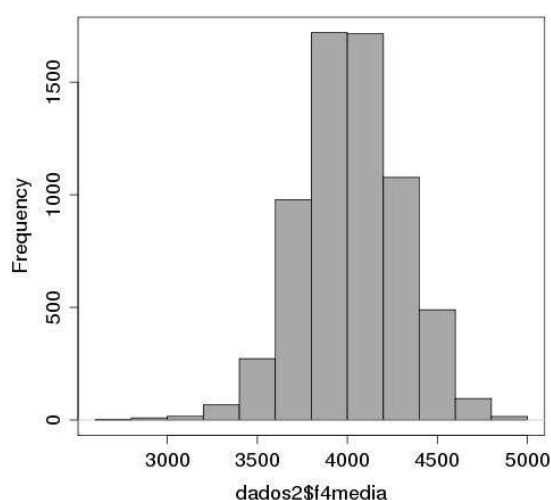


Gráfico 6: média de F4 no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.6 – Intensidade média

Neste histograma, a maioria dos segmentos demonstra uma intensidade média que vai dos 65 a 80 decibéis. A variação da intensidade pode ter a ver com o aumento de intensidade enfática em determinado tema. No entanto, é importante ressaltar que, como a gravação não é feita com um microfone de cabeça, que fixaria a distância entre o microfone e a boca, a intensidade pode estar variando aleatoriamente.

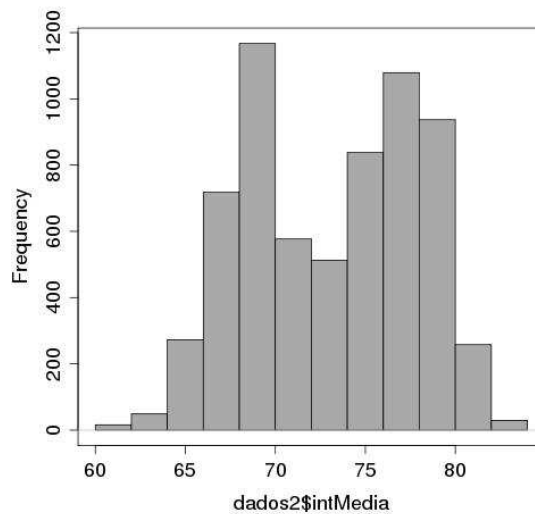


Gráfico 7: intensidade média no eixo x e nº de segmentos no eixo y

3.2.7 – Média do pitch do grupo acentual

Pelo gráfico a seguir, observa-se que a maioria dos grupos acentuais possui um pitch²⁴ que não ultrapassa os 300 Hz. As vozes masculinas geralmente ficam em torno de 100 a 200 Hz, enquanto as femininas podem ser bem mais altas que isso. Como o *JN* apresenta uma diversidade de vozes, masculinas e femininas, começando pelos apresentadores, que apresentam a “cabeça” da matéria, antes de chamar o repórter, ao realizar o estudo estatístico, as frequências relativas a cada locutor acabam por se misturar, o que impõem um limite a essa análise.

²⁴ Ressalta-se que no escopo desta pesquisa, convencionou-se chamar F0 o valor relativo a F0 dentro do VV e pitch o mesmo valor em segmentos maiores, do tamanho do GA.

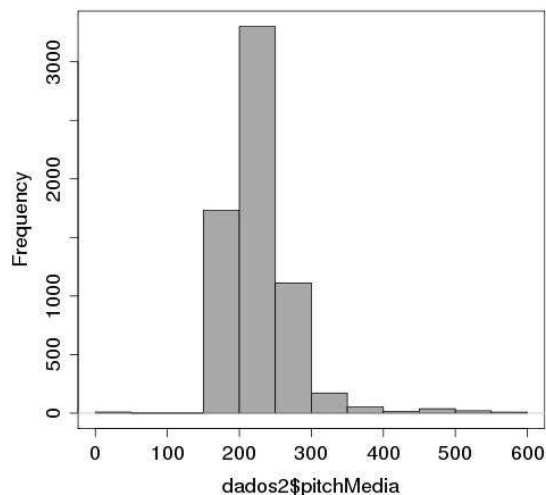


Gráfico 8: média de pitch no eixo x e nº de GAs no eixo y

3.2.8 – Número de segmentos por grupo acentual

O histograma a seguir mostra que a maioria dos grupos acentuais possui de 2,5 a 10 segmentos. Observa-se que o número de segmentos VV varia consideravelmente. A média, no entanto, é de 6,25 segmentos VV/grupo acentual.

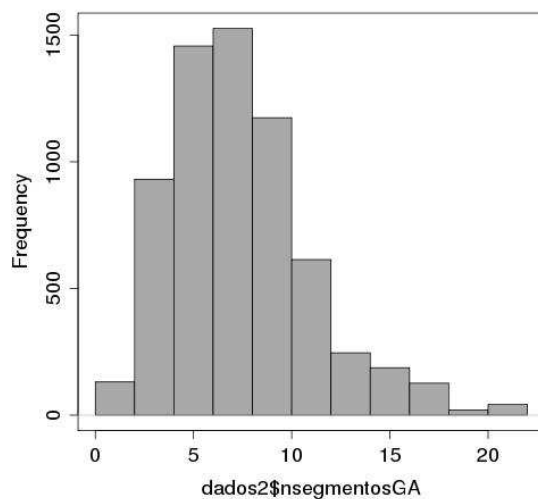


Gráfico 9: segmentos por GA

O valor obtido pela média dos dados do gráfico acima é próximo ao encontrado por Barbosa (2006:178). O autor analisou um *corpus* composto pela locução de quatro homens

paulistas. A média para os quatro locutores foi de 6,5 VV/grupo acentual. O corpus desse autor é constituído por texto lido, assim como é o texto do *JN*. Em relação à frase isolada, esse autor afirma que o locutor produz de 3 a 3,5 unidades VV por grupo acentual. Em frases ligadas semanticamente, existe uma tendência a produzir grupos acentuais maiores do que em frases soltas. Para Barbosa (2006:183), o exame de número de segmentos por grupo acentual mostra que se deve descartar qualquer isocronismo absoluto. No entanto, ele aponta para um dado interessante: línguas silábicas e acentuais apresentam, numa locução de texto lido, números semelhantes de unidades VV: “o PB se aproximaria do inglês e do sueco, mas também não diferiria significativamente do telegu, grupos de línguas de ritmos alegadamente distintos” (2006:183).

3.2.9 – Duração do grupo acentual

No gráfico de duração do grupo acentual, os segmentos possuem entre 0,5 até 2,5 segundos de duração. No entanto, observa-se que a maior parte das unidades VV se concentra em 0,5 e 2 segundos, como se observa a seguir:

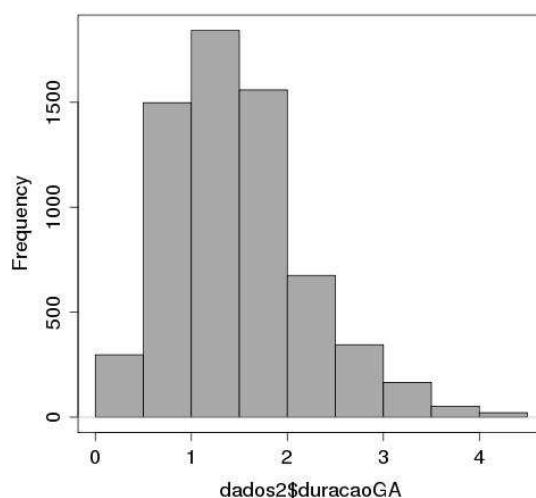


Gráfico 10: duração do GA

Uma média entre esses valores seria de 1,25 segundos ou 1250 milissegundos. Esses valores ao serem comparados com as durações da pesquisa de Barbosa (2006), mostram-se

próximos aos valores da taxa de elocução de normal a rápida. A média da locução normal de seus quatro informantes é de 1221 milissegundos e a média da locução rápida é de 1123 milissegundos.

3.2.10 – Taxa de elocução

O histograma seguinte mostra que a maioria dos segmentos VV do *corpus* possui uma taxa de elocução (número de segmentos VV por GA) que vai de 4 a 7 segmentos por segundo, uma média de 5,5 unidades VV por segundo. Essa taxa de elocução pode ser considerada maior, ou seja, ler o mais rapidamente possível sem cometer lapsos (BARBOSA, 2006:174). No telejornalismo, isso significa otimizar o tempo, sem perder em compreensibilidade. Em relação à enunciação do discurso telejornalístico, Borges (2008:79), encontrou valores próximos, em torno de seis sílabas por segundo, embora a autora tenha trabalhado com a noção tradicional de sílaba fonológica e não com a unidade VV.

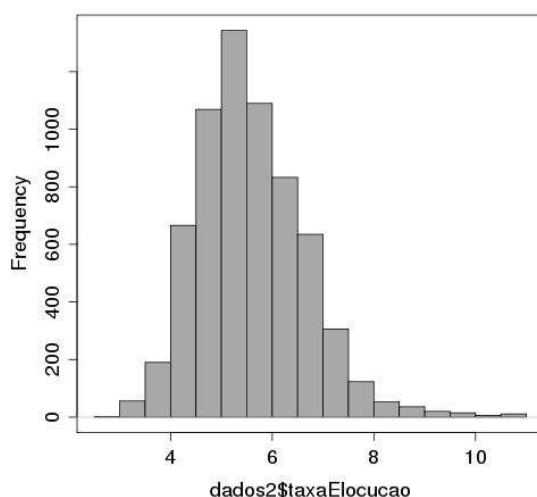


Gráfico 11: TE do GA

O próximo gráfico mostra a taxa de elocução por categoria internacional, local e nacional. Observa-se que as matérias da categoria internacional possuem menor taxa de elocução, ao passo que a local, a maior taxa de elocução. Disso, pode-se afirmar que as matérias internacionais são menos rápidas enquanto as locais e as nacionais têm maior velocidade.

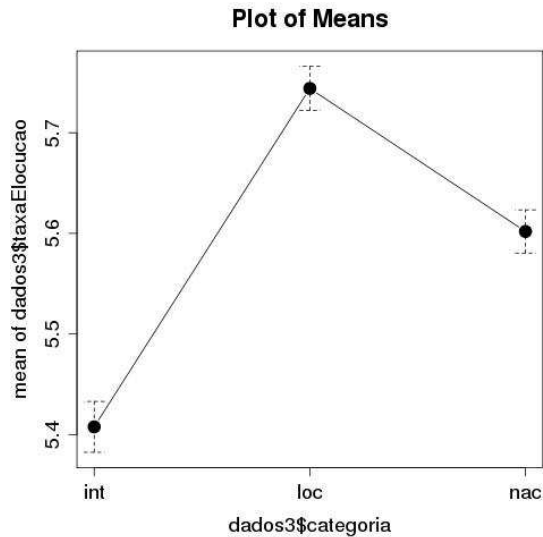


Gráfico 12: categoria no eixo x e TE no eixo y

3.2.11 – Posição e tipo da curva de F0

O SetFon²⁵ analisa a curva de F0 conforme a classificação abaixo:

1. Tipo de curva:

- Ascendente (inicia baixo e sobe até o final)
- Descendente (inicia alto e desce até o final)
- Pico (inicia baixo, sobe e desce novamente)
- Vale (inicia alto, desce e sobe novamente)

2. Posição da curva compara três pontos de F0 (F0 mínimo, F0 máximo e valor de F0 na posição central do segmento):

²⁵ O SetFon, projeto do grupo de pesquisa Semiofon – semiose e fonoestilística, coordenado pela Profª Drª. Ana Cristina Fricke Matte, tem como objetivo a modelagem orientada ao objeto e elaboração do Algoritmo do SetFon, programa automático de anotação em mídia contínua com a finalidade de agilizar as etapas que precedem à etapa de análise prosódica e/ou fonoestilística de dados de fala com corpus composto por textos com mais de uma sentença e que atualmente ocupam uma substancial parte do tempo da pesquisa lingüística em prosódia e fonoestilística. A concepção de orientação ao objeto permite a transposição do conhecimento lingüístico para a linguagem computacional sem distorcer as premissas e hipóteses lingüísticas envolvidas. Trata-se, portanto, da automatização e gerenciamento/disponibilização de dados e resultados de análises fonético-fonológicas e fonoestilísticas para diversas finalidades, dentre elas a síntese de fala.

- Início: F0 mínimo e máximo acontecem antes do centro
- Fim: F0 mínimo e máximo acontecem depois do centro
- Distribuída: F0 mínimo e máximo se posicionam um antes e um depois do centro.

Nota-se que, por enquanto, o programa somente faz essa análise para os valores de F0 dentro do segmento VV. No gráfico 13, nota-se diferença significativa entre os tipos de curva conforme a duração absoluta do segmento. As curvas descendentes duram menos que as curvas ascendentes e em forma de vale, enquanto o pico aparece com durações maiores.

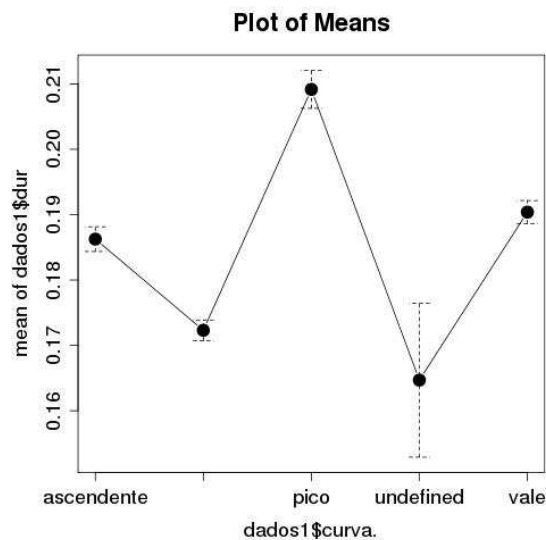


Gráfico 13: tipo da curva no eixo x e duração absoluta do segmento no eixo y

No gráfico 14, de Z suavizado por curva de F0, observa-se que não existe diferença estatisticamente significativa entre os tipos de curva se considerados o tipo de segmento, no entanto, os picos tendem a acontecer em segmentos com duração absoluta maior.

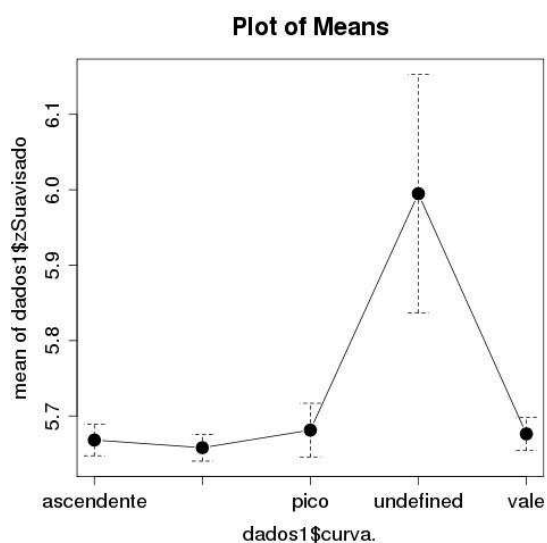


Gráfico 14: tipo da curva no eixo x e Z suavizado no eixo y

No gráfico 15, de posição curva por duração do segmento VV, nota-se que a duração absoluta apresenta fortes diferenças entre as posições. Ao considerar o tipo fonológico de segmento, a diferença mantém-se apenas para a posição inicial. Observa-se que os resultados seriam conclusivos se levasse em conta o segmento mesmo, mas que para isso seria necessário um corpus muito maior.

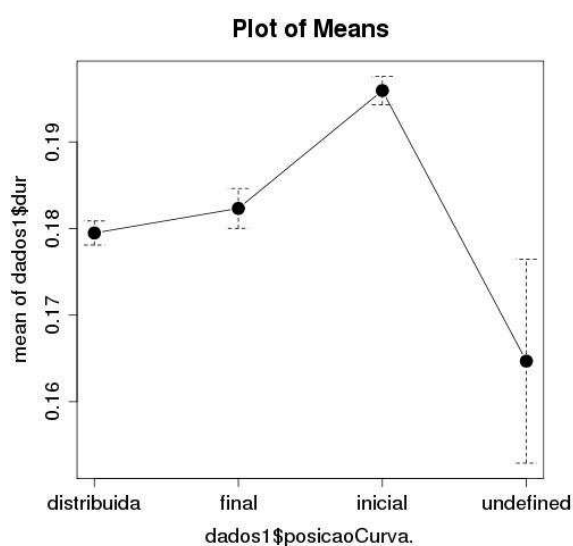


Gráfico 15: posição da curva no eixo x e duração absoluta do segmento no eixo y

No gráfico de curva por média de F0, vê-se que o F0 é significativamente mais alto na curva em forma de pico (começa mais grave, sobre e desce), pois os segmentos com essa forma têm duração absoluta e F0 médio maiores.

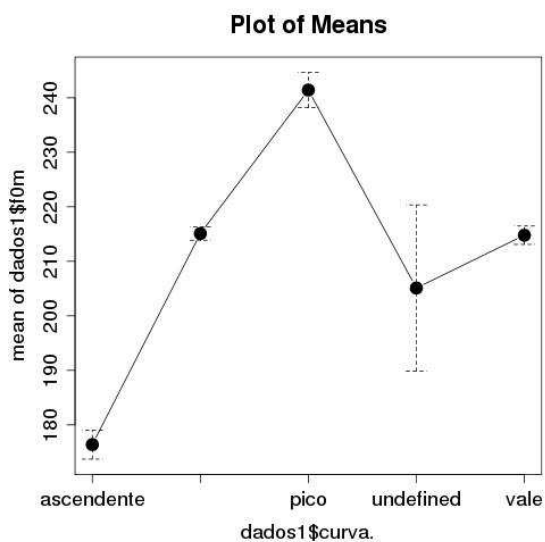


Gráfico 16: tipo da curva no eixo x e média de F0 no eixo y

O gráfico 17 formado por curva e desvio-padrão de F0 mostra que as diferenças são significativas, e que quando o segmento termina subindo (ascendente e vale) o desvio padrão é menor que quando termina descendo (pico e descendente)

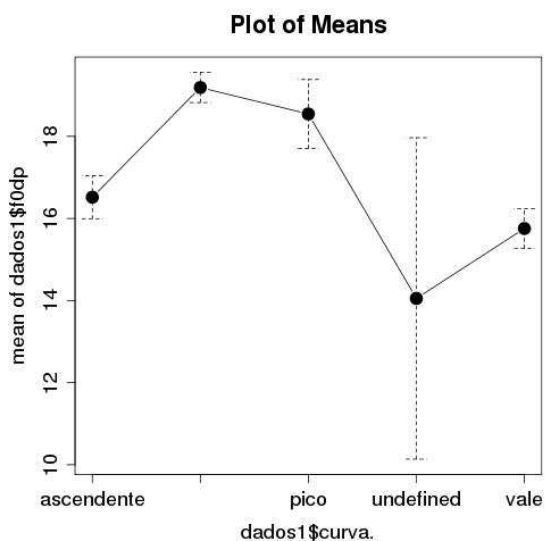


Gráfico 17: tipo da curva no eixo x e desvio-padrão de F0 no eixo y

No gráfico 18, entre a posição da curva pelo desvio-padrão do F0, observou-se diferença significativa e pode-se ver no gráfico que as três posições são diferentes, sendo que a mais variada (maior DP) é a distribuída. Como as unidades VV estão sendo analisadas, percebe-se uma forte reação entre a vogal e a consoante seguinte, ou seja, a consoante que está no final. Portanto, esses dados devem refletir essa coesão entre os segmentos internos do VV, pois a variação é menor quando a curva está mais próxima da consoante.

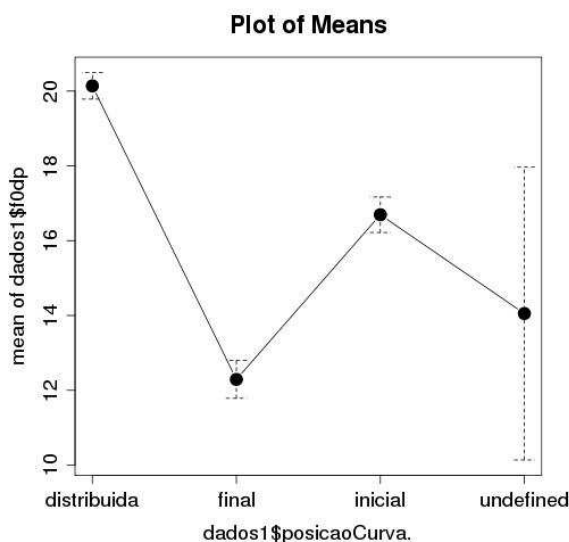


Gráfico 18: posição da curva no eixo x e desvio-padrão de F0 no eixo y

No gráfico 19, de posição da curva de F0 por média de F0, pretende-se perceber se a média de F0 é influenciada pela posição da curva. Nota-se que a final tem média de F0 bem baixa, por volta de 150 Hz, enquanto as outras duas estão por volta de 220 Hz. Observa-se também que parece que a posição final do desenho da curva dentro do segmento aparece mais quando o segmento está em posições de F0 mais baixo.

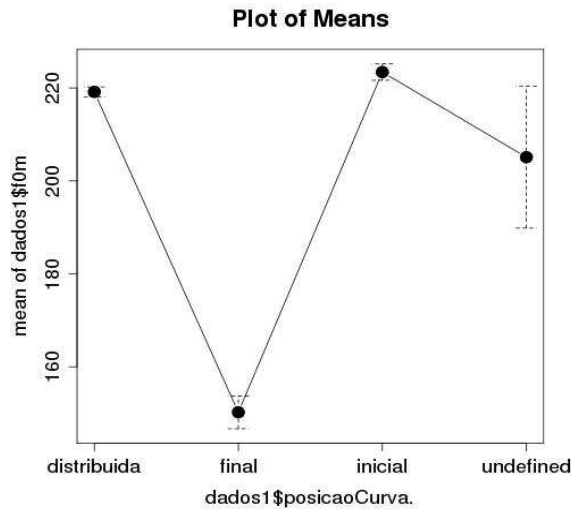


Gráfico 19: posição da curva no eixo x e média de F0 no eixo y

No gráfico de desvio-padrão do pitch por curva de F0, vê-se que pico e ascendente são os mais altos, sem diferença significativa. No entanto, o vale é próximo de descendente, com diferença significativa. Observa-se que esse dado é completamente diferente do que se obteve dentro do segmento, para o F0. É importante salientar que se convencionou chamar de F0 nesta pesquisa ao valor obtido no segmento VV e chamar de pitch ao valor obtido para o GA, mas que sempre se trata de F0.

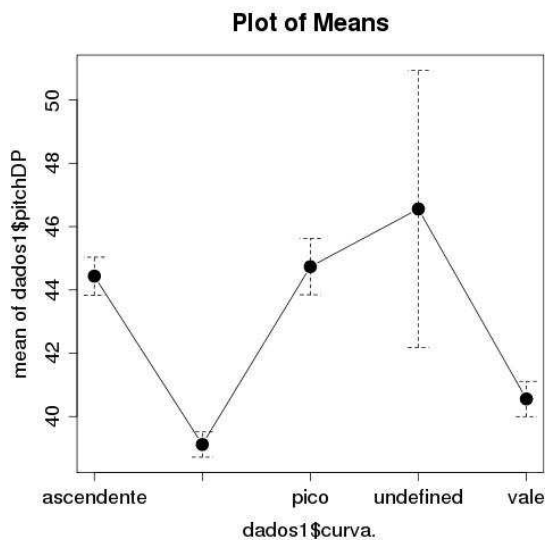


Gráfico 20: tipo da curva no eixo x e desvio-padrão de pitch no eixo y

Observa-se no gráfico 21, de média do pitch por curva de F0, que, novamente, a diferença é significativa. Nota-se também que o pitch é mais baixo nas curvas descendentes e nos vales, aumentando nos picos e culminando nos ascendentes.

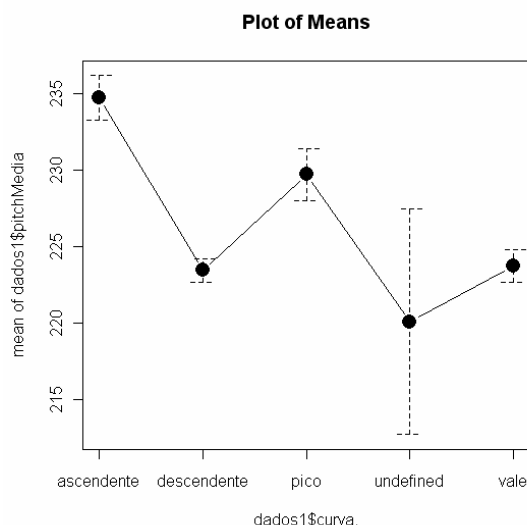


Gráfico 21: tipo da curva no eixo x e média de pitch no eixo y

Isso indicaria uma variação de F0 interna no segmento relacionada com a média de pitch do GA. No entanto, ao se efetuar um teste de correlação Pearson entre média de pitch de GA e derivada de F0 de VV, observou-se uma correlação estatisticamente significante muito baixa, de 17%. Isso significa que não há relação entre a derivada de F0 interna do segmento e o pitch do grupo acentual, ou seja, não há relação entre a variação segmental e a prosódica para o F0. Também a correlação entre F0 do VV e pitch do GA é significativa e baixa (22%, teste de correlação de Pearson). Este resultado, embora previsível, é interessante porque muitos resultados da análise interdisciplinar entre semiótica e fonética não são significantes em função do recorte do *corpus*, que é baseado na análise fonética. Justifica-se, no entanto, esse recorte, pois é mais detalhado do que seria um recorte semiótico, que trabalha com porções maiores de texto e perderia em detalhes para a análise fonética.

3.3 – Análise do arquifonema /R/

Os resultados que serão apresentados a seguir têm a ver com a realização do /R/ e, para isso, selecionaram-se os segmentos /aR/, /AR/, /eR/, /ehR/, /iR/, /ohR/, /oR/, /uR/. Optou-se por tais segmentos pelo fato de serem formados por apenas dois sons e, dessa forma, é possível deduzir a frequência da realização do /R/.

Inicialmente foi feita uma de análise de variância ANOVA (one-way) no software *R* entre todos os segmentos e *Z* suavizado. Salienta-se que o *Z* suavizado é uma medida relativa, que indica o quanto a duração varia em relação ao padrão esperado. A média geral para todos os segmentos é de 5.669 Hz. Desse *corpus* retiraram-se os segmentos em questão, dispostos na tabela que se segue:

Segmentos								
	/aR/	/AR/	/eR/	/ehR/	/iR/	/ohR/	/oR/	/uR/
Média Zsuav.	4.917	5.511	7.811	6.043	5.563	6.247	5.663	6.167
DP Zsuav.	0.447	0.456	0.370	0.409	0.467	0.375	0.484	0.518

Tabela 5: média e DP de *Z* suavizado de segmentos compostos de vogal + /R/

Nota-se que, em relação ao /R/, esses segmentos variam tanto para mais, como para menos, o que, no entanto, está dentro do desvio-padrão dos outros segmentos, como pode ser visto no gráfico 22:

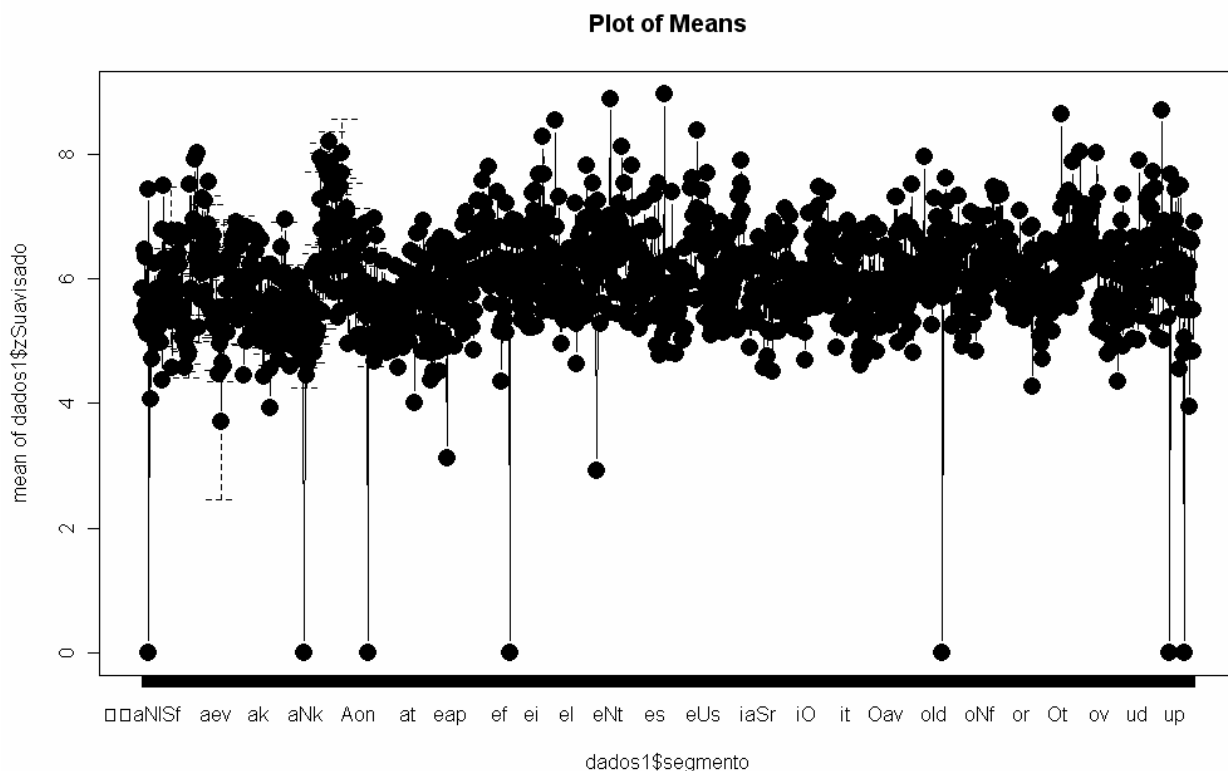


Gráfico 22: segmentos no eixo x e Z suavizado no eixo y

As tabelas a seguir foram formadas a partir de análise de variância ANOVA (multi-way) e foram escolhidas como fatores *categoria* e *segmento* e como variável de resposta a média de F1, F2, F3, e F4. Apresentam-se agora as tabelas e, a seguir, algumas considerações:

Segmento : aR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	768	1540	2670	3816	35
Categoria Local	757	1557	2650	3759	36
Categoria Nacional	780	1550	2612	3832	59
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	113		109		117
F2	147		156		160
F3	205		163		165
F4	361		256		239

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 6: segmento /aR/

Segmento : AR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	878	1611	2565	3907	2
Categoria Local	787	1788	2766	3922	9
Categoria Nacional	680	1676	2555	3837	8
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	18		77		151
F2	13		129		134
F3	179		155		170
F4	545		207		132

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional ≠ Local	Nacional = Local
Nacional ≠ Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional ≠ Local	Internacional = Local

Tabela 7: segmento /AR/

Segmento : ehR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	609	1785	2678	3841	4
Categoria Local	760	1770	2692	3713	5
Categoria Nacional	681	2019	2777	3947	9
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	75		221		206
F2	202		171		280
F3	116		515		252
F4	196		234		288

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 8: segmento /ehR/

Segmento : eR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	571	429	2649	3995	7
Categoria Local	587	600	2665	3567	10
Categoria Nacional	500	375	2636	3904	8
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	144		113		61
F2	93		298		135
F3	265		322		110
F4	219		451		260

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 9: segmento /ehR/

Segmento : iR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	511	1822	2741	4011	3
Categoria Local	472	2107	2805	3902	11
Categoria Nacional	459	2122	2807	4020	8
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	71		146		67
F2	504		168		238

F3	302	180	128
F4	199	260	154
Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)			
F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 10: segmento /iR/

Segmento : ohR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	713	1542	2914	3935	12
Categoria Local	675	1463	2761	3710	6
Categoria Nacional	561	1603	2539	3931	2
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	85		71		168
F2	330		361		263
F3	257		261		98
F4	229		160		155
Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)					
F1	F2	F3	F4		
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional ≠ Local		
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional ≠ Internacional	Nacional = Internacional		
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local		

Tabela 11: segmento /ohR/

Segmento : oR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	580	1400	2786	3901	11
Categoria Local	562	1373	2727	3777	15
Categoria Nacional	585	1464	2832	3951	17
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	113		93		97

F2	133	246	293
F3	128	156	213
F4	127	160	163

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional ≠ Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 12: segmento /oR/

Segmento : uR	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	401	1339	2737	3822	5
Categoria Local	537	1373	2841	3963	8
Categoria Nacional	597	1727	2953	4045	10
Desvio-padrão	Internacional		Local	Nacional	
F1	50		189	131	
F2	90		272	478	
F3	164		376	295	
F4	446		240	424	

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional ≠ Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional ≠ Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 13: segmento /uR/

Pôde-se observar pelas tabelas apresentadas dos segmentos /aR/, /AR/, /eR/, /ehR/, /iR/, /ohR/, /oR/ e /uR/ que há poucas diferenças significativas e a maioria está dentro do desvio-padrão. Além disso, há relativamente poucos desvios-padrão cuja diferença seja grande. Assim, ao se analisar apenas os segmentos em que o /R/, precedido de vogal (que poderia ser realizado de diversas formas, quer dizer, um arquifonema) e de se constatar que há poucas diferenças significativas quanto à realização desse /R/, pode-se inferir que, a partir dos dados disponíveis, não existe grande variabilidade quanto à realização do arquifonema /R/ no *Jornal Nacional*.

3.4 – Análise do arquifonema /S/

Assim como no arquifonema /R/, inicialmente foi feita uma análise de variância ANOVA (one-way) no software *R* entre todos os segmentos e *Z* suavizado, isto é, uma medida relativa que indica o quanto a duração varia em relação ao padrão esperado. A média geral de todos os segmentos é de 5.669 Hz. Desse *corpus* retiraram-se os segmentos /aS/, /AS/, /ES/, /OS/ dispostos na tabela que se segue:

Segmentos				
	/aS/	/AS/	/ES/	/OS/
Média Zsuav.	4.817	5.724	6.839	4.943
DP Zsuav.	1.188	0.455	0.369	0.470

Tabela 14: média e DP de *Z* suavizado de segmentos compostos de vogal + /S/

Observa-se que, assim como no arquifonema /R/, no arquifonema /S/ existe uma variação tanto para cima, como para baixo em relação à média global dos segmentos. No entanto, tal variação ainda fica dentro do DP, como mostrou o gráfico 22, segundo o qual, as médias dos segmentos variam principalmente entre 4,5 e 7,8.

As tabelas que se seguem apresentam a realização do arquifonema /S/ nos segmentos /aS/, /AS/, /ES/, /OS/. Não foi possível utilizar exatamente os mesmos segmentos das tabelas do /R/, uma vez que muitos deles não apresentam número significativo, quando se trata do /S/. De qualquer maneira, mantiveram-se os segmentos formados por uma vogal + /S/, de modo que a frequência da realização do /S/ analisados deduzir-se-ia mais facilmente já que se trata de segmentos compostos de duas partes. Assim como nas tabelas anteriores, tabelas apresentadas a seguir foram formadas a partir das médias ANOVA (multi-way) no software *R*. Foram escolhidas como fatores *categoria* e *segmento* e como variável de resposta a média de F1, F2, F3, e F4. Após a apresentação das tabelas, alguns apontamentos serão feitos sobre as mesmas.

Segmento : aS	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	680	1594	2863	4237	15
Categoria Local	824	1925	3140	4174	5
Categoria Nacional	687	2012	3159	4336	7
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	140		163		250
F2	190		212		360
F3	169		280		340
F4	230		243		154

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional ≠ Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional ≠ Local	Internacional ≠ Local	Internacional = Local

Tabela 15: segmento /aS/

Segmento : AS	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	711	1829	3137	4176	11
Categoria Local	702	1751	3065	4158	13
Categoria Nacional	763	1989	3164	4342	9
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	173		200		141
F2	211		285		365
F3	277		233		407
F4	223		200		238

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 16: segmento /AS/

Segmento : ES	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	567	1808	3204	4311	8
Categoria Local	781	2054	3118	4216	14
Categoria Nacional	1033	2627	3141	4431	7
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	175		146		391
F2	207		253		406
F3	296		278		396
F4	259		296		115

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional ≠ Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional ≠ Internacional	Nacional ≠ Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional ≠ Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 17: segmento /ES/

Segmento : OS	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	746	1991	3317	4247	24
Categoria Local	858	2092	3258	4271	19
Categoria Nacional	786	2178	3364	4346	20
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	254		272		319
F2	376		417		404
F3	288		301		295
F4	213		264		214

Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)

F1	F2	F3	F4
Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local	Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional	Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local	Internacional = Local

Tabela 18: segmento /OS/

Como se pôde observar pelas tabelas exibidas, formadas a partir dos dados disponíveis, nota-se que existem poucas diferenças significativas, em relação aos quatro primeiros formantes, quando se comparam as categorias nacional *versus* local; nacional *versus* internacional e internacional *versus* local. Assim, comparou-se o F1, o F2, o F3 e o F4 contrapondo-se as categorias, de modo que, o número de formantes (4) vezes o número de categorias (3) multiplicado pelo número de segmentos analisados (4) é igual a 48 possibilidades de haver diferença significativa ou não. Dessas 48 possibilidades, houve sete diferenças significativas (apenas nos segmentos /aS/ e /ES/) e 41 diferenças não-significativas. Em relação ao segmento /aS/, houve diferença significativa em relação aos segundo e terceiro formantes. Quanto ao segmento /ES/, o segundo e o primeiro formantes mostraram diferença significativa. Já os outros segmentos não apresentaram diferença significativa.

Em relação às diferenças significativas do segmento /aS/, observa-se quanto ao segundo formante que:

- As matérias da categoria nacional apresentam uma média de F2 maior que as matérias da categoria internacional;
- As matérias da categoria local apresentam um F2 maior que as matérias da categoria internacional.

Quanto ao terceiro formante:

- As matérias da categoria local apresentam média de F3 maior que as matérias de categoria internacional.

Em relação às diferenças significativas do segmento /ES/, observa-se, em relação ao primeiro formante, que:

- As matérias da categoria nacional possuem média de F1 maior que as matérias da categoria internacional;

- As matérias da categoria local possuem média de F1 maior que as matérias da categoria internacional.

Quanto ao segundo formante, nota-se que:

- As matérias da categoria nacional possuem média F2 maior que as matérias da categoria local;
- As matérias da categoria nacional possuem média de F2 maior que as matérias de categoria internacional.

Salienta-se, todavia, que o número de diferenças significativas é pequeno (14,5%), quando comparado ao número de diferenças não-significativas (85,5%). Dessa forma, pode-se afirmar que o grau de variabilidade na realização do arquifonema /S/ é pequeno.

Para contrapor às tabelas de realização do arquifonema /S/, propõe-se agora apresentar tabelas que mostram como se dá a realização do fonema /s/ nos mesmos segmentos em que houve diferença significativa, os segmentos /aS/ e /ES/. Dessa forma, apresentam-se as tabelas dos segmentos /aS/ e /ES/:

Segmento : as	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	771	1899	3115	4243	18
Categoria Local	926	1947	3195	4316	20
Categoria Nacional	882	1789	3075	4150	24
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	132		163		142
F2	295		274		332
F3	307		297		207
F4	254		242		259
Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)					
F1	F2		F3		F4
Nacional = Local	Nacional = Local		Nacional = Local		Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional		Nacional = Internacional		Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local		Internacional = Local		Internacional = Local

Tabela 19: segmento /as/

Segmento : Es	F1	F2	F3	F4	Número de segmentos
Categoria Internacional	761	2083	3204	4313	23
Categoria Local	826	1973	3118	4167	34
Categoria Nacional	805	2099	3141	4312	31
Desvio-padrão	Internacional		Local		Nacional
F1	176		223		240
F2	304		320		360
F3	300		304		349
F4	219		300		267
Diferença maior: é significativa (≠); Diferença menor: não é significativa (=)					
F1	F2		F3		F4
Nacional = Local	Nacional = Local		Nacional = Local		Nacional = Local
Nacional = Internacional	Nacional = Internacional		Nacional = Internacional		Nacional = Internacional
Internacional = Local	Internacional = Local		Internacional = Local		Internacional = Local

Tabela 20: segmento /Es/

Nas tabelas apresentadas, contrapondo-se a realização do fonema /s/ à do arquifonema /S/, observou-se que, em relação ao /s/ não há diferenças significativas em relação à variação. Assim, o fonema varia menos que o arquifonema, confirmando a literatura segundo a qual o /s/ é mais estável do que o /S/, como aponta Mattoso Câmara (2002). Ressalta-se ainda que a configuração formântica do /S/ muda pouco conforme a categoria do texto, mantendo o contexto fonológico com a vogal precedente. Isso significa que o arquifonema possui um grau de instabilidade maior que do fonema numa locução que visa a um alto controle e estabilidade fonológica, como é a locução do *JN*. No entanto, salienta-se que, ainda que o arquifonema apresente alguma variação pelos dados exibidos, essa variação é pequena, já que há poucas diferenças significativas nas tabelas que analisam o arquifonema /S/.

3.5 – Considerações sobre padronização da fala do JN

Observou-se pelas tabelas dos itens 3.3 e 3.4 que existe pouca diferença significativa entre a realização dos arquifonemas /R/ e /S/ quando se contrapõem matérias das categorias nacional, local e internacional. Isso significa que o grau de variabilidade em relação à realização do /R/ e /S/ é pequeno. Assim, é possível afirmar que um repórter do eixo Rio-SP-Brasília, da categoria nacional, realiza os arquifonemas em questão de forma semelhante ao repórter que se encontra na região Sul ou Norte, por exemplo. Os dados fonéticos, após analisados estatisticamente, apontam, portanto, para uma uniformização, ou uma pequena variabilidade, em relação à realização dos arquifonemas /R/ e /S/. Evidentemente, existem inúmeras outras variáveis fonéticas, de ordem segmental e supra-segmental que não foram objeto desta análise. No entanto, esta investigação se pautou pelas próprias diretrizes do *Jornal Nacional*, que sugeriu que o /R/ não deveria ser “muito arranhado, gutural” e o /S/ não poderiam ser muito “sibilante” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004:123). Portanto, se houve uma intenção em padronizar a fala de repórteres e apresentadores do noticiário mais assistido da TV brasileira, dados fonéticos e estatísticos podem confirmar essa uniformização.

Capítulo 4

O conteúdo da fala do JN

“A semiótica não visa propriamente ao sentido, mas a sua arquitetura, não tem por objetivo estudar o conteúdo, mas a forma do conteúdo” (FIORIN, 1999:04).

No presente capítulo, serão realizadas as análises semióticas dos textos das matérias do *Jornal Nacional*. Isso quer dizer que se pretende verificar o que é dito e como se faz para dizer o dito, ou seja, os efeitos de sentido criados nos e pelos textos. As matérias serão analisadas principalmente no que tange ao nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido, especificamente a semântica discursiva, pela análise de temas e figuras. Também, do nível discursivo, vai se analisar a questão da aspectualização, principalmente em relação ao tempo, ou seja, o andamento do texto, o que confere às análises uma perspectiva por vezes tensiva. Optou-se por esses elementos de análise visando a encontrar padrões, estruturas invariantes sobre as quais se constrói o discurso jornalístico. Outros pontos da teoria, no entanto, poderão fazer parte das análises, já que cada uma é única e não se pretende “amarrar” textos dentro de “camisas de força”, mas perceber a construção de sentidos a partir de estruturas intra-discursivas de cada matéria jornalística. Essas foram divididas por data, e cada dia possui três matérias cujas categorias já foram anteriormente referidas: nacional, local e internacional.

4.1 – Segunda-feira, 05 de maio

4.1.1 – Matéria nacional

No primeiro dia, na matéria da categoria nacional do dia 05 de maio, trata-se do caso da investigação de um deputado, envolvido num esquema de desvio de dinheiro. A primeira análise a ser feita é a dos temas, figuras e isotopias encontrados no texto em análise. Inicia-se com uma pequena revisão da teoria, o que será feito sempre que for pertinente.

O nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido, como descrito no primeiro capítulo, articula-se por meio de uma sintaxe e de uma semântica discursivas. À primeira caberiam as projeções da pessoa, do tempo e do espaço no enunciado. A semântica discursiva se preocupa com tematizações e figurativizações. As relações de conjunção/disjunção do nível narrativo concretizam-se, ao passar ao discursivo, recobrando-se sob forma de temas e, mais concretamente, sob forma de figuras. Para Fiorin, “a tematização e a figurativização são dois níveis de concretização do sentido” (FIORIN, 2006:90). Segundo o autor, todos os textos concretizam o nível narrativo necessariamente em temas. As figuras poderão ou não recobrir

esses temas. Temas seriam elementos mais abstratos e figuras corresponderiam ao mundo natural ou a um mundo construído discursivamente como tal. Para Fiorin, no entanto, abstração e concretude não são termos que se opõem de maneira privativa, mas que repousam em um *continuum* que vai do mais abstrato ao mais concreto. Os textos figurativos constroem um simulacro da realidade, ao passo que os textos temáticos tentam explicar essa realidade, estabelecendo para isso relações. Salienta-se que, quando se fala em textos figurativos ou temáticos, significa dizer que esses textos são predominantemente figurativos ou predominantemente temáticos. Barros (2002:115) prefere chamar esses últimos de textos de figurativização esparsa, uma vez que a autora considera que não há textos não-figurativos. Essa autora, em relação às figuras, afirma ser esse o lugar do ideológico nos discursos, já que as figuras de um texto não estão ali por acaso, mas são, antes de mais nada, o resultado da escolha do enunciador.

Temas e figuras se disseminam no texto criando percursos temáticos e figurativos. Segundo Fiorin (2006), numa análise, não importam os temas ou as figuras isolados, mas o encadeamento desses, já que o que dá sentido é essa recorrência. Para Barros (2002), a reiteração discursiva dos temas e a recorrência de figuras, “quando ocupam a dimensão total do discurso” (2002:124), são chamadas isotopias. Termo advindo do domínio da física, a isotopia é aquilo que dá ao texto uma coerência semântica ou um plano de leitura ao texto.

Veja-se agora o trecho inicial da matéria nacional do dia 5 de maio:

A Justiça de São Paulo mandou para o Supremo Tribunal Federal o processo em que o nome do deputado federal Paulo Pereira da Silva, do PDT, aparece citado como beneficiário de um esquema de desvio de dinheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Trata-se de um texto temático, ou na acepção de Barros (2002), um texto de figuração esparsa. O texto mostra dois percursos temáticos. O tema principal do primeiro percurso temático é o da corrupção. O outro percurso, o da investigação, fica mais evidente no próximo excerto:

Para o Ministério Público, há indícios da participação do deputado no esquema. Em entrevista, a procuradora que cuida do caso disse que os indícios vão além das escutas telefônicas. “O indício que seja ele são as ramificações das investigações e, na verdade, algumas vezes não foi só citado o nome Paulinho”.

Para uma melhor visualização de ambos os percursos temáticos, propõe-se uma disposição dos mesmos com elementos do texto na íntegra, que se encontra no anexo deste trabalho, assim como todos os textos analisados.

Percurso temático da corrupção:

Temas: citação do nome do deputado em processo que o cita como beneficiário no esquema de corrupção → ausência do político na Câmara dos Deputados → Declaração de defesa do deputado pela Força Sindical

Percurso temático da investigação

Temas: indícios da participação do deputado no esquema → evidências da participação de 11 prefeituras → indícios do envolvimento de funcionários do BNDES → 11 pedidos de prisão → envio de cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal → abertura de processo contra do deputado condicionada ao parecer da Procuradoria Geral da República.

Observa-se que o percurso temático da corrupção dá origem ao segundo percurso, o da investigação. Ambos estão intimamente relacionados durante todo o texto, uma vez que o segundo depende do primeiro, quer dizer, não havendo suspeitas de corrupção não caberiam investigações. Observa-se ainda que no trecho “Foram feitos 11 pedidos de prisão” existe uma sanção pragmática, que é justamente o final do percurso temático da investigação. Houve um contrato de honestidade que foi quebrado com a corrupção e a incriminação é a sanção cognitiva enquanto o pedido de prisão, a sanção pragmática.

Nota-se que o tema da corrupção é figurativizado por *desvio de dinheiro* e o tema da investigação é concretizado pela figura *escutas telefônicas*. *Desvio de dinheiro* e *escutas telefônicas* são termos que remetem ao mundo natural e por isso podem ser considerados figuras, no entanto, são figuras esparsas que não chegam a formar um percurso figurativo. Em relação à isotopia do texto, pode-se dizer que se trata de uma isotopia da corrupção, uma vez que há uma recorrência de temas e, em menor medida de figuras, que criam um plano de leitura, um todo de sentido, que remete ao tema da corrupção. Ressalta-se que uma isotopia da investigação/justiça estaria circunscrita a uma isotopia maior, a da corrupção, uma vez que a segunda isotopia só existe em função da primeira. Como aponta Barros (2002) “As relações entre isotopias são denominadas metafóricas ou metonímicas, conforme sejam ligadas por similaridade ou por

contiguidade do conteúdo”. A relação, portanto, entre a isotopia da investigação/justiça e da corrupção enquadrar-se-ia no segundo tipo descrito por Barros (2002), já que se trata de uma relação todo-parte. Por fim, acrescenta-se que a figura *desvio de dinheiro* teria um valor negativo, ao passo que, a figura *escutas telefônicas*, um valor positivo, pois esta reveste o tema da investigação. Outras duas figuras recorrentes no texto que concretizam o tema da investigação são *indícios* e *evidências*, elementos que fazem parte do jargão policial e que remetem a elementos concretos. Assim como em escutas telefônicas, elas teriam um valor eufórico, ao passo que a figura do desvio de dinheiro um valor disfórico como se vê no quadrado semiótico a seguir:

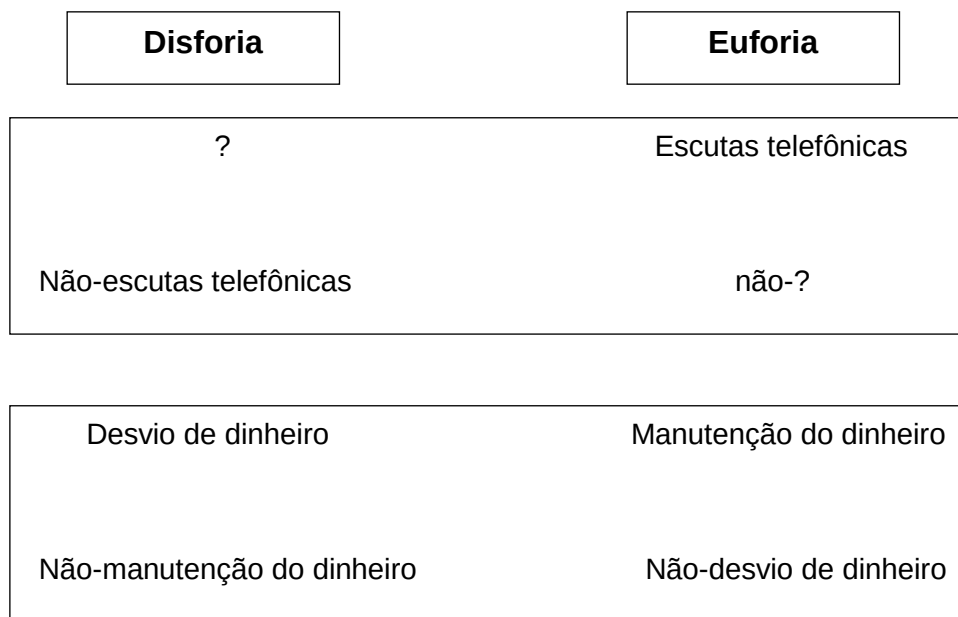


Figura 23: quadrado semiótico de figuras da corrupção

Propõe-se agora um quadro para analisar o valor atribuído a todos os temas e figuras presentes no texto:

Euforia	Disforia	
Percurso temático da investigação Indícios da participação do deputado no esquema; Suposta participação de 11 prefeituras; Suposto envolvimento de funcionários do BNDES; 11 pedidos de prisão; Envio de cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal; Abertura de processo contra do deputado condicionada ao parecer da Procuradoria Geral da República.	Percurso temático da corrupção Citação do nome do deputado em processo que o cita como beneficiário no esquema de corrupção; Ausência do político na Câmara dos Deputados; Declaração de defesa do deputado pela Força Sindical;	T E M A S
Figuras da investigação Indícios Escutas telefônicas Evidências	Figuras da corrupção Desvio de dinheiro	F I G U R A S

tabela 21: temas e figuras da corrupção

Outro conceito chave para a presente análise é o de aspectualização, que é a sobredeterminação por um ator do discurso das categorias de enunciação. Em outras palavras, seria o ponto de vista desse ator do discurso, que aspectualiza, ou seja, dá um aspecto ao espaço, tempo e pessoa. Para Fiorin (1999), o conceito de aspectualização é entendido como um processo

de sobredeterminação do tempo, mas também das outras categorias de enunciação, espaço e pessoa. Para o autor, o conceito de *foria*, ao ser conjugado a uma intensidade e a uma extensidade, ao projetar-se no tempo e no espaço, produz efeitos de andamento e ritmo discursivos. Em resumo, o ator do discurso sobredetermina as categorias da enunciação, relacionando-as a uma continuidade ou uma descontinuidade. Em relação ao tempo, a aspectualização consiste principalmente no andamento do texto, tornando-o mais rápido ou mais lento. Andamento mais rápido, maior intensidade; andamento mais lento, maior extensidade.

Os percursos temáticos descritos acima parecem se relacionar a um texto de andamento rápido, como nesse caso. No texto em análise, há uma sucessão de fatos que coincide quase inteiramente com o percurso temático mostrado no quadro anterior. O texto, dessa forma, tem inicialmente um andamento rápido, pois há uma sucessão ininterrupta de fatos que se sucedem. Veja-se, portanto, como se dá a sucessão desses fatos:

- 1) Abertura de processo contra deputado supostamente envolvido com desvio de dinheiro do BNDES;
- 2) Ausência do deputado em seu gabinete para preparar explicações ao seu partido;
- 3) Existência de indícios contra o deputado, não apenas escutas telefônicas;
- 4) Suposta participação de 11 prefeituras;
- 5) Existência de do envolvimento de funcionários do BNDES;
- 6) Realização de 11 pedidos de prisão.

Após o sexto fato, surge uma explicação: “Prefeitos e deputados têm foro privilegiado. Por isso, o Ministério Público pediu e a Justiça Federal de São Paulo enviou cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal”. Essa passagem causa uma desaceleração no andamento do texto, uma vez que não se trata de um fato novo, mas de uma aclaração dos trâmites legais envolvendo os políticos envolvidos. Em seguida, mais uma elucidação dessa natureza, pois “para processar o deputado Paulo Pereira da Silva, o STF depende do parecer da Procuradoria Geral da República”. Nota-se uma manutenção da desaceleração do texto. A fala do procurador-geral Antônio Fernandes de Souza tampouco promove uma aceleração, pois não traz nenhum elemento novo: “A hora que chegar eu vou examinar para verificar. Se tiver alguma coisa, eu tomo as providências que eu sempre tenho tomado”. O andamento volta a ficar mais rápido no final com uma declaração de defesa da Força

Sindical: “Em nota, a Força Sindical defendeu seu presidente, dizendo que ele é vítima de implacável perseguição política”. Tal declaração, no entanto, não tem a força de um novo acontecimento e, por isso, pouca aceleração do andamento consegue promover. Em termos tensivos, pode-se dizer que o texto começa com uma intensidade alta, mas, quando se aproxima do meio para o final, essa intensidade começa a diminuir, pois o andamento, antes rápido, torna-se mais lento.

A matéria da categoria nacional do dia 5 de maio mostra um texto predominantemente temático, ou de figuração esparsa. Esse predomínio de temas encadeados faz com que o texto tenha inicialmente um andamento rápido, que só perde a força aproximadamente a partir do meio do texto. Não pretendendo generalizar, o texto jornalístico obedece a uma forma padrão chamada de pirâmide invertida, a partir da qual, as informações principais, ou seja, o lide, tais como “o que”, “como”, “quando”, “onde” e “por que” vêm o quanto antes. No final, alguns esclarecimentos ou explicações. Dessa forma, a matéria nacional do dia 5 de maio tem uma intensidade decrescente e um texto que procura explicar a realidade, e não recriá-la, pois se trata de um texto predominantemente temático. Como aponta Fiorin: “há dois tipos de texto: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade (...) os segundos procuram explicar a realidade. (2006:91).

4.1.2 – Matéria local

A matéria da categoria local do dia 05 de maio trata das consequências deixadas pelo ciclone extratropical que atingira o Sul do Brasil no fim de semana precedente. Diferentemente do último texto analisado, neste texto, além de um percurso temático, há também um percurso figurativo. Vejam-se os dois primeiros parágrafos:

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana.

Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir. Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas.

No primeiro parágrafo, encontra-se o tema da morte e, no segundo, o tema da destruição. O tema da destruição, no entanto, é recorrente, formando um percurso temático: o percurso temático da destruição. Mais adiante outro tema é observado pela frase “De barco, os moradores ainda tentam salvar alguns móveis”. É o tema da sobrevivência, que não chega a compor outro percurso temático, uma vez que é apresentado apenas de forma pontual no texto. Mais adiante, o percurso temático da destruição é retomado, figurativizado por *chuva, vento de mais de 100 km/h, árvores arrancadas, casas destruídas, redes elétricas destruídas e casas sem luz e a calçada que cedeu bem debaixo de um veículo que estacionava*. O percurso temático da destruição é figurativizado em seguida por *3 mil pessoas desabrigadas, duas vítimas e um homem morreu afogado*. Na segunda parte da matéria, que trata dos estragos causados em Santa Catarina, o tema da destruição é figurativizado por *rodovia interditada, pista inundada, rio transbordado e engarrafamento de 14 km, casa arrastada, enchente, pertences espalhados pelo terreno, ruas transformadas em rios e 1600 pessoas desalojadas*. Pelo que se pode observar pelo texto, existem dois percursos: um temático e um figurativo. O temático tem como tema principal a destruição, enquanto o percurso figurativo concretiza esse tema com elementos do mundo natural. A isotopia do texto ou um plano de leitura é a da catástrofe, talvez um termo mais abrangente que destruição. Elementos recorrentes no texto levam à formação de um efeito de sentido final, que é justamente esse efeito ligado à calamidade pública. Tanto o percurso temático quanto o figurativo são valorados negativamente pelo texto, ou seja, criam um efeito disfórico. No quadro a seguir, propõe-se uma esquematização dos valores atribuídos aos percursos temáticos e figurativos do texto:

Percurso temático da destruição (Disfórico)	Percurso figurativo da destruição (Disfórico)
• Morte; • Inundação; • Perdas materiais; • Situação de emergência; • Sujeira; • Falta d'água.	• Ciclone extratropical • Rios que não param de subir; • Rio dos Sinos oito metros acima do nível normal; • Casas submersas; • Chuva e ventos de mais de 100 km/h; • Árvores arrancadas; • Casas destruídas; • Moradores sem luz; • 3 mil pessoas desabrigadas; • Um homem morto por afogamento; • Rodovia interditada;

	• Rio transbordando; • 32 municípios atingidos; • Engarrafamento; • Lama; • Ruas transformadas em rios; • 1600 pessoas desalojadas.
--	--

Tabela 22: percursos temático e figurativo da destruição

Quando à aspectualização, o texto apresenta um andamento acelerado no início, como se vê no trecho seguinte:

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana. Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir.

Em seguida, o texto sofre uma desaceleração, já que descreve as consequências da passagem do ciclone:

Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas.

Mais adiante, o texto volta a ter um andamento mais rápido, apresentando fatos novos:

No fim de semana, a chuva e os ventos de mais de 100 km/h arrancaram árvores, destruíram casas e a rede elétrica de muitas cidades. Nove mil e quinhentos consumidores ainda estão sem luz. Em protesto, moradores de Guaíba, na Grande Porto Alegre, fecharam hoje uma das principais avenidas da cidade.

Mas perde novamente em aceleração, quando em seguida é apresentado um relato de uma mulher indignada com a falta de luz:

“Nós resolvemos protestar porque desde sexta-feira, às oito e meia, nós estamos sem luz. Estragou toda a nossa alimentação”.

Dessa forma, o texto é construído de um andamento mais rápido seguido de um andamento lento. Diferentemente do anterior, o andamento desse texto alterna-se em

acelerado/desacelerado. Poder-se-ia propor um gráfico do andamento do texto. No eixo vertical, dispor-se-ia a aceleração e no horizontal, o tempo:

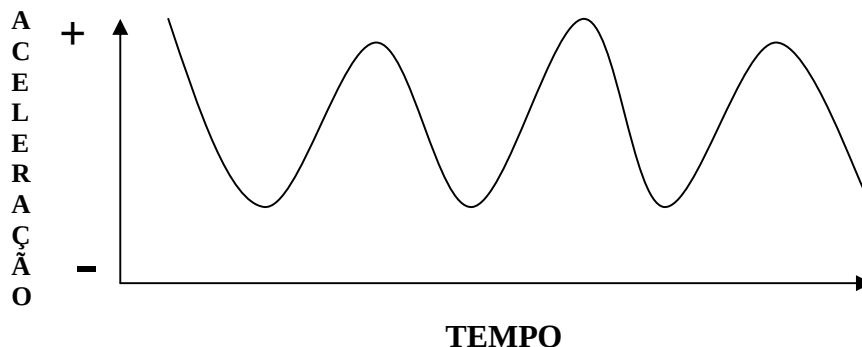


Gráfico 23: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (oscilante)

4.1.3 – Matéria internacional

A matéria internacional do dia 05 de maio, segundo a repórter, envolve *segredos de família*. São dois casos ocorridos na Europa; o primeiro revela detalhes do cativeiro do caso em que o pai sequestrou e violentou a filha no porão da casa da família por 24 anos. O segundo mostra o caso em que uma mãe, e suposta assassina, é presa após ter três filhos mortos encontrados no *freezer* da família.

No primeiro caso, existem dois temas: o tema do incesto e o tema da premeditação. No trecho a seguir pode-se observá-los:

A polícia da Áustria informou um detalhe ainda mais surpreendente e revoltante no caso do homem que seqüestrou e violentou a filha no porão de casa durante 24 anos. Joseph Fritzl começou a preparar o local do cativeiro com seis anos de antecedência.

O tema do incesto não é figurativizado. Quanto ao tema da premeditação, são atribuídos dois valores disfóricos *surpreendente* e *revoltante*. O tema da premeditação é figurativizado por *porão* e *fortaleza com oito portas e um complexo sistema de trancas eletrônicas*.

No segundo crime trazido pela matéria, observa-se o tema do segredo trazido à tona, como se vê a seguir:

Na cidade alemã de Wenden, uma mulher foi presa depois que três bebês foram encontrados mortos num freezer no porão.

Três bebês mortos num freezer no porão são figuras que recobrem esse tema de concretude. Em ambos os casos, tanto as figuras quanto os temas são disfóricos.

Quanto ao andamento do texto, nota-se um andamento rápido no início, o que corresponde ao relato do fato principal. Em seguida, o texto torna-se mais descritivo e, por isso, perde em andamento, tornando-se mais lento. Depois disso, no segundo caso da matéria, ocorre a mesma coisa, isto é, um andamento rápido no início e lento do meio para o final.

4.2 – Terça-feira, 06 de maio

4.2.1 – Matéria nacional

A matéria do dia 06 de maio da categoria nacional aborda o caso da menina Isabella, assassinada supostamente pelo pai e pela madrasta. A matéria desse dia traz mais desdobramento do caso que se estendeu por mais de três meses, período em que havia, pelo menos, uma matéria sobre o tema levada ao ar diariamente. Naquela terça-feira, o promotor Francisco Cembranelli havia feito a denúncia contra o casal acusado: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Veja-se o trecho a seguir:

O promotor Francisco Cembranelli ofereceu hoje denúncia à justiça - e pediu a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Ele afirma que há evidências suficientes para levar o casal a júri popular, pela morte da menina Isabella.

Nesse excerto, o tema da denúncia se apresenta. *Denunciar* é para o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* “atribuir responsabilidade a alguém ou a si mesmo” ou ainda “tornar

público, difundir, propagar”. Denunciar, nesse sentido, é retirar algo do âmbito do segredo (aquilo que é, mas não parece), e colocar no âmbito do que é verdadeiro, quer dizer, que é e parece ser. O tema de tornar algo público faz parte de um percurso temático maior, que é o percurso da investigação. *Investigar*, por sua vez, para a mesma fonte é “seguir os vestígios, as pistas de; procurar metódica e conscientemente descobrir algo”. Nesse caso, o tema investigação é pressuposto ao tema descoberta, que passa a fazer parte do percurso temático da investigação. O texto segue detalhando o tema da investigação que, esparsamente, é recoberto de figuras:

O promotor deixou claro que não se prendeu a nenhum detalhe da investigação. Concluiu pela culpa do casal porque, segundo ele, há um conjunto de provas suficiente para incriminar os dois. Um dos pontos mais questionados foi se havia sangue no carro de Alexandre e se era de Isabella.

O termo *sangue*, nesse caso, figurativiza tanto o tema da investigação, quanto o tema da morte. Quer dizer, trata-se de um indício que ligaria a participação dos acusados com o crime, além de um elemento do mundo natural que reveste um elemento abstrato como morte ou investigação. O promotor além de denunciar o casal, decretou sua prisão preventiva. A prisão, nesse microuniverso semântico, trata-se do fim do percurso temático da investigação. Uma sanção pragmática que finda o percurso da investigação. Imbrica-se ao tema da investigação o tema da morte. Para que houvesse a investigação, dever-se-ia investigar alguma coisa, um crime de qualquer natureza, que no caso é tematizado pela morte. Em termos de valores, o percurso da investigação seria eufórico, enquanto o tema da morte teria um valor disfórico. Ressalta-se que esses temas não são positivos ou negativos *a priori*. São valores construídos no e pelo texto, assim como as figuras relacionadas aos respectivos temas.

Quanto ao andamento, o texto apresenta uma organização semelhante ao texto de item 4.1.2. O texto começa com um andamento acelerado, que passa a ficar mais lento e, em seguida mais acelerado, depois mais lento... Essa organização se dá devido à apresentação do tema principal no início da matéria, que perde em aceleração logo depois, pois há uma descrição das circunstâncias e causas do crime. Da mesma maneira, quando se dá voz a um entrevistado, perde-se em aceleração, pois o objetivo não é oferecer fatos novos, mas criar um efeito de credibilidade por meio daqueles dizeres. Assim, apresenta-se um fato novo, que é descrito em seguida. Depois disso, mais um evento seguido de mais esclarecimentos circunstanciais e assim por diante.

4.2.2 – Matéria local

A matéria nacional do dia 6 de maio relata a invasão de indígenas a uma fazenda de arroz. Durante a ocupação houve confronto entre índios e seguranças da propriedade. A invasão teve consequências para o proprietário, que foi preso:

A Polícia Federal prendeu, no fim da tarde, em Roraima, o dono da fazenda de arroz onde seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade.

No trecho acima, observam-se os temas da insurreição e da prisão. Esses temas ligar-se-iam à isotopia da justiça. Tanto uma justiça realizada pelas próprias mãos, no caso dos índios, quanto em relação à justiça do Estado, que determinou a prisão do rizicultor, como também em relação à ação da polícia, que coibiu a ocupação das terras pelos indígenas:

Ontem, cerca de 70 índios invadiram a propriedade. Eles dizem que começavam a montar acampamento quando um grupo de homens encapuzados chegou atirando. Uma bomba de fabricação caseira foi usada.

O percurso temático da insurreição, do nível discursivo, teria no nível fundamental duas categorias semânticas de base: liberdade *versus* opressão. No entanto, nota-se que esses valores se axiologizam de forma distinta dependendo do ponto de vista do observador. Para o rizicultor (dominante), a insurreição dos índios é disfórica, pois ameaça o esquema de exploração do homem pelo homem que, para ele, é eufórica, já que se encontra no topo da pirâmide do sistema de produção. Para os índios, entretanto, a figura do grande proprietário de terras representa a dominação, que possui, por sua vez, um valor disfórico pelo ponto de vista dos dominados.

Índios feridos e bombas de fabricação caseira são algumas figuras esparsas que recobrem o tema da insurreição e mais amplamente a isotopia da justiça. Após a insurreição indígena, estabelece-se novamente a ordem:

O ministro da Justiça Tarso Genro veio hoje a Roraima, acompanhado do diretor-geral da Polícia Federal. Eles sobrevoaram a região da Raposa Serra do Sol. A determinação do ministro é que a Polícia Federal mantenha a ordem na região.

Considerando-se que a justiça, por meio de valores deônticos, do dever-ser e do dever-fazer, restabeleceria a ordem da propriedade invadida, promovendo sua desocupação, o tema da ordem cruzar-se-ia com o tema da insurreição, que culminaria na prisão do fazendeiro:

Paulo César Quartieiro foi preso por formação de quadrilha, ocultação de armas e obstrução de estradas.

Com relação ao andamento, o texto apresenta um andamento acelerado no começo, quando apresenta os fatos principais, não obedecendo à cronologia dos acontecimentos, já que o que aparece primeiro no texto, isto é, no lide, é a prisão do dono das terras. Após a apresentação desses fatos, são descritas as circunstâncias de como tais fatos ocorreram, o que torna o andamento menos acelerado. Essa organização textual, como já se apontou anteriormente, remonta à pirâmide invertida, técnica jornalística na qual as informações mais relevantes são colocadas em primeiro lugar, para que o leitor, ou telespectador, no caso, não tenha que, necessariamente ler ou assistir à matéria até o final. O que se pode observar principalmente nesse texto analisado é que a ordem de apresentação dos fatos não corresponde à ordem cronológica de acontecimento, assim como o percurso temático “canônico” é algo que se depreende do texto e que se forma virtualmente.

4.2.3 – Matéria internacional

A matéria da categoria internacional daquela terça-feira aborda a corrida presidencial americana. E o primeiro tema que se apresenta é o tema da indefinição em relação à escolha do candidato democrata. O segundo tema é a campanha do candidato republicano John McCain pelos Estados Unidos. Um elemento constituinte do texto da matéria é a explicitação da voz dos repórteres, o que, segundo Fachine (2008), cria um efeito de uma ponte espaço-temporal entre mundo real e o telespectador, como se vê no trecho a seguir:

Enquanto os democratas decidem quem será o candidato deles à presidência, o republicano John McCain percorre os Estados Unidos em campanha. Os correspondentes Lília Teles e Sherman Costa acompanharam o senador numa viagem.

Assim, em termos de acontecimentos, não se agrega em nada o fato de a repórter acompanhar o candidato republicano Estados Unidos afora. Semioticamente, no entanto, a explicitação da presença da repórter constrói um efeito de credibilidade, exclusividade, já que a experiência daquela profissional será vivida por quem assiste ao Jornal Nacional, e apenas a esse noticiário, já que nenhum outro conta com a presença *in loco* de um repórter no avião do candidato republicano.

A matéria segue descrevendo a viagem de John McCain, o que faria parte do percurso temático campanha política. Em um determinado momento da matéria, a repórter afirma:

Na entrevista, ele escolhe os jornalistas e responde a uma pergunta feita por mim sobre o etanol brasileiro.

O termo “por mim” marca novamente a pessoa da enunciação, um eu, um ponto de vista que estrategicamente cria um efeito de subjetividade, mais um elemento linguístico do texto marcado pela pessoa da enunciação.

O enunciado, marcado pela pessoa projetada, tem um andamento inicial rápido, que se torna lento após o primeiro parágrafo, em termos jornalísticos, após o lide. O andamento então já menos acelerado é resultado de um texto mormente descritivo, como se vê neste excerto:

Nós acompanhamos a maratona do candidato, que inclui conferências, discursos, entrevistas e viagens a até três estados num único dia.

4.3 – Quarta-feira, 07 de maio

4.3.1 – Matéria nacional

A matéria da categoria nacional do dia 07 de maio revela um vazamento indevido de informações, pela Casa Civil, sobre gastos pessoais do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e de sua família durante seu mandato. O primeiro tema que salta aos olhos é o da negação:

A ministra Dilma Rousseff voltou a negar, hoje, que a Casa Civil tenha montado um dossiê com informações sobre o ex-presidente Fernando Henrique. Ela foi ouvida por mais de nove horas em uma comissão do Senado.

O texto se constrói, portanto, em função da negação por parte da ministra Dilma Rousseff de que houve a divulgação dessas informações. A citação anterior condensa os fatos mais importantes, que voltam a ser mais bem explicados no parágrafo seguinte. De modo que um andamento rápido inicial torna-se mais lento, ao explicar as condições do interrogatório:

Dilma Rousseff chegou na hora marcada. Foi para a Comissão de Infra-Estrutura acompanhada pelo presidente do Senado e por aliados. A oposição foi direto ao dossiê: as informações sigilosas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que vazaram da Casa Civil.

Mais adiante no texto, um líder político coloca em xeque a negação da ministra da Casa Civil insinuando que ela poderia estar mentindo. O tema da insinuação cruza-se com percurso temático da negação. Nega-se, insinua-se o contrário e volta-se a negar. Após a segunda negação, esse percurso praticamente se desfaz, dando início ao tema do favorecimento político. A mudança de um tema para o outro é figurativizada por *perder o rumo*, expressão que denota falta de perspectivas:

A oposição perdeu o rumo. A ministra passou a falar do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, e os senadores começaram a perguntar sobre as obras dos seus estados. Em um clima de elogios e cordialidade, surgiram poucas perguntas sobre o dossiê, que a ministra voltou a negar.

O tema da negação é valorado euforicamente pelo texto. Essa valoração é perceptível pelo excerto a seguir:

O governo estava tão confortável com o depoimento, que concordou em prorrogar a sessão. As votações em Plenário foram canceladas. Anoiteceu e o Senado ainda estava ocupado com a única agenda do dia: o depoimento da ministra. Para o Planalto, Dilma Rousseff venceu um grande teste político.

Para a teoria semiótica, enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação (Barros, 2002:92). O enunciador coloca-se como um destinador-manipulador,

responsável por levar o enunciatário a crer ou a fazer. Manipular, semioticamente, é um fazer-fazer ou um fazer-crer. O fazer interpretativo do enunciatário realiza uma espécie de filtragem (a partir de valores, cultura etc) da manipulação exercida pelo destinador-manipulador e pode ser ou não ser manipulado. Dessa forma, a verdade ou a falsidade de um discurso dependem do tipo de discurso, cultura e sociedade etc, o que significa dizer que o contrato de veridicção de um discurso se liga a uma série de outros contratos relacionados a diversos aspectos de cada povo. O contrato de veridicção determina as condições para que o discurso seja considerado verdadeiro, falso, mentiroso ou secreto. Dessa forma, o texto mesmo constrói sua própria verdade, uma verdade interna. Dessa maneira, o enunciador não cria discursos verdadeiros ou falsos, mas discursos que têm um efeito de verdade ou falsidade. Segundo o texto analisado, construiu-se discursivamente uma verdade: o fato de a ministra negar o vazamento das informações acrescido da informação final da matéria “Para o Planalto, Dilma Rousseff venceu um grande teste político”, faz com que esse negar implique que o não-vazamento de informações seja discursivamente verdadeiro. O texto valoriza euforicamente o tema da negação justamente por que a ele se ligou outro tema, também de valor positivo, ou seja, a aprovação da ministra em um importante teste político.

4.3.2 – Matéria local

A matéria da categoria local daquela quarta-feira traz a história de um agricultor acusado de manter em cárcere privado a esposa por vinte anos:

No interior de São Paulo, a polícia prendeu um agricultor aposentado, acusado de manter a mulher em cárcere privado por duas décadas.

Após o lide, com andamento acelerado, a matéria passa a ter um andamento lento, devido às descrições.

A aparência é de um lugar tranquilo, mas, durante 20 anos, este sítio no município de Pedranópolis foi o cárcere de uma dona de casa, que saiu poucas vezes da propriedade, e somente acompanhada do marido.

O texto, que começou com um andamento acelerado, mantém o andamento lento até o último parágrafo. No final do texto, alguns fatos novos se apresentam, tais como indiciamento do agricultor e a pena estimada para os crimes cometidos. Essas novas informações, no entanto, não têm peso para tornar o andamento acelerado, torna-o, no máximo, não-desacelerado.

Como aponta o trecho acima, quanto a temas e figuras, o lugar aparentemente tranquilo, esconde uma ilusão, ou seja, uma coisa que parece, mas não é. Assim, “aparência de lugar tranquilo” figurativiza o tema da ilusão de tranquilidade/liberdade, uma vez que, em seguida, o texto declara que esse lugar de suposta calma (que poderia ter valor positivo) tem, no texto, um valor disfórico: o sítio, por 20 anos, serviu cárcere, figura do tema da prisão, à qual foi submetida a dona de casa pelo marido. Esse tema, por sua vez, recobre um destinador-manipulador que priva o sujeito do objeto-valor liberdade. O tema da prisão/encarceramento é figurativizado por:

Figuras da prisão/encarceramento:
Dona de casa, marido, Não acompanhar as duas filhas até a escola, não ir visitar parentes, não receber visita da família em casa, serviços pesados (ordenha, cerca, sacos), dois revólveres, uma espingarda, cárcere privado, trabalho escravo.

Tabela 23: figuras da prisão/encarceramento

A prisão/encarceramento a que a dona de casa foi submetida tem um valor negativo, já que se trata de um cárcere ilegal e imoral, segundo as leis que governam a conduta na sociedade, ou semioticamente, o contrato fiduciário estabelecido. O cárcere legal, por sua vez, tem valor eufórico, uma vez que parte da premissa de que a liberdade é irrevogável, a não ser que o indivíduo tenha cometido um ato pelo qual ele tem que ser punido, justamente com a privação à liberdade. O texto é predominantemente temático, embora algumas figuras, como se apontou acima, recubram o tema da prisão. O tema da sanção, figurativizada por “16 anos de prisão” é apresentado ao final e, nesse caso, como se apontou, a privação à liberdade possui valor eufórico.

Um ponto que também chama atenção neste texto é a relação entre um texto e outro(s). Segundo Matte (2004), quando se trata da intertextualidade, faz-se necessário distinguir o que está dentro e o que está fora do texto. Para a autora, a enunciação é uma instância membrana do texto, quer dizer, aquilo que regula as trocas entre o dentro e o fora do texto. O discurso, por sua vez, que se materializa em texto, oferece pistas sobre o intertexto graças à permeabilidade da enunciação. Além da interdiscursividade imanente do texto, que permite, até certo ponto, várias

leituras, ele pode ser lido conjuntamente a outros textos, que, por sua vez, vão redirecionar o sentido inicial do texto. Dessa maneira, um objeto-texto é um recorte do contínuo textual, o que significa que diferentes recortes vão produzir diferentes textos. Assim, o contexto, qualquer que seja ele, é considerado outro texto com o qual o texto em análise dialoga. O caso da matéria do agricultor preso dialoga explicitamente com outro, o austríaco, em que o pai sequestrou e violentou a filha por 24 anos:

O caso do austríaco, que manteve a filha em cativeiro durante 24 anos, motivou a família da dona de casa a fazer a denúncia só agora.

4.3.3 – Matéria internacional

A matéria selecionada da categoria internacional relata o drama do país asiático Mianmar, assolado por um ciclone. O tema é a catástrofe:

É dramática a situação dos sobreviventes do ciclone que arrasou Mianmar no fim de semana. Há um milhão de desabrigados e a ajuda humanitária chega lentamente às áreas mais atingidas. Extra-oficialmente, já há quem fale em 100 mil mortos.

Assim como na matéria já analisada, que também aborda a passagem de um ciclone extratropical no sul do Brasil, nessa existe também um número significativo de figuras, que recobrem o tema da catástrofe, da destruição. O trecho a seguir mostra a formação desse percurso figurativo, cujo valor é marcadamente disfórico:

Pessoas em desespero tentam caminhar e encontrar abrigo, mas todos os abrigos vão sendo destruídos e arrastados pelo vento. Quando a tormenta vai embora, surge a visão chocante de uma cidade em ruínas. Famílias sem rumo em busca de água e comida. Macas improvisadas carregam os feridos e os famintos se juntam em abrigos improvisados.

Outro tema se coloca em meio ao tema da catástrofe, que é a recusa da ajuda. O governo de Mianmar se recusa a receber ajuda de outros países e até o Papa tenta intervir:

Mesmo diante dessa tragédia gigantesca, o governo de Mianmar continua dificultando a entrada de estrangeiros. Equipes de assistência humanitária são barradas na fronteira. As imagens de sofrimento levaram o Papa a fazer um apelo: Bento XVI pediu a todos que abram os corações para a colaboração dos que podem e querem ajudar.

Quanto ao andamento, o texto apresenta uma estrutura que não foge ao padrão da maioria dos textos até aqui analisados, ou seja, um andamento forte no início como se vê no primeiro excerto deste item. Após um andamento acelerado, cujo efeito é produzido pela apresentação de novos fatos, por rupturas, ele passa a ter um andamento mais lento, representado pelo trecho a seguir:

Cinco mil km² Estão debaixo d'água. O ciclone engoliu cidades inteiras e até mudou o mapa da região. As duas fotos do satélite mostram como está diferente o desenho do litoral.

Um andamento mais lento é fruto do efeito de continuidade, extensidade, que são resultado de um texto majoritariamente descritivo. Como se vê no trecho apresentado, não é apresentado um fato novo, mas a descrição de um fato que fora apresentado anteriormente. Assim, partes descritivas do texto têm um andamento mais lento, ao passo que aquelas que apresentam fatos, promovendo rupturas, possuem um andamento acelerado.

4.4 – Quinta-feira, 08 de maio

4.4.1 – Matéria nacional

A matéria da categoria nacional do dia 8 de maio dialoga com outra, a matéria da mesma categoria do dia anterior. De acordo com o texto desse dia, houve vazamento de informações relativas às despesas pessoais e da família do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, à época de seu mandato, e que tais informações foram divulgadas por um funcionário da Casa Civil:

Um laudo técnico dos peritos que examinaram computadores do Palácio do Planalto revela quem vazou o dossiê com os gastos da presidência no governo Fernando Henrique. A investigação mostra que as informações sigilosas foram divulgadas por um funcionário da Casa Civil.

A passagem de um estado de segredo (é, mas não parece) para um estado de verdade (é e parece ser) é o tema que se pode depreender do texto inicialmente. A verdade discursivamente construída pela Ministra da Casa Civil, que afirmou não ter havido vazamento de informações, torna-se agora uma não-verdade, por meio de um desvelamento de um segredo.

A matéria do caso começa com um andamento acelerado, mas, em seguida, esse andamento perde em aceleração, uma vez que o texto da matéria torna-se majoritariamente explicativo, isto é, descrevendo as condições da existência desse dossiê, comprovada pelo ITI, Instituto de Tecnologia da Informação, responsável pela perícia nos computadores da Casa Civil. De acordo com esse laudo, houve uma troca de e-mail entre um funcionário da Casa Civil com um assessor do senador Álvaro Dias, do PSDB, partido que faz oposição ao PT, partido da situação. Para o texto da matéria “O laudo do ITI confirma agora que o dossiê realmente existiu.” Dessa forma, um segredo, ou seja, a existência do dossiê que não parecia haver, agora existe e parece existir, por meio da confirmação pelo laudo do ITI. Dessa forma, passa-se do estado do /não-parecer-ser/ para o /ser-parecer/, como se vê no diagrama a seguir:

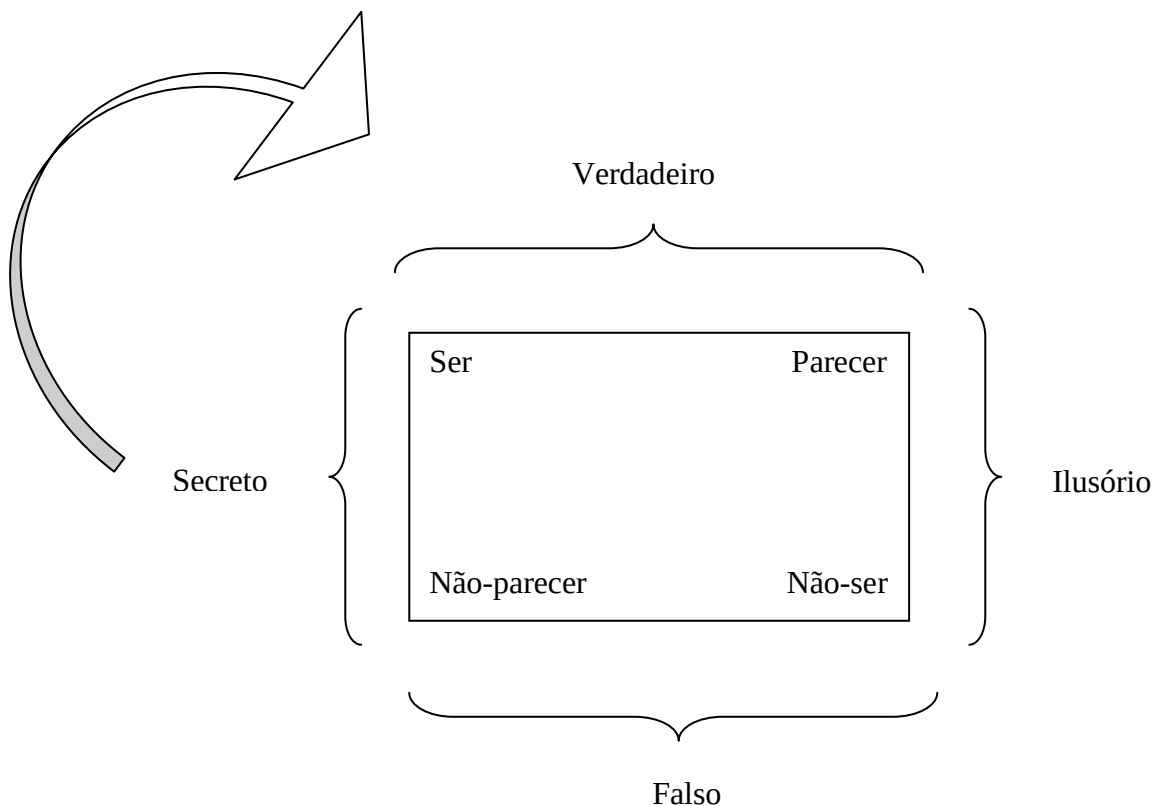


Figura 25: quadrado da veridicção – passagem do secreto ao verdadeiro

Nota-se que o tema do segredo é tido como disfórico, ao passo que o desvelamento desse segredo, ou seja, a verdade, a existência do dossiê, eufórica. Sabe-se que, no sistema democrático, não é desejável que governantes ajam sem respeitar princípios de democracia e ética, e que tais ações põem em risco o próprio sistema. No final da matéria, o andamento, que estava desacelerado, ganha um pouco em aceleração, mas não o suficiente para acelerar o texto, que termina de forma não-desacelerada, como se vê no trecho a seguir:

A ministra Dilma Rousseff não quis falar sobre as informações do laudo. Disse que vai aguardar a investigação da Polícia Federal. A Justiça autorizou hoje a prorrogação por mais 60 dias do inquérito que apura o vazamento do dossiê.

4.4.2 – Matéria internacional

A matéria da categoria internacional mostra a festa dos israelenses, que comemoravam os 60 anos de fundação do estado hebreu. O primeiro tema que se observa é o da celebração do

patriotismo, quer dizer, “qualidade ou característica de quem é patriota”. *Patriota*, por sua vez, denota “que ou aquele que ama a pátria e a ela presta serviços”²⁶. Trata-se de um texto predominantemente temático, com algumas figuras esparsas, como se observa no excerto a seguir:

Começaram, em Israel, as comemorações dos 60 anos de fundação do Estado hebreu. No **mar**, na **praia**, no **céu**. A **exibição militar** lembrou como Israel sempre teve que se preparar, numa região de vizinhos hostis.

As figuras marcadas em negrito, *mar*, *praia* e *céu* figurativizam os tantos espaços em que se expressa o tema do da celebração, figurativizado por *exibição militar*. O texto segue enaltecendo os avanços desse país que, no entanto, está em disjunção com um objeto-valor: a paz:

País mais desenvolvido do Oriente Médio, Israel sempre encantou o mundo com seus avanços na agricultura, na tecnologia de ponta. Falta uma conquista fundamental que ninguém esquece, mesmo nesses churrascos, tradição local, no Dia da Independência. “Paz” pede esta israelense.

Estando Israel em disjunção com o objeto-valor paz, depreende-se então o tema da guerra. O percurso temático da guerra então se constrói a partir de dois pontos de vista: o que é festa para os judeus, para os palestinos, o texto chama de catástrofe:

Na Cisjordânia ocupada, hoje houve protestos. A chave é símbolo das casas que os palestinos perderam ao fugir de onde viviam. Para eles, o que os israelenses festejaram hoje tem o nome, em árabe, de catástrofe.

Assim, o patriotismo dos judeus, para esses, é eufórico, pois representa a reconquista territorial do estado hebreu, ao passo que, para os palestinos, é disfórico, uma vez que os segundos se consideram destituídos de seu território após a Guerra dos Seis Dias. Quanto à aspectualização do tempo, o texto apresenta um andamento inicial acelerado (a comemoração dos 60 anos do estado hebreu) e mantém o andamento acelerado ao fazer um desvio de foco: em vez

²⁶

Definições do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

de falar em comemoração israelense, o texto faz uma retrospectiva histórica e apresenta o outro lado da moeda, a situação do povo palestino. Em seguida o texto perde em aceleração ao realizar descrições. No final, o texto termina não-desacelerado, ao relatar a indefinição das fronteiras de Israel e da Palestina, ou seja, ao final, não mais se descreve, mas se apresenta a situação efetiva desses dois territórios. O texto, que termina não-desacelerado, apresenta, ao final, um novo tema: a indefinição política daquela região.

Sessenta anos de sua fundação, Israel é bem maior do que previa a resolução da ONU, mas ainda tem fronteiras indefinidas.

Esclarece-se que a matéria terceira matéria da quarta-feira foi retirada do *corpus* da pesquisa, pois o tema não encaixava no que se convencionou chamar de categoria local.

4.5 – Sexta-feira, 09 de maio

4.5.1 – Matéria nacional

A matéria da categoria nacional do dia 09 de maio fala da alta do preço de alimentos básicos na alimentação do brasileiro:

Aqui no Brasil, o preço dos alimentos voltou a pressionar a inflação, que fechou o mês de abril em alta. Alguns produtos típicos da mesa dos brasileiros estão entre os que ficaram mais caros.

O texto apresenta uma isotopia econômica, ao tratar do tema da alta de preços dos alimentos. Esse tema é figurativizado pelo trecho: “Farinha no Nordeste, massa em São Paulo e o angu dos mineiros”. Em seguida o texto, que tinha um andamento rápido, torna-se explicativo, perdendo em aceleração, mantendo, no entanto a mesma isotopia econômica:

Os preços de produtos que fazem parte da base da alimentação do brasileiro pressionam a inflação desde 2007. Em abril, o índice ficou em 0,55%. Só os alimentos representam metade da taxa. O aumento é maior que o de março.

Outro tema se apresenta após o tema da alta dos preços dos alimentos que é o tema de como contornar essa adversidade, mantendo uma dieta saudável e equilibrada:

Como não dá pra cortar comida do orçamento, o desafio é montar um cardápio que fuja dos pratos mais tradicionais, que estão mais caros, e encontrar na variedade de prateleiras produtos que também sejam saudáveis, e que depois não dêem aquela sensação de peso no bolso.

Pode-se perceber que o tema da alta dos alimentos é tema um valor disfórico, por representar uma privação a que o povo brasileiro está submetido. Tentar burlar essa dificuldade é eufórico, pois, com isso, obter-se-ão dois benefícios: um custo baixo, figurativizado por *não-sensação de peso no bolso*, e uma alimentação saudável, figurativizado por *produtos saudáveis*. Nota-se que, a uma isotopia econômica, cruza-se uma isotopia da qualidade de vida, que abarca não apenas uma vida financeira equilibrada, mas também uma vida sã em todos os aspectos.

O andamento do texto reflete a presença dos dois temas principais: o tema da alta dos preços dos alimentos e o tema de como burlar essa dificuldade de forma saudável. Dessa forma, o andamento se apresenta inicialmente acelerado, como se pode ver pelo primeiro trecho deste item, para sofrer uma desaceleração, como se pode conferir no segundo fragmento. Com a apresentação do novo tema, o texto ganha em aceleração, que volta a cair em seguida. Essa perda da aceleração é resultado de um texto que se torna mais exemplificativo como se percebe a seguir:

Os cariocas Wanda e Roberto não ficavam sem feijão preto, até que o aumento chegou a 45% esse ano. Trocaram pelo feijão carioquinha, bem mais em conta, mas mantiveram o tempero.

Nota-se pelo trecho acima que *feijão carioquinha* figurativiza o tema de burlar a alta dos preços e manter-se com uma dieta saudável. Por fim, pode-se dizer que o andamento dessa matéria é uma variação do andamento de matérias que oscilam a aceleração, podendo ser representado da seguinte maneira:

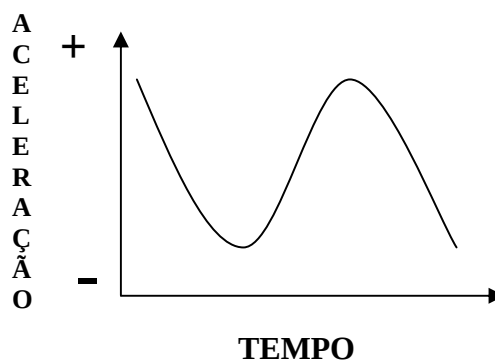


Gráfico 24: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (decrecente)

4.5.2 – Matéria local

A matéria da categoria local evidencia a paralisação de aulas na Universidade Federal do Ceará devido uma ocupação por um grupo de sem-teto:

A reitoria da Universidade Federal do Ceará suspendeu, a partir de hoje, todas as atividades. 14 mil alunos ficarão sem aulas por causa de uma invasão de sem-teto.

Observam-se dois temas: o tema da invasão pelos sem-teto e o tema da suspensão das aulas. No trecho a seguir, retoma-se o tema da invasão, notadamente disfórico, pois *invasão* significa, pelo *dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “ato ou efeito de invadir; ato de penetrar ocupando-o pela força”. A diferença entre ocupar e invadir, portanto é o uso da força. A escolha lexical, dessa forma, cria um efeito negativo. O tema da invasão é figurativizado pelos termos marcados em negrito:

No maior campus da universidade, a única movimentação é de **seguranças**. Eles tentam impedir que os prédios sejam invadidos. Há 15 dias, 600 pessoas **derrubaram o muro**, **ergueram barracas** e **demarcaram terrenos** dentro da instituição.

Quanto ao andamento, o texto mostra-se acelerado inicialmente, mas ao começar a descrever a situação, o andamento torna-se mais lento. No final, no entanto, a aceleração tende a aumentar, pois se apresentam fatos ainda não apresentados na matéria:

A Justiça já determinou a desocupação da área e a Polícia Federal informou que vai cumprir o mandado de reintegração de posse a qualquer momento. No início da noite, os invasores se comprometeram a deixar o campus até o início da manhã de sábado.

Apresenta-se, dessa maneira um novo tema, o tema da desocupação. Ao se apresentar um novo tema, o andamento tende a se acelerar, como se apontou. Um gráfico do andamento pelo tempo, nessa matéria, tem a seguinte representação:

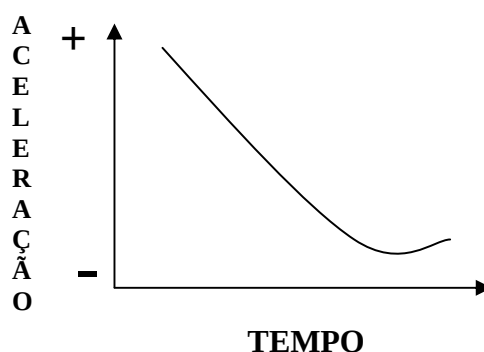


Gráfico 25: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (final não-desacelerado)

4.5.3 – Matéria internacional

Na matéria da categoria internacional, observa-se o seguinte lide:

Na Rússia, o governo promoveu hoje o maior desfile militar desde o fim da União Soviética para lembrar a vitória sobre as tropas nazistas na Segunda Guerra Mundial. Quem informa é o enviado especial Renato Peters.

Como se previu no início do capítulo, outros pontos da teoria semiótica podem se fazer presentes, e se pretende nesse momento também observar a sintaxe discursiva, mais especificamente, a projeção da categoria de pessoa no enunciado. Como aponta Fiorin (2005), as categorias de enunciação podem projetar-se no enunciado, por meio de debreagem enunciativa, ou ainda estar ausentes do enunciado, no caso da debreagem enunciativa. Ao se projetar a categoria de pessoa da enunciação no enunciado: “Quem informa é o enviado especial Renato Peters”, o texto é debreado enunciativamente. Essa prática discursiva cria um efeito de subjetividade, de aproximação. No caso do telejornalismo, como apontou Fechine (2008), essa presença *in loco* do repórter cria o simulacro de que o telespectador está vivendo a mesma experiência do profissional da notícia, por meio de uma ponte espaço-temporal.

Observa-se pelo fragmento acima o tema do desfile militar, que, por sua vez, representa outro tema: a vitória dos russos sobre os nazistas na II Guerra. Depreende-se do texto uma isotopia bélica. As figuras que concretizam o tema do desfile são: *100 carros de combate, oito mil militares, mísseis balísticos, ogivas nucleares*. Após o tema do desfile, apresenta-se outro tema, que é o da demonstração bélica:

Há 18 anos, quando a Praça Vermelha ainda era o coração da União Soviética, não se via tamanha demonstração bélica. A Rússia decidiu mostrar ao mundo que voltou a investir em armamentos, no feriado mais importante do país.

Ao tema do desfile militar mais um tema se imbrica: o tema da demonstração bélica. Assim, em relação ao tema do desfile militar, existe um tema que se estende para o passado, a vitória da segunda guerra mundial, e um tema que se estende para o futuro, a mostra de poderio bélico, que poderia indicar uma motivação de guerra:

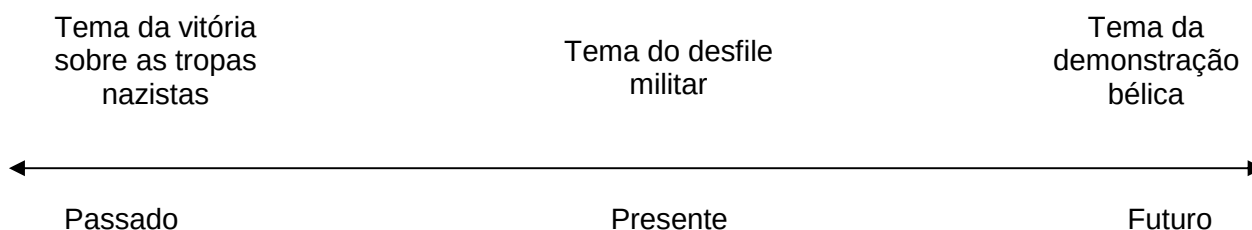


Figura 26: linha do tempo e temas

Outro tema que se apresenta é o da primeira aparição do então recém-eleito presidente Dimitri Medvedev. Quanto ao andamento, o texto apresenta a seguinte estrutura já mostrada anteriormente:

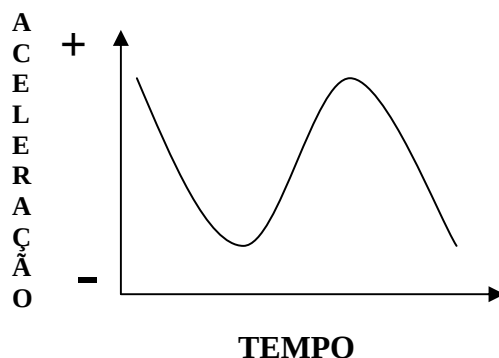


Gráfico 26: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (uma oscilação)

Os picos coincidem com a apresentação de novos temas, ou seja, uma maior intensidade, pois a apresentação de fatos novos provoca rupturas, tensões. Ao passo que, na região dos vales, o texto passa a descrever e contextualizar os fatos. Tem-se então um momento de maior relaxamento e, portanto, de maior extensidade.

4.6 – Sábado, 10 de maio

4.6.1 – Matéria nacional

Na matéria de categoria nacional do último dia da semana analisada, a política de cotas para negros, previsto pelo Estatuto da Igualdade Racial, foi criticada pelo próprio movimento negro, teoricamente o maior beneficiado por tal documento:

A política de cotas para negros voltou a ser criticada. Reunidos em São Paulo, militantes do Movimento Negro Socialista fizeram um manifesto contra o Estatuto da Igualdade Racial, em debate na Câmara dos Deputados.

Do trecho acima, depreende-se o tema da crítica à política de cotas para indivíduos negros. Tal crítica vem do próprio movimento negro e, portanto, esse tema é valorado pelos

manifestantes como disfórico. A isotopia predominante no texto é uma isotopia racial. Em relação ao andamento, o texto começa acelerado, mas, logo esse andamento tende a ficar mais lento. No segundo parágrafo, explicam-se alguns pontos do Estatuto da Igualdade Racial:

O projeto que determina, por exemplo, a contratação de negros por empresas que prestam serviço a órgãos públicos está em discussão no Congresso.

Como já foi dito anteriormente, no texto, esses momentos caracterizam-se por representar uma continuidade, sempre de natureza extensa. Invariavelmente, a continuidade, no entanto, é seguida de uma ruptura, que é o momento de aumento de intensidade:

Do encontro, saiu um documento que será entregue a deputados e senadores.

Ao qual, logo a seguir, se impõe mais um momento de continuidade, de relaxamento:

Na carta, os integrantes do Movimento Negro Socialista explicam porque são contra a criação de novas cotas para os chamados "afro-brasileiros".

Outro tema da matéria, que só se apresenta do meio para o final, é tema das cotas para negros em universidades:

A política de cotas para negros, nas universidades, bem mais antiga, ainda é polêmica.

Nota-se, no fragmento acima, outro momento de ruptura, que é a inserção de um novo tema. A essa ruptura se segue outro momento de continuidade, que é justamente um detalhamento/contextualização desse sistema de cotas universitárias:

Hoje, segundo o MEC, 22 universidades públicas do país têm cotas para negros. Nessas instituições de ensino, para conseguir uma vaga, o candidato definido como negro precisa de menos pontos no vestibular do que um outro candidato definido como branco.

A matéria termina de forma desacelerada, ao trazer duas vozes opinando em relação às cotas: a primeira delas em relação às cotas universitárias e a segunda delas, em relação às cotas

estabelecidas pelo Estatuto da Igualdade Racial. A primeira é favorável, enquanto a segunda é contrária. Embora tais opiniões sejam divergentes, o que implica em termos tensivos uma descontinuidade de uma em relação à outra, a forma como as coisas se apresentam no texto, quer dizer o andamento, tende a ficar menos acelerada no final, já que essas vozes apenas “ilustram” o tema das políticas para cotas, mas não apresentam de fato uma ruptura, que só haveria com a inserção de um novo tema, coisa que não acontece. Essa confrontação de opiniões sobre o mesmo tema, ou sobre temas semelhantes, como nesse caso, tem a ver como a forma de construção da notícia desse noticiário, como apontou Gomes (2005) no capítulo 2. Retomando uma citação de Chrystus, a construção dos dois lados da notícia do *JN*, a autora afirma: “Fiel ao seu estilo ‘imparcial’, a notícia se constrói mostrando os chamados ‘dois lados’ da situação. Qualquer que seja o tema ou a reportagem, sempre haverá *dois lados*, num evidente dualismo: nem um, nem três, nem cinco – sempre *dois lados* da questão” (2007:182). Apesar, desse estilo que confronta dois pontos de vista, um ponto de vista costuma sobressair. Ou seja, apesar de uma aparente neutralidade jornalística, semioticamente, o texto valora as cotas para negros disforicamente, apoiando-se durante a maior parte da matéria em vozes contrárias a essa política. Explicitamente são duas vozes contra e uma a favor:

Contra: “Nós queremos viver numa sociedade onde as pessoas se respeitem, onde as pessoas possam crescer e onde não exista essa distinção motivada por cor de pele, pelo conceito de raça, pelo conceito religioso”. “Políticas que melhorem a vida de todos, que melhorem a educação básica, com certeza a universidade será preenchida por pessoas de todas as cores, de todas as origens”

A favor: “As cotas são, na realidade, mecanismos, instrumentos que permitem de fato com que essa população que não tem acesso consiga atingir esse patamar que é o ingresso nas instituições de nível superior”.

Além das vozes, o texto se constrói, desde o início, a partir da seguinte tese: os próprios negros (representados pelo Movimento Negro) são contra a política de cotas, disforizando, dessa maneira, essa prática. Além disso, existe outro argumento implícito no texto. A matéria se estrutura em termos argumentativos da seguinte maneira:

- 1) Para os negros, a política de cotas teria valor eufórico, pois esse grupo em tese seria beneficiado, mas não tem, já que os próprios negros (o Movimento Negro) são contrários à política;
- 2) Para o resto da sociedade, ou seja, para a porção não-negra da sociedade brasileira (não-negra pelo menos em termos discursivos), essas cotas têm um valor disfórico, pois essas pessoas ver-se-iam destituídas da possibilidade de conquistar postos de trabalho/estudo.

A partir desses dois argumentos, depreende-se uma implicação: se, nem para os negros, nem para os não-negros, a política de cotas tem valor positivo, logo, ela tem um valor negativo.

4.6.2 – Matéria local

A matéria da categoria local do sábado aborda a situação após da passagem do ciclone extratropical que atingiu o Sul do Brasil no início da semana:

Uma semana depois do ciclone extratropical, que atingiu o Rio Grande do Sul, as famílias atingidas começam a voltar pra casa. 16 cidades ainda estão em situação de emergência.

No excerto acima, percebe-se a existência de três temas: o primeiro é a passagem de um ciclone extratropical no Sul do país; o segundo é a volta das famílias para as casas; o terceiro tema é o estado de emergência de 16 cidades. O primeiro e o terceiro temas são disfóricos, ao passo que o segundo, eufórico. Assim, como na matéria local da segunda feira, existe uma recorrência de figuras que recobrem esses temas. De forma esquemática apresentam-se as figuras correspondentes a cada tema. Os temas disfóricos foram agrupados em conjunto, como se vê:

Temas	Figuras
Passagem do ciclone/ situação de emergência (disfórico)	Ciclone extratropical, famílias atingidas, Seu Lídio, calças emprestadas, roupa (molhada), casa, água, alagado, marca (da inundação) na parede, ventos de mais de 100 quilômetros por hora, chuva, duas pessoas mortas, casas inundadas, Rio dos Sinos transbordado, mais de três mil e quinhentas pessoas desabrigadas, abrigos, donativos
Volta das famílias às casas (eufórico)	Volta às casas, caminhões, mudança.

Tabela 25: temas e figuras (ciclone extratropical)

O andamento da matéria tem o começo acelerado, mas essa aceleração se perde, em decorrência de um estado de distensão, em termos de aspectualização do tempo, que se deve basicamente a descrições do estado em que se encontram as pessoas afetadas pelo ciclone:

Seu Lídio usa as calças que conseguiu emprestadas. A roupa dele está assim. Ele já voltou para casa, mas perdeu o pouco que tinha.

Em São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, o sábado foi de muito trabalho. Os caminhões ajudaram na mudança de quem saiu às pressas de casa.

A aceleração do texto é decrescente. No final, no entanto, um novo tema, o dos dias das crianças, figurativizado por *crianças*, *mães* e *dia*, promove uma não-desaceleração/aceleração:

Mas se depender das crianças estas mães não vão ficar sem carinho. Elas também não esqueceram que amanhã é um dia um especial.

O gráfico de aceleração pelo tempo é representado no gráfico a seguir:

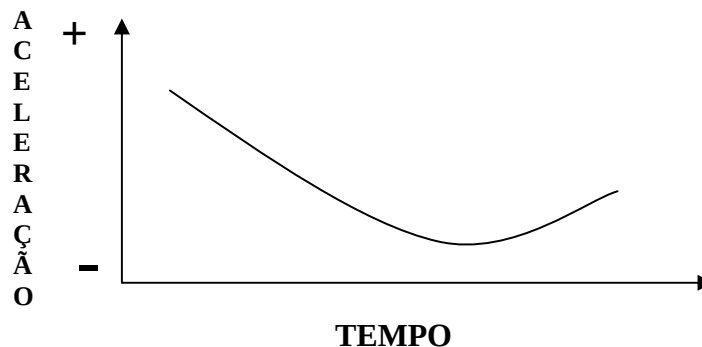


Gráfico 27: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (final não-desacelerado)

4.6.3 – Matéria internacional

A última matéria analisada, da categoria internacional, relata a situação na capital Libanesa, sob a ação da organização xiita Hezbollah²⁷, que desocupa as ruas de Beirute:

Militantes do grupo terrorista Hezbollah desocuparam hoje as ruas da capital do Líbano. O governo cedeu, e aceitou parte das exigências do grupo.

Observa-se no fragmento acima o tema da desocupação das ruas pelo Hezbollah. Em seguida, o texto apresenta outro tema:

Em pleno funeral de uma das vítimas de sexta-feira, mais dois mortos e vários feridos. Um atirador disparou contra a multidão.

O segundo tema que se apresenta é o assassinato de duas pessoas e o ferimento de outras, por meio da ação de um xiita, sem ligação com o Hezbollah. O texto que, até então, possuía um andamento rápido, perde aceleração em função de descrições da situação como a contagem do

²⁷ Organização política e militar dos muçulmanos xiitas do Líbano, criada em 1982 no contexto da invasão de Israel ao sul do Líbano. O Hezbollah, sendo uma organização de resistência contra Israel e dos interesses dos Estados Unidos, é considerado por ambos como sendo uma organização terrorista. Para a grande maioria dos habitantes do Líbano, do mundo islâmico e da opinião público ocidental em geral, é apenas uma organização de resistência a Israel. (fonte: *Enciclopédia livre Wikipédia*. Acesso 21/11/2008).

número de mortos e sobre a trégua oferecida pelo Hezbollah em troca de duas reivindicações. O andamento tende a ficar mais rápido com a afirmação de que:

O grupo xiita vai manter a rede de telecomunicações e a chefia da segurança no Aeroporto de Beirute.

Mas, sem seguida, volta a desacelerar, ao dizer que integrantes do Hezbollah já desocupam as ruas da capital do Líbano. O andamento termina de forma não-acelerada, pois:

Avisaram que vão manter a campanha de desobediência civil até que todas as exigências sejam atendidas.

Como se viu pela análise, o andamento do texto oscilou entre o acelerado e o desacelerado, do mesmo modo que em gráficos que já se exibiram anteriormente. Em relação ao tema da ocupação do Hezbollah nas ruas de Beirute, pode-se dizer que se trata de uma presença, ou seja, de uma existência atualizada, uma conjunção. A presença dessa organização xiita tem um valor negativo construído pelo texto. Uma das razões seria os mais de 37 mortos e feridos, em função da ocupação pelo Hezbollah. A desocupação, por sua vez, tratar-se-ia de uma não-presença, ou seja, de uma existência virtualizada, uma não-conjunção, que, por oposição, tem um valor não-negativo e, portanto, eufórico. Um percurso euforizante da desocupação iria da ocupação (presença) à não-ocupação (não-presença), que, por sua vez, iria à ausência total e absoluta da organização:

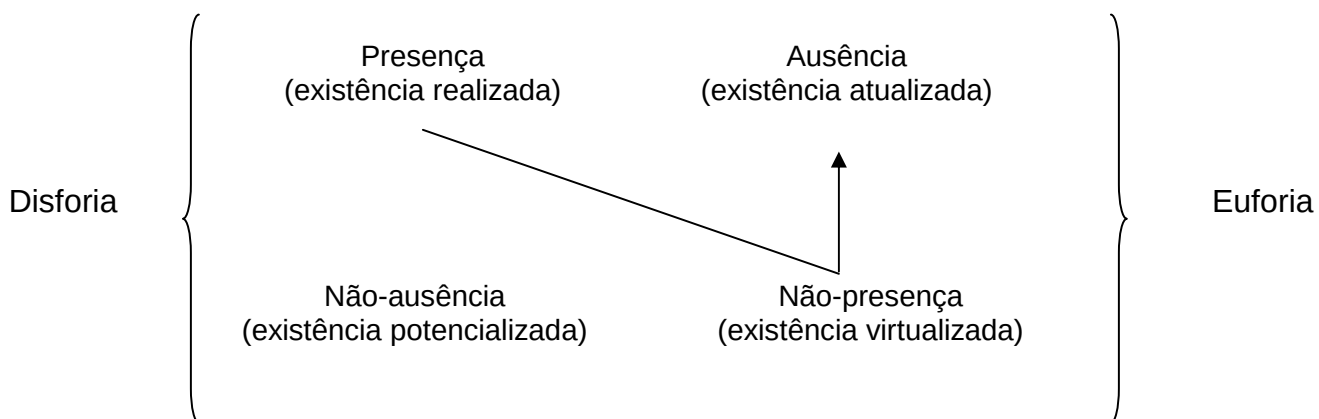


Figura 28: percurso euforizante da presença/ausência

4.7 – Considerações sobre o andamento nos textos analisados

As análises realizadas objetivaram perceber a existência de padrões recorrentes nas matérias jornalísticas do *JN* a partir de intra-discursivas que subjazem aos textos. Alguns padrões foram observados. Em relação ao andamento, os textos analisados se estruturam de duas maneiras:

- 1) A primeira delas é um andamento acelerado inicial que decresce no decorrer do texto. Isso se deve à apresentação do fato principal da notícia, em termos semióticos, em decorrência de uma ruptura, de uma tensão. Em seguida o texto perde em aceleração, devido a descrições, elucidações e contextualizações, o que semioticamente significa uma distensão, um maior relaxamento. Uma variação desse tipo de estrutura é um andamento não-desacelerado no final, mas que não chega a ser acelerado.
- 2) A segunda forma de estruturação textual em termos de andamento é uma oscilação entre aceleração e desaceleração. Isso se deve, como se viu, à apresentação de um fato (ruptura/intensidade) para depois discorrer sobre esse fato (continuidade/extensidade), e assim sucessivamente. Esse padrão foi o segundo mais observado pelas análises. O que se pode afirmar é que uma matéria longa, por trazer mais temas, tende a ter essa organização, ao passo que, uma matéria mais curta, à organização de número um.

Os gráficos representam os dois tipos de organização quanto à aspectualização:

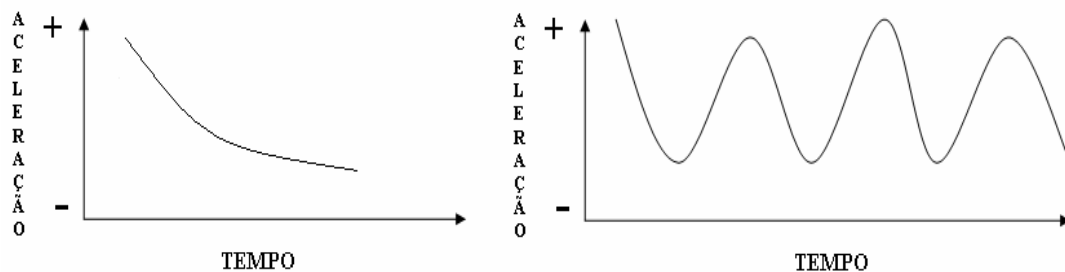


Gráfico 28: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (decrecente) Gráfico 29: tempo no eixo x e aceleração no eixo y (oscilante)

4.8 – Considerações sobre os temas e figuras nos textos analisados

Com relação às análises dos temas e figuras, pode-se dizer que o discurso do *Jornal Nacional* é muito mais temático que figurativo, ou na acepção de Barros (2002) um texto de figuração esparsa. Pelas análises, nota-se com muito mais recorrência a formação de percursos temáticos que figurativos. Isso quer dizer que o *JN* muito mais explica e organiza a realidade, por meio de temas, do que a recria discursivamente, por figuras. Não se deve perder de vista que o *JN* sendo um telejornal, ele faz uso de imagens para, de certa forma, explicar os textos de figuração esparsa. Essa prática faz coloca o *JN* num meio caminho em direção a textos efetivamente figurativos, pois é uma forma de garantir o interesse e a compreensão do público desse telejornal, que, como afirmara Chrystus (2007), visa a atingir um público vasto. Isso também reforça a condição de que textos longos devam alternar períodos acelerados e desacelerados, enquanto textos mais curtos possam iniciar acelerados (chamando a atenção) e seguir desacelerando, com tempo para explicações. Salienta-se, além disso, que além dos textos possuírem estrutura polêmica binária (sempre dois lados da questão), eles possuem traços de sensacionalismo, mas um sensacionalismo não explícito, imbricado à formalidade da apresentação do *Jornal Nacional*. Ao não assumir a figuratividade em sua plenitude, o jornal garante mais um reforço para esse efeito de seriedade.

Tentou-se, ademais, perceber quais traços sêmicos subjazem aos temas encontrados nas matérias analisados. Pode-se dizer que os temas podem, num nível mais abstrato, ser reduzidos a uma tensão entre um querer *versus* um dever. Observa-se que um possível quadrado semiótico

composto por esses elementos não tem uma relação de implicatura, mas de probabilidade. Evidentemente, o querer e o dever só têm seus valores atualizados no microuniverso semântico do texto.

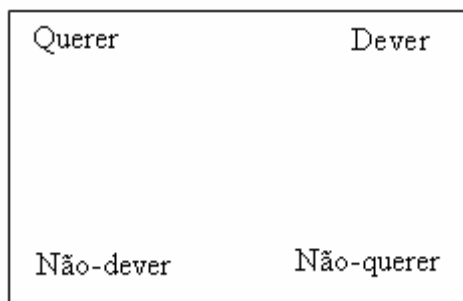


Figura 29: quadrado semiótico querer *versus* dever

Inicia-se pela segunda feira, matéria nacional: o político deve ser honesto, no entanto, ele quer desviar dinheiro. Dever nesse caso é eufórico, ao passo que querer é disfórico, por exemplo. Na local, o volume dos rios sobe (quer subir), mas deve baixar para evitar mais morte e destruição. Na internacional, pais que devem proteger, mas querem fazer mal a seus filhos. Dever nesse caso tem valor positivo.

A mesma relação se encontra na matéria nacional da terça-feira, em que o pai e a madrasta querem matar a filha, mas devem protegê-la. O mesmo se pode dizer dos índios que devem permanecer em suas aldeias, mas querem invadir uma fazenda de arroz. Em relação ao candidato republicano, ele quer angariar votos percorrendo os EUA, ao passo que os democratas devem definir um representante para as eleições. A notícia coloca como uma vantagem o fato do candidato republicano já ter sido escolhido. Sendo assim, nessa matéria o dever é negativo e o querer, positivo.

Na quarta-feira, nacional, para a ministra, informações devem ficar contidas na Casa Civil, mas há quem queira que tais informações vazem. Na local, o agricultor deve, assim como reza a constituição, garantir liberdade de ir e vir à sua esposa, no entanto, ele quer privá-la da liberdade. Na catástrofe em Mianmar, pessoas querem ajudar e as vítimas devem aceitar, já que o próprio texto disforiza a negativa do presidente em receber ajuda internacional. Nesse texto em específico há um quadrado diferente. O grande foco não é ajudar, mas ser ajudado. Pode-se

pensar que a grande oposição seja querer não ser ajudado vs. dever ser ajudado: querer não-ser-ajudado > não-querer não-ser-ajudado > dever ser-ajudado. Assim, querer não-ser-ajudado é o polo negativo, enquanto dever ser ajudado, o polo positivo. Nesse caso, existe uma composição no quadro de valores, em que o querer ser ajudado é sinônimo de dever ser ajudado: não é esperado que seja diferente.

Na quinta-feira, nacional, o tema é o mesmo da mesma categoria do dia anterior, ou seja, informações que devem manter-se confidenciais, mas alguém quer disseminá-las. Na internacional, Israel deve rever sua situação com relação à Palestina, entretanto, quer comemorar sua fundação.

Na sexta-feira, categoria nacional, os preços devem permanecer estáveis, mas sobem, por determinadas razões que justificam um querer-fazer de quem pode fazê-los subir. Na categoria local, sem-teto querem invadir a Universidade, mas devem não fazê-lo, uma vez que, segundo regras vigentes, a universidade não é um espaço destinado a indivíduos que não têm onde morar. Na internacional, a Rússia quer festejar seu poderio militar, mas deve manter-se longe de conflitos bélicos, já que o texto disforiza a guerra.

No sábado, na nacional, os integrantes do movimento negro, como representantes dos favorecidos pelas cotas, deveriam defendê-las, mas querem sua revogação. Como o texto disforiza a política de cotas, pode-se dizer que querer rejeitar as cotas é eufórico, ao passo que dever aceitá-las é disfórico. Na local, catástrofe no sul, pessoas querem voltar à normalidade, mas devem lutar pela sobrevivência, mostrando-se mais uma vez um conflito entre o querer e o dever. Aqui há oposição entre necessidade e desejo. O necessário (dever) é negativo, já que o desejo (querer) é positivo. Responder às necessidades seria uma condição negativa, mas imprescindível para alcançar o desejo. Por fim, na categoria internacional integrantes do Hezbollah querem manter-se nas ruas de Beirute, mas devem desocupá-las.

Como se pôde ver, os temas podem ser abstraídos na relação entre o querer e o dever. A seguir, apresenta-se a esquematização em uma tabela que indica essas relações e como são valoradas pelo texto:

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
Categoria Nacional	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (eufórico) VS Dever (disfórico)
Categoria Local	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	*	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (eufórico) VS Dever (disfórico)
Categoria Inter-nacional	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (eufórico) VS Dever (disfórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)	Querer (disfórico) VS Dever (eufórico)

Tabela 26: valores de querer *versus* dever

Essa tensão entre o querer e o dever mostra que, na maioria das vezes, este é valorizado euforicamente, ao passo que aquele tem um valor negativo construído pelo texto. Como pode ser visto na tabela acima, a notícia, ou a noticiabilidade de uma matéria jornalística, nasce de um conflito entre o querer e o dever. Mais recorrentemente, entre o dever-não-fazer e o querer-fazer, em que há uma quebra de um contrato fiduciário estabelecido. Caso não fosse rompido tal contrato, não haveria notícia. Ao jogar luz sobre as quebras de contrato, o *JN* reforça o quadro de valor preponderante, protegendo-o contra possíveis desejos de mudança. Poder-se-ia pensar, dessa maneira, que o *Jornal Nacional* seria uma força que ajuda a manter o contrato fiduciário vigente, noticiando rompimentos.

Capítulo 5

Relações entre conteúdo e expressão

*“A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e som o verso;
não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro”
(SAUSSURE, 2006:131)*

Após terem sido realizadas análises fonéticas, no capítulo 3, e semióticas, no capítulo 4, o objetivo do presente capítulo é analisar a relação entre o conteúdo e a expressão da fala de forma conjunta. Note-se que esta pesquisa serviu de modelo para a criação de uma interface gráfica, já prevista no projeto original do *SetFon: algoritmo para produção e organização de semioetiquetas fonológicas*²⁸, a qual permite inserir informações extras, neste caso, resultadas das análises semióticas, nas frases segmentadas em grupos acentuais, aqui tomadas como frases prosódicas. A interface gráfica, ainda em fase alfa, permite visualizar os grupos acentuais com sua transcrição fonológica, com caixas de texto para inserção de informações novas. Por exemplo, a análise semiótica do andamento constitui uma dessas informações. Sob a rubrica de andamento, inserida inicialmente na criação da nova coluna de dados, é possível manualmente determinar se o andamento é acelerado, desacelerado, não-acelerado ou não-desacelerado. Essa nova informação, inserida com absoluta independência das análises fonéticas que a precederam, constitui um parâmetro para as análises estatísticas, permitindo cruzar os dados de fonética acústica com os dados de semiótica. As outras informações extras são: valor (positivo/negativo) e disposição (do sujeito em questão, dever/querer).

Os parâmetros semióticos com os quais se vão cruzar dados fonéticos pertencem principalmente ao nível discursivo. Cabe notar que disposição e valor, embora sejam dados referentes ao nível narrativo, foram obtidos pela análise temático-figurativa do texto, portanto a partir da análise discursiva. Trata-se, assim, de elementos cuja existência se dá no texto de forma concreta, diferentemente dos níveis narrativo ou fundamental. Matte (2008) realizou uma investigação cujo intuito foi de cruzar dados fonéticos e semióticos, estes relativos ao nível narrativo, principalmente no que concerne ao caráter emotivo de ambos os planos da função semiótica. A autora afirma:

²⁸ O SetFon, projeto do grupo de pesquisa Semiofon – semiose e fonoestilística, coordenado pela Prof^a Dr^a. Ana Cristina Fricke Matte, tem como objetivo a modelagem orientada ao objeto e elaboração do Algoritmo do SetFon, programa automático de anotação em mídia contínua com a finalidade de agilizar as etapas que precedem à etapa de análise prosódica e/ou fonoestilística de dados de fala com corpus composto por textos com mais de uma sentença e que atualmente ocupam uma substancial parte do tempo da pesquisa linguística em prosódia e fonoestilística. A concepção de orientação ao objeto permite a transposição do conhecimento linguístico para a linguagem computacional sem distorcer as premissas e hipóteses linguísticas envolvidas. Trata-se, portanto, da automatização e gerenciamento/disponibilização de dados e resultados de análises fonético-fonológicas e fonoestilísticas para diversas finalidades, dentre elas a síntese de fala.

Tendo trabalhado durante anos com base nesse arcabouço [semiótico], decidimos, no presente trabalho, fazer uma pesquisa às avessas: se a teoria nos diz que a narrativa tem pouco ou nada a ver com o problema [a questão da fala], vamos testar interdisciplinarmente justamente elementos do nível narrativo para verificar se, em algum ponto, essa premissa cai por terra ou, pelo menos, deveria ser revista. (Matte, 2008: 02).

Matte (2008) parte da premissa que o nível narrativo não está vinculado à emoção, já que se trata de uma estrutura lógica e não-cronológica, enquanto a emoção é aspectual, principalmente no que se refere à intensidade e à temporalidade. Após o cruzamento de dados fonéticos e semióticos a autora conclui que as premissas a respeito da narrativa se verificam na pesquisa, isto é, as análises mostraram uma desvinculação entre plano de conteúdo e plano de expressão, assim como previa a hipótese da autora. Tal desvinculação se dá pelo fato de o nível narrativo ser um nível extremamente lógico e abstrato, cujas relações não correspondem diretamente ao plano da expressão.

Ao se trabalhar com o nível discursivo, ou seja, o nível mais concreto do plano de conteúdo, podem-se encontrar resultados diferentes daqueles encontrados por Matte (2008), uma vez que se trata de outro nível do percurso gerativo de sentido. Barros (2007) afirma:

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. Pela própria definição do percurso gerativo, estruturas discursivas são mais específicas, mas também mais complexas e “enriquecidas” semanticamente, que as estruturas narrativas e fundamentais (2007: 53).

Segundo a autora, o sujeito da enunciação faz escolhas relacionadas à pessoa, ao espaço e ao tempo, além de temas e figuras. Isso é responsável pela passagem da narrativa para o discurso. Assim, sendo esse nível o mais complexo, mais marcado por escolhas do sujeito da enunciação e, além disso, o mais próximo à manifestação textual. Sendo assim, justifica-se uma análise que pretenda perceber como se relacionam as estruturas discursivas com a manifestação do texto, isto é, com dados fonéticos.

5.1 – Relações entre o valor e dados fonéticos

Como se apontou anteriormente, um dos dados semióticos que vai ser cruzado com dados fonéticos é o valor. Na interface gráfica onde se inserem dados aos grupos acentuais (doravante

GAs), tomados como frases prosódicas, esses GAs, receberam uma etiqueta semiótica, ou seja, nos momentos em que o texto valoriza um tema euforicamente, o GA recebe uma etiqueta de positivo (ou não-negativo) e, quando o texto valora um tema disforicamente, o GA recebe uma etiqueta de negativo, ou não-positivo. Quando o texto não valora o segmento, classificou-se como neutro. Esclarece-se que a classificação dos subcontrários se pautou em GAs simultaneamente formados pelos valores positivo e negativo. Quando tende para o positivo, ou seja, quando o GA possui mais segmentos positivos, considera-se não-negativo e, quando o GA possui mais segmentos negativos, ele é considerado não-positivo. Dessa forma, após os grupos acentuais terem sido etiquetados com o valor, relacionou-se esse a valor a dados de ordem fonética. Como se disse, o objetivo foi perceber possíveis relações entre conteúdo e expressão. O programa utilizado para fazer esse trabalho estatístico foi o *R*, já mencionado no capítulo 3. A seguir, mostra-se a relação entre os GAs etiquetados semioticamente quanto ao valor. No gráfico 30, observa-se que o valor negativo ocupa pouco mais de 50%, seguido pelo positivo, neutro e os subcontrários não positivo e não negativo, cujo número é bem inferior em relação aos demais.

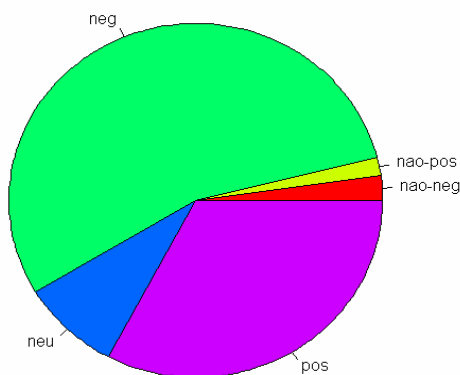


Gráfico 30: distribuição das etiquetas do valor

O primeiro dado fonético a ser cruzado com o valor foi a duração. Para isso, foi feita uma análise de variância ANOVA one-way ($DF = 4$, $SumSq = 0,008$, $Mean = 0,002$, $F = 0,03363$, $p > 0,05$). Observou-se que não há significância estatística, o que significa dizer que o valor não afeta a duração absoluta dos segmentos.

Em seguida, foi repetida a mesma operação, ANOVA one-way ($DF = 4$, $SumSq = 1807541$, $Mean = 451885$, $F = 9.505$, $p < 0,001$) comparando média de F1 e valor. O resultado estatístico, de diferença altamente significativa, mostrou que os GAs etiquetados com o valor

negativo são os que possuem maior média de F1, o que significa que o valor negativo afeta o primeiro formante, como se observa no gráfico 31:

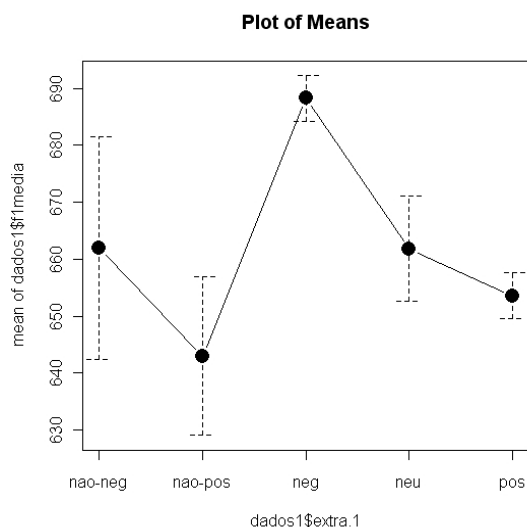


Gráfico 31: médias com valor semiótico no eixo x e média de F1 no eixo y

A seguir foi feita uma ANOVA one-way (DF = 4, SumSq = 3205445, Mean = 801361, F= 21.239, $p < 0,001$) entre valor e desvio padrão de F1. Novamente, encontrou-se diferença altamente significativa entre os desvios-padrão de cada valor. Observa-se no gráfico 32 que o negativo é muito mais instável que o neutro:

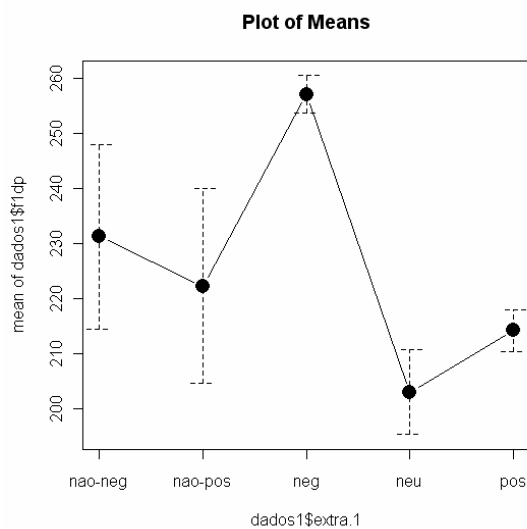


Gráfico 32: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y

O próximo dado acústico a ser cruzado com a etiqueta semiótica valor é a média do segundo formante. Para isso, fez-se uma análise de variância ANOVA one-way ($DF=4$, $SumSq = 12899816$, $Mean = 3224954$, $F = 25.003$, $p < 0,001$) e novamente encontrou-se alta significância estatística. O gráfico a seguir mostra que novamente o valor negativo influencia na frequência, dessa vez, do F2. Assim, a média de F2 dos GAs marcados como negativos é maior que os marcados como neutros, que, por sua vez, é maior que os positivos, como se vê no gráfico 33:

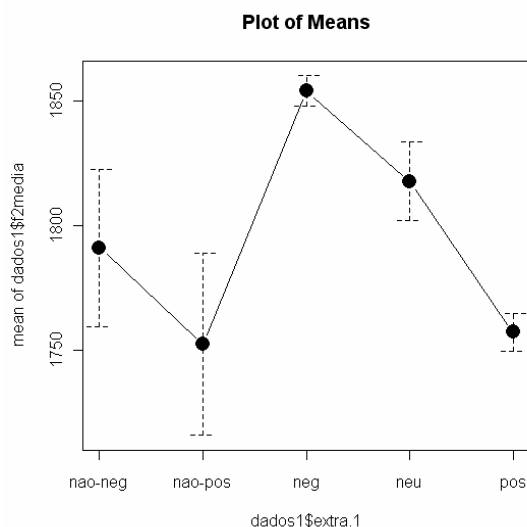


Gráfico 33: médias com valor semiótico no eixo x e média de F2 no eixo y

Em seguida fez-se uma ANOVA one-way ($DF=4$, $SumSq = 704417$, $Mean = 176104$, $F = 3.7085$, $p < 0,01$) para se observar a relação entre valor e desvio-padrão do F2. Observou-se uma diferença significativa, ilustrada pelo gráfico 34, que mostra que o negativo varia bem mais que o positivo.

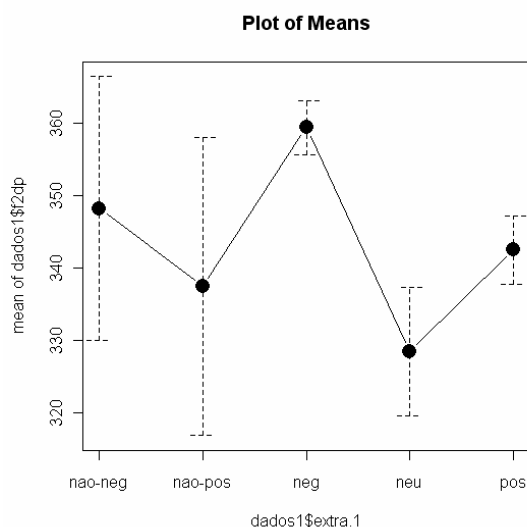


Gráfico 34: médias com valor semiótico no eixo x e média de desvio-padrão de F2 no eixo y

Em seguida relacionou-se a média de F3 com o valor. Para isso, novamente realizou-se uma análise de variância ANOVA one-way (DF=4, SumSq = 4905641, Mean=1226410, $F = 14.134$, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa. Pelo gráfico 35, nota-se que os segmentos valorados negativamente pelo texto são aqueles com a maior média de F3. Isso significa que o valor negativo aumenta a média da frequência do terceiro formante.

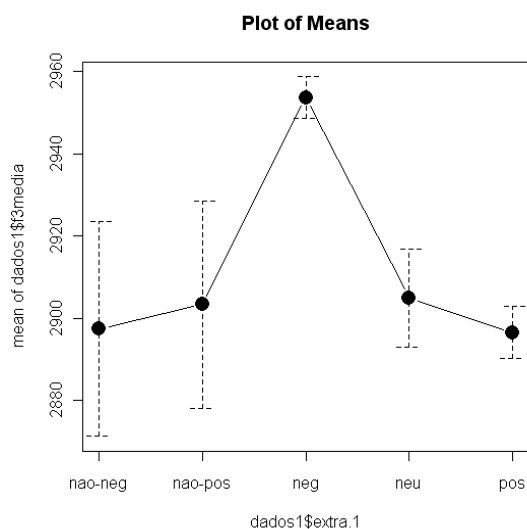


Gráfico 35: médias com valor semiótico no eixo x e média de F3 no eixo y

A seguir fez-se uma análise de variância ANOVA (DF=4, SumSq = 1509797, Mean = 377449, $F = 10.952$, $p < 0,001$) one-way entre valor e desvio-padrão do F3. Novamente, observa-

se diferença altamente significativa e que os segmentos com maior variação de F3 são aqueles marcados com a etiqueta semiótica valor negativo. Em seguida o positivo é o segundo que apresenta maior variabilidade e, por fim, os GAs classificados de neutro são os que menos sofrem variação, como se vê no gráfico 36:

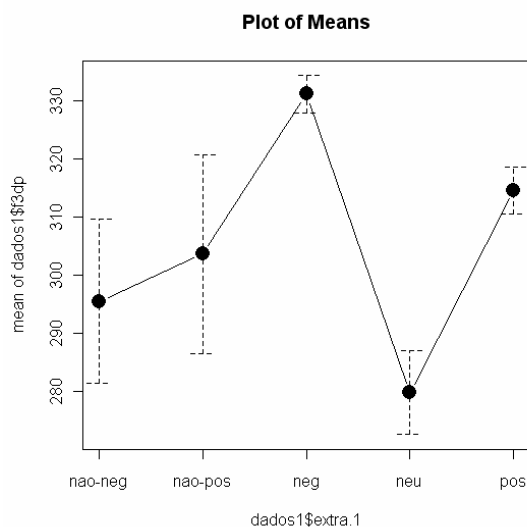


Gráfico 36: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y

A seguir fez-se mais uma análise de variância ANOVA one-way (DF=4, SumSq = 2196310, Mean=549077, F=7.0201, $p < 0,001$) para cruzarem-se os dados fonéticos relativos à média da frequência do quarto formante com o valor e encontra-se diferença altamente significativa. Nota-se que, assim como nos três primeiros formantes, a maior média de F4 fica com os GAs identificados com o valor negativo. Salienta-se que o F4, segundo a literatura, é o formante que é mais afetado pela emoção e, portanto, pelo conteúdo (Matte, 2002). O gráfico 37 confirma essa tese e mostra que a média de F4 em GAs negativos é maior que dos positivos, que, por sua vez, é maior que os GAs identificados como neutros:

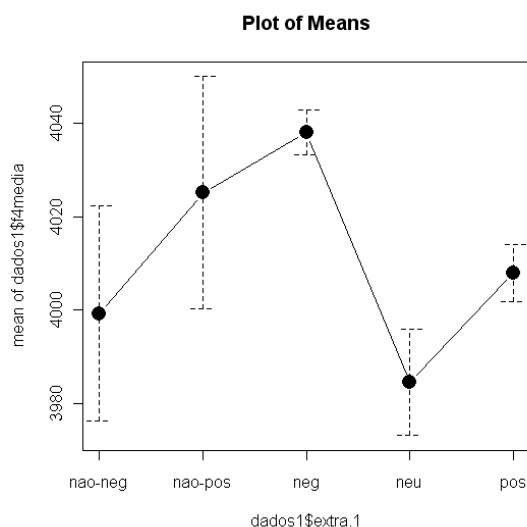


Gráfico 37: médias com valor semiótico no eixo x e média de F4 no eixo y

Em seguida, executou-se mais uma ANOVA one-way (DF=4, SumSq = 221294, Mean= 55324, $F = 1.9186$, $p > 0,05$) entre desvio-padrão de F4 e valor. O resultado mostrou que desvios-padrão de F4 conforme as classificações de valor não apresentaram diferenças significativas.

Outra relação foi entre valor e Z suavizado, que é a variação da duração do segmento em relação à duração esperada conforme seus componentes fonológicos. Para isso, efetuou-se uma ANOVA one-way (DF=4, SumSq = 12.9, Mean = 3.2, $F = 4.1011$, $p < 0,01$) – diferença significativa – e foi possível observar que, na duração relativa, o neutro é mais longo (e, portanto, mais devagar) que o negativo e este que o positivo. O gráfico 38 ilustra essa relação:

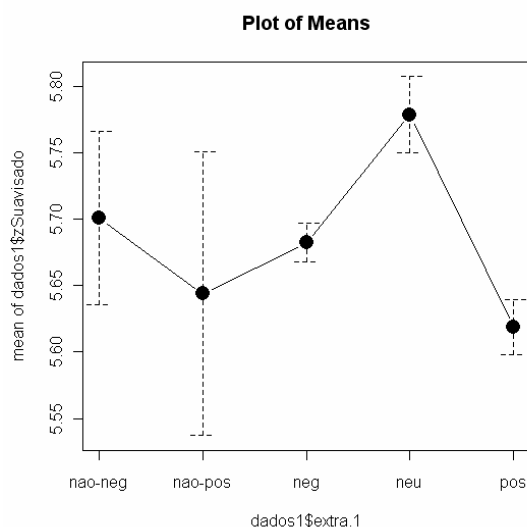


Gráfico 38: médias com valor semiótico no eixo x e duração absoluta do segmento VV fonético no eixo y

Taxa de elocução foi o próximo dado fonético que se relacionou com o valor. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 4, SumSq =15.4, Mean = 3.9, F=3.4061, $p < 0,01$) e observou-se diferença significativa. Pelo gráfico 39, observa-se que, embora a duração relativa dos segmentos com valor negativo seja maior (como visto no gráfico 38), a taxa de elocução não distingue neutro e positivo. A taxa de elocução somente fica mais lenta em não-positivo, que, por sua vez, tende ao negativo. No quadrado semiótico, não existe a passagem de um estado para outro, sem antes passar pela negação do próprio estado inicial. Assim, passa-se do positivo para o não-positivo para se chegar ao negativo. Isso poderia indicar um efeito de preparação, uma antecipação, isto é, não-positivo prepara o negativo na taxa de elocução, mas vai ser nos formantes que o negativo vai atuar. A seguir, apresenta-se, no gráfico 39, a relação entre taxa de elocução e valor:

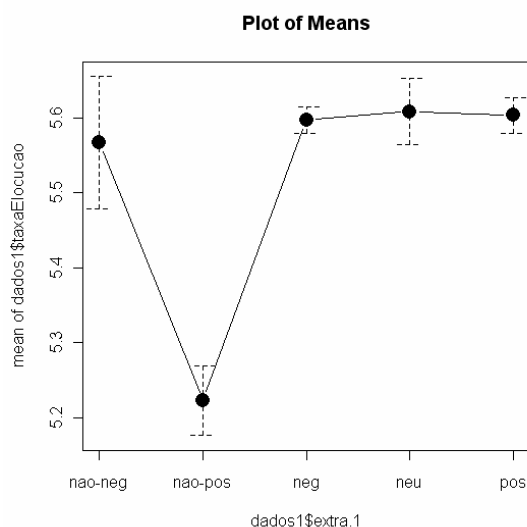


Gráfico 39: médias com valor semiótico no eixo x e taxa de elocução no eixo y

Depois disso, cruzaram-se os dados da média de F0 com o valor²⁹. Executou-se mais uma análise de variância ANOVA one-way (DF = 4, SumSq = 158114, Mean = 39528, F = 5.3144, $p < 0,001$) e observou-se diferença altamente significativa, mas somente o neutro se destaca, com F0 mais alto que o positivo e o negativo, como se vê no gráfico 40:

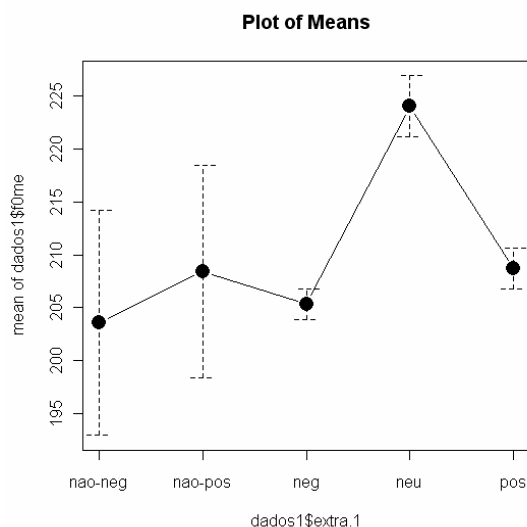


Gráfico 40: médias com valor semiótico no eixo x e média de F0 no eixo y

²⁹ Ressalta-se que no escopo desta pesquisa, convencionou-se chamar F0 o valor relativo a F0 dentro do VV e pitch o mesmo valor em segmentos maiores, do tamanho do GA.

A seguir, realizou-se mais uma análise de variância ANOVA one-way ($DF = 4$, $SumSq = 10661$, $Mean = 2665$, $F = 6.5512$, $p < 0,001$) entre valor e desvio-padrão de F0. Encontrou-se uma diferença altamente significativa, e os GAs marcados como neutros apresentaram um maior desvio-padrão de F0 que o positivo, que, por sua vez, tem um maior DP que o negativo, como se vê no gráfico 41:

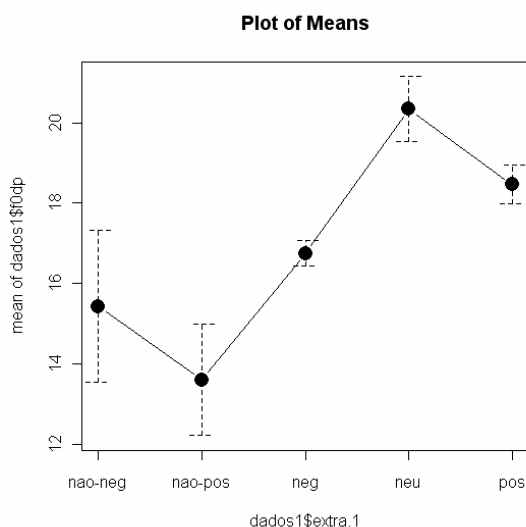


Gráfico 41: médias com valor semiótico no eixo x e desvio-padrão no eixo y

Esses dois últimos gráficos apresentados apontam que, enquanto o conteúdo negativo influencia os formantes tornando-os mais instáveis, ele influencia o F0 com maior estabilidade.

Em seguida, aplicou-se uma análise de variância ANOVA one-way ($DF = 4$, $SumSq = 61062$, $Mean = 15265$, $F = 6.666$, $p < 0,001$) entre valor e média de pitch (F0 no GA) e encontrou-se diferença altamente significativa. O gráfico 42 mostra a média de pitch semelhante para os valores negativo, neutro e positivo, enquanto a média de pitch é maior para o subcontrário não-positivo.

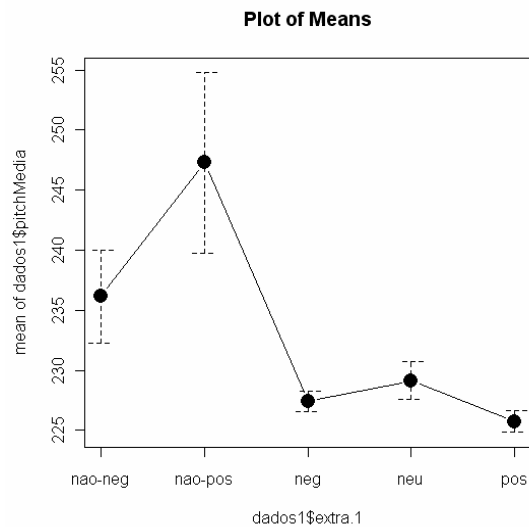


Gráfico 42: médias com valor semiótico no eixo x e média de pitch no eixo y

Ainda aplicou-se mais uma análise de variância ANOVA one-way ($DF = 4$, $SumSq = 36429$, $Mean = 9107$, $F = 17.895$, $p < 0,001$) entre valor e desvio-padrão do pitch. Encontrou-se diferença altamente significativa. Como no gráfico 42, observam-se valores semelhantes para negativo, neutro e positivo, enquanto os subcontrários têm alta variação no gráfico 43:

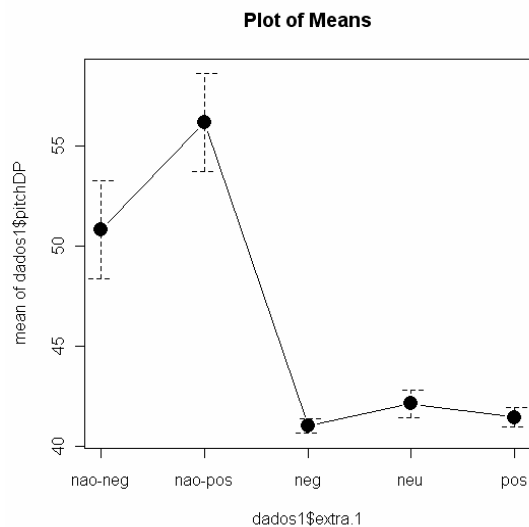


Gráfico 43: médias com valor semiótico no eixo x desvio-padrão do pitch no eixo y

Após o cruzamento da etiqueta semiótica valor com os dados fonéticos, observou-se um padrão muito interessante: **o valor negativo do plano do conteúdo sempre tornou os quatro primeiros formantes - plano da expressão - mais altos**. Isso significa que, nos trechos do texto valorados negativamente, a qualidade vocálica se modifica, produzindo um efeito de sonoridade mais aguda. Poder-se-ia pensar que esse agudo seria fruto da coincidência de uma repórter mulher narrar matérias marcadas disforicamente. Argumenta-se, no entanto, que seria impossível que as mulheres se concentrassem apenas em textos negativos, pois houve mudanças de valor até mesmo dentro da mesma frase. Corrobora essa assertiva o comportamento do gráfico de F0 para valor, que, de modo algum, assemelha-se aos gráficos dos formantes para esse mesmo elemento do conteúdo, descartando totalmente a hipótese de haver correspondência entre uma possível coincidência entre os valores negativos e as vozes femininas.

Ao se observar a relação entre o valor negativo e os quatro primeiros formantes da fala, constata-se a existência de um sistema simbólico, pois se trata da relação entre um elemento do plano do conteúdo e um do plano da expressão e não de relação entre categorias, como no semi-simbolismo. Cada formante é um elemento, que poderia constituir uma categoria, especialmente porque se trata de valores numéricos, facilmente organizáveis numa sequência. Por outro lado, o valor resultante da análise semiótica pode ser colocado em sequência também, já que se baseou no quadrado semiótico para fazer a classificação e o quadrado pressupõe um percurso. Ou seja, poder-se-ia, sim, enquadrar num sistema semi-simbólico a categoria F1 relacionada à categoria valor, mas se, e somente se, os valores de F1 correspondessem à mesma sequência do valor na mesma direção ou em direção contrária.

Por fim, salienta-se que os dados acústicos foram obtidos com completa independência dos dados semióticos, o que confere força aos resultados encontrados.

5.2 – Relações entre o querer/dever e dados fonéticos

Outro dado semiótico que se comparou com dados acústicos foi a disposição do sujeito, ou seja, se ele quer ou deve realizar alguma ação, como se mostrou no final do capítulo 4. Pelo gráfico 44, nota-se uma pequena diferença entre o querer sobre o dever. Ou seja, há mais GAs etiquetados com a etiqueta “querer” do que com a etiqueta “dever”:

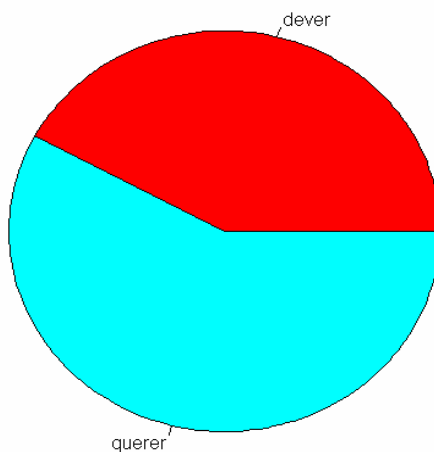


Gráfico 44: distribuição das etiquetas da disposição

O primeiro dado fonético a ser cruzado com o valor foi a duração. Para isso, foi feita uma ANOVA one-way ($DF = 1$, $SumSq = 0.001$, $Mean = 0.001$, $F = 0.155$, $p > 0,05$) e não houve diferença significativa, o que significa dizer que o valor não afeta a duração absoluta dos segmentos.

Em seguida, foi repetida a mesma operação, comparando F1 e disposição ($DF=1$, $SumSq = 28904$, $Mean = 28904$, $F=0.6047$, $p > 0,05$). Novamente não houve diferença significativa. Aplicou-se, em seguida, uma análise de variância ANOVA ($DF = 1$, $SumSq = 963568$, $Mean = 963568$, $F = 963568$, $p < 0,001$) one-way para se observar a relação entre desvio-padrão de F1 com a disposição e observou-se diferença altamente significativa quanto à variação dos DPs, o que significa que os GAs marcados pelo querer variam mais o F1 que aqueles marcados pelo dever, como se observa no gráfico 45:

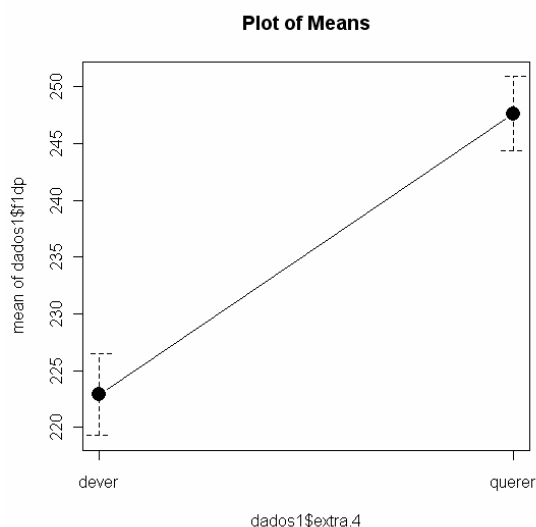


Gráfico 45: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y

A seguir, cruzaram-se a disposição e a média de F2. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 1991127, Mean = 1991127, F = 15.245, $p < 0,001$). Observou-se diferença altamente significativa, como se vê no gráfico 46, o que mostra que os GAs marcados pelo querer apresentam uma média de F2 maior que os GAs marcados pelo dever:

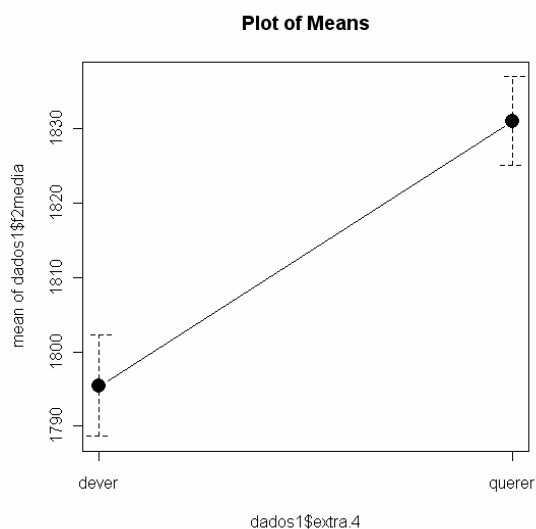


Gráfico 46: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F2 no eixo y

O desvio-padrão de F2 foi o próximo dado acústico que se cruzou com a disposição. Aplicou-se análise de variância ANOVA one-way ($DF = 1$, $SumSq = 814580$, $Mean = 814580$, $F = 17.168$, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa, que mostra que o F2 de querer varia mais que o F2 de dever, como se vê no gráfico 47:

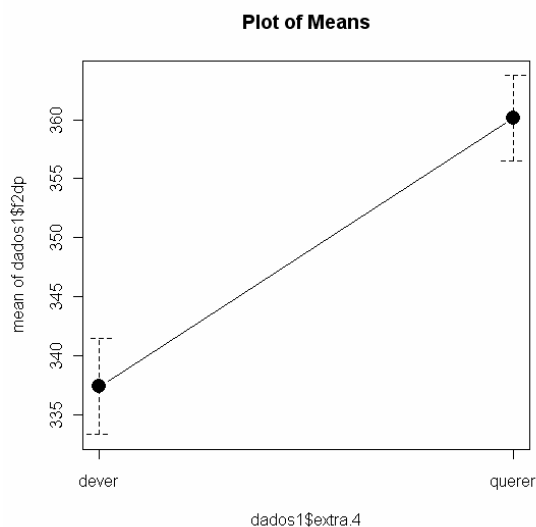


Gráfico 47: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F2 no eixo y

A seguir foi aplicada uma ANOVA one-way ($DF = 1$, $SumSq = 2337077$, $Mean = 2337077$, $F = 26.823$, $p < 0,001$) comparando média de F3 com valor. Novamente, encontrou-se, como pode ser visto no gráfico 48, diferença altamente significativa, mostrando que os GAs marcados pelo valor querer possuem média de F3 maior que os GAs marcados pelo dever:

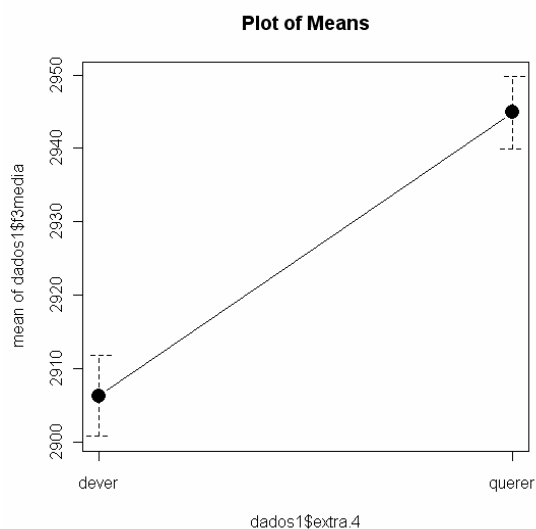


Gráfico 48: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F3 no eixo y

Contrastou-se, depois disso, o desvio-padrão de F3 com relação à disposição (querer/dever). Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 361052, Mean = 361052, $F=10.427$, $p < 0,01$) e observou-se diferença significativa, como se vê no gráfico 49. Isso indica que os GAs querer variam mais o F3 que os GAs dever.

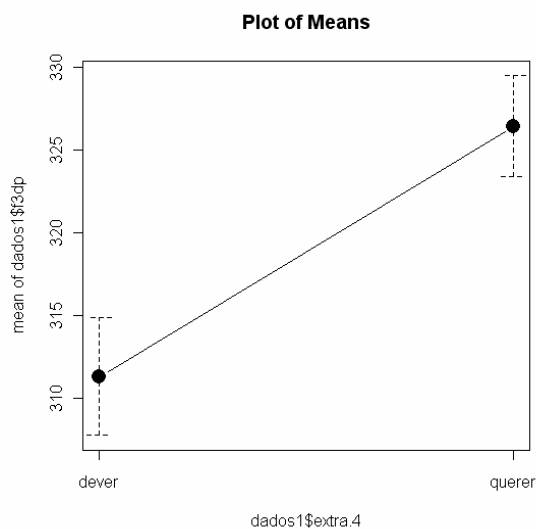


Gráfico 49: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y

Aplicou-se ANOVA (DF = 1, SumSq = 405521, Mean = 405521, $F = 5.1687$, $p < 0,1$) one-way para se observar a relação entre média de F4 e disposição. Observou-se uma diferença

significativa pequena, mas ainda sim os GAs marcados pelo querer têm uma média de F4 maior que aqueles marcados pelo dever. Veja-se o gráfico 50:

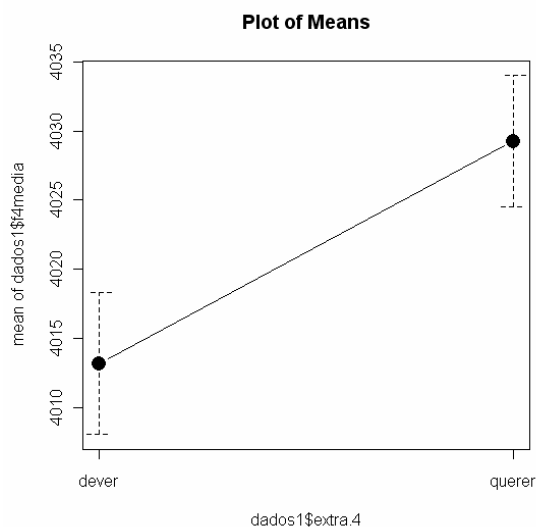


Gráfico 50: médias com disposição semiótica no eixo x e média de F4 no eixo y

Outra ANOVA (DF = 1, SumSq = 242175, Mean = 242175, F = 8.4034, $p < 0,01$) one-way foi realizada, dessa vez para ver a relação entre desvio-padrão de F4 com a disposição do sujeito (querer/dever). Observa-se, no gráfico 51, diferença significativa, o que mostra que os segmentos marcados pelo querer possuem variação de F4 maior do que aqueles marcados pelo dever:

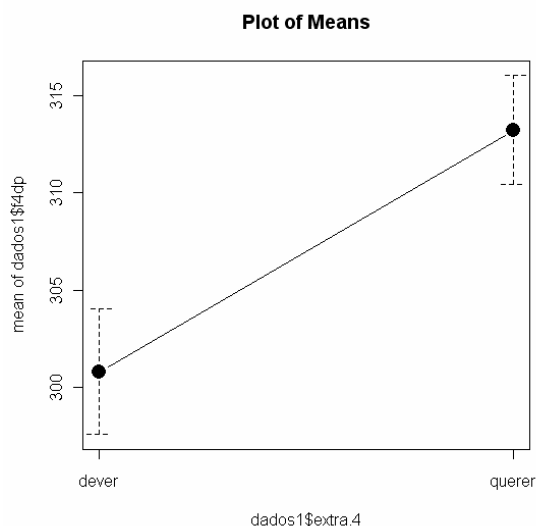


Gráfico 51: médias com disposição semiótica no eixo x e desvio padrão de F4 no eixo y

Dessa maneira, observou-se até agora que, quanto aos quatro primeiros formantes, apenas o F1 não tem diferença significativa, enquanto o F2, F3 e F4 têm médias maiores quando se trata dos GAs marcados pelo querer. Quanto ao desvio-padrão, todos os formantes apresentam maior variabilidade nos GAs marcados pelo querer. Ressalta-se que, por mais que os dados encontrados sejam estatisticamente significantes, existem muitas variáveis não controladas e isso leva a crer que um bom procedimento para trabalhos futuros com fala espontânea seria aumentar o *corpus*, o que somente será possível quando o SetFon estiver pronto.

Outra relação foi entre disposição e Z suavizado. Para isso, efetuou-se uma ANOVA (DF = 1, SumSq = 0.1, Mean = 0.1, F = 0.1025, $p > 0,05$) one-way e não se observou diferença significativa na duração relativa dos GAs. Em seguida, comparou-se taxa de elocução com disposição. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 0.1, Mean = 0.1, F = 0.0743, $p > 0,05$) e tampouco se observou diferença significativa entre as taxas de elocução dos GAs.

Contrastou-se, em seguida, média de F0 e disposição. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 8833, Mean = 8833, F = 1.1845, $p > 0,05$) e não se encontrou diferença significativa na média de F0 quanto à disposição. Depois disso, comparou-se desvio-padrão de F0 e disposição. A análise de variância ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 618, Mean = 618, F = 1.5129, $p > 0,05$) mostrou que novamente não houve diferença significativa.

Em seguida aplicou-se uma ANOVA (DF = 1, SumSq = 1758, Mean = 1758, F = 0.7649, $p > 0,05$) one-way entre valor e média de pitch (F0 no GA). Observa-se que não há diferença significativa. Por fim, comparou-se desvio-padrão do pitch com disposição. Para isso, fez-se uma média ANOVA one-way (DF = 1, SumSq = 224, Mean = 224, F = 0.435, $p > 0,05$) e não houve diferença significativa.

Fez-se, depois disso um gráfico de médias entre segmento e disposição vs. Z suavizado e segmento (gráfico 52) e segmento e disposição vs. F1, F2, F3 e F4, como se vê a seguir nos gráficos 53, 54, 55 e 56 respectivamente:

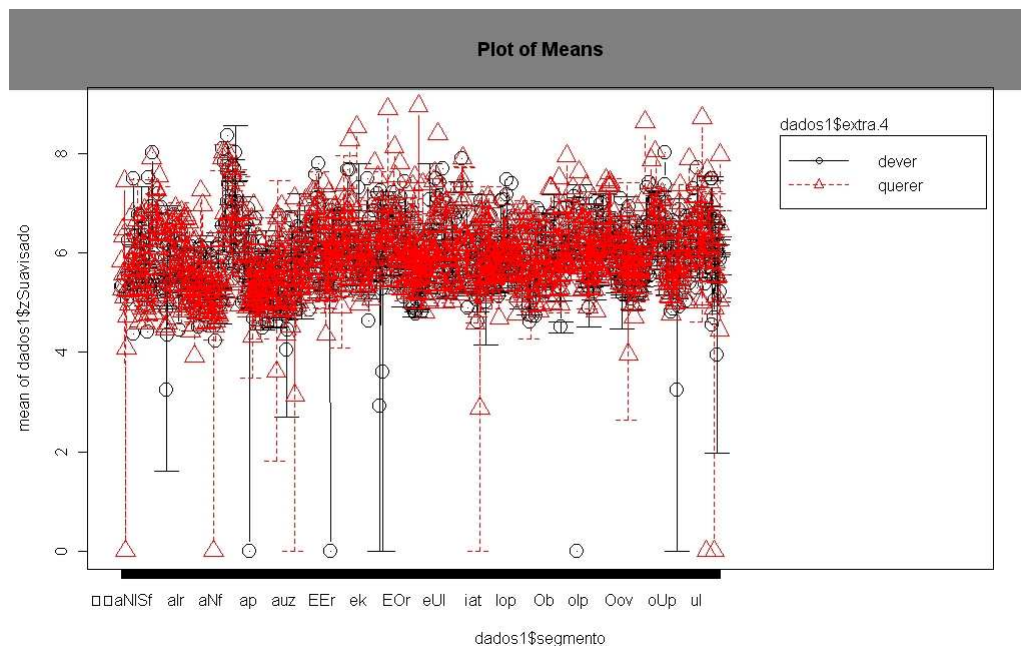


Gráfico 52: segmentos e disposição no eixo x e Z suavizado no eixo y

Observa-se, acima, que o querer e o dever estão distribuídos igualmente entre os segmentos e variam conforme o tipo de segmento (sua composição em vogais e consoantes). Isso mostra que o fator segmento é muito importante para a definição dos formantes, como pode ser observado também nos quatro gráficos a seguir. A disposição (querer/dever) é um fator secundário, mas inegavelmente presente.

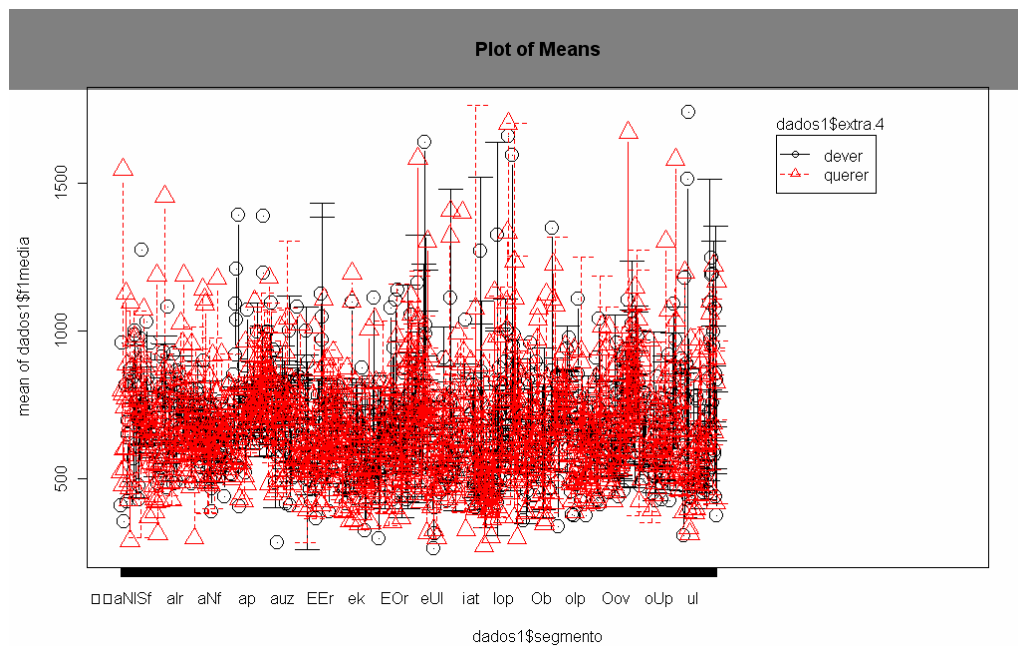


Gráfico 53: segmentos e disposição no eixo x e média de F1 no eixo y

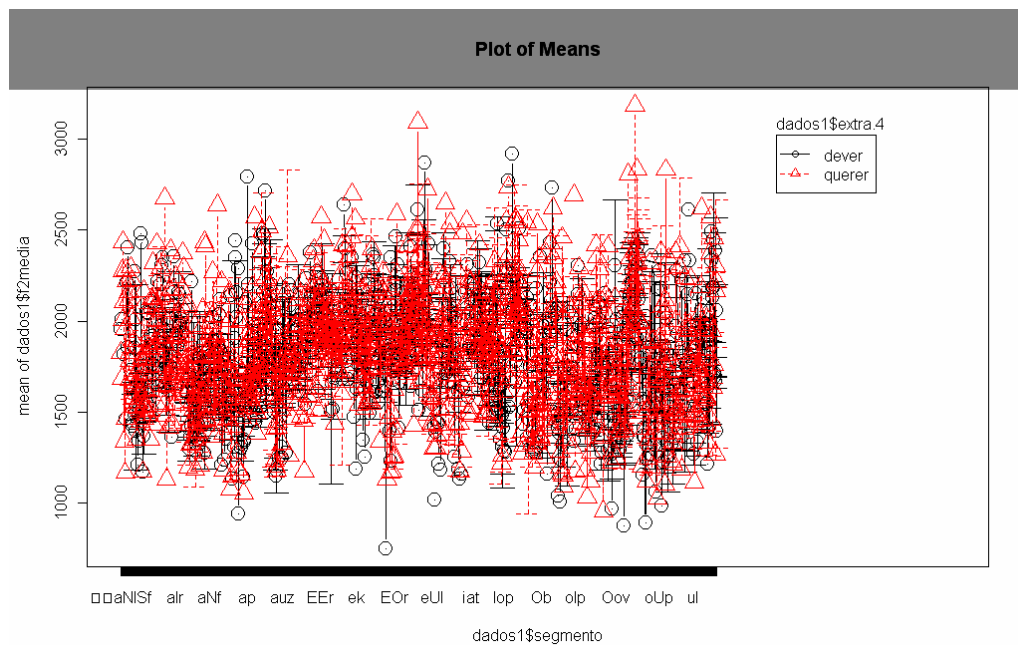


Gráfico 54: segmentos e disposição no eixo x e média de F2 no eixo y

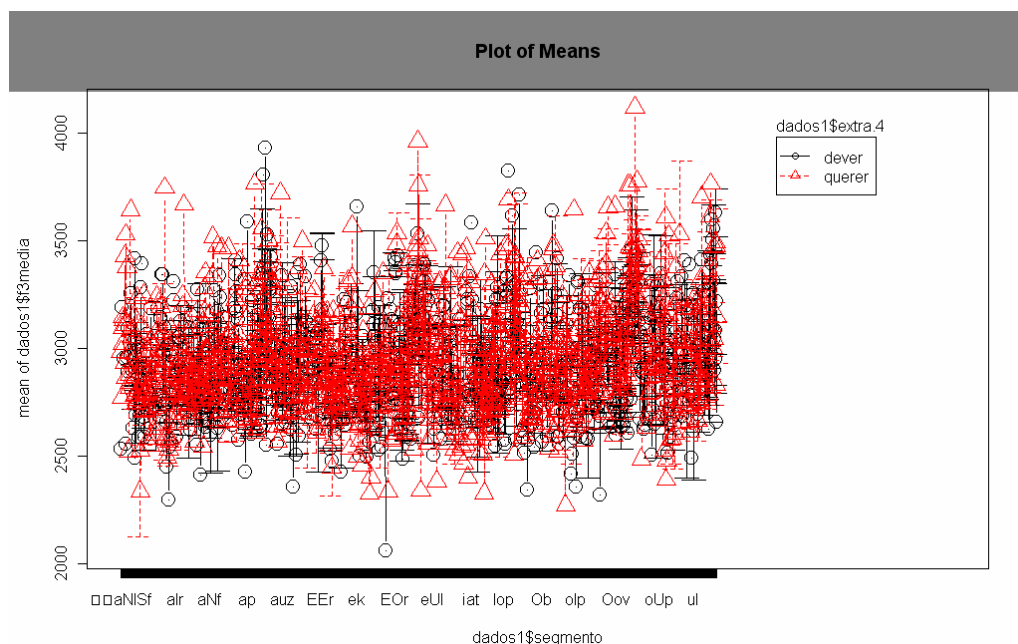


Gráfico 55: segmentos e disposição no eixo x e média de F3 no eixo y

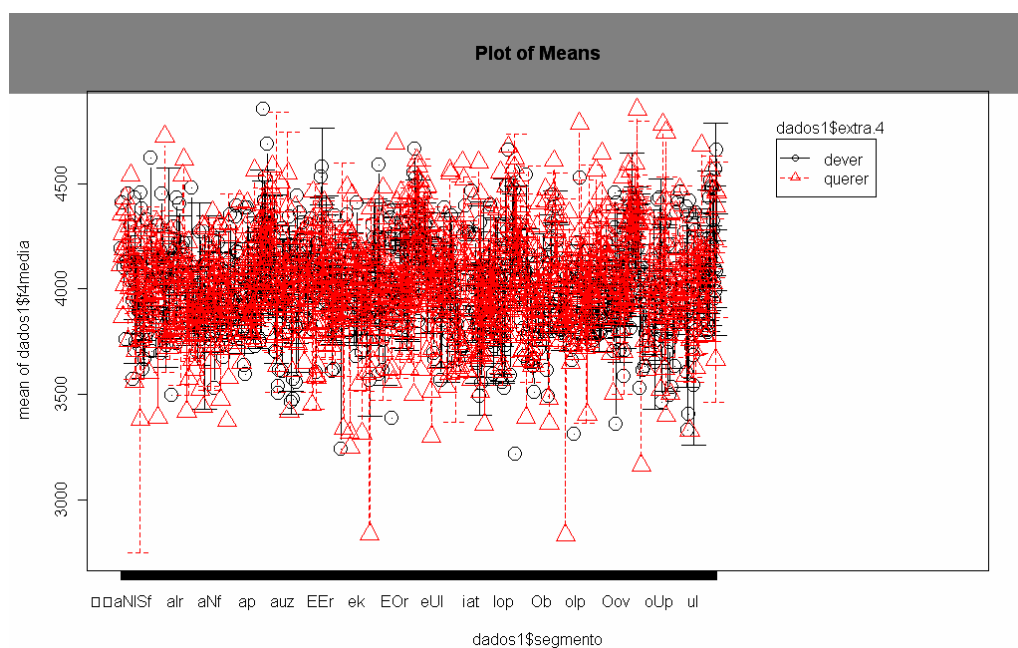


Gráfico 56: segmentos e disposição no eixo x e média de F4 no eixo y

Após o cruzamento de dados fonéticos com o dado semiótico da disposição, percebe-se que é nos formantes, com exceção do primeiro, que ocorre uma relação em que o conteúdo afeta a expressão. Observa-se que os GAs marcados pela etiqueta do querer apresentam frequências

maiores que os GAs etiquetados com dever. Essa relação confirma a relação entre querer/dever eufórico/disfórico vista no capítulo anterior. Ou seja, os GAs marcados pelo querer tendem a ser negativos, ao passo que aqueles marcados pelo dever, tendem a ser positivos. Isso reforça a tese de que o *Jornal Nacional* contribui para com a manutenção do contrato fiduciário, ao euforizar o dever e disforizar o querer.

5.3 – Relações entre o andamento e dados fonéticos

Outro dado semiótico que se comparou com dados acústicos foi o andamento nos textos, isto é, se o andamento é acelerado, significa maior intensidade, maior ruptura, por meio da inserção de fatos. Se, por outro lado, o texto tem um andamento desacelerado, essa extensidade é fruto de um texto mais descritivo e/ou explicativo. Pelo gráfico 57, nota-se uma predominância de GAs etiquetados com “desacelerado”, seguido por “acelerado”. Os subcontrários apresentam baixa recorrência.

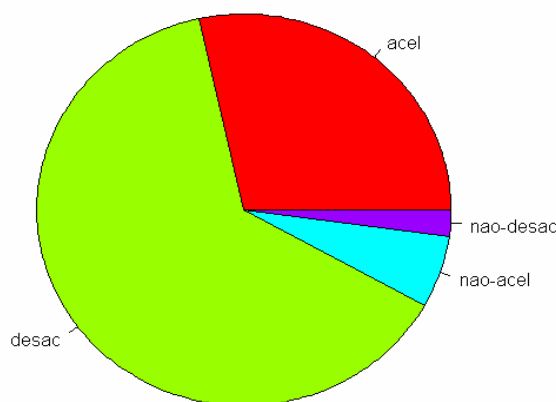


Gráfico 57: distribuição das etiquetas do andamento

Ao andamento semiótico cruzaram-se dados fonéticos e, respeitando a ordem dos dados fonéticos, inicia-se comparando andamento e duração. Aplicou-se para isso ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 0.062, Mean = 0.021, F = 3.432, $p < 0,1$). Mas não houve diferença significativa. Em seguida, aplicou-se uma análise de variância ANOVA (DF = 3, SumSq = 1793630, Mean = 597877, F = 12.577, $p < 0,001$) one-way entre média de F1 e andamento e

observou-se diferença altamente significativa. Pelo gráfico 58, nota-se que os GAs marcados com andamento desacelerado apresentam maior média de F1, enquanto aqueles marcados com a etiqueta “acelerado” possuem a menor média de F1.

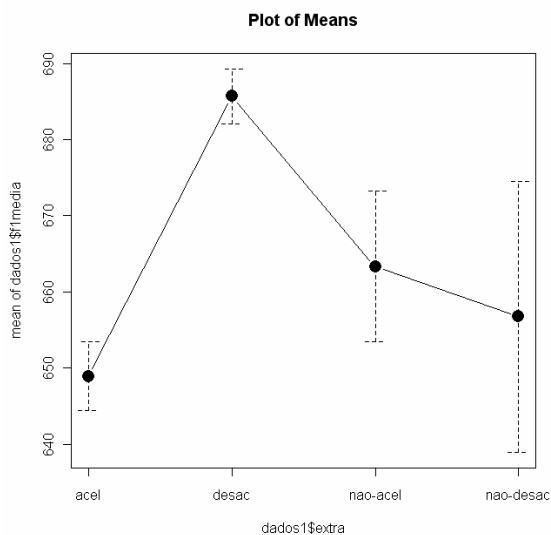


Gráfico 58: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F1 no eixo y

Depois disso, aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 1303226, Mean = 434409, $F = 11.426$, $p < 0,001$) para se observar o cruzamento de desvio-padrão de F1 com andamento. Novamente encontrou-se diferença altamente significativa. No gráfico 59, observa-se que os GAs acelerados têm variação inferior aos GAs desacelerados.

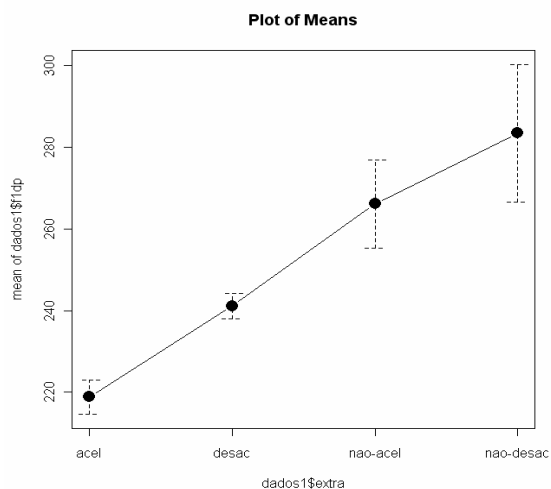


Gráfico 59: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F1 no eixo y

Depois disso, para relacionar média de F2 com andamento, aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 9368359, Mean = 3122786, F = 24.113, $p < 0,001$) e observou-se, mais uma vez, diferença altamente significativa. No gráfico 60, vê-se que o não-desacelerado tem maior média de F2 que o desacelerado, que tem maior média de F2 que o desacelerado, que, por sua vez apresenta maior média de F2 que o acelerado.

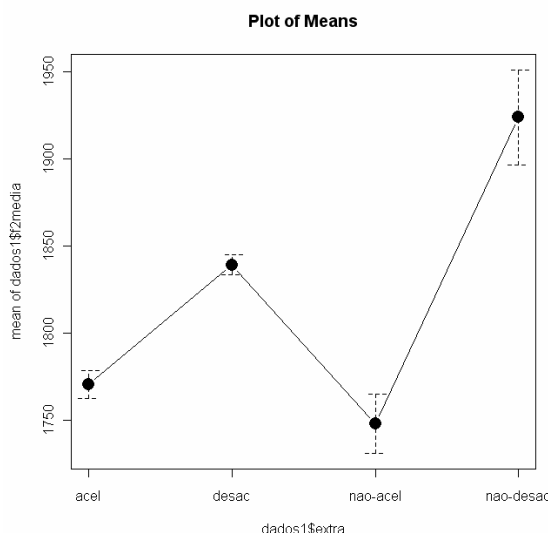


Gráfico 60: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F2 no eixo y

A seguir, contrastou-se desvio padrão de F2 com andamento. Para isso aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 424489, Mean = 141496, F = 2.9774, $p < 0,1$) e encontrou-se uma diferença pouco significativa, sendo que andamento não-desacelerado mostrou-se mais variável, seguido pelo desacelerado, acelerado e não acelerado, como pode ser visto no gráfico 61:

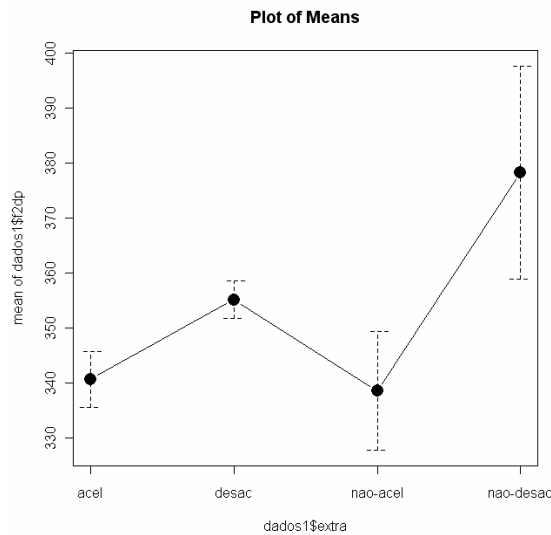


Gráfico 61: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F2 no eixo y

A seguir, cruzou-se andamento e média de F3. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 11778819, Mean = 3926273, F = 45.818, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa. O gráfico 62 mostra que o andamento não-desacelerado apresenta a maior média de F3, seguido pelo desacelerado, acelerado e não acelerado.

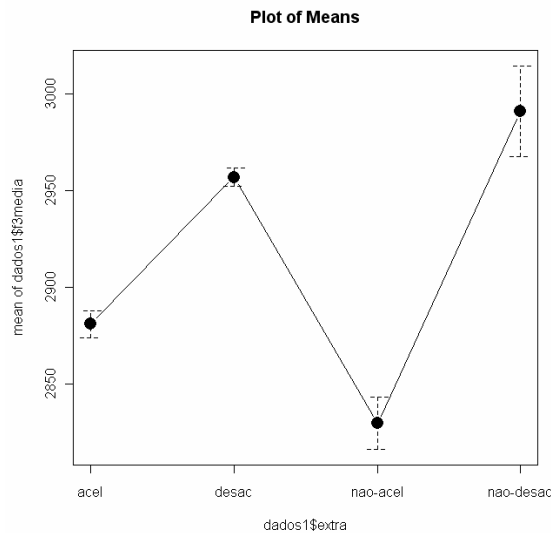


Gráfico 62: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F3 no eixo y

Para se obter o cruzamento do desvio-padrão de F3 com andamento, efetuou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 510526, Mean = 170175, F = 4.9164, $p < 0,01$) e encontrou-se

diferença significativa. Nota-se, pelo gráfico 63, que os GAs marcados com andamento acelerado possuem maior variação que aqueles de andamento desacelerado.

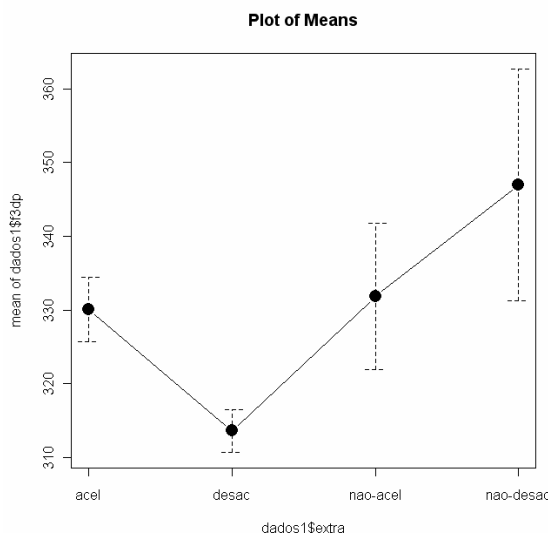


Gráfico 63: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio-padrão de F3 no eixo y

Para se obter a relação da média de F4 com o andamento, aplicou-se ANOVA one-way (DF=3, SumSq = 20513910, Mean = 6837970, F = 90.734, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa. Desacelerado possui maior média de F4, seguido de não-desacelerado e acelerado. Não-acelerado, por sua vez, possui a média mais baixa, como pode ser visto no gráfico 64:

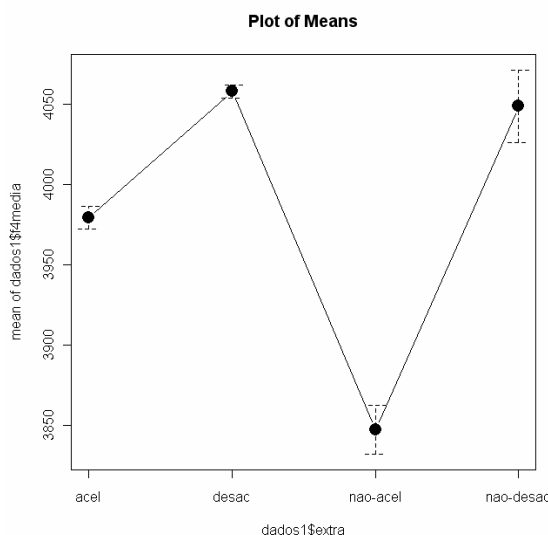


Gráfico 64: de médias com andamento semiótico no eixo x e média de F4 no eixo y

A seguir, foi comparado o desvio-padrão de F4 com o andamento. Aplicou-se ANOVA one-way (DF=3, SumSq = 1384869, Mean = 61623, $F = 16.112$, $p < 0,001$) e a diferença foi altamente significativa. Pelo gráfico 65, nota-se que os GAs marcados como acelerado possuem maior variação que aqueles marcados como desacelerado.

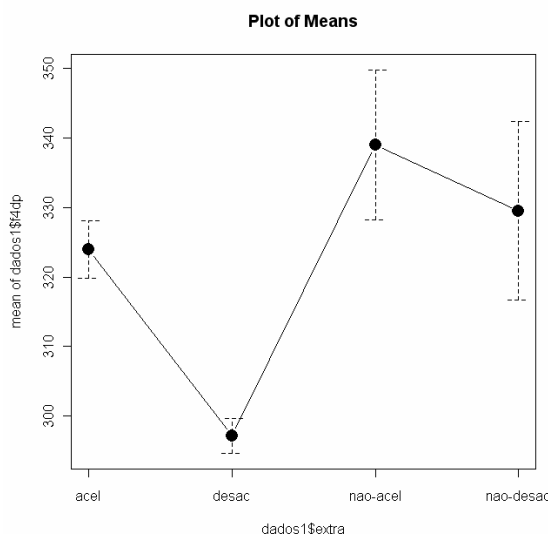


Gráfico 65: médias com andamento semiótico no eixo x desvio-padrão de F4 no eixo y

Quanto à frequência dos quatro primeiros formantes, observa-se que os GAs marcados como desacelerado possuem maior média do que aqueles marcados como acelerado.

Outra relação foi entre andamento e Z suavizado. Para isso, efetuou-se uma ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 4.9, Mean = 1.6, $F = 2.0779$, $p > 0,05$) e não foi encontrada diferença significativa entre a duração relativa dos GAs.

Em seguida, comparou-se taxa de elocução com andamento. Aplicou-se ANOVA one-way (DF=3, SumSq = 51.9, Mean = 17.3, $F = 15.369$, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa. Os GAs marcados como acelerado possuem taxa de elocução maior que o desacelerado, cuja TE é próxima ao não-acelerado, como se vê no gráfico 66. Mais uma vez, observa-se que não se trata de uma relação semi-simbólica. O não-desacelerado, como o próprio nome diz, é a negação do desacelerado; no entanto, essas duas etiquetas marcam segmentos com a mesma taxa de elocução. Seria interessante, numa análise futura com um *corpus* quantitativamente bem maior, a observação da reação entre andamento e Z suavizado, já que este nada mais é do que uma representação da taxa de elocução da fala (se positivo, significa lentidão; se negativo, significa rapidez).

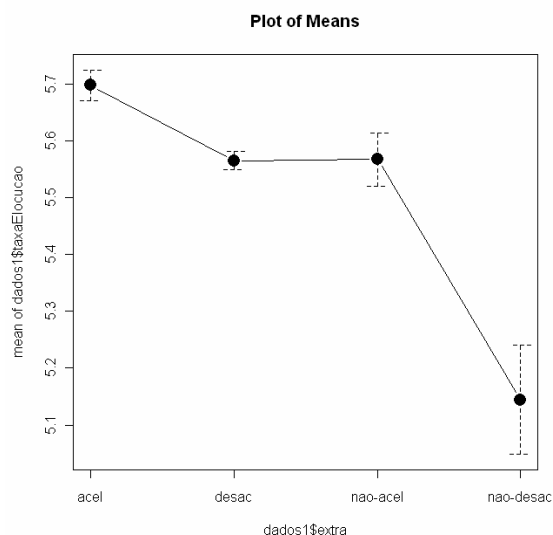


Gráfico 66: médias com andamento semiótico no eixo x e taxa de elocução no eixo y

Contrastou-se, em seguida, média de F0 e andamento. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 717733, Mean = 239244, F = 32.55, $p < 0,001$) e encontrou-se diferença altamente significativa. Os GAs marcados como desacelerado possuem médias semelhantes ao não-desacelerado, enquanto acelerado e não-acelerado possuem médias inferiores, como pode ser visto no gráfico 67:

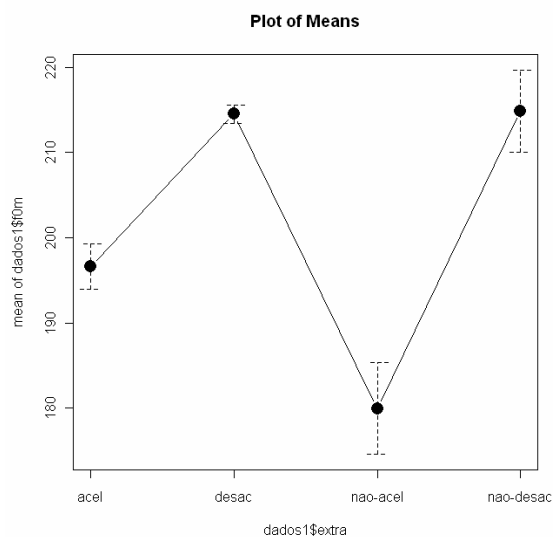


Gráfico 67: médias com andamento semiótico no eixo x e média de F0 no eixo y

Para se obter a relação entre o desvio-padrão de F0 com o andamento, aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 3005, Mean = 1002, F = 2.4554, $p > 0,05$) e não houve diferença significativa quanto à variação do F0. Em seguida aplicou-se uma análise de variância ANOVA one-way (DF = 3, SumSq=57941, Mean = 19314, F = 8.4333, $p < 0,001$) entre valor e média de pitch (F0 no GA) e observou-se diferença altamente significativa, como mostra o gráfico 68. Os GAs marcados como acelerado mostraram maior pitch. O andamento acelerado do plano do conteúdo afetaria, portanto, o pitch dos grupos acentuais em que se encontra, elevando-os.

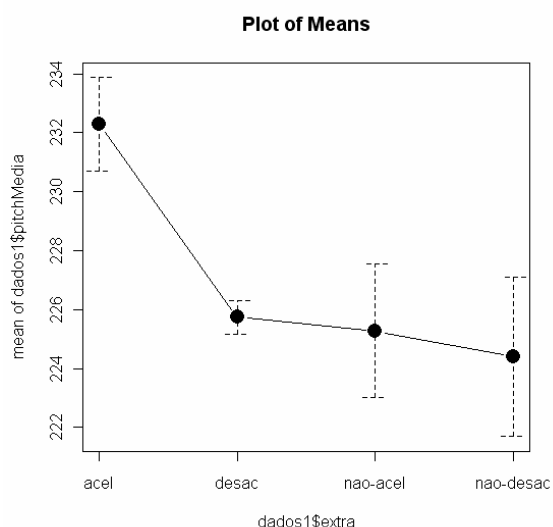


Gráfico 68: médias com andamento semiótico no eixo x e média do pitch no eixo y

Por fim, comparou-se desvio-padrão do pitch com andamento. Aplicou-se ANOVA one-way (DF = 3, SumSq = 182619, Mean = 60873, F = 125.21, $p < 0,001$) e verificou-se diferença altamente significativa. O acelerado, nesse caso, tende a variar mais que o desacelerado, como se vê no gráfico 69. De acordo com o trabalho realizado por Matte (2002), nos trechos de fala que apresentavam conteúdo tenso (aceleração é intensidade, desaceleração é extensidade), há grande variação na duração relativa dos segmentos. O presente estudo aponta uma relação semelhante para o pitch.

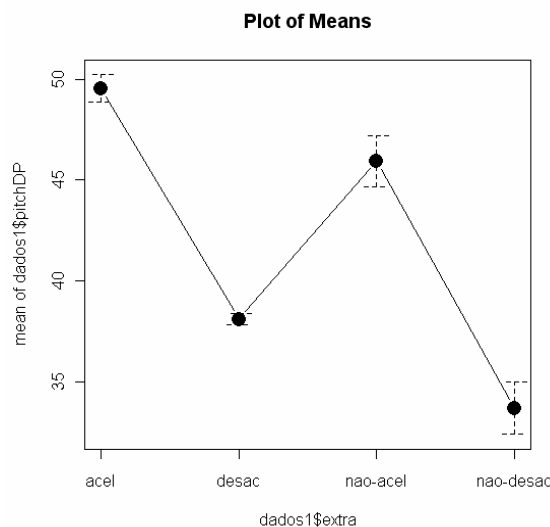


Gráfico 69: médias com andamento semiótico no eixo x e desvio padrão do pitch no eixo y

5.4 –Considerações sobre a relação do conteúdo com a expressão

Matte (2008), ao relacionar dados fonéticos e semióticos, mostrou a inadequação do nível narrativo, um nível lógico e a-cronológico, para o estudo interdisciplinar entre conteúdo e expressão da fala. Por outro lado, a autora sugeriu que o nível discursivo, por ser um nível superficial e próximo à manifestação textual, poderia oferecer resultados profícuos em pesquisas dessa natureza. Na esteira de Matte (2008), cruzaram-se dados semióticos provenientes de análise temático-figurativa e aspectual do texto, portanto, a partir do nível discursivo. Os resultados desta pesquisa apontam para o que vislumbrou a autora, ou seja, que, ao se trabalhar com o nível discursivo, **dados fonéticos são afetados por dados semióticos**. Em outras palavras, **o conteúdo atua modificando a expressão**.

Isso pode ser comprovado, no caso da etiqueta semiótica valor (positivo ou negativo). A maioria dos GAs etiquetados com “negativo” apresentaram a maior média de frequência e o maior desvio padrão de F1, F2, F3 e F4. Além disso, observa-se que a taxa de elocução é mais lenta em “não-positivo”, que, segundo o quadrado semiótico, tende ao negativo. Isso indicaria um efeito de preparação à atuação do valor negativo pelos formantes. A análise do valor semiótico e F0 corrobora essa tese ao mostrar que não há correspondência entre o valor de F0 e dos formantes. Isso descartaria a hipótese de uma possível correspondência entre vozes femininas

narrando notícias de valor negativo, já que vozes femininas apresentam média de F0 maior que vozes masculinas.

A etiqueta disposição (querer/dever) também mostrou atuar sobre padrões fonéticos. GAs etiquetados com “querer” apresentaram F2, F3 e F4 com maior média de frequência, com relação aos GAs marcados pela etiqueta “dever”. Quanto ao desvio-padrão, os quatro primeiros formantes mostraram maior variabilidade quando etiquetados com “querer”. Dessa forma, assim como na etiqueta valor, em disposição, percebe-se que é nos formantes que ocorre uma relação em que o conteúdo afeta a expressão. As etiquetas “querer” e “negativo”, ao apresentarem resultados coincidentes, confirmam estatisticamente uma maior disforização do querer e euforização do dever, mostrada no capítulo 4. Disso, depreende-se que, pelos dados analisados, tanto fonética como semioticamente, o *Jornal Nacional* atua como uma força mantenedora do contrato fiduciário, que disforiza o querer e, em última instância, o rompimento desse acordo.

A etiqueta “andamento” também mostrou influenciar dados fonéticos, como pôde ser visto durante este capítulo. Os GAs marcados com “desacelerado” mostraram média maior que os GAs marcados com “acelerado” em todos os quatro formantes. Além disso, os GAs etiquetados com “acelerado” mostraram taxa de elocução maior que em “desacelerado”. Em média de F0, desacelerado também possui valor maior que acelerado. Além disso, constatou-se que o andamento acelerado, no plano do conteúdo, altera o pitch dos grupos acentuais, e que o pitch tende a variar mais nos GAs marcados como acelerado. Como o F0 é pontual e o pitch é mais extenso, é preciso verificar o comportamento do DP no GA (gráfico 37). Nota-se que o acelerado tem alto desvio-padrão, enquanto o desacelerado tem um desvio-padrão bem menor, o que indica a possibilidade da ocorrência de segmentos VV com valores bem diferentes. Infelizmente, a ANOVA do F0DP conforme andamento não obteve significância estatística, de modo que seria necessário um *corpus* com muito mais dados para possibilitar uma análise conclusiva.

Todas essas evidências apontam para um quadro em que alguns elementos do plano do conteúdo afetam, na fala do *Jornal Nacional*, elementos do plano da expressão, em análises estatisticamente significantes que, portanto, não devem ser desprezadas. Não se trata, porém, como se apontou, de uma relação semi-simbólica³⁰. O sistema semi-simbólico sempre relaciona

³⁰ Barros (2002:153) dá um exemplo de semi-simbolismo, por poesia de Drummond, na qual o traço nasal opõe-se ao traço oral, categorias do plano da expressão, que, por sua vez, articulam-se com categorias do plano do conteúdo, que também se opõem: mudança/transformação vs. manutenção/conservação. A categoria nasal relacionar-se-ia à

categorias, por exemplo, cores quentes e cores frias (expressão) com desejo e repulsa (conteúdo). Somente seria considerado semi-simbólico um sistema no qual, por exemplo, quanto mais próximo ao extremo de cores quentes, maior o grau de desejo, enquanto a maior proximidade a cores frias aumentasse a repulsa. Além disso, num sistema semi-simbólico, existe uma correspondência entre categorias contrárias e subcontrárias, como seria de se esperar num quadrado semiótico, o que, por sua vez, não acontece num sistema simbólico.

Sustenta-se, dessa maneira, que a relação entre conteúdo e expressão da fala do *JN* caracteriza-se por ser uma relação simbólica, já que não se homologam categorias do plano da expressão com categorias do plano do conteúdo, mas elementos do plano do conteúdo com elementos do plano da expressão. Ademais, não há correspondência entre elementos contrários e subcontrários. O som agudo ou grave, o traço nasal ou oral, são elementos que podem compor categorias. Entretanto, quando não organizados como tal, são apenas elementos. Um sistema de símbolo, por sua vez, é aquele cujos dois planos estão ligados por uma relação de conformidade (GREIMAS & COURTÉS, 2008: 318, 464). O símbolo possui um estatuto autônomo e, por isso, não permite várias interpretações, como seria o caso do signo. Tal relação simbólica, percebida pelo fato de que elementos do conteúdo afetam alguns elementos da expressão, sugere, assim, uma relação culturalmente estabelecida.

Dessa maneira, expressão e conteúdo são, pois, dois sistemas independentes, mas conectados de alguma maneira, isto é, podem se afetar ou não. Quando não se afetam, isso caracteriza uma relação arbitrária, como é o caso do signo. Se um for afetado pelo outro, a relação pode ser semi-simbólica ou simbólica. A primeira configura-se por relações estabelecidas no microuniverso semântico de cada texto. A segunda, por sua vez, é sempre cristalizada social e culturalmente, tendo um caráter de convenção. A sonoridade mais aguda da voz, resultada pelo aumento da média dos formantes, no plano da expressão, indica uma relação simbólica ao relacionar-se com o conteúdo negativo, por exemplo.

Ao se empreender este estudo interdisciplinar entre conteúdo e expressão da fala, analisou-se a fala em processo, encontrando-se relações que a cultura reconhece e que não foram descritas antes. Tais conclusões a que se chegou neste trabalho, por meio do cruzamento estatístico de dados fonéticos e semióticos, poderiam sugerir que, em condições normais, as

categoria mudança/transformação, ao passo que a categoria oral relacionar-se-ia com categoria manutenção/conservação.

peessoas não poderiam supor a existência de relações simbólicas entre conteúdo e expressão, tais como foram atestadas aqui. Sabe-se, no entanto, que se faz uso, mas não se tem consciência do sistema. Como apontou Hjelmslev, “(...) é destino natural [da fala humana] ser um meio e não um fim” (2006:03). Eis a função da ciência: desvelar processos com os quais se convive, mas que não se sabe explicar.

Conclusão

A proposta de estudo da fala do Jornal Nacional partiu da dicotomia saussure-hjelmsleviana, segundo a qual, a realização da língua pressupõe um conteúdo e uma expressão. Esse foi o ponto de partida para se analisar esses dois lados da mesma folha de papel, numa alusão direta à metáfora de Saussure (2006:131). Cada lado contou com pressupostos teóricos diferentes, de um lado a semiótica do discurso, teoria do texto e do discurso, que estuda a significação. Por outro, a fonética acústica, que estuda ondas sonoras mecanicamente produzidas e que, por isso, trabalha com dados numéricos, estatísticos. A relação poderia à primeira vista soar como incompatibilidade, mas a presente investigação confirmou o quão possível é a convergência dessas disciplinas para o estudo da expressão e do conteúdo da fala. Optou-se por trabalhar com a fala de um produto midiático, guiando-se pelo princípio da importância de se estudar a mídia e suas estruturas intra-textuais, da qual emana o sentido por meio da semiose entre conteúdo e expressão.

Para o estudo da expressão da fala, baseou-se nos fundamentos da fonética acústica, para fazer uma análise de todo o *corpus* da pesquisa. Destaca-se o resultado segundo o qual existe uma correlação muito baixa, de 17%, entre a variação segmental (derivada de F0 interna de VV) e a variação prosódica para o F0 (pitch do GA). Além disso, a correlação entre F0 do VV e pitch do GA também é baixa (22%). Isso indicaria uma primeira relação entre conteúdo e expressão, já que se pode considerar o GA uma unidade de sentido, enquanto o VV não.

A análise fonética respondeu ainda à seguinte pergunta: existe uma uniformização na fala de repórteres e apresentadores do *JN* com relação à produção dos arquifonemas /R/ e /S/? A partir de dados fonéticos trabalhados estatisticamente, pôde-se comprovar baixa variabilidade na realização de tais arquifonemas. Como se apontou no capítulo 3, optou-se em trabalhar com apenas esses dois arquifonemas, guiados pelas mesmas diretrizes da produção do noticiário (Organizações Globo, 2004) que orientou seus profissionais quanto à realização do /S/ e do /R/. O resultado encontrado nesta investigação confirma estatisticamente o que haviam sugerido trabalhos anteriores, que supunham uma uniformização da fala de profissionais da notícia desse noticiário (MEDEIROS, 1999, 2006; MENDES, 2006). Segundo Medeiros, haveria “uma tendência generalizada entre os repórteres de emissoras distantes do eixo Rio-São Paulo de

modificarem a forma de falar cotidiana, no momento em que pegam o microfone e se posicionam diante de uma câmera de TV” (2006:13). Portanto, se houve uma intenção em padronizar a fala de repórteres e apresentadores do noticiário mais assistido da TV brasileira, a análise estatística de dados acústicos pôde confirmar essa uniformização. Nota-se que, pela análise dos arquifonemas, o foco manteve-se apenas na expressão, o que, entretanto, já carrega consigo um sentido (HJELMSLEV, 2006:61). Um sentido da expressão pautado pela pouca variabilidade poderia sugerir uma lógica dos valores do absoluto sobrepondo-se aos valores do universo, pela perspectiva tensiva.

Quanto ao sentido do conteúdo, no capítulo 4, ao se fazer uma análise semiótica das matérias do *Jornal Nacional*, puderam ser apreendidas algumas estruturas invariantes sobre as quais se constrói o discurso desse noticiário. As matérias foram analisadas principalmente no que tange ao nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido. Da semântica discursiva, observou-se como se constroem sentidos por meio da análise de temas e figuras. Além disso, do nível discursivo, analisou-se a aspectualização do tempo, ou seja, o andamento do texto.

Quanto ao andamento, os textos analisados se estruturam de duas maneiras: a primeira delas é um andamento acelerado inicial que decresce no decorrer do texto. Isso se deve à apresentação do fato principal da notícia, em termos semióticos, em decorrência de uma ruptura, de uma tensão. Em seguida, o texto perde em aceleração, devido a descrições, elucidações e contextualizações, o que semioticamente significa uma distensão, um maior relaxamento. Uma variação desse tipo de estrutura é um andamento não-desacelerado no final, mas que não chega a ser acelerado. A segunda forma de estruturação textual, no que se refere ao andamento, é uma oscilação entre aceleração e desaceleração. Isso se deve, como se viu, à apresentação de um fato (ruptura/intensidade) para depois explicar e/ou descrever esse fato (continuidade/extensidade), e assim sucessivamente. Esse padrão foi o segundo mais observado pelas análises. O que se pode afirmar é que uma matéria longa, por trazer mais temas, tende a ter essa organização, ao passo que, uma matéria mais curta, à primeira organização.

Com relação às análises dos temas e figuras, pode-se dizer que o discurso do *Jornal Nacional* é muito mais temático que figurativo. Observou-se, pelas análises, maior recorrência na formação de percursos temáticos que figurativos. Isso quer dizer que o *JN* muito mais explica e organiza a realidade, por meio de temas, do que a recria discursivamente, por figuras. Salienta-se, que, sendo o *JN* um telejornal, ele faz uso de imagens para, de certa forma, explicar os textos de

figuração esparsa. Essa prática poderia indicar uma posição intermediária entre textos temáticos e efetivamente figurativos, o que seria uma maneira de garantir o interesse e a compreensão do maior público possível.

Pela análise de temas e figuras, buscou-se perceber os traços sêmicos subjacentes e chegou-se a uma relação entre, de um lado, o querer e, de outro, o dever. Essa tensão entre o querer e o dever mostra que, na maioria das vezes, este é valorizado euforicamente, ao passo que aquele tem um valor negativo construído no e pelo texto. Poder-se-ia afirmar que a noticiabilidade de uma matéria jornalística, nasce do conflito especificamente entre o dever-não-fazer e o querer-fazer, em que há uma quebra de um contrato fiduciário estabelecido. Ao colocar em relevo as quebras de contrato, o *JN* reforça o quadro de valor preponderante, protegendo-o contra possíveis desejos de mudança. Portanto, o *Jornal Nacional* atuaria como uma força que ajuda a manter o contrato fiduciário vigente, ao noticiar rompimentos.

O objetivo do último capítulo foi relacionar o conteúdo e a expressão da fala do *Jornal Nacional* e perceber de que maneira se dá o comportamento mútuo desses fenômenos. Partindo da proposta de Matte (2008), que mostrou a inadequação do nível narrativo para o estudo interdisciplinar entre conteúdo e expressão da fala, cruzaram-se dados semióticos provenientes de análise temático-figurativa e aspectual do texto, ou seja, a partir do nível discursivo. Os dados semióticos foram representados pelas etiquetas valor (positivo/negativo), disposição (do sujeito em questão, dever/querer) e andamento (acelerado/desacelerado). Após o cruzamento desses dados, conclui-se que dados fonéticos são afetados por dados semióticos.

Resgatando algumas evidências do capítulo 5, observou-se que, no caso da etiqueta semiótica valor (positivo ou negativo), todos os GAs etiquetados com “negativo” apresentaram a maior média de frequência e o maior desvio padrão de F1, F2, F3 e F4. A etiqueta disposição (querer/dever) também mostrou atuar sobre padrões fonéticos. GAs etiquetados com “querer” apresentaram F2, F3 e F4 com maior média de frequência, como relação aos GAs marcados pela etiqueta “dever”. As etiquetas “querer” e “negativo”, ao apresentarem resultados coincidentes, confirmam estatisticamente uma maior disforização do querer e euforização do dever, mostrada no capítulo 4. A etiqueta “andamento” também mostrou influenciar dados fonéticos, pois GAs marcados com “desacelerado” mostraram média maior que os GAs marcados com “acelerado” em todos os quatro formantes. Além disso, os GAs etiquetados com “acelerado” mostraram taxa de elocução maior que em “desacelerado”.

Essas evidências apontam para um quadro em que alguns elementos do plano do conteúdo afetam, na fala do *Jornal Nacional*, elementos do plano da expressão, em análises estatisticamente significantes que, portanto, não devem ser descartadas. Dados da pesquisa indicam haver uma relação simbólica, ou seja, que alguns elementos do conteúdo – que não chegam a compor categorias – afetam alguns elementos da expressão, que tampouco formam categorias, sugerindo uma relação culturalmente estabelecida. Ao se empreender este estudo interdisciplinar entre conteúdo e expressão da fala, analisou-se a fala em processo, encontrando-se relações que a cultura reconhece e que não foram descritas antes.

Por fim, o ineditismo dos resultados encontrados nesta pesquisa confirma a proficuidade do recente campo de estudos, que envolve o trabalho interdisciplinar entre semiótica e fonética acústica para o estudo do conteúdo e expressão da fala, cujos precedentes foram abertos por Matte (2002, 2008).

Referências Bibliográficas

ALBANO, E. C., MOREIRA, A. A. *Archisegment-based letter-to-phone conversion for concatenative speech synthesis in Portuguese*. In *ICSLP-1996*, 1708-1711, 1996.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4. Ed. Trad. BEZERRA, Paulo; TODOROV, Tzvetan. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, P. A. *Incursões em torno ao ritmo de fala*. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: FAPESP, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.

BARROS, D. L. P. de. *Estudos do Discurso*. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BORGES, M. de S. D. *Estudo prosódico da emissão do repórter na simulação de dois contextos da reportagem: a passagem e o off*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras – Belo Horizonte, 2008.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 35ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CHRYSTUS, M. *Claro Enigma: A dicção nacionalista em pactos literários e jornalísticos*. Tese de doutorado. UFMG, 2007.

CHRYSTUS, M. *À sombra de Heródoto: a linhagem narrativa das matérias edificantes do Jornal Nacional*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 1999.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DELGADO MARTINS, M. R. Ouvir e falar: introdução à fonética do português. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

DINIZ, M. L. V. P. *Práxis enunciativa no telejornal: tensividade em notícia*. Revista Estudos Semióticos, número 2, 2006.

FIORIN, J. L. *A semiótica tensiva*. O texto utilizado é parte de um artigo maior a ser publicado em LARA, Glaucia M. P.; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

FIORIN, J. L. *Paixões. Afetos, emoções e sentimentos*. Cadernos de semiótica aplicada. V. 05, nº 02, dezembro de 2007.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. *Relaciones entre sistemas en el interior de la semiosfera*. Revista Electrónica Entretextos. Granada , v.6, p.1 - 35, 2005.

FIORIN, J. L. *O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa*. Galáxia Revista de Comunicação Semiótica Cultura, São Paulo, v. 5, p. 19-52, 2003.

FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, J. L. *Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva*. DELTA , São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de Maio de 2008.

FIORIN, J. L. *A noção de texto em Semiótica*. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995.

FECHINE, Y. *Televisão e presença: uma abordagem da transmissão direta*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. – São Paulo: Contexto, 2007.

GUERRA, J. L. *O "contrato fiduciário" entre o jornal e o público. Paradoxos da crítica à objetividade*. Revista *Comunicação&política*. Volume V, nº. 1. janeiro-abril. Rio de Janeiro, 1998.

GOMES, I. M. M. *Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão*. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 11-74.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. In GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Tradução de Ana C. C. Cezar et al. Petrópolis, Vozes:1975.

GREIMAS, A. J. *De La Colère*. In *Du sens II: essais sémiotiques*. Editions du Seuil: Paris, 1983.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma*. Editora Ática: São Paulo, 1993.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*/ Louis Hjelmslev: [tradução J. Teixeira Coelho Netto]. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HOUAISS, A., VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LADEFOGED, P. *Elements of acoustic phonetics* – 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LARA, G. M. P., MATTE, A. C. F. *Semiótica greimasiana: iniciando a conversa*. In: VI SEVFALE - Semana de Eventos da Faculdade de Letras, 2007, Belo Horizonte. Anais da VI SEVFALE - Semana de Eventos da Faculdade de Letras. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. p. 1-8.

LARA, G. M. P., MATTE, A. C. F. *Semiótica greimasiana: estado da arte*. Belo Horizonte/ MG: UFMG, 2007 (Capítulo de livro).

MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

MATTE, A. C. F. *Vozes e canções infantis brasileiras: emoções no tempo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2002.

MATTE, A. C. F. *Politicamente correta Rosa Branca: intertexto e enunciação*. Revista Alfa, nº48. pág. 95-106. São Paulo, 2004.

MATTE, A. C. F. *Emoção e narrativa: conteúdo e expressão na fala*. In: III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, 2008, Belo Horizonte. III Simpósio Internacional sobre

Análise do Discurso: resumos. Belo Horizonte : NAD - Núcleo de Análise do Discurso/UFMG, 2008.

MEDEIROS. A. L. *Sotaques na TV*. São Paulo: Anablumme, 2006.

MEDEIROS. A. L. *Outros falares, outros olhares: os “sotaques” no telejornalismo e na novela*. Dissertação de Mestrado. UnB, 1999.

MENDES, C. M. *O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica*. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_mendes-conrado-o-falar-do-jornal-nacional.pdf

ORGANIZAÇÕES GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história/Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PATERNOSTRO. V. I. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PAVEAU, M. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática* / Marie-Anne Paveau, Georges-Elia Sarfati; Trad. M. R. Gregolin et al. – São Carlos: Claraluz, 2006.

PIETROFORTE, A. V. S., LOPES, I. C. *A semântica lexical*. In FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Lingüística II - Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

PIMENTA, S. M. O., SANTANA A., C. D. A. *Multimodalidade e semiótica social: o estado da arte*, in MATTE, Ana C. F, *Língua(gem), texto discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2007.

POSSENTI, S. *Como água e óleo*. Revista Língua Portuguesa. Nº32. São Paulo: Editora Segmento: 2008. P. 46-48.

REZENDE, G. J. de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral* / Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes Izidoro Blikstein. -- 27. Ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Écrits de linguistique générale*. Ed. Simon Bouquet and Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SILVEIRA, R. C. P. da. *Uma pronúncia do português brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TATIT, L. *A abordagem do texto*. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

TATIT, L. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.

TRAVANCAS, I. *Juventude e televisão*. São Paulo: Editora FGV, 2007.

ZILBERBERG, C. *Síntese da gramática tensiva*. In: *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*. n. 25, p. 163-204. 2006.

ZILBERBERG, C. *Razão e poética do sentido* / Claude Zilberberg; tradução de Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit; Waldir Beividas. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Sites:

Portal Imprensa. Disponível em <http://portalimprensa.uol.com.br/> Acesso em 18/10/2008.

Wikipédia, Enciclopédia Livre. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/> Acesso em 21/11/2008.

Anexo

Nota sobre o anexo:

A seguir seguem, na íntegra, as matérias que foram analisadas. As mesmas foram retiradas do site do *Jornal Nacional*. Essas matérias, no site, possuem a versão escrita e a versão em vídeo, dando ao internauta a opção entre ler ou ver a matéria. O texto escrito tem algumas diferenças em relação ao texto da matéria lido pelos repórteres ou apresentadores. Tais diferenças são, principalmente, de ordem dêitica ou elementos que identificam os entrevistados, tais como tarjas na tela. Os textos das matérias analisadas são idênticos aos textos lidos pelos repórteres e apresentadores e, por isso, as matérias podem prescindir de tais elementos.

Ao final da dissertação, também compondo este anexo, apresentam-se em CD, os arquivos de som das matérias analisadas.

Segunda-feira, 05 de maio

- **Matéria nacional**

A Justiça de São Paulo mandou para o Supremo Tribunal Federal o processo em que o nome do deputado federal Paulo Pereira da Silva, do PDT, aparece citado como beneficiário de um esquema de desvio de dinheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

O deputado Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força Sindical, não apareceu no gabinete da Câmara. Ficou em São Paulo preparando as explicações que vai dar amanhã ao PDT, partido dele. Para o Ministério Público, há indícios da participação do deputado no esquema. Em entrevista, a procuradora que cuida do caso disse que os indícios vão além das escutas telefônicas. “O indício que seja ele são as ramificações das investigações e, na verdade, algumas vezes não foi só citado o nome Paulinho”.

A procuradora disse que, nas escutas telefônicas, há evidências da participação de 11 prefeituras. Também foram encontrados indícios do envolvimento de funcionários do BNDES. Foram feitos 11 pedidos de prisão. Prefeitos e deputados têm foro privilegiado. Por isso, o Ministério Público pediu e a Justiça Federal de São Paulo enviou cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal.

Para processar o deputado Paulo Pereira da Silva, o STF depende do parecer da Procuradoria Geral da República, que pode pedir ou não a abertura de inquérito contra o deputado. “A hora que chegar eu vou examinar para verificar. Se tiver alguma coisa, eu tomo as providências que eu sempre tenho tomado”. Em nota, a Força Sindical defendeu seu presidente, dizendo que ele é vítima de implacável perseguição política.

- **Matéria local**

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana.

Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir. Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas. “Chegou de repente, pegou todo mundo desprevenido”. De barco, os moradores ainda tentam salvar alguns móveis. “Perdi roupa, perdi móvel, dentro de casa, TV, rádio, tudo eu perdi, tudo ali dentro”.

No fim de semana, a chuva e os ventos de mais de 100 km/h arrancaram árvores, destruíram casas e a rede elétrica de muitas cidades. Nove mil e quinhentos consumidores ainda estão sem luz. Em protesto, moradores de Guaíba, na Grande Porto Alegre, fecharam hoje uma das principais avenidas da cidade. “Nós resolvemos protestar porque desde sexta-feira, às oito e meia, nós estamos sem luz. Estragou toda a nossa alimentação”.

Nesta rua da capital gaúcha, a calçada cedeu bem debaixo de um veículo que estacionava. A motorista do carro e o filho dela, de cinco anos, tiveram que sair pelo porta-malas. “Tentaram quebrar o vidro. Eu acho que ela mesma conseguiu acionar o porta-malas e abriu. Os vizinhos tentaram tirar ela pelo porta-malas. Graças a Deus que não se machucaram, né”.

Por causa da passagem do ciclone, sete cidades decretaram situação de emergência. Três mil pessoas ainda não voltaram para casa. O temporal fez duas vítimas no Rio Grande do Sul. Na noite de ontem, um homem morreu afogado na serra gaúcha.

Em Santa Catarina, na divisa com o Rio Grande do Sul, a BR 101 está interditada desde o fim da tarde de ontem. A rodovia foi inundada depois que um rio da região transbordou. O engarrafamento já chega a 14 quilômetros. Os temporais dos últimos dias atingiram 32 municípios do estado. A situação é mais grave no sul.

Em Ermo, esta casa foi arrastada para dentro do rio. Muitas comunidades rurais ainda estão isoladas. Hoje, quando a água começou a baixar, dona Aurora voltou para casa e se desesperou ao ver a destruição causada pela enchente. “Perdi o que tinha de roupa, e comida, e coisa. Não dá para aproveitar mais nada”.

A falta de água dificulta a limpeza da lama. Todos os pertences de dona Maria Bento ficaram espalhados pelo terreno. “Nós tá com essa muda de roupa aqui. Nós tiramos uma muda de roupa de cada um e uma caixinha de leite. O resto ficou ali”.

Na passagem do ciclone, entre a sexta-feira e o domingo, choveu três vezes mais do que o esperado para o mês inteiro em algumas cidades do Sul. A água que desceu das montanhas transformou ruas em rios. Oito municípios já decretaram situação de emergência. A preocupação da Defesa Civil é com o frio. Pelo menos mil e seiscentas pessoas estão desalojadas. “A maior preocupação é fazer chegar alimento e agasalhos para a população que está desabrigada, desalojada e alguns isolados, porque a previsão, neste momento, é frio”.

- **Matéria internacional**

A polícia da Áustria informou um detalhe ainda mais surpreendente e revoltante no caso do homem que seqüestrou e violentou a filha no porão de casa durante 24 anos. Joseph Fritzl começou a preparar o local do cativo com seis anos de antecedência.

O porão em que o austríaco Joseph Fritzl escondeu a filha Elisabeth e os filhos que teve com ela era uma fortaleza. Oito portas, com um complexo sistema de trancas eletrônicas, impediam qualquer pessoa de entrar ou sair da prisão.

Um plano que começou quando Elisabeth ainda tinha 12 anos. Para a polícia austríaca, foi um crime premeditado. Joseph Fritzl construiu o cárcere para a filha Elisabeth sozinho sem a ajuda de pedreiros. Ele se aproveitou da obra do porão da casa dele, autorizada pela prefeitura em 78, e mais tarde construiu mais quatro cômodos ilegalmente.

Hoje, um outro crime envolvendo segredos de família chocou a Europa. Na cidade alemã de Wenden, uma mulher foi presa depois que três bebês foram encontrados mortos num freezer no porão. Quem descobriu os corpos foram dois filhos do casal, que procuravam comida no congelador enquanto os pais estavam fora de casa.

A polícia alemã ainda não conhece a causa das mortes, mas disse que os corpos podiam estar escondidos há vinte anos.

Terça-feira, 06 de maio

- **Matéria nacional**

O promotor Francisco Cembranelli ofereceu hoje denúncia à justiça - e pediu a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Ele afirma que há evidências suficientes para levar o casal a júri popular, pela morte da menina Isabella.

O promotor foi categórico: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá mataram Isabella. Eles foram denunciados por homicídio doloso, em que há a intenção de matar, triplamente qualificado, ou seja, por meio cruel, sem chance de defesa para a vítima e por ter sido cometido para ocultar outro crime. "Ela já estava ferida, ela já estava passando por um processo de asfixia bastante grave, contundente e que fatalmente a levaria à morte. Houve a aceleração desse processo com o lançamento da criança. Ninguém joga uma criança de 5 anos pela janela, do sexto andar e imagine que ela vá sobreviver"

Francisco Cembranelli não fala em motivação, mas sim nas circunstâncias em que o crime ocorreu. "Houve discussão relacionada ao ciúme. No meio dessa discussão a menina foi agredida. Imediatamente outras agressões foram praticadas, culminando com o lançamento dela pela janela". O promotor deixou claro que não se prendeu a nenhum detalhe da investigação. Concluiu pela culpa do casal porque, segundo ele, há um conjunto de provas suficiente para incriminar os dois.

Um dos pontos mais questionados foi se havia sangue no carro de Alexandre e se era de Isabella: "O sangue é de Isabella. Para se concluir se o sangue no carro é de Isabella ou não, não somente o DNA será considerado. Existem outras provas no inquérito policial que serão levadas em consideração".

No inquérito, ao qual o Jornal Nacional teve acesso com exclusividade, o laudo dos peritos não é conclusivo. A perícia encontrou uma mistura de materiais biológicos de duas ou

mais pessoas. Por causa dessa mistura, os peritos não conseguiram dizer se o material encontrado é de Isabella, do pai, da madrasta ou dos irmãos. Todos estavam no carro.

Pergunto se o sangue no carro é determinante para a denúncia contra o casal. “Não, não é determinante”. Pergunta também como o promotor pode dizer que há provas conclusivas. “Há provas como disse e não é só em relação ao DNA. Há provas de que o sangue é de Isabella sim e isso vai ficar provado no curso da instrução criminal”.

O promotor também não considera fundamental saber se o sangue na fralda era de Isabella. Sobre um exame de DNA mais detalhado, ele não acredita ser necessário. O promotor, mais uma vez, descartou a versão apresentada pelo casal. “Não só existe prova de que eles praticaram o ato, como existe prova de que nenhuma outra pessoa entrou no prédio naquela noite. A investigação, ao contrário do que dizem, nunca descartou qualquer linha que pudesse talvez trazer algum desconhecido para o inquérito policial”.

Além de denunciar o casal, o promotor deu parecer favorável ao pedido de prisão preventiva feito pela polícia contra Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Para Francisco Cembranelli, a prisão é necessária por causa da repercussão e da gravidade do crime, pelo perfil agressivo que, segundo o promotor, o pai e a madrasta de Isabella têm, e ainda pelo fato de o casal ter cometido, segundo a denúncia, o crime de fraude processual - no caso, alterar a cena do crime para destruir provas. “Isso vai dar celeridade ao processo. Não há dúvida. Se tivermos eles presos poderemos com absoluta tranquilidade colher a prova, levar adiante este propósito e num futuro não tão distante assim colher a manifestação social quanto à responsabilidade criminal atribuída a ambos”.

O advogado de defesa do casal considerou a denúncia frágil. “Nós entendemos que a denúncia é superficial. A gente vem ressaltando pela vulnerabilidade das provas e a gente pode observar e confirmar isso na própria denúncia. E agora haverá o transcurso da instrução criminal e a gente então está confiante numa decisão favorável ao casal.”

O juiz Maurício Fossen, do segundo Tribunal do Júri, terá cinco dias para decidir se aceita a denúncia e se decreta a prisão preventiva do casal. A condenação pelos crimes de que são acusados pode significar de 12 a 30 anos de prisão para Alexandre Nardoni e Anna Jatobá.

- **Matéria local**

A Polícia Federal prendeu, no fim da tarde, em Roraima, o dono da fazenda de arroz onde seguranças atacaram a tiros um grupo de índios que tinha invadido a propriedade. O policiamento foi reforçado, hoje, nas imediações da fazenda de arroz onde funcionários e indígenas entraram em confronto. Policiais federais e da Força Nacional de Segurança patrulham as estradas da região.

Ontem, cerca de 70 índios invadiram a propriedade. Eles dizem que começavam a montar acampamento quando um grupo de homens encapuzados chegou atirando. Uma bomba de fabricação caseira foi usada.

O índio que filmou a ação fugiu quando foi avistado pelos seguranças da fazenda. Dez índios ficaram feridos no ataque. Eles foram medicados e liberados. O dono da fazenda é o prefeito de Pacaraima e presidente da Associação de Rizicultores do estado, Paulo Cesar Quartiero. Ele chegou a ser detido pela Polícia Federal em março, acusado de incitar a violência contra os índios e tentar impedir a desocupação da área.

Por telefone, Paulo César culpou os índios pelo confronto de ontem: “invadiram a fazenda, aí os funcionários foram pra que eles se retirassem e foram recebidos a flechadas. Houve o confronto e realmente houve feridos”.

O ministro da Justiça Tarso Genro veio hoje a Roraima, acompanhado do diretor-geral da Polícia Federal. Eles sobrevoaram a região da Raposa Serra do Sol. A determinação do ministro é que a Polícia Federal mantenha a ordem na região. “A nossa missão é pacificar a região, aguardar a decisão do Supremo Tribunal Federal, que é quem indica a interpretação da lei da constituição em última instância e cumprir a lei”.

A Polícia Federal cumpriu mandados de busca e apreensão na Fazenda Depósito. E prendeu o dono da propriedade: o visicultor Paulo César Quartiero. Este líder macuxi disse que a ocupação da fazenda vai continuar. “Tá chegando os indígenas. Vai chegar ais ou menos uns 4 mil”.

O Supremo Tribunal Federal está julgando uma ação que questiona a demarcação contínua da reserva. Até lá, a operação de retirada dos arroteiros está suspensa. Paulo César Quartiero foi preso por formação de quadrilha, ocultação de armas e obstrução de estradas.

- **Matéria internacional**

Enquanto os democratas decidem quem será o candidato deles à presidência, o republicano John McCain percorre os Estados Unidos em campanha. Os correspondentes Lília Teles e Sherman Costa acompanharam o senador numa viagem.

A preocupação de John McCain não é mais com as prévias. A definição do candidato republicano - que vai representar o partido nas eleições presidenciais americanas - aconteceu seis meses antes da convenção, marcada para setembro.

Isso representa a também uma rotina dura, que desafia a resistência do senador de 71 anos de idade, que pode se tornar o mais velho a assumir a presidência dos Estados Unidos. Nós acompanhamos a maratona do candidato, que inclui conferências, discursos, entrevistas e viagens a até três estados num único dia.

John McCain amanheceu em Cleveland, no estado de Ohio. Explicou a médicos e profissionais de saúde o que pretende fazer para ajudar os 47 milhões de americanos que não têm plano de saúde. Nesses dias, este tem sido o principal tema da campanha.

Na entrevista, ele escolhe os jornalistas e responde a uma pergunta feita por mim sobre o etanol brasileiro. McCain disse: "acho que a importação do etanol brasileiro deveria ser permitida neste país. Existe uma inabilidade deste país de acolher combustíveis alternativos com preços mais baixos. Acho que os subsídios que nós colocamos sobre o etanol levaram crise ao mercado e acarretaram a alta de alimentos na América”.

Depois, o candidato enfrentou duas horas e meia de vôo até Des Moines, em Iowa, num avião fretado, fabricado pela Embraer. O batalhão de jornalistas dos principais jornais e emissoras americanos viaja no mesmo avião, mas afastado de McCain. Cercado de assessores, ele recebe tratamento de estrela. Mais palestras e esquema de segurança rigoroso. Esquadrão antibombas, policiais com cães farejadores, detectores de metais e agentes secretos encarregados de afastar protestos. E eleitores insatisfeitos. Mais duas horas de vôo e chegamos a Denver, no Colorado. A mudança de clima, com tempestade de neve fora de hora, não altera a disposição do senador. Ele é anunciado como o próximo presidente dos Estados Unidos. Aplausos e mais discursos. As idéias podem ser boas. Mas muitos eleitores não vão se lembrar dos discursos. Dormiram embalados pelas palavras de McCain. Mas os eleitores enfrentam fila para ouvir o

candidato: este diz: "gosto da sinceridade dele e da preocupação com os problemas do país". O outro conclui: "vou votar em McCain porque sou republicano e é o melhor que a gente tem".

Quarta-feira, 07 de maio

- **Matéria nacional**

A ministra Dilma Rousseff voltou a negar, hoje, que a Casa Civil tenha montado um dossiê com informações sobre o ex-presidente Fernando Henrique. Ela foi ouvida por mais de nove horas em uma comissão do Senado.

Dilma Rousseff chegou na hora marcada. Foi para a Comissão de Infra-Estrutura acompanhada pelo presidente do Senado e por aliados. A oposição foi direto ao dossiê: as informações sigilosas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que vazaram da Casa Civil.

O líder do Democratas insinuou que a ministra poderia mentir à comissão, lembrando uma entrevista em que ela falou sobre o tempo em que ficou presa durante a ditadura militar. “Vossa excelência responde: a prisão é uma coisa em que a gente se encontra com os limites da gente. É isso que, às vezes, é muito duro. Nos depoimentos, a gente mentia feito doido. Mentia muito, mas muito. O que quero dizer com tudo isso? Que eu tenho medo de estarmos voltando a um regime de exceção”. Desconforto geral. A ministra Dilma Rousseff respondeu: “Eu tinha 19 anos, eu fiquei três anos na cadeia e eu fui barbaramente torturada, senador. Qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores compromete a vida dos seus iguais e entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido, porque mentir na tortura não é fácil. Na democracia, se fala a verdade. Diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira. Esse diálogo é democrático. A oposição pode me fazer perguntas e vou poder responder. Estamos em igualdade de condições humanas e materiais. Nos não estamos em um diálogo entre o meu pescoço e a força, senador. Eu acredito que nós estávamos em momentos diversos da nossa vida em 1970”.

A oposição perdeu o rumo. A ministra passou a falar do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, e os senadores começaram a perguntar sobre as obras dos seus estados. Em um clima de elogios e cordialidade, surgiram poucas perguntas sobre o dossiê, que a ministra voltou a negar.

“Não há dossiê. O que há, o que foi e o que existe, que está à disposição, inclusive, da própria CPI, são dados. Nós consideramos que foi vazado informações absolutamente privativas da Casa Civil. Está sob investigação quem vazou.”

O governo estava tão confortável com o depoimento, que concordou em prorrogar a sessão. As votações em Plenário foram canceladas. Anoteceu e o Senado ainda estava ocupado com a única agenda do dia: o depoimento da ministra. Para o Planalto, Dilma Rousseff venceu um grande teste político.

- **Matéria local**

No interior de São Paulo, a polícia prendeu um agricultor aposentado, acusado de manter a mulher em cárcere privado por duas décadas.

A aparência é de um lugar tranqüilo, mas, durante 20 anos, este sítio no município de Pedranópolis foi o cárcere de uma dona de casa, que saiu poucas vezes da propriedade, e somente acompanhada do marido.

Aos 16 anos, ela foi morar com o agricultor Ary Hernandez Castijo. Em depoimento à polícia, a mulher disse que não podia sequer acompanhar as duas filhas que teve com ele até a escola. Ela afirmou ainda que era impedida de visitar os parentes, de receber visitas da família em casa. Também disse que era obrigada a fazer serviços pesados. "Trabalhos que são realizados por homens, como ordenha, fazer cerca, carregar sacos".

O caso do austríaco, que manteve a filha em cativeiro durante 24 anos, motivou a família da dona de casa a fazer a denúncia só agora.

Ary Hernandez Castijo foi preso em flagrante. Na casa, a polícia encontrou dois revólveres e uma espingarda. Em depoimento, a dona de casa disse que tinha medo de denunciar o marido porque ela e os parentes eram ameaçados de morte. Ele vai ser indiciado por cárcere privado, posse ilegal de armas, ameaça e por submeter a mulher a trabalho escravo. A pena para esses crimes pode chegar a 16 anos de prisão.

- **Matéria internacional**

É dramática a situação dos sobreviventes do ciclone que arrasou Mianmar no fim de semana. Há um milhão de desabrigados e a ajuda humanitária chega lentamente às áreas mais atingidas. Extra-oficialmente, já há quem fale em 100 mil mortos.

Desafiando o perigo, um cinegrafista amador registrou a passagem do ciclone na região onde ele foi mais violento. Pessoas em desespero tentam caminhar e encontrar abrigo, mas todos os abrigos vão sendo destruídos e arrastados pelo vento.

Quando a tormenta vai embora, surge a visão chocante de uma cidade em ruínas. Famílias sem rumo em busca de água e comida. As vítimas buscam ajuda no templo budista, mas ele foi destruído também. Macas improvisadas carregam os feridos e os famintos se juntam em abrigos improvisados.

Cinco mil km² Estão debaixo d'água. O ciclone engoliu cidades inteiras e até mudou o mapa da região. As duas fotos do satélite mostram como está diferente o desenho do litoral. Mesmo diante dessa tragédia gigantesca, o governo de Mianmar continua dificultando a entrada de estrangeiros. Equipes de assistência humanitária são barradas na fronteira.

As imagens de sofrimento levaram o Papa a fazer um apelo: Bento XVI pediu a todos que abram os corações para a colaboração dos que podem e querem ajudar. Enquanto a ajuda não vem, as famílias atingidas têm que tomar decisões que não podem esperar. A primeira delas é onde enterrar os milhares de mortos. A maré traz os corpos dos que foram arrastados pelas águas. Ainda é impossível calcular o número exato de vítimas, porque, nas áreas isoladas, muitos estão em um momento crítico entre a vida e a morte.

Quinta-feira, 08 de maio

- **Matéria nacional**

Um laudo técnico dos peritos que examinaram computadores do Palácio do Planalto revela quem vazou o dossiê com os gastos da presidência no governo Fernando Henrique. A investigação mostra que as informações sigilosas foram divulgadas por um funcionário da Casa Civil.

O Jornal Nacional teve acesso ao laudo preliminar do ITI, o Instituto de Tecnologia da Informação, responsável pela perícia nos computadores da Casa Civil. A fonte que deu acesso ao documento não permitiu que fossem feitas cópias. Permitiu apenas que o documento fosse lido e que o repórter tomasse nota de algumas de suas partes.

O documento é assinado por Jean Carlo Rodrigues, José Rodrigues Gonçalves e André Machado Caricatti. Os peritos do ITI recuperaram no disco rígido de um dos computadores, e-mails que haviam sido excluídos. Era a correspondência entre José Aparecido Nunes Pires, secretário de controle interno da Casa Civil e André Eduardo da Silva Fernandes, assessor do senador Álvaro Dias, do PSDB. No dia 19 de fevereiro, às doze e trinta, aparece uma mensagem de André para Zé Aparecido sem texto. Às catorze e trinta e nove, Zé Aparecido escreve para André: "Vamos almoçar nesta semana?". No dia seguinte, às oito e trinta e nove, André responde: "Te ligo na quinta". Às dez e quarenta e seis, Zé Aparecido devolve, dizendo: "André, leia o texto". Segundo o laudo do ITI, esse e-mail continha um arquivo anexo com 28 páginas, onde estavam as informações sobre gastos sigilosos da Presidência da República no governo Fernando Henrique. Tudo isso foi descoberto no computador de Zé Aparecido, apreendido na sexta-feira. Os técnicos trabalharam no fim de semana e nessa terça-feira foi entregue à comissão de sindicância que investiga o vazamento do dossiê.

No dia 4 de abril, o jornal Folha de São Paulo divulgou as planilhas contidas no dossiê, um arquivo criado pela Presidência da República, no dia 11 de fevereiro. No mesmo dia, a ministra Dilma Rousseff desqualificou o documento divulgado pelo jornal. "Numa planilha excel monta-se o que se quer. O próprio jornal assim o fez. É possível alegar que ela já estava aqui, perfeitamente, mas o que mostra é que ela também é facilmente modificada. Mostra as duas coisas".

O laudo do ITI confirma agora que o dossiê realmente existiu. Zé Aparecido é funcionário do Tribunal de Contas da União e trabalha na Casa Civil por indicação do ex-ministro José Dirceu. Ele confirma a troca dos e-mails com André, mas nega que tenha enviado o dossiê. "Mas houve, seguramente, há troca de e-mails, mas de amigos que foram colegas de trabalho. E jamais teve qualquer coisa que pudesse pelo menos beirar a ilegalidade".

Confrontado com o teor dos e-mails citados no laudo, ele primeiro negou que no e-mail houvesse algum documento anexado: "Olha, a troca de mensagens é possível que tenha havido. Mas, como fala aí, é texto, é literal". No decorrer da entrevista, Zé Aparecido acabou admitindo a possibilidade de que houvesse mesmo um arquivo anexado à mensagem, mas negou mais uma vez que fosse o dossiê. "Um texto anexado possivelmente, que era coisa de dez, doze linhas. Provavelmente de suprimimento de fundos, colocando a legislação que rege a matéria".

No dia 11 de fevereiro, antes da criação da CPI dos cartões corporativos, a pedido do secretário de administração da Casa Civil, Norberto Temóteo, Zé Aparecido disse que cedeu dois funcionários para criar um arquivo sobre gastos do governo Fernando Henrique. "Nessa conversa, ele disse que iria ter uma CPI e que, no escopo dessa CPI, eles seguramente iriam pegar dados a partir de 98, do suprimimento de fundos. E que como esses dados estavam desorganizados, eles

achavam que a CPI, em algum momento, poderia vir a pedir esses dados e então eles precisavam de certa forma organizar, sistematizar esses dados".

Na terça-feira, Zé Aparecido prometeu entregar cópias dos e-mails trocados com André para provar que o anexo do e-mail não era o dossiê. Mas hoje alegou que as cópias estão em Goiás e só na próxima semana poderá apresentá-las. O senador Álvaro Dias disse que, num primeiro momento, não sabia quem tinha enviado o dossiê ao seu assessor, mas que agora sabe e, diante da informação de que a TV Globo teve acesso ao laudo da perícia, confirmou tudo. "As informações vieram do computador do senhor José Aparecido, que trabalha na Casa Civil da Presidência da República. Essas informações vieram por e-mail, do computador do senhor José Aparecido, para um computador no Senado Federal".

O senador não quis pronunciar o nome de André Eduardo da Silva Fernandes, o funcionário de seu gabinete que recebeu o dossiê. Mas confirmou que se trata dele mesmo. "O nome que a Globo tem eu confirmo e ele me autorizou a confirmar". O senador não soube explicar por que o dossiê foi parar na mão dele, que é de oposição. "Não imagino o porquê. Certamente houve uma alteração de cronograma, houve um atravessamento, não era hora de vazar esse dossiê, não era isso que estava estabelecido por quem ordenou. O mais importante agora é saber quem mandou fazer esse dossiê e por que mandou fazer".

A ministra Dilma Rousseff não quis falar sobre as informações do laudo. Disse que vai aguardar a investigação da Polícia Federal. A Justiça autorizou hoje a prorrogação por mais 60 dias do inquérito que apura o vazamento do dossiê.

- **Matéria internacional**

Começaram, em Israel, as comemorações dos 60 anos de fundação do Estado hebreu. No mar, na praia, no céu. A exibição militar lembrou como Israel sempre teve que se preparar, numa região de vizinhos hostis. Mas, como nos conflitos, às vezes nem tudo sai bem: um pára-quedista errou o alvo e acabou ferindo oito espectadores.

País mais desenvolvido do Oriente Médio, Israel sempre encantou o mundo com seus avanços na agricultura, na tecnologia de ponta. Falta uma conquista fundamental que ninguém esquece, mesmo nesses churrascos, tradição local, no Dia da Independência.

"Paz" pede essa israelense. "Com todas as pessoas, judeus, árabes, cristãos, vivendo juntos, sem guerra", diz.

Na Cisjordânia ocupada, hoje houve protestos. A chave é símbolo das casas que os palestinos perderam ao fugir de onde viviam. Para eles, o que os israelenses festejaram hoje tem o nome, em árabe, de catástrofe.

Para muitos, as conquistas territoriais da Guerra dos Seis Dias, principalmente as de Jerusalém e da Cisjordânia, foram a concretização final do sonho de Israel: de retomada, pelos judeus, da chamada Palestina histórica.

Por outro lado, isso acabou se transformando numa espécie de armadilha, que aprisiona os palestinos, mas também os israelenses. Os palestinos querem sua capital em parte de Jerusalém, que os israelenses declaram indivisível.

Sessenta anos de sua fundação, Israel é bem maior do que previa a resolução da ONU, mas ainda tem fronteiras indefinidas.

Sexta-feira, 09 de maio

• Matéria nacional

Aqui no Brasil, o preço dos alimentos voltou a pressionar a inflação, que fechou o mês de abril em alta. Alguns produtos típicos da mesa dos brasileiros estão entre os que ficaram mais caros.

Farinha no Nordeste, massa em São Paulo e o angu dos mineiros. “Tem que cortar. Vai acabar com a cultura mineira, será”. Para levar tradição à mesa, o consumidor está pagando mais caro. “Arroz, feijão, que é o básico meu, é difícil, tem que pesquisar muito”. Os preços de produtos que fazem parte da base da alimentação do brasileiro pressionam a inflação desde 2007. Em abril, o índice ficou em 0,55%. Só os alimentos representam metade da taxa. O aumento é maior que o de março. Desde janeiro, a inflação acumulada já passa dos 2% acima do mesmo período do ano passado. Entre os itens que deixaram a lista do supermercado mais cara estão o pão francês, outros derivados do trigo como farinha e o macarrão, leite, arroz e carne. Segundo o IBGE, a alta de preços no mercado internacional tem influenciado o valor dos alimentos no Brasil. “Se a inflação está associada aos alimentos, as pessoas de mais baixa renda sofrem mais ainda”.

Como não dá pra cortar comida do orçamento, o desafio é montar um cardápio que fuja dos pratos mais tradicionais, que estão mais caros, e encontrar na variedade de prateleiras produtos que também sejam saudáveis, e que depois não dêem aquela sensação de peso no bolso.

A nutricionista procurou alternativas na pesquisa do IBGE. Para a carne, os substitutos podem ser frango, ovo ou sardinha, que ficaram mais baratos. E o consumidor pode escapar de outro vilão da inflação de abril: o óleo de soja. “A indicação é para que façamos tudo cozido ou assado e evitar totalmente qualquer prato seja ele feito de frituras”. Os cariocas Wanda e Roberto não ficavam sem feijão preto, até que o aumento chegou a 45% esse ano. Trocaram pelo feijão cariquinho, bem mais em conta, mas mantiveram o tempero. “Alho, um pouquinho de cebola, não pode faltar cominho, cominho é tudo, muita gente nem usa. Eu não tenho saudade do feijão preto, já me despedi dele”.

• Matéria local

A reitoria da Universidade Federal do Ceará suspendeu, a partir de hoje, todas as atividades. 14 mil alunos ficarão sem aulas por causa de uma invasão de sem-teto.

No maior campus da universidade, a única movimentação é de seguranças. Eles tentam impedir que os prédios sejam invadidos. Há 15 dias, 600 pessoas derrubaram o muro, ergueram barracas e demarcaram terrenos dentro da instituição. “A gente não tem onde morar”.

Ninguém sabe exatamente quantas famílias estão na universidade. A cada dia aumenta o número de invasores e a ocupação já está bem perto dos prédios onde funcionam as salas de aula e laboratórios. Foi o motivo que levou a reitoria a suspender todas as atividades. Ao todo, 14 mil alunos estão sem aulas e 600 funcionários, entre professores e servidores, impedidos de trabalhar. “Imagina parar o campus que tem o centro de ciências, o centro de tecnologia e o centro de ciências agrárias, muitas pesquisas em andamento. No momento é incalculável mas é significativo o prejuízo”.

A Justiça já determinou a desocupação da área e a Polícia Federal informou que vai cumprir o mandado de reintegração de posse a qualquer momento. No início da noite, os invasores se comprometeram a deixar o campus até o início da manhã de sábado.

- **Matéria internacional**

Na Rússia, o governo promoveu hoje o maior desfile militar desde o fim da União Soviética para lembrar a vitória sobre as tropas nazistas na Segunda Guerra Mundial. Quem informa é o enviado especial Renato Peters.

Foram mais de 100 carros de combate, oito mil militares e os mísseis balísticos que carregam as ogivas nucleares russas. Há 18 anos, quando a Praça Vermelha ainda era o coração da União Soviética, não se via tamanha demonstração bélica.

A Rússia decidiu mostrar ao mundo que voltou a investir em armamentos, no feriado mais importante do país. 9 de maio de 1945, a Alemanha nazista se rendia à União Soviética. Era o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa.

O desfile de hoje foi o primeiro sob o comando do recém-empossado presidente Dimitri Medvedev. Ele passou a cerimônia toda ao lado do agora primeiro-ministro Vladimir Putin. Medvedev disse que os conflitos nascem por ambições irresponsáveis daqueles que ignoram os interesses de países e continentes.

Longe da formalidade do desfile militar, o povo saiu às ruas para comemorar o dia 9 de maio e o ponto de encontro aqui em Moscou foi a Praça da Vitória, que ficou assim ó: cheia de gente. Entre as milhares de pessoas, personagens da história. Eles receberam o carinho e o reconhecimento dos mais jovens. A moça fala que acordou com lágrimas nos olhos pelos que perderam a vida. O ex-soldado não esquece o último dia do conflito. Ele ouviu gritos e tiros, pensou que a tropa dele estava sendo atacada, mas era a festa pela rendição dos alemães.

Esta simpática senhora, de 84 anos, ganhou várias medalhas como espiã. Revela que não gostou de ver o desfile na Praça Vermelha. Teme que as armas de hoje possam acabar com a humanidade. No aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial, esse parece ser um pensamento comum entre várias gerações.

Sábado, 10 de maio

- **Matéria nacional**

A política de cotas para negros voltou a ser criticada. Reunidos em São Paulo, militantes do Movimento Negro Socialista fizeram um manifesto contra o Estatuto da Igualdade Racial, em debate na Câmara dos Deputados.

Com diferentes experiências, 104 pessoas de dez estados brasileiros discutiram, em São Paulo, o Estatuto da Igualdade Racial. O projeto que determina, por exemplo, a contratação de negros por empresas que prestam serviço a órgãos públicos está em discussão no Congresso. Do encontro, saiu um documento que será entregue a deputados e senadores. Na carta, os integrantes do Movimento Negro Socialista explicam porque são contra a criação de novas cotas para os chamados "afro-brasileiros". "Nós queremos viver numa sociedade onde as pessoas se respeitem, onde as pessoas possam crescer e onde não exista essa distinção motivada por cor de pele, pelo conceito de raça, pelo conceito religioso"

Até ser votado o estatuto ainda deve gerar muitas discussões. A política de cotas para negros, nas universidades, bem mais antiga, ainda é polêmica. Hoje, segundo o MEC, 22 universidades públicas do país têm cotas para negros. Nessas instituições de ensino, para conseguir uma vaga, o candidato definido como negro precisa de menos pontos no vestibular do que um outro candidato definido como branco. Quem defende as cotas, como o coordenador da Educafro, Frei Valnei, alega que essa é uma maneira de corrigir uma injustiça histórica. “As cotas são, na realidade, mecanismos, instrumentos que permite de fato com que essa população que não tem acesso consiga atingir esse patamar que é o ingresso nas instituições de nível superior”. Os críticos, como o coordenador do Movimento Negro Socialista defendem investimentos públicos que beneficiem toda a sociedade. “Políticas que melhorem a vida de todos, que melhorem a educação básica, com certeza a universidade será preenchida por pessoas de todas as cores, de todas as origens”

- **Matéria local**

Uma semana depois do ciclone extratropical, que atingiu o Rio Grande do Sul, as famílias atingidas começam a voltar pra casa. 16 cidades ainda estão em situação de emergência.

Seu Lídio usa as calças que conseguiu emprestadas. A roupa dele está assim (molhada). Ele já voltou para casa, mas perdeu o pouco que tinha. “Eu senti um desespero grande porque eu tou com 55 anos e do jeito que está, emprego não pego mais, e em 10 anos eu não recupero”. Em São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, o sábado foi de muito trabalho. Os caminhões ajudaram na mudança de quem saiu às pressas de casa. “Nós vamos ter muito trabalho para colocar tudo no lugar”. Nesta casa, que fica próxima ao rio, a água entrou pelos fundos e, segundo os moradores, avançou rapidamente. Em apenas uma hora tudo estava alagado como mostra esta marca aqui na parede. “17 anos que eu moro aqui e primeira vez vi coisa igual. Foi um horror, não quero mais passar por isso”

O ciclone extratropical se formou há uma semana. Ventos de mais de 100 quilômetros por hora atingiram o litoral norte e a região metropolitana da capital gaúcha. A chuva provocou alagamentos. Duas pessoas morreram. Milhares de casas foram inundadas. O Rio dos Sinos transbordou e ainda está quase quatro metros acima do nível normal. Mais de três mil e quinhentas pessoas não conseguiram voltar para casa. Os abrigos continuam recebendo doativos. Fátima permanece com a família neste ginásio de Novo Hamburgo. “Eu esperava passar pelo menos o dia das mães em casa, né”

Mas se depender das crianças estas mães não vão ficar sem carinho. Elas também não esqueceram que amanhã é um dia um especial.

- **Matéria internacional**

Militantes do grupo terrorista Hezbollah desocuparam hoje as ruas da capital do Líbano. O governo cedeu, e aceitou parte das exigências do grupo.

Em pleno funeral de uma das vítimas de sexta-feira, mais dois mortos e vários feridos. Um atirador disparou contra a multidão. O Hezbollah reconheceu que foi um xiita, mas afirmou que ele não teria ligação com o grupo guerrilheiro.

Em quatro dias, pelo menos 37 pessoas morreram nas ruas de Beirute. “Já tivemos o suficiente”, diz uma senhora. “Esperamos que conversem e acabem com isso. Queremos viver. Afinal, somos um só povo”, ela conclui. O primeiro-ministro libanês, Fouad Siniora, falou em uma tentativa de golpe de Estado e encarregou o Exército a tarefa de acabar com a revolta. Os militares aceitaram duas reivindicações do Hezbollah e conseguiram uma trégua.

O grupo xiita vai manter a rede de telecomunicações e a chefia da segurança no Aeroporto de Beirute. Integrantes do Hezbollah começaram a desmontar as barricadas nas ruas, mas avisaram que vão manter a campanha de desobediência civil até que todas as exigências sejam atendidas.